

SOCIOLOGIA DA EMOÇÃO

GRUPO DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

RBSE - Volume 12 - Suplemento 01 - Novembro de 2013 - ISSN 1676-8965

Anais do 16º Fórum GREM

João Pessoa, abril a julho de 2013

GREM Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções

APRESENTAÇÃO	5
Balço da atuação do GREM e dos fóruns GREM	7
<i>Mauro Guilherme Pinheiro Koury</i>	
SEXTAS NO GREM: Seminários de Pesquisa	17
Netnografia: etnografia no mundo virtual	19
<i>Andréia Martins</i>	
Expressões da Crueldade: A fotografia como recurso analítico no estudo sobre a ação cruel	28
<i>Nicole Pontes</i>	
O lugar e o tempo das lembranças: OS ciganos Calon no nordeste do Brasil	32
<i>Márcio Vilar</i>	
Ciências sociais e secularização	33
<i>Edvaldo Carvalho Alves</i>	
Processos descivilizadores: Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado	34
<i>Carolina Batista de Souza</i>	
Imagens em Movimento	35
<i>Jesus Marmanillo Pereira</i>	
Sociologia do fair play	46
<i>Simone Magalhães Brito</i>	
A amizade como problema sociológico	47
<i>Cristina Barreto</i>	
Seminários GREM de Iniciação Científica	49
Mesa 01: Produção Acadêmica UFPB I: Casos CCHLA, CCSA e CE	51
Balço Comparativo da Produção da UFPB I: Caso CCHLA	53
<i>Inã Cândido de Medeiros</i>	
Mapeamento da produção da UFPB I: Caso CCSA	67
<i>Franciele Fernandes Duarte</i>	
Produção Acadêmica UFPB I: Caso CE	79
<i>Raoni Borges Barbosa</i>	
Mesa 02: Esporte, Educação e Moralidade	93
Valores e Violência na Construção de um Lutador de MMA	95
<i>Rigel Marinbo Pimenta</i>	
Futebol E Moralidade	101

Estéfane Dantas Cabral

Mesa 03: Emoções e Religiosidade 103

Comunidade Doce Mãe de Deus: Religião, sociabilidade e pertencimento religioso 105

Patrick Cézar da Silva

Para lá e de volta a Allah 120

Vanessa Karla Mota de Souza Lima

Perspectivas emocionais e sociais da vida comunitária 136

Maria Francileide Gomes 136

Mesa 04: Emoções e Moralidade 146

Uma análise compreensiva do bairro do Rangel sob a ótica do Medo e da Vergonha 148

Raoni Borges Barbosa

“Verdade” E “Justiça” Ao Meio Dia 158

Vanessa Souto Veloso

As Metamorfoses da Dor: O Grupo “Mães na Dor” de João Pessoa – Paraíba 166

Anna Georgea Franco Feitosa Mayer de Araújo Lima

Até que a morte nos separe 192

Helma Janielle Souza de Oliveira

EDITOR E CONSELHO EDITORIAL

RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção | **ISSN 1676-8965**

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Editor: Mauro Guilherme Pinheiro Koury

. CONSELHO EDITORIAL .

Adrián Scribano (UBA/CONICET -Argentina)	Luiz Fernando D. Duarte (UFRJ)
Alain Caillé (Université Paris X/M.A.U.S.S. -França)	Marcela Zamboni (UFPB)
Alda Motta (UFBA)	Maria Arminda do Nascimento (USP)
Anderson Moebus Retondar (UFPB)	Mariza Corrêa (Unicamp)
Bela Feldman Bianco (Unicamp)	Myriam Lyns de Barros (UFRJ)
Cornelia Eckert (UFRGS)	Regina Novaes (UFRJ)
Danielle Rocha Pitta (UFPE)	Ruben George Oliven (UFRGS)
Eduardo Diatary Bezerra de Menezes (UFC)	Simone Magalhães Brito (UFPB)
Evelyn Lindner (University of Oslo -Noruega)	Thomas Scheff (University of California -USA)

RBSE, Edição Suplemento 01, do volume 12, novembro de 2013

Anais do 16º Fórum GREM 2013

Editores dos Anais: Mauro Guilherme Pinheiro Koury e Raoni Borges Barbosa

Expediente

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

RBSE ISSN 1676-8965

Editor: Mauro Guilherme Pinheiro Koury

A **RBSE** - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção é uma revista acadêmica do GREM - Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. Tem por objetivo debater as questões de subjetividade e da categoria emoção nas Ciências Sociais contemporâneas.

The **RBSE** - Brazilian Journal of Sociology of Emotion is an academic magazine of the GREM - Group of Research in Anthropology and Sociology of Emotions. It has for objective to debate the questions of subjectivity and the category emotions in Social Sciences contemporaries.

Editor. Mauro Guilherme Pinheiro Koury

O **GREM** é um Grupo de Pesquisa vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

GREM is a Research Group at Department of Social Science of Federal University of Paraíba, Brazil.

Endereço / Address:

RBSE - *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*

[Aos cuidados do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury]

GREM - Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções

Departamento de Ciências Sociais/CCHLA/UFPB

CCHLA / UFPB – Bloco V – Campus I – Cidade Universitária

CEP 58 051-970 · João Pessoa · PB · Brasil

Ou, preferencialmente, através do e-mail: rbse@cchla.ufpb.br

Or, preferentially, by e-mail: rbse@cchla.ufpb.br

RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção/ GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções / Departamento de Ciências Sociais /CCHLA/ Universidade Federal da Paraíba – v. 12, Suplemento 01, Novembro de 2013.

João Pessoa – GREM, 2013.

(v.1, n.1 – abril/Julho de 2002) - Revista Quadrimestral
ISSN 1676-8965



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

ANAIS

APRESENTAÇÃO



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

ANAIS

Balanco da atuação do GREM e dos Fóruns GREM

Mauro Guilherme Pinheiro Koury¹

Resumo: Nesta apresentação discorrerei sobre os quase vinte anos de atividades do GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, por mim coordenado nesta UFPB. O GREM completa 19 anos e 10 meses de atividades de pesquisa, de intercambio, de treinamento e orientação graduada e pós-graduada em antropologia e sociologia das emoções. O momento da abertura deste *16° Fórum GREM 2013*, é o momento de balanço de sua produção nestes quase vinte anos de atividades e, também, dos projetos graduados e pós-graduados em andamento no seu interior, bem como na interface com outras IES, como intercâmbio ou como vinculação direta de pesquisadores externos no interior do GREM. Nesse sentido, o 16° Fórum se abre em duas entradas principais: as sessões *Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa*; e as sessões *Seminários GREM de Iniciação Científica*, que envolve trabalhos de graduados e mestrands vinculados ao GREM. **Palavras-Chave:** emoções e sociedade, sociabilidade, antropologia e sociologia das emoções

*

É com prazer que apresento os Anais do 16° Fórum GREM 2013, ocorrido no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes [CCHLA], da Universidade Federal da Paraíba [UFPB], durante os meses de Abril a Julho de 2013. Nesta apresentação discorrerei também sobre os quase vinte anos de atividades do GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, por mim coordenado nesta UFPB.

O GREM possui 19 anos e 10 meses de atividades de pesquisa, de intercambio, de treinamento e orientação graduada e pós-graduada em antropologia e sociologia das emoções. O momento da abertura deste 16° Fórum GREM 2013, é o momento também de reflexão sobre os quase 20 anos de atividades do grupo de pesquisas. Os trabalhos nele

¹Doutor em Sociologia; Coordenador do GREM e Professor do DCS/PPGA-UFPB.

apresentados são trabalhos de pesquisadores seniores e, também, de projetos de graduandos e pós-graduandos em andamento no seu interior, e retratam as temáticas e linhas de pesquisa em desenvolvimento, na interface com outras IES, como intercâmbio ou como vinculação direta de pesquisadores externos no seu interior. O 16º Fórum, abre espaço para apresentação dos trabalhos dos seus membros em duas entradas principais: a primeira, se refere às sessões intitulada *Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa*; e a sessão *Seminários GREM de Iniciação Científica*, que envolve trabalhos em andamentos de graduados e mestrados vinculados ao GREM.

Um pequeno histórico do GREM e de seus Fóruns se faz necessário² para começar a pensar neste 16º Fórum GREM 2013.

O GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções

Instituído como base de pesquisa em antropologia e sociologia das emoções, em 1994, na Universidade Federal da Paraíba, este grupo de pesquisa é o mais antigo no Brasil, e oficializa um núcleo temático principiado no início dos anos noventa, onde as emoções são consideradas como categoria chave para a análise sociológica e antropológica. O GREM, desde o seu início, tem por objetivo a compreensão e análise da emergência da individualidade e do individualismo no Brasil urbano contemporâneo, enfatizando a questão da formação das emoções, enquanto cultura emocional, e desenvolvendo estudos e pesquisas sobre processos de formação e experiência de emoções específica nos planos societal e cultural: como o processo de luto e da morte e do morrer; dos medos; das formas de sociabilidades e das etiquetas sociais que envolvem as relações de amizade; dos processos de ressentimento e humilhação; e das formas de estabelecimentos de laços de confiança e desconfiança entre as camadas médias urbanas no país.

As pesquisas desenvolvidas e em desenvolvimento no GREM debruçam-se sobre as imagens e suas representações na conformação do homem comum urbano brasileiro. Debruçam-se, também, sobre as redundâncias, as ambivalências e as ambiguidades do ato executado ou expresso, sobre os silêncios, os discursos e as narrativas fragmentados, sobre os gestos e os tiques que, invariavelmente, acompanham um diálogo ou uma informação e, às vezes, ampliam, modificam ou contextualizam, para além das frases ditas e dos sentidos do que se que expressar.

Os trabalhos de formação, estudos e pesquisas do grupo se abrem em três grandes linhas, todas relacionadas com a problemática da formação do indivíduo e da individualidade no Brasil urbano contemporâneo. De um lado, se encontram os trabalhos relacionados à discussão sobre a relação entre o processo de morte e do morrer e o sentimento de luto no Brasil urbano; de outro lado, às questões sobre a imagem e a problemática das emoções; e, por fim, os trabalhos relacionados com a questão da relação entre os medos e a cidade, e os processos de confiança e desconfiança que medram os

²É importante diferenciar os Fóruns GREM de outras intervenções do grupo, como Seminários externos e internos, Congressos e Encontros, e Entrevistas com pesquisadores da área das emoções e moralidade, como um recurso de ampliação de um mapa teórico-metodológico com a academia local, nacional e internacional.

códigos societários de ação: como a vergonha, a traição, a humilhação, o ressentimento, e, também, a compreensão social e cultural relacionadas às amizades, ao amor e à paixão, e às redes de solidariedade que fundam e dão fundamento à construção e a constituição do social.

A primeira grande linha de pesquisas do grupo, tem se debruçado sobre a relação entre luto e formas de sociabilidade no Brasil urbano contemporâneo, onde procura compreender as mudanças e as permanências, e os conflitos e as ambivalências nos modos de vida e no imaginário urbano brasileiro, a partir dos anos de 1970. Tem por referência o processo de individualização e individualismo que vêm se processando no Brasil atual.

Esta grande linha de pesquisa vem realizando um balanço do processo de formação e reestruturação vivida pela sociedade brasileira a partir do século XIX aos dias atuais, se detendo, principalmente, nos últimos cinquenta anos. A partir de uma releitura aproximativa das obras de Norbert Elias, Georg Simmel e Marcel Mauss, busca compreender a relação entre as alterações na estrutura social e as mudanças nas emoções dos indivíduos, e os processos sociais envolvidos na difusão e na recriação contínua dos novos modelos comportamentais que refluem sobre as formas originais de expressão do sentimento, na sociabilidade urbana brasileira.

Procura entender, de um lado, os novos e os velhos suportes que parecem se debater, de forma ambivalente e ambígua, nas atitudes e nos modos de vida atual dos brasileiros. De outro, busca compreender os mecanismos da ambivalência e da ambiguidade que permitem a estes homens e mulheres viverem tal processo como um sentimento moral em fragmentação, tornando-os mais solitários e, de forma concomitante, em um acelerado caminho de individualização.

Que formas pessoais e sociais são experimentadas na situação limiar do luto, e que instâncias e debates, internos e externos, asseguram aos atores envolvidos se ajustarem aos ritmos da cultura e da organização social local e nacional? Quais os mecanismos que se delineiam como fomentadores e realimentadores dos processos culturais e sociais, na nova reconfiguração da relação entre os indivíduos e a sociedade no país? Até que ponto eles permitem compreender os movimentos de reafirmação do societário instituído como lugar de pertencimento e desilusão, isto é, sempre se movendo em novas roupagens e significados e, ao mesmo tempo, em contínua instituição? Essas são questões compreensivas que perpassam as análises e indagações do autor sobre a fundação e a formulação de novas etiquetas e de novas agendas comportamentais, e sobre o processo de continuidade a elas simultâneo, dentro de uma lógica de estruturação tradicionalmente satisfeita no País, embora vivida como descontinuidade e com grande sofrimento social e pessoal no cotidiano das interações³.

Outro campo analítico trabalhado pelo GREM busca um aprofundamento das relações entre imagem, memória e as formas de sociabilidade. No interior dessas relações se debruça, principalmente, na análise crítica da fotografia e de suas relações com a

³Ver, entre outros, os livros e coletâneas de Koury (1996, 1997, 2001a, 2002, 2003, 2004, 2004a, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012), entre inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais.

problemática dos sentimentos, da memória e dos estados liminares, onde procura discutir e compreender a questão sempre tensa da relação entre objetividade e subjetividade na análise da cultura e do social⁴.

Os estudos resultantes deste campo analítico visam, enfim, a construção de pontes importantes entre a antropologia e a sociologia das emoções e a antropologia e sociologia da imagem e do visual. As discussões levadas pela antropologia e pela sociologia da imagem e do visual e pela antropologia e sociologia das emoções no Brasil têm dado ênfase e um suporte fundamental, sem dúvida, para o aprofundamento das pesquisas e estudos da relação entre processos de subjetividade e de sociabilidade no Brasil contemporâneo, e ajudado a traçar as tênues fronteiras entre as duas especialidades e contribuído para assegurar um quadro amplo de interdisciplinaridade, como fundamento básico de ampliação e suporte nas áreas em questão.

Os estudos sobre os medos e a cidade, desenvolvidos no grupo de pesquisa, são exemplos das discussões sobre as relações entre processos de subjetividade e sociabilidade acima mencionados⁵. A problemática dos medos e cidade começa a ser desenvolvida no GREM, de forma mais sistemática, a partir do ano de 2001, quando retoma as discussões que o grupo de pesquisa vinha desenvolvendo desde os anos de 1980 sobre a formação do homem comum no Brasil e sobre a constituição de um discurso modernizador e disciplinador da cidade. Assim como, o desenvolvimento de pesquisas sobre a questão da pobreza, da violência e da cidadania no Brasil, e sobre os sentidos da categoria de pertença e sua relação com as noções de confiança, lealdade, medo de traição; ou da insegurança individual e as redes vinculares que dão sustentáculo e base de apoio à sociabilidade.

A agenda de pesquisa do GREM, assim, se organiza desde o final dos anos de 1980 através de uma série de estudos, debates e investigações sobre a emoção medos no urbano contemporâneo brasileiro e, especialmente, paraibano. Estas séries têm se detido, particularmente, na categoria dos medos corriqueiros, que procura enfatizar os diversos enfrentamentos do homem comum no seu vivenciar cotidiano. Essa agenda, através de uma leitura simmeliana do segredo e das formas de sociabilidade e constituição do indivíduo na modernidade ocidental, parte das hipóteses de que a emoção medo é uma construção social significativa para a análise do social, e de que em toda e qualquer forma de sociabilidade o medo se encontra presente como uma das principais forças organizadoras do social e da cultura.

O fenômeno dos medos e, por extensão, dos medos corriqueiros, se coloca como essencial para se pensar os embates de configuração e os processos de sociabilidades e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem em um tempo e espaço singular, que desenham dialeticamente a ação dos indivíduos e dos grupos em relação. Esses processos compreendem um jogo permanente de manutenção, de conformação e de transformação de ações e propostas sociais e individuais, realizados enquanto redes de conflito, que informam e formulam um social singular.

⁴ Ver, entre outros os livros e coletâneas de Koury (1996, 1997, 2001, 2002, 2005 e 2010).

⁵ Ver, principalmente os livros de Koury (2005 e 2008).

A análise sobre a categoria sofrimento social⁶ é outra temática emergente nos estudos e nas pesquisas do GREM. Koury tem desenvolvido estudos que abordam a questão do sofrimento social e os discursos de naturalização e da banalização da problemática na sociedade brasileira; e, junto com Marcela Zamboni e Simone Brito têm discutido a expressão dos sentimentos de inevitabilidade e de indiferença nos discursos e nas narrativas sobre a problemática da violência e de situações limites, no social brasileiro contemporâneo, principalmente no meio urbano⁷. Novas interfaces nesta temática têm sido abertas: Simone Brito, por exemplo, tem aberto linhas de pesquisa para pensar a moralidade no interior da teoria crítica e a relação entre esporte (futebol) e moral.

Nesta última, procura refletir a construção social da normatividade e os modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento, e analisar os processos de construção social da moralidade a partir do debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento no futebol. O objetivo principal desta reflexão é entender, a partir do debate sobre a adequação, correção e justiça do uso do *vídeo tape* para auxiliar nas decisões dos juízes de futebol, os argumentos, recursos normativos e as necessidades pragmáticas utilizadas para o estabelecimento de modos de justificação e construção de valores no mundo do futebol.

Marcela Zamboni, por seu lado, tem trabalhado as relações entre as emoções e o conceito de confiança na construção amorosa, e vem desenvolvendo estudos e pesquisas sobre o lugar da desconfiança e da infidelidade nos fóruns criminais, tendo como objeto os homicídios entre casais afetivo-conjugais, sob a lente dos operadores jurídicos. O seu objetivo é avaliar a importância da infidelidade como um elemento indispensável à quebra de confiança nas relações afetivo-conjugais: onde analisa os processos e a *performance* do tribunal do júri e dos operadores jurídicos [Promotor Público, Defensor Público (Advogado Dativo) ou Advogado de Defesa e Juiz], nos momentos de defesa e de acusação da(o) réu, nos casos de homicídios praticados entre casais afetivo-conjugais no Fórum Criminal de João Pessoa, no estado da Paraíba. Atualmente procura discutir a atuação dos operadores jurídicos quando julgam casos de homicídios afetivo-conjugais perpetrados contra as mulheres, a partir de um estudo comparativo entre o Brasil e a Inglaterra.

Em outra direção, Anderson Moebus Retondar, ainda no interior do GREM, tem organizado a linha de pesquisa sobre as relações entre emoções e consumo. Atualmente vem desenvolvendo um projeto que discute as relações entre o ético e o político na experiência de consumo na sociedade contemporânea. Parte da constatação de que o debate atual sobre o significado das práticas de consumo na sociedade contemporânea vem elaborando novas questões, entre as quais é possível destacar a ideia do consumo político. O que, segundo ele, enfatiza a experiência de um consumidor mais consciente de sua atividade de consumo, em meio a um processo de interação entre consumidor /objeto /sociedade que o transformaria em agente ativo no processo social.

⁶ Koury, 2007.

⁷ Koury, Zamboni e Brito, 2013.

A tensão entre os apelos sistêmicos da publicidade e dos megagrupos da indústria de alimentos parece se deparar com uma cada vez maior reatividade de grupos e indivíduos preocupados com questões relativas não apenas à saúde individual, mas também a questões que se ampliam para a sociedade em geral como sustentabilidade e consumo ético. Nessa discussão, a ideia de um consumo politizado revelaria, de um lado, não apenas a não passividade do consumidor, mas, do ponto de vista da teoria social mais geral, a possibilidade de interação entre agência e estrutura, mediada agora por práticas consumistas.

Retondar, ao partir desta ideia, coloca como marco de discussão a necessidade de refletir sobre os sentidos e o caráter deste tipo de experiência de consumo para os sujeitos que as praticam, tentando perceber, a partir de suas práticas e representações, em que medida estas revela uma dimensão de ação política, buscando uma intervenção no sistema social a partir do consumo ou, de outro modo, se o seu apelo se constitui no sentido de uma ética individual, marcada por demandas e obrigações que se esgotam em si mesmas.

É importante ressaltar que atualmente o GREM tem se ocupado com a formação e ampliação de uma rede de compartilhamentos entre pesquisadores, abrindo espaço para pesquisadores atuantes em outras instituições de ensino superior e grupos de pesquisa no país, que desenvolvem trabalhos com ênfase na antropologia e na sociologia das emoções. Nessa direção, tem aberto espaço para pesquisadores associados externos, de outros departamentos da própria universidade onde o grupo está locado, bem como de outras instituições de ensino e pesquisa nacionais localizadas nos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, Bahia, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, com o objetivo de ampliar o intercâmbio entre os grupos de pesquisa em antropologia e sociologia das emoções no país, e fomentar a ideia de criação de grupos de pesquisa em outras instituições de ensino superior centradas na análise das emoções como categoria analítica central nas ciências sociais, a partir da experiência do GREM e da vinculação, suporte e fortalecimento dos seus pesquisadores à estrutura GREM, possibilitando, assim, um diálogo mais de perto com profissionais e estudantes, além do desenvolvimento de projetos comuns e criação de alternativas para a consolidação da área e dos esforços nessa direção desenvolvidos em cada instituição de ensino superior e no país.

Atualmente o GREM funciona com seis linhas de pesquisa, todas com pesquisa em andamento, e dois observatórios: o Observatório sobre Cidades e o Observatório sobre Medos. As linhas de pesquisa trabalham as seguintes temáticas: 1. Comportamento desviante e sociabilidade; 2. Consumo, Cultura e Subjetividade; 3. Estudos Teóricos em Antropologia e Sociologia das Emoções; 4. Estudos em Sofrimento Social e Sociabilidade; 5. Estudos sobre Processos Sociais e Sociabilidade; e, 6. História das Ciências Sociais.

Atualmente o GREM possui dois técnicos de pesquisa e treze pesquisadores, dos quais oito pesquisadores são de outras instituições [UERJ, EURN, UFPI, UFBA, UFPE, UFS], dois outros de outros departamentos da UFPB, e os cinco restantes ligados ao Departamento de Ciências Sociais do CCHLA/UFPB. Possui nos seus quadros, como estagiários e orientandos, treze estudantes de graduação, mestrado e doutorado,

distribuídos pelos 05 pesquisadores ligados ao do PPGA – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e do Curso de Ciências Sociais – bacharelado e Licenciatura da UFPB.

A produção dos pesquisadores do GREM, relativa à produção bibliográfica para o ano de 2012 foi de 38 produtos entre artigos e livros publicados, e a relativa a 2013 foi, até o momento, de 27 produtos entre artigos e livros publicados. Em relação à orientação, os pesquisadores concluíram em 2012, 25 orientações, nos três níveis, isto é, de graduação a doutorado, e em 2013, até o momento, 19 orientações, nos três níveis acima citados.

A produção bibliográfica dos alunos estagiários e orientandos nas linhas de pesquisa do GREM foram para o ano de 2012, de 11 artigos publicados, e em 2013, até o momento, 08 artigos publicados.

O GREM, nesses seus quase vinte anos de atividade, além do exercício permanente de ensino e pesquisa, mencionados acima, oferece consultorias e orientações a profissionais e grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros. Possui Fórum Permanente de Debates desde sua fundação: sendo este o seu 16º Fórum, que funcionou em duas linhas de trabalho: os Seminários GREM de Iniciação Científica e as Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa. Edita a *RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção Online*, ISSN 1676-8965, que pode ser acessada no endereço WEB <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>, e a Série Monográfica: *Cadernos do GREM*. Possui também um Blog, que pode ser acessado no endereço: <http://grem-sociologiaantropologia.blogspot.com/>.

O GREM coopera com universidades europeias⁸ e americanas, e participa de diversos fóruns profissionais de debate na antropologia e na sociologia brasileira e internacional, como os da ABA – Associação Brasileira de Antropologia, da ANPOCS – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais, da ANPUH – Associação Nacional de Professores Universitários de História, da SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia, da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da ALAS – Asociación Latinoamericana de Sociología, da ISA – International Sociological Association, do ISEI - Institute for Studies on European Ideas⁹, e encontros internacionais como RAM – Reunião de Antropologia do Mercosul, do REA – Reunião Equatorial de Antropologia, do CISO – Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, entre outros.

Os Fóruns do GREM

Passo agora a comentar os fóruns GREM, objeto desta apresentação dos Anais do 16º Fórum GREM 2013. O GREM, tradicionalmente, trabalha com três tipos de atividades destinados à reflexão interna, entre os seus membros, ou à comunicação com a comunidade mais geral externa [seja a própria UFPB, ou a comunidade acadêmica mais ampla, nacional e internacional]: Os três tipos são os *Fóruns*, os *Seminários* e as *Conversas*

⁸Participou, por exemplo, como convidado do *Meeting Sociology of Emotion Research Network*, ESA/Alemanha, 2004.

⁹O GREM coordenou no ISEI workshops sobre emoções e sociedade nos congressos da Áustria-1995, Israel-1997, País de Gales-2002, Espanha-2004, Malta-2006.

Temáticas. Os *Seminários e Conversas Temáticas* são espaços destinados a um intercâmbio de pesquisadores de diversos centros de pesquisa nacional e internacional sobre temáticas específicas trabalhadas pelo, ou do interesse do GREM. As *Conversas Temáticas* tem o propósito de realização de uma entrevista com um profissional que trabalhe um tema importante para as temáticas desenvolvidas pelas linhas de pesquisa do GREM. Uma roda de entrevistadores se coloca em uma longa conversa com o profissional escolhido, onde a conversa flui em diversos aspectos teórico-metodológico e biográfico. Os *Seminários* são encontros de pesquisadores de várias universidades brasileiras e internacionais¹⁰

Os *Fóruns GREM* teve o seu início no ano de 1994 e com uma parada entre os anos de 2008-2009, foi retomado entre os meses de maio de 2010 a junho de 2011. E uma série de discussões internas durante o ano de 2012 sobre os caminhos que deveriam ser prosseguidos pelo GREM em seu caminho ou não de institucionalização.

Os *Fóruns GREM*, enfim, foram pensados para ser um prolongamento das atividades de pesquisa nele desenvolvidas, por pesquisadores e estagiários, além de servir como uma forma de intercâmbio entre o grupo de pesquisa e os diversos setores da universidade, e uma reflexão sobre os seus próprios caminhos. Reúne-se uma vez por ano, com apresentações de trabalhos ou mesas redondas a cada quinze dias, sob a temática traçada no interior de uma pauta estabelecida no início de cada *fórum*. Alguns temas se estendem por mais de um ano, de acordo com a necessidade, procura e interesse dos pesquisadores e estagiários envolvidos.

Os *Fóruns GREM* realizados até o momento seguiram as seguintes temáticas, por ano:

1. 1994 – 1º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Identidade Social* (1ª parte)
2. 1995 – 2º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Identidade Social* (2ª parte)
3. 1996 – 3º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Luto e Sociedade* (1ª parte)
4. 1997 – 4º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Luto e Sociedade* (2ª parte)
5. 1998 – 5º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Formação do Indivíduo no Brasil Contemporâneo* (1ª parte)
6. 1999 – 6º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Formação do Indivíduo no Brasil Contemporâneo* (2ª parte)
7. 2000 – 7º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Memória e Sociedade*
8. 2001 – 8º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Sociologia das Emoções*
9. 2002 – 9º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Antropologia da Vida Cotidiana*
10. 2003 – 10º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Antropologia Urbana*
11. 2004 – 11º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Memória, Medos e Sofrimento Social no Brasil* (1ª Parte)
12. 2005 – 12º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Memória, Medos e Sofrimento Social no Brasil* (2ª Parte).

¹⁰Como o Encontro Internacional sobre Vida Cotidiana, Conflito e Estrutura Social que reuniu profissionais de 29 universidades da América Latina, organizado pelo GREM em setembro de 2011.

13. 2006 – 13º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Sociabilidade, Pertença e Cidade* (1ª Parte)
14. 2007 – 14º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Sociabilidade, Pertença e Cidade* (2ª Parte)
15. 2010/2011 – 15º Fórum Interdisciplinar do GREM - Tema: *Medos e Cidade no Brasil Contemporâneo* [Deste debate surgiu a ideia de criação do Observatório sobre Medos e do Observatório sobre Cidades].
16. 2011.2 - Ano dedicado à discussão interna sobre o processo possível de institucionalização do GREM [Não se formalizou como *Fórum GREM*].

E, por fim, se chegou a este *16º Fórum GREM 2013* com uma temática aberta, privilegiando as diversas pesquisas em andamento ou de conclusão recente dos estagiários e orientandos do GREM, bem como a dos pesquisadores nele envolvido. Os *Anais do 16º Fórum GREM 2013* dão, por fim, a ideia dos trabalhos realizados nos âmbitos temáticos de pesquisa e discussão no ano de 2013 neste grupo de pesquisa.

Bibliografia

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção – Anais*. João Pessoa, GREM, 2001a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Antropologia da Emoção: Ensaios*. CD-ROM, João Pessoa, GREM, 2004a.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; Jacob Carlos Lima e Theophilos Rifiotis. *Cultura & Subjetividade*. João Pessoa: Universitária, 1996, v. 1. 175p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Práticas Instituintes e Experiências Autoritárias: o sindicalismo rural na Zona da Mata de Pernambuco, 1950-1974*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 418p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Relações Delicadas: Ensaios em fotografia e sociedade*. João Pessoa: Editora Universitária, 2010. 108p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Emoções, Sociedade e Cultura: A Categoria de Análise Emoções como Objeto de Investigação na Sociologia*. Curitiba, Paraná: Editora CRV, 2009. 108p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *De que João Pessoa tem Medo? Uma abordagem em Antropologia das Emoções*. João Pessoa: Editora Universitária, 2008. 161p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sufrimento Social. Movimentos Sociais na Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. 108p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *O Vínculo Ritual: Um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006. 141p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Amor e Dor. Ensaios em Antropologia Simbólica*. Recife: Bagaço, 2005. 176p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Editora Universitária / Edições do GREM, 2005. 106p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Introdução à Sociologia da Emoção*. João Pessoa: Manufatura / GREM, 2004. 106p.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da Emoção. O Brasil Urbano sob a Ótica do Luto*. Petrópolis: Vozes, 2003. 216p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *As Teorias do Desenvolvimento Social e a América Latina*. João Pessoa: Manufatura/GREM, 2002, v. 1. 62p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Uma fotografia desbotada: Atitudes e rituais do luto e o objeto fotográfico*. João Pessoa: Manufatura - GREM, 2002, v. 1. 88p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Imagem e Memória: Ensaios em Antropologia Visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 189p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Imagem & Ciências Sociais*. João Pessoa: Universitária, 1998. 224p.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). *Imagem e Ciências Sociais. Dossiê do GT Imagem e Ciências Sociais*, no VIII ECSNNE. João Pessoa/Fortaleza: GREI, 1997. 148p

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; Marcela Zamboni; Simone Magalhães Brito. Como se articulam vergonha e quebra da confiança na justificação da ação moral. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 6, p. 251-268, 2013.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

SEXTAS NO GREM

Seminários de Pesquisa

Coordenador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

1ª Apresentação

Netnografia Etnografia no Mundo Virtual

*Andréia Martins**

Resumo: Realizar uma pesquisa qualitativa exclusivamente através da Internet é um desafio recorrente nos últimos anos. Neste trabalho, tencionamos expor os principais pontos que diferem a netnografia - ou seja, a etnografia no virtual - de sua modalidade tradicional e aclamada não só pela Antropologia, mas por várias outras áreas do saber. Buscaremos elucidar alguns pontos tendo a nossa própria experiência como base: uma pesquisa realizada entre 2011 e 2013 sobre os Velórios Virtuais. Abordaremos o processo de desenvolvimento da netnografia, os possíveis modos de agir que podem ser empregados pelo pesquisador, as relações entre pesquisador e informantes, questões ligadas à distância e proximidade e, por fim, algumas noções da ética a ser empregada neste tipo de trabalho.

Palavras-Chaves: netnografia, velório virtual, emoções, sociabilidade

*

Introdução

James Clifford (1998) classifica o etnógrafo como um “intérprete literário da realidade” que estuda (p.27). A Netnografia é o ramo da etnografia que analisa o comportamento livre dos indivíduos na Internet utilizando técnicas de pesquisa online para fornecer informações úteis. Ou seja, a netnografia é a etnografia no mundo virtual, na Internet.

O termo foi cunhado por Robert V. Kozinets (1997) e tem sido utilizado, cada vez mais, como método de pesquisa ideal para objetos que envolvem parcial ou completamente a virtualidade. Esta é uma prática crescente, pois, como método, netnografia pode ser mais rápida, mais simples, menos custosa, mais naturalista e discreta que a etnografia (Kozinets,

*Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação Prof. Dr. Mauro Koury.

2010; del Fresno, 2011) e também compreende a observação, a observação participante, a seleção de informantes e a abordagem.

A observação participante, elemento enfatizado por Clifford (1998) na fusão entre etnólogos e antropólogos a partir dos trabalhos de Malinowski, é imperativa na netnografia:

A etnografia é a abertura das portas do tradicional método etnográfico para o estudo de comunidades virtuais e da cibercultura. Originado no campo da Antropologia, o método etnográfico 'consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado' (VERGARA, 2005, p. 73).

Etnografar no virtual é uma prática relativamente nova, empregada em Antropologia desde o começo dos anos 2000. Com isto, está vinculada diretamente ao crescimento, desenvolvimento e popularização da Internet, conforme nos mostra o gráfico abaixo:

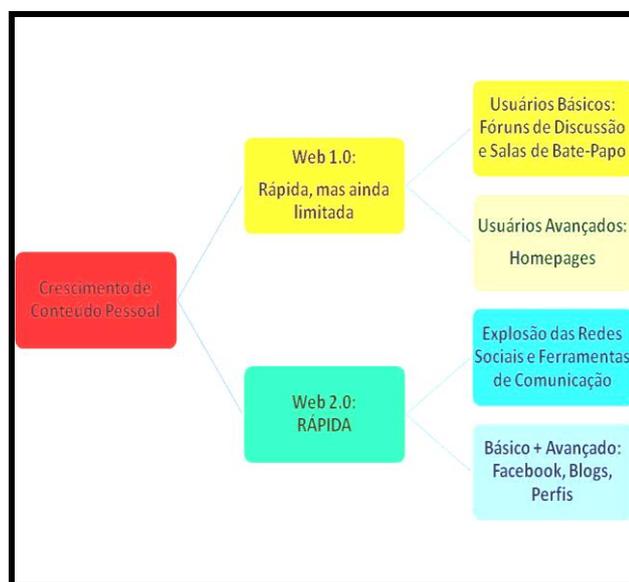


Figura 1 - Gráfico de desenvolvimento da participação dos usuários na Internet

No final dos anos 1990, a Internet se tornou acessível aos indivíduos de poder econômico mediano. Os computadores pessoais se tornaram mais comuns e os primeiros provedores de Internet chegaram ao Brasil (AOL, IG). Com isso, conforme nos mostra a imagem anterior, foi possível iniciar uma maior injeção de conteúdo na rede, mas ainda de forma limitada. Ou seja, este era o formato da Web 1.0, que possibilitava a visualização das páginas, mas não contribuir ou participar de alguma forma nesses locais. De acordo com Cormode e Krishnamurthy (2008), os criadores de conteúdo eram poucos na Web 1.0 e a maioria atuava apenas como consumidores do conteúdo inserido por acadêmicos e corporações.

Com o desenvolvimento de algumas ferramentas e linguagens de programação, começaram a surgir os usuários básicos: ou seja, os que contribuíam para o desenvolvimento do conteúdo da rede em Fóruns de Discussão e Salas de Bate Papo. Para que esses usuários se tornassem mais conhecedores da linguagem ainda restrita dos

computadores, o período foi bastante curto. Logo, surgiram as Homepages, ou páginas construídas por indivíduos, não só por aqueles mesmos acadêmicos e corporações.

O surgimento da Web 2.0 começou com a abertura das portas da rede através da simplificação de alguns códigos. Com isso, tivemos a explosão das Redes Sociais (Orkut, *MySpace*) e outras ferramentas de comunicação, como o MSN Messenger e *ICQ*. Nesse período, tivemos a fusão dos usuários básicos com os avançados, algo que nos proporcionou o crescimento das Redes Sociais, com a popularização do Facebook, e das *homepages*, que se tornaram blogs (uma espécie de diário ou página pessoal).

Cristine Hine (2000) determina o campo virtual como contexto cultural e, exatamente por isso, passível de ser netnografado, já que a etnografia consiste em um modelo para a apreensão da cultura. A cultura que, como vimos, passou a habitar e contribuir para o crescimento da rede mundial de computadores e, através dela, construir novos aspectos culturais.

Pode-se analisar o ciberespaço como ambiente de inteligência e memória coletivas, como mídia passível de apropriações culturais de cidadãos comuns, como meio de produção, recepção ou circulação de discursos, como cenário de visibilidade diante de um contexto de midiaticização. E, ainda, como formas de representação do eu, como espaço de reafirmações ou reconfigurações identitárias, como palco de expressão da diversidade, como ícone da globalização, como território virtual que desterritorializa e reterritorializa culturas locais, como espaço de ciberativismo e difusão de ideias de minorias. Enfim, como novo espaço de sociabilidade humana (PIENIZ, 2009, p. 3).

O Ciberespaço é, exatamente, um espaço que foi inventado pela inteligência e memória coletivas, sendo nutrido diariamente por elas¹¹. São esses cidadãos comuns dos quais Pieniz nos fala que cooperam para seu funcionamento e constante renovação.

Diferenças entre Netno e Etno

Tanto a etnografia quanto a netnografia propõem a imersão em outra realidade, mas a netnografia possui a virtualidade como local de pesquisa. Por isso, pode ser realizada sem qualquer necessidade de deslocamento (a não ser para onde está o computador) e a coleta de materiais pode ser realizada em todos os estágios da pesquisa. A possibilidade de anonimato dos informantes possibilita que o *feedback* seja imediato e aumenta a confiança para fornecimento de dados e pontos de vista, conforme abordaremos mais adiante na relação entre pesquisador e pesquisado.

A netnografia é semelhante à etnografia em cinco aspectos: É naturalista, envolvente, descritiva, é um método múltiplo e adaptável. Fornece informações sobre o simbolismo, significados e padrões de consumo de grupos online (Kozinets, 2010) baseada

11 O termo ciberespaço foi utilizado pela primeira vez pelo romancista William Gibson no romance de ficção científica *Neuromancer*, mas o seu sentido mais específico relacionado às novas tecnologias pode ser encontrado em Pierre Lévy, segundo o qual 'o ciberespaço (também chamado de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não somente a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo' (LÉVY, 1999, p. 17 *apud* ROCHA, 2005, p. 2).

na troca de informações (del Fresno, 2011). A netnografia é focada em informações culturais e percepções simbólicas.

O próprio ambiente pesquisado pode ser (re)visitado livremente e de maneira ainda anônima pelo pesquisador, o que consiste uma das maiores diferenças entre os dois métodos de pesquisa: o netnógrafo pode observar ao passado.

Fazendo a Netnografia

Na experiência netnográfica que tivemos, para fazer parte do universo pesquisado e para ter acesso direto a ele, foi necessário possuir um perfil nas Redes Sociais Orkut e Facebook, algo que já tínhamos, bem como a participação nas comunidades estudadas. No nosso caso, netnografamos as comunidade Profiles de Gente Morta (ou PGM) e a Velórios Virtuais. A netnografia seguintes seis passos sobrepostos: Planejamento, Introdução ao ambiente pesquisado, Coleta de dados, Interpretação, Garantia de padrões éticos e Representação (Kozinets, 2010).

Em campo, naquele estudo, a primeira técnica utilizada foi a da observação, depois a observação participante. Em um primeiro estágio, o comportamento dos integrantes da PGM foi percebido, caracterizado e selecionado. Pois a identificação dos principais aspectos do local a ser estudado ainda sem o contato com os informantes possibilita a construção de um arcabouço que contribuirá para uma aproximação mais eficaz do pesquisador (identificar linguagem, comportamento, regras).

Após essa fase, começaram as aproximações com os integrantes de forma geral, através da concepção de enquetes e da convocação para a participação nelas. Em seguida, partimos para uma abordagem mais direta, focada em determinados integrantes que já haviam se mostrado dispostos a contribuir em outras ocasiões. Nestes casos, a entrevista fluiu, ainda sem direcionamentos, como forma de primeiro contato, através de ferramentas de bate-papo e e-mails. É necessário afirmarmos que a coleta de dados se deu, também e de maneira fundamental, através da leitura dos comentários dos usuários das comunidades em questão nos fóruns destinados à visualização do Velório Virtual. As impressões lá deixadas foram coletadas através do *print-screen*¹².

A veracidade das informações repassadas por estas pessoas que podem não ser aquilo que clamam pode ser questionada; mas, neste caso, o que importa é que estas pessoas interagem, sim, nas comunidades (o que constitui um lugar) e lá debatem questões sobre a morte e o morrer e comentam as peculiaridades dos velórios que estão sendo transmitidos, em tempo real, pelas empresas funerárias que oferecem este serviço. A realidade dos nossos informantes é esta, e ela está localizada no Ciberespaço.

Relação Pesquisador - Pesquisado

O informante é parte crucial não só na construção do texto, mas, também, na aceitação do pesquisador dentro do grupo. Assim, cada um deles tem seu discurso analisado diretamente e ainda inserido no trabalho na íntegra, em diversos casos. As tais

¹²Técnica que permite transformar o que se está vendo na tela do computador em um arquivo de imagem.

vozes nativas que se tanto tentou encobrir nos primórdios etnográficos certamente ganharam vez e ajudam na construção do trabalho final. Este, sem dúvida, é o método mais eficaz na netnografia. Aqui temos, então, a fusão da escrita no campo e a escrita em outro ambiente da qual Clifford (1998, p. 40-41) também fala.

Já que a netnografia pode ser feita em qualquer lugar e, certamente será o mesmo onde o pesquisador redigirá o trabalho final, essa ambiguidade da virtualidade certamente traz uma nova perspectiva à etnografia, não estando mais separada de seu contexto (local estudado) e produção acadêmica. Embora possa trabalhar virtualmente com realidades, as mais distintas, o trabalho se dá em um único lugar: o computador ligado à Web.

Após as etapas de observação e observação participante, já empoderados dos dados básicos e com o contato e apoio de alguns integrantes, partimos para a abertura total dos nossos propósitos nas comunidades.

Foi estabelecido, então, um contato praticamente ininterrupto com os informantes. Em diversos momentos, fomos abordados para conversas que não tinham relação direta com a pesquisa. Em outros, eles vinham nos oferecer dicas de material bibliográfico, reportagens que viram sobre a morte. Esta é uma relação que se constrói de maneira indireta e que pode progredir até para uma amizade virtual, como foi o caso de alguns informantes durante nossa pesquisa.

Este resultado é por nós esperado porque pesquisas que abordem temas delicados como a morte tem mais chances de aproximar o Pesquisador e o Pesquisado; ambos estarão debatendo questões sensíveis e tomadas como tabu pela sociedade. Por isso, o pesquisador precisa estar disponível para conversar em horários menos ortodoxos, estando, literalmente, à disposição, o máximo possível, de seus informantes, que podem demorar a se sentirem à vontade para expressar suas opiniões, mesmo resguardados pelo "anonimato" da Internet.

Para todos os efeitos, a rejeição também acontece de maneira bem mais direta. Colocamos aqui alguns exemplos de contato e contribuição dos informantes em momentos distintos:

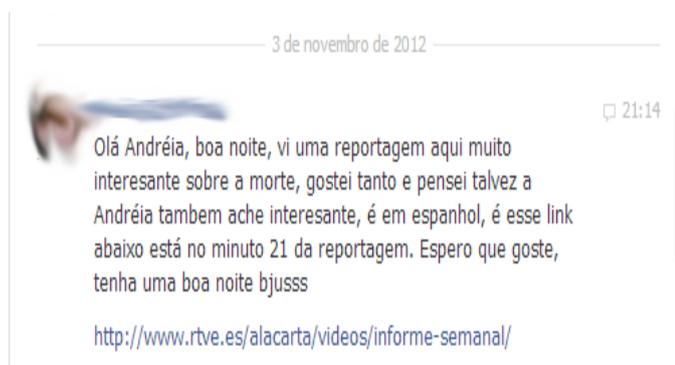


Figura 2 - A informante dá sugestão de uma reportagem sobre a morte em um telejornal espanhol

perdi alguém tão próximo, mas não acho que tenha diferença, a indiferença de alguns com isso é a mesma, todos participam, mas ninguém quer estar lá.

.....Desde o orkut que vejo vc fazendo essa pesquisa se escrever um livro divulga pra nós.....Boa Sorte!

P.S NA MINHA OPINIÃO TODOS QUE TEM FASCINIO PELA MORTE (digo isso pelo grupo PGM) ou TIVERAM UMA EXPERIENCIA COM A MORTE OU SÃO POSSIVEIS SUICIDAS, TODOS SEM EXCEÇÃO TEM UMA PERTUBAÇÃO PERTUBAÇÃO OU TRANSTORNO MENTAL.

16 de janeiro



Andréia Martins

14:56

Obrigada, Assim que defender a dissertação eu disponibilizo pra você! Sua participação é crucial! Beijão!

✓ Visualizada às Jan 16

Figura 3 - A informante, após fornecer suas impressões sobre o Velório Virtual e sobre a comunidade PGM, pede que a pesquisa seja disponibilizada para os integrantes

Distanciamento e Proximidade:

A Internet possibilita a discussão de assuntos tabu de forma mais livre. Portanto, é natural que as pessoas se sintam mais à vontade para expressar suas opiniões que em situações de discussão presencial.

O distanciamento da virtualidade faz com que encontros próximos, presenciais, também possam acontecer, embora não tenha se concretizado em nossa pesquisa.

No entanto, a abordagem (contato direto) é facilitada pela possibilidade da busca de interesses, com o pesquisador ainda distante do pesquisado, isto é: ainda sem ter se aproximado deste de forma direta.

A proximidade aqui, se faz exatamente através da distância, mas não é uma prática recorrente; é apenas possível. Em nossa pesquisa, tivemos um informante que se aproximou de forma mais amistosa que outros, embora todos tenham contribuído aberta e voluntariamente. Mas este informante nos procurou muito mais, em outras ocasiões, para discutir assuntos pessoais.

A questão da ética

Outra questão bastante discutida sobre a netnografia é a possibilidade de invisibilidade do etnógrafo. Este pode escolher manter-se anônimo e, neste caso, não interferirá no campo, uma das premissas da etnografia tradicional. A este anonimato deu-se o nome de *lurking* (Kozinets, 2002), termo em inglês que, de acordo com o dicionário *Collins Cobuild Advanced Dictionary* (2009, p. 937-938), significa estar em um local sem ser visto e geralmente envolve más intenções.

As intenções do etnógrafo que escolhe manter-se invisível não são por nós postas em dúvida; esta mostrou-se uma forma de aproximação bastante segura e eficaz. Aproveitando-se do escudo da invisibilidade, pode-se colher uma significativa quantidade

de material que possibilitará a aproximação mais completa quando escolher revelar sua personalidade de pesquisador, pois a ética manda que o faça, em algum momento, para que os informantes possam autorizar a reprodução de suas impressões. O pesquisador poderá, assim, apenas analisar o discurso de seu público alvo para estruturar estratégias de aproximação. Mas, da mesma maneira que no campo real, ele poderá ser ativo desde o início, recorrendo à observação participante, método enaltecido por Kozinets (2002).

A ética de pesquisa pode ser uma das mais importantes diferenças entre a etnografia e a netnografia. Problemas éticos na netnografia remontam a questionamentos sobre se os fóruns de discussão online devem ser considerados locais públicos ou privados e sobre o que constitui o consentimento de informação no ciberespaço (Paccagnella 1997). Em uma ruptura maior dos métodos tradicionais, a netnografia utiliza informações culturais que não são fornecidas, especificamente e em sigilo, ao pesquisados. Os informantes que originalmente criaram os dados que serão analisados não pretendiam, necessariamente, utilizá-los como material para pesquisa. A netnografia, então, oferece instruções relacionadas à citação de usuários e autores, como citá-los, o que considerar como representação ética netnográfica, quando solicitar permissão e quando a permissão não é necessária (Kozinets, 2002).

Portanto, mesmo que o pesquisador não se identifique de imediato, ele certamente precisará fazê-lo em algum ponto de sua investigação. No caso das Redes Sociais, a responsabilidade sobre o que está lá exposto é repassada diretamente para os próprios usuários. Desta forma, se a análise tomar lugar em uma Rede Social qualquer, o pesquisador está resguardados pela política da própria rede. No caso de grupos fechados e sites particulares, a permissão para publicar opiniões deve sempre ser concedida, principalmente aquelas obtidas em entrevistas privadas.

Considerações Finais

O meio de produção criado pela virtualidade oferece à Antropologia um vasto campo de observação, pois é receptáculo, exatamente por ser sustentado por pessoas comuns, das mais diversas exemplificações comportamentais, culturais e sociais. É criador também destes mesmos caracteres, visto que a virtualidade permite uma soltura, uma maneira mais aberta de interação entre os indivíduos, resguardados pelo anonimato que as máquinas oferecem. Por essa abertura, o indivíduo também se sente mais à vontade para representar-se de maneira diferente ou melhorada; para construir ali uma imagem ou imagens suas, bem representadas pelos perfis nas Redes Sociais. Essa diversidade caracteriza não só um "novo espaço de sociabilidade" humana, como colocou a pesquisadora, mas também um ambiente criador de novas formas de sociabilidade.

Os computadores podem transformar, em alguns sentidos, o modo como a pesquisa qualitativa vem sendo feita e, até mesmo, sugerir novas pesquisas sobre o próprio uso da Internet como fonte de dados ou como meio de relacionamento entre grupos (AMARAL, S/D).

Os motivos para a utilização da Internet como fonte de dados expostos pela pesquisadora Rita Amaral são, precisamente, nossa maior justificativa, a base para a

construção de todo o nosso projeto. E, desde o início dos anos 2000, a tendência tem aumentado entre os Antropólogos. Quais os benefícios de se pesquisar através da Rede Mundial de Computadores? Atualmente, podemos dizer que se resume ao fato de estar no Campo de maneira diferente, talvez mais rápida que nos moldes tradicionais. O acesso aos computadores se tornou bem mais fácil e menos custoso e a pesquisa pode ser feita de qualquer lugar onde se possa conectá-lo à Internet. Além disso, o contato com os informantes também pode ser feito mais rapidamente; basta apenas que estejam conectados também. Claro que existem problemas, como a não certificação de que tal pessoa tenha, de fato, visto o que escrevemos para ela, como na fase da aplicação de questionários, se este for o caso. Mas esta dificuldade é facilmente contornada quando da arguição direta, em outra ocasião, ou a substituição de tal dificultador por outra pessoa que esteja disposta a colaborar. Isto não é diferente do campo físico.

A Internet se consolidou como campo de pesquisa etnográfica e como responsável maior pela criação ou modificação de certos comportamentos. Tem sido largamente utilizada na pesquisa antropológica exatamente por possibilitar a exposição, de maneira direcionada e centrada, de opiniões sobre os mais diversos assuntos. Outra contribuição para a solidificação de sua utilização vem da facilidade em checar as fontes do relato etnográfico.

O uso do Ciberespaço não ameaça o relato etnográfico; são ambientes paralelos e que podem ser utilizados como complementares a pesquisa. O olhar do Antropólogo é indispensável: é ele quem vai decodificar os comportamentos mostrados naquele local virtual. Sua capacidade de distanciamento e análise é que ficam mais evidentes com a possibilidade imediata de checagem de suas fontes.

Foi exatamente sobre estas facilidades que Rita Amaral discorreu; suas ideias também foram utilizadas por Eliane Portes Vargas (2008) ao falar sobre a questão da adoção por casais com problemas reprodutivos.

A netnografia, assim, é um modo de trabalho que possui variantes construídas com o desenvolvimento das tecnologias virtuais, sendo vitais aos pesquisadores, sobretudo, se seu tema for diretamente ligado à virtualidade.

Bibliografia

AMARAL, Rita. *Antropologia e Internet*. Pesquisa de campo no meio virtual. Disponível em: <http://www.monografias.com>. Acesso em: 15 abr. 2012.

BERGER, PETER, & LUCKMANN, T. *The social construction of reality*. London: Allen Lane, 1967.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

HINE, Cristine. *Virtual ethnography*. Centre for Research into Innovation, Culture and Technology. Brunel University, Uxbridge, Middlesex, UK. 2000.

JONES, Stephen G. *Understanding Community in the Information Age, in Cybersociety: Computer-mediated Communication and Community*, ed. Stephen G. Jones, Thousand Oaks, CA: Sage, 1995.

KOZINETTS, Robert V. The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*. v. 39, p. 61-72, fev. 2002.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva – por uma antropologia do ciberespaço*. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

_____. *Cibercultura*. Editora 34, São Paulo, 1999.

_____. *O que é o virtual?* Editora 34, São Paulo, 1996.

KRISHNAMURTHY, Balachander e CORMODE, Graham. Key differences between Web 1.0 and Web 2.0". *First Monday, Volume 13 Number 6*.

PIENIZ, Monica. Novas configurações metodológicas e espaciais: netnografia do concreto à netnografia do virtual. *Revista Elementa*. Comunicação e Cultura. Sorocaba, v.1, nº 2, jul/dez 2009.

VARGAS, Eliane Portes. Quando a Internet é parte do campo: descrições etnográficas e reprodução humana em websites de saúde. 2008. Revista *Textos de la CiberSociedad*, 16. Monográfico: Internet, sistemas interativos e saúde. Disponível em <<http://www.cibersociedad.net>>. Acesso em: 20 mai. 2012.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

2ª Apresentação

Expressões da Crueldade A fotografia como recurso analítico no estudo sobre a ação cruel [Apresentação de Slide]

*Nicole Pontes**

Resumo: O presente trabalho é parte de uma análise mais extensa acerca da crueldade como objeto sociológico, estando particularmente voltado para os problemas da sua permanência histórica e de sua existência como “técnica de docilização” dos corpos no mundo contemporâneo. A fotografia funciona tanto como testemunha dessas ações cruéis, quanto como ferramenta nesse processo de construção de uma tecnologia da subserviência que tem lugar nas relações sociais contemporâneas. A análise de fotografias de tortura, portanto, serve como peça central na composição desse cenário de normalização das ações cruéis, onde as mesmas transformam-se em instrumento incorporado, em habitus, que se permitem ser capturadas pelas lentes, também elas habituadas, dos participantes desses eventos. **Palavras-Chaves:** fotografia, crueldade, moralidade, tortura

*

Objetivo

Compreender sociologicamente o processo de construção da ação cruel no mundo contemporâneo através da análise fotográfica do material coletado na prisão militar Americana de Abu Ghraib – Iraque.

Definindo Ação Cruel

Ação Cruel é toda ação desempenhada por um indivíduo, intencionalmente ou não, que fere física, social ou psicologicamente outros indivíduos.

Problemas Centrais que dificultam a compreensão sociológica da ação cruel

1. Dicotomia Indivíduo X Sociedade
2. Relação liberdade *versus* controle social

*Doutoranda PPGS/UFPB

3. Permanência histórica da ação cruel

Hipótese Inicial de Trabalho

A ação cruel é fruto de um conjunto de mecanismos sociais que envolvem a formação habitual dos sujeitos através de um processo de disciplinamento onde as emoções passam a ser mais reguladas por forças exteriores definidas a partir de modos de conhecimento e engajamento específicos da modernidade.

Como trabalhar a hipótese: Bourdieu

Formação habitual sujeito

- a. Formação do Habitus: libido social e experiência;
- b. Possibilidade de ação *criativa* e mudança social;

Como trabalhar a hipótese: Norbert Elias

Disciplinamento das Emoções e Forças exteriores

- a. Processo Civilizador: autorregulação das emoções (principalmente violência e crueldade) através da racionalização e monopolização dos meios de violência, etc.;
- b. Processo De-civilizador: dependência da regulação externa para controle das emoções (violência e agressividade) e reemergência da violência em espaços públicos;

Como trabalhar a hipótese: Foucault

Disciplinamento e modos de conhecimento

- a. Disciplinas do corpo: aumento dos regimes de disciplinamento do corpo, controle e dominação.
- b. Modos de conhecimento: avanço do conhecimento científico na modernidade como elemento central para a legitimação das disciplinas do corpo.

Como trabalhar a hipótese: Outros autores e abordagens significativas

- a. **Sociológicas:** Jeffrey Alexander e a abordagem cultural acerca do mal;
- b. **Filosóficas:** Hannah Arendt e a banalidade do Mal; Adorno e a moralidade;
- c. **Psicológicas:** Phil Zimbardo e a o sistema social; Baumeister e a formação da personalidade social;
- d. **Psicanalíticas:** Erich Fromm e formação do caráter social histórico.

Abu Ghraib e a Ação Cruel

Estrutura de funcionamento em Abu Ghraib

- a. Uso de táticas (conhecimento científico) para obtenção de informação;
- b. Cadeia de comando burocratizada e controle indireto dos agentes que realizam as ações;
- c. Pressão para obtenção rápida de informação;
- d. Liberdade estrutural para definir ações táticas de comando dos presos nas performances cotidianas;

- e. Reconhecimento de mérito para os indivíduos que acessam maior número de informações.

Abu Ghraib e a Ação Cruel

Consequências na prática cotidiana em Abu Ghraib

- a. A formação dos soldados – pressões exteriores formam a obediência militar;
- b. A obediência assume a forma de ordens;
- c. Na ausência de ordens diretas, a livre iniciativa toma lugar, gerando inconsistências nas cadeias de comando;
- d. Emergência do uso da crueldade como tática de obtenção de informação.

Expressões da crueldade



O uso da fotografia serve como mais uma ferramenta tática no reforço do controle do corpo do outro, demonstrando a crise de identificação mútua que é inerente aos processos de-civilizadores

Expressões da crueldade



As ações cruéis capturadas pelos soldados demonstram uma crise na regulação da vergonha e culpa (*embarrassment and shame*), também características do processo de-civilizador.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

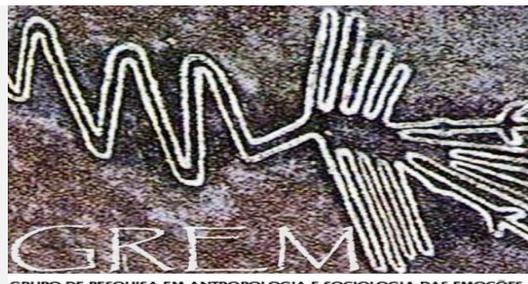
3ª Apresentação

O lugar e o tempo das lembranças A respeito de algumas tecnologias da memória e culturas emocionais entre Ciganos Calon no nordeste do Brasil

*Márcio Vilar*¹³

Resumo: Como Ciganos Calon conceitualizam e lidam com aquilo a que se referem como “lembranças”? O que suas formas de lidar com “lembranças” podem revelar a respeito de como se organizam socialmente e o que elas expressam de uma cultura emocional aparentemente distinta da dos não ciganos, em meio aos quais eles vivem e recriam incessantemente um mundo próprio? Pretendo aqui apresentar uma reflexão exploratória sobre essas questões. Pra tal, primeiramente, relato algumas observações realizadas durante trabalho de campo, realizado, sobretudo, na Bahia e no Rio Grande do Norte, debruçando-me sobre experiências com imagens e expressões emocionais associadas. Em seguida, procuro pensar as apreensões, o lidar e usos de tecnologias da memória imagética, por parte dos Ciganos, particularmente, em contexto de perda, como atos de compromisso e desprezo constitutivos de seus circuitos de trocas totais. **Palavras-Chaves:** ciganos Calon, memória, imagens e emoções, Bahia, Rio Grande do Norte

¹³Doutorando, Universidade de Leipzig



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

4ª Apresentação

Ciências Sociais e Secularização Um estudo sobre a trajetória de vida religiosa de profissionais formados em Ciências Sociais na Paraíba

Edvaldo Carvalho Alves¹⁴

Resumo: Apresenta a metodologia utilizada na realização da pesquisa intitulada, Ciências Sociais e Secularização: um estudo sobre a trajetória de vida religiosa de profissionais formados em Ciências Sociais na Paraíba. De natureza eminentemente qualitativa e, quanto aos objetivos pretendidos, apresentando-se como uma pesquisa correlacional, buscou verificar a permanência, na contemporaneidade, de uma afinidade eletiva entre a formação em ciências sociais e o macro processo de secularização, através da seguinte problemática: a formação em ciências sociais ainda é capaz de alterar as representações e práticas religiosas daqueles que por ela passam? Ou seja, as ciências sociais ainda se configuram como um dos principais agentes do macro processo de secularização? Para responder a esta indagação, optou-se por trabalhar com os profissionais formados em ciências sociais na Paraíba no período de 1980 a 2005. A coleta das informações necessárias para a realização da pesquisa foi feita por meio da entrevista em profundidade a partir da lógica da história de vida. Na análise/interpretação fez-se uso das categorias teóricas centrais do trabalho e da técnica de categorização a partir do conteúdo das falas dos entrevistados, integradas ao método de abordagem hermêutico/dialético. Concluiu-se que a formação em Ciências Sociais ensejou, simultaneamente, e de um modo aparentemente paradoxal, o questionamento da religião e a reafirmação de posturas religiosas que, de especial, traduzem um maior desapego às práticas institucionais. Assim, o suposto básico deste estudo acabou sendo corroborado parcialmente, pois, se a formação em Ciências Sociais atualmente não leva necessariamente a um distanciamento ou negação da religião, possibilita, contudo, a construção de uma visão de mundo onde a religião é apreendida como uma instituição humana, com características específicas e respondendo a demandas constituintes do universo da vida privada. **Palavras-Chave:** Afinidades Eletivas, Secularização, Ciências Sociais

¹⁴Doutor em Ciências Sociais pela UFSCar e Professor do DCI/UEPB e PPGCI/UEPB.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

5ª Apresentação

Processos descivilizadores

Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado

Carolina Batista de Souza¹⁵

Resumo: Este trabalho analisa o problema da violência na teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias. Particularmente, busca-se demonstrar como a construção da noção de “processos descivilizadores” tenta lidar com as críticas recebidas pela sociologia figuracional e, ao mesmo tempo, explicar as condições que tornaram possíveis a emergência do Holocausto durante a II Guerra Mundial na Alemanha nazista. Assim: “como a violência extrema pode irromper no mundo civilizado?” se constitui como pergunta inquietante para o trabalho tardio de Norbert Elias e também a questão norteadora da pesquisa. **Palavras-Chave:** civilização, processos descivilizadores, Holocausto, Norbert Elias

¹⁵Mestra em Sociologia PPGS/UFPB, sob a orientação da Profa. Dra. Simone Magalhães Brito.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

6ª Apresentação

Imagens Em Movimento Enquadramentos identitários e ações coletivas

Jesus Marmanillo Pereira¹⁶

Resumo: No presente texto, buscou-se compreender algumas possibilidades dos usos e significados das imagens em relação ao contexto de protestos ocorrido na cidade de São Luís – MA, durante a década de 1980. Para tanto, lançamos mão de alguns elementos da sociologia visual sobre duas imagens referentes à atuação de uma organização chamada Sociedade Maranhense de Direitos humanos. Por meio destas elencaremos alguns atores, estratégias, elementos identitários e aspectos relacionados aos condicionantes sociais que instigam a participação em determinadas causas. **Palavras chave:** fotografia, identidade, ação coletiva

*

Introdução

O presente texto apresenta algumas possibilidades da utilização de imagens nos estudos sobre movimentos sociais, tentando demonstrar que, mais que uma ilustração estática, a imagem carrega constitui-se sobre determinadas dinâmicas sociais e significados relacionados aos agentes que a produzem e também aos contextos em que estão inseridos. Para tanto buscamos mesclar alguns elementos da teoria dos movimentos sociais com outro dos estudos de imagens. Dessa relação entre áreas, buscamos aprimorar as análises qualitativas relacionadas, problematizando, interpretação e utilização de fotografias, nos estudos sobre os processos associativos necessários para as ações coletivas.

Sobre a valorização dessas fontes de informação, Peixoto (2001) percebe que as informações encontradas em fontes visuais constituem um banco de dados visuais e sonoros que as Ciências Sociais não podem ignorar, pois são tão importantes para a

¹⁶Doutorando do Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB).

construção do objeto de estudo quanto às histórias de vida, os dados estatísticos ou os registros bibliográficos

Teoricamente, foram utilizadas referências especializadas nos estudos sobre metodologia e imagens, e também outras referentes aos estudos sobre movimentos sociais, entre as quais destacamos Bauer e Gaskell (2002), Koury (2004), Eckert (2009), Rocha (1995), Collier (1973), Snow and Benford (2000), Gamson (1992) e Klandermans (1997) e Medeiros (2009). Tais referências e questões foram pensadas em relação ao uso de imagens de crianças e sua relação com determinadas organizações, contexto histórico e características sociais locais. O presente estudo está dividido em duas partes, onde serão abordados os aspectos teórico-metodológicos referentes às fontes imagéticas e seus aspectos sociológicos, e no segundo momento abordaremos os usos e significados atribuídos às imagens de crianças, presentes em denúncias e ações de mobilização social.

Fontes imagéticas: observação e processos identitários

É inquestionável que a “observação” é uma atitude comum fundamental tanto para a realização do registro fotográfico quanto para a produção etnográfica. Seja atrás, ou não, das lentes de uma máquina fotográfica, o pesquisador estará sempre observando de forma sistematizada os aspectos mais regulares, mais específicos e mobilizando uma série de percepções (acadêmicas, sociais e culturais) para dar sentido e compreender as imagens que lhes são apresentadas.

Sobre os processos de observação e descrição Bachelard (1996) percebe a importância de *geometriz*ar as imagens evidentes aos olhos e trabalhá-las mentalmente por meio de abstrações caminhando assim para a via psicológica normal do pensamento científico. Para o autor, a primeira observação é sempre um obstáculo para a cultura científica, pois trás o perigo de contentarmos com as informações mais evidentes. Assim, ele valoriza a atitude de *geometriz*ar - trabalhar mentalmente o fenômeno abordado. Entre outras coisas, isso significaria reconhecer que o “estatuto do pensamento científico reside no fato de que o pensamento humano não tem outro conteúdo que não sejam imagens, expressando-se através do apelo às formas simbólicas.” (Rocha, 1995, p.111)

Tal abordagem nos possibilita considerar que a construção de imagens perpassa o âmbito empírico e faz parte de toda consciência e processos cognitivos relacionados à percepção do mundo e significados atribuídos ao mesmo. Dessa forma é necessário considerar que a imagem pode ser entendida tanto como processo mental e também como produto nos trabalhos de campo, daí a necessidade de problematizar os aspectos subjetivos e objetivos relacionados ao processo de construção e interpretação de imagens, no âmbito mental e empírico. (MARMANILLO, 2012)

No âmbito mais cognitivo e mental pode ser falar nos condicionantes sociais inerentes e anteriores ao ato fotográfico. Sobre isso, alguns autores acreditam que “Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando somente uma fração do que nos rodeia.” (COLLIER, 1973 P.3). Sobre isso, Mauss (2003) afirmaria que, em toda sociedade, todos sabem e devem saber e

aprender o que devem fazer em todas as condições e que tais aprendizados são fundamentados na autoridade social. Dessa forma, Marmanillo (2012) percebe que “os filtros” relacionados ao processo de seleção do que ver podem ser mais bem compreendidos de acordo com um processo educativo sobre o “olhar”. Dessa forma, seria necessário ter um conhecimento bem mais amplo a respeito do contexto onde a imagem está inserida, para assim compreendê-la de acordo as relações sociais necessárias para a reprodução de determinados grupos.

Se fizermos uma associação entre antropologia e comunicação (em todas suas formas), é possível considerar a imagem enquanto signo presente entre um comunicador e um receptor, como um elemento mediador de relações, tornando assim, o próprio pesquisador como inserido no “diálogo” entre a fonte de informação e seu produtor. Uma forma de abordagem desse processo comunicativo, na pesquisa com fotografias, seria entendê-la como uma técnica de assimilação do real que não pode ser desvinculada do sujeito que a faz (KOSSOY, 2001).

Dessa forma, se faz necessária a problematização da imagem enquanto enquadramento ou produção socialmente construída, ou seja, é uma forma de leitura e interpretação cujas percepções são sustentadas em determinadas experiências e perspectivas. Isso permite aferir que um passo fundamental é a vigilância epistêmica sobre a relação sujeito-objeto, no âmbito da construção da pesquisa como fotografias.

Em outros termos, é possível afirmar que os registros fotográficos - enquanto produtos do social - carregam as características do mesmo e dessa forma podem fornecer evidências de disputas de poder, da História, de estratificação social, de relações de reciprocidade, de produção e outros aspectos relacionados aos objetos de estudo das Ciências Sociais.

Os aspectos mais cognitivos presentes nos processos de construção e interpretação das imagens vão de encontro com a perspectiva do *construtivista sociocultural*, que segundo Medeiros (2009) representava, entre outras coisas, uma crítica aos pressupostos da teoria de mobilização de recursos. O principal argumento dessa perspectiva é sustentado na idéia de que a vida social é produzida e reproduzida dentro de um contexto de interação no qual são construídos significados simbólicos que servem como meio de orientação individual e coesão do coletivo. Medeiros (2009) considera que a primeira geração de construcionistas pode ser representada nos trabalhos de autores como Snow e Benford (2000), Gamson (1992) e Klandermans (1997) nos quais se destaca a utilização do conceito de *Frames* (conhecido como enquadramento) Para Johnston e Klandermans (1995) esse conceito possibilita uma análise interessante sobre a relação entre sistemas culturais e aspectos performáticos presenciados nas ações coletivas, focando assim nos padrões culturais e nos seus usos em situação de mobilização existentes em organizações e instituições. Tal análise é possível quando se considera o *Frame* enquanto construção de significado. Para Goffman essa noção denota uma expressão sócio-psicológico-cognitiva capaz de produzir um esquema de interpretação que habilita o indivíduo a localizar, perceber, identificar e trabalhar ocorrência em seu ambiente, ou seja, significa um conjunto de orientações e

significados que legitimam as atividades e campanhas das organizações e movimentos sociais. (SNOW e BENFORD, 2000)

Grosso modo, Snow e Benford (2000) o conceitualizam por meio de processos discursivos, relacionados à interação e comunicação entre os membros e alinhamento de significados para determinada causa coletiva, também em ações estratégicas vinculadas ao recrutamento, ampliação e construção e mudanças de entendimentos e significados.

Se tomarmos a noção de *ação coletiva* como maneira pela qual as pessoas agem juntas em busca de interesses compartilhados, acionando um conjunto de rotinas apreendidas, compartilhadas e desenvolvidas através de um processo de escolha. (TARROW, 2009), perceberemos que o *frame*¹⁷ é fundamental na orientação da *ação coletiva*, principalmente na elaboração do processo discursivo que atribui sentidos à “luta”, ou seja, que inspira e legitima as campanhas do movimento social (IDEN, 2009).

São nas dinâmicas comunicativas e de interação no interior dos movimentos sociais, que as imagens fotográficas ou gráficas, podem representar um elemento fundamental para a compreensão dos *frames de ação coletiva*, isso pela capacidade de atribuir e reforçar os significados da ação e se apresentarem enquanto signo, existentes, dentro de um processo comunicativo que nos instiga a busca as lógicas que permeiam os “filtros” entre os comunicadores e receptores. Nesse sentido, consideramos o argumento de Koury (2004) quando enfatiza a necessidade de compreendermos os processos comunicativos verbais e as não verbais, imagéticos e os não imagéticos, os concretos e os simbólicos.

A compreensão dos processos comunicativos inerentes às imagens não devem ser dissociados da capacidade de atribuir significados às ações que possam ser desenvolvida num processo de *relação social* (Weber, 1999). Nesse caso, “a imagem” sinaliza um importante condicionante capaz de mobilizar signos relacionados à história, cultura e outros aspectos relacionados às *representações coletivas* (DURKHEIM, 2003) de determinados grupos. Essas duas categorias sociológicas nos permitem pensar respectivamente tanto os sentidos e construção de significados para ações quanto a forma como esses podem ser influenciados por determinadas ideias que estão de acordo com os modelos fornecidos pela sociedade.

Nessa perspectiva de tomar a imagem desenvolvida nos processos de relação social, podemos destacar o estudo realizado por De Paula (1997) que problematizou o uso social de imagem, dentro das relações estabelecidas entre empresas ELETRONORTE e

¹⁷An example of the use of frame is given by the analysis these authors made of the Civil Rights Movement of the 1960s. According to them, although already existing before the 1950s and 1960s, the demands of the southern black population only became a 'movement' when their leaders were able to articulate the theme of racial discrimination with broader cultural references. From the religious tradition of the Baptist Church, they evoked the notion of 'human brotherhood' to build their discourse in defense of a peaceful and egalitarian relationship between blacks and whites. In the same sense, the movement used other strong cultural referent contained in the notions of 'liberty' and 'equality', as a precondition to the very existence of a democratic nation.

Mineração Taboca e as lideranças Waimiri Atroari. Analisando essa relação de alteridade, no âmbito da criação de uma identidade indígena, o autor percebe que:

Há aproximadamente uma década eles começaram a gravar e trocar Informações em vídeo, sobre seus problemas e sobre suas culturas. Eles têm gravado seus ritos, suas histórias, seus jogos e suas cerimônias, para serem vistos por seu próprio povo, por outras tribos e, também, por uma audiência não indígena. Esses documentários pretendem ser percebidos como ‘representações autênticas’, como testemunhos reais da existência de seu Mundo, i.e. Como contraponto às representações midiáticas da vida indígena que têm sido realizadas, na sua quase totalidade, por empresas de comunicação nacionais e/ou internacionais. (DE PAULA. 1997 P.2)

Tal citação, só vem a afirmar o poder das imagens e os sentidos que essas podem carregar, dentro de determinadas relações sociais. Sobre isso Peixoto (2001) percebe que a leitura das imagens está associada à classificação de seus significados e fuga da tendência de observar apenas aquilo que é mostrado, ou seja, considerar que seu sentido transpassa os limites do plano ilustrativo.

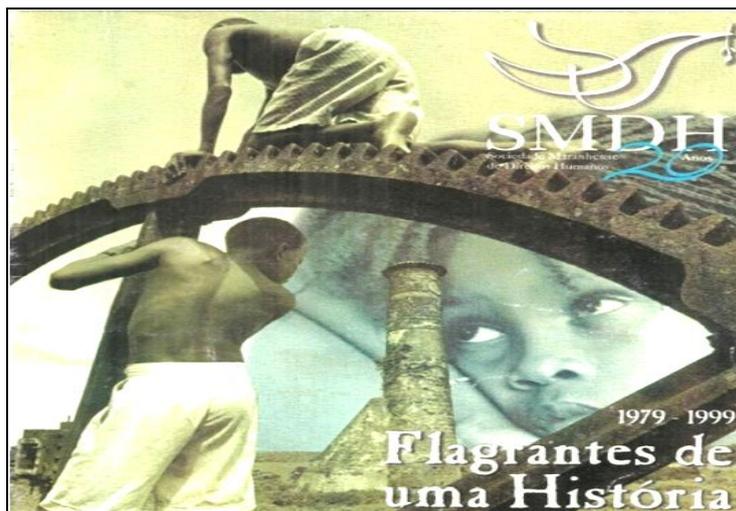
Tais autores nos instigam a pensar que as relações sociais e os processos identitários inerentes aos movimentos sociais podem ser analisados por meio da produção de imagens, já que possuem a capacidade de comunicação e integração direta entre indivíduos e coletividades.

Além dessa possibilidade de interpretação das imagens, Bauer e Gaskell (2002) percebem que as fontes fotográficas possuem forte capacidade de registro dos fatos e que podem ser tratadas como fontes primárias. Uma vez expostas, algumas possibilidades de abordagem e uso das imagens, veremos, a seguir, um estudo de caso sobre a utilização de imagens em mobilizações sociais.

Uso social das imagens: símbolos infantis e reivindicações urbanas

Durante a década de 1980 a cidade de São Luís – MA foi palco de inúmeras situações de protestos. Numa pequena amostra, Marmanillo (2012b) demonstra que só os referentes ao direito de habitação somaram 41 casos- isso fora os protestos estudantis e de determinadas categorias profissionais como professores, motoristas, bancários etc..

Nesse contexto de reivindicações, às imagens de crianças e mulheres ocuparam as páginas dos principais jornais da cidade e de panfletos utilizados pelas próprias organizações de reivindicação de direitos. Por exemplo, a capa de uma revista produzida por uma organização chamada Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH).



Fonte: Arquivos da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos (SMDH)

Ao observar a imagem, uma questão que nos colocamos foi: Porque crianças negras na ilustração? Esse fato não pode ser dissociado da História do estado do Maranhão, marcado por uma população negra bastante expressiva que lhe garante, atualmente, a existência de algumas comunidades remanescentes quilombolas. Em relação à região nordeste, o Maranhão¹⁸ é o segundo estado com maior população negra, perdendo apenas para a Bahia. (IBGE, 2010), Já em São Luís - capital onde foi instituída a SMDH- 68,4% de quase um milhão de habitantes é constituída por descendentes de africanos (CEAFRO, 2009)¹⁹. Em outros termos, pode-se dizer que lutar pela questão negra no Maranhão significa tocar num ponto com grande poder de visibilidade no estado e na capital. Tais características étnicas da população podem ser interpretadas como uma forma de legitimidade para quaisquer ações que se detivessem sobre esse ponto, bem como caracterizar uma “bandeira de luta” com poder de gerar grande simpatia local e atração de outros militantes.

Na ilustração, duas crianças interagem com uma grande engrenagem, que faz referência a um maquinário pesado, e outra apresenta um olhar que demonstra expectativa ou receio. Pode-se dizer que são os sujeitos principais da mensagem passada na imagem, ou seja, todas as ações desenvolvidas ou recebidas recaem sobre elas, daí emerge também uma ideia de necessidade e legitimidade da existência da SMDH. Nesse mesmo âmbito, o próprio título, “Flagrantes de uma História”, sugere a relação direta entre a História da organização e a História das questões sociais no estado do Maranhão.

É importante dizer que a referida revista resultou de um trabalho coletivo no qual participaram o cantor e compositor Carlos Cesar Teixeira, a professora Dra Helciane Araújo que na época era formada em Comunicação social pela Universidade Federal do

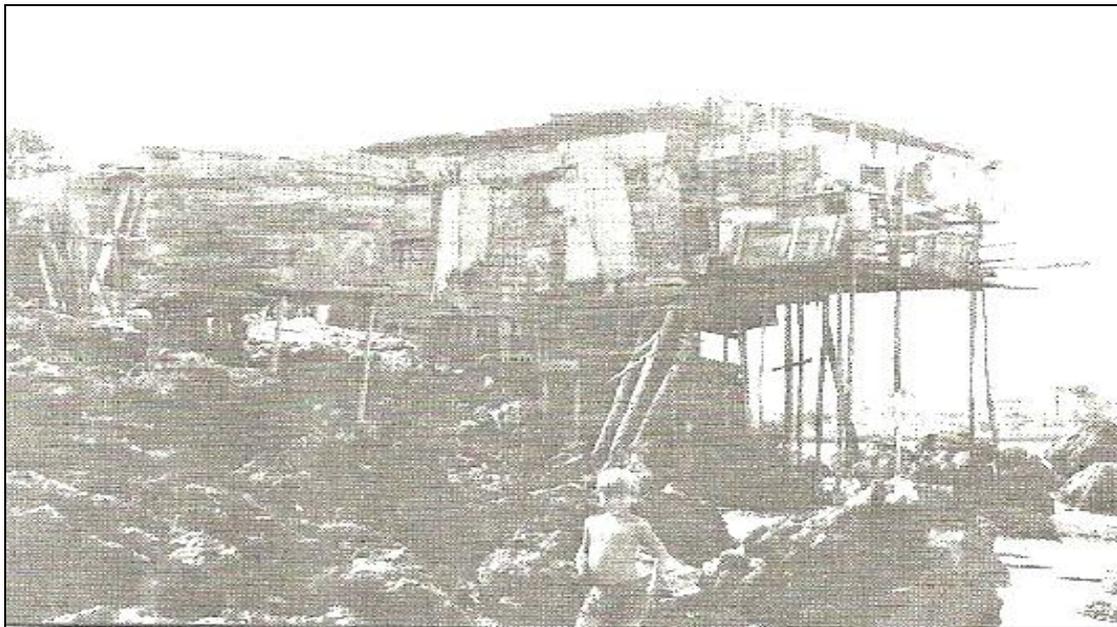
¹⁸ O primeiro possui 6,6% da população negra do Brasil enquanto a Bahia possui 16% da população negra.

¹⁹ O CEAFRO é o programa de educação para a igualdade racial e de gênero do CEAO- Centro de Estudos Afro-Orientais, Unidade de Extensão da UFBA- Universidade Federal da Bahia, em desenvolvimento desde 1995. Dados também disponíveis no: http://www.ceafro.ufba.br/web/arquivos/publicacoes/Informe_Maranhao.pdf.

Maranhão (UFMA), o professor de Sociologia Marcelo Domingos Carneiro Sampaio (UFMA), o Advogado e Deputado Domingos Francisco Dutra Filho e outros. Nesse sentido, vale ressaltar que se trata de um produto elaborado por uma equipe que detém conhecimentos sobre a realidade local, arte e comunicação, ou seja, tem-se na revista, o produto caracterizado por um trabalho fortemente profissionalizado.

Tais pistas indicam um pouco sobre a organização interna da SMDH, composta por uma heterogeneidade de atores cuja relação de interdependência funcional garante a existência das ações coletivas. Na mais simples das hipóteses, a imagem sinaliza a existência de um tipo de *solidariedade orgânica* (DURKHEIM, 2003) em uma organização de direitos humanos cuja divisão de trabalho é fato marcante. Assim vale destacar que houve o financiamento internacional da Fundação Ford, EZE/CESE e MISEREOR e contrato de uma gráfica chamada “Estação Produções” caracterizada por prestar serviços para movimentos sociais e minorias²⁰.

Folheando a revista é possível verificar (a seguir) a fotografia de uma criança em frente de uma palafita. A imagem capta toda precariedade da construção erguida sobre frágeis pedaços de madeira na área ribeirinha.



Fonte. R K Zau, 1990.

Sobre a fotografia, é importante ressaltar que o fotógrafo Roberto da Silva Casau (K-zau) possui, desde a década de 1980, um trabalho caracterizado por registrar imagens relacionadas ao povo afro descendente, fazendo trabalhos que vão desde às festas

²⁰Essa mesma gráfica produziu o livro, Pajelança, de Euclides Menezes Ferreira, conhecido localmente como Pai Euclides.

populares, como a festa do Divino ocorrida em Alcântara, até as imagens de denúncia sobre violação de direitos ocorridas em São Luís – MA, como demonstra a imagem anterior. Segundo ele, tais trabalhos são influenciados pela crença da importância dessas comunidades na formação cultural do Estado²¹.

Analisando o perfil do fotógrafo encarregado das ilustrações da Revista da SMDH percebe-se que “o registro visual documenta (...) à própria atitude do fotógrafo diante da realidade, e que seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo assim, em suas imagens...” KOSSOY (2001 p.43). Objetivamente²² (CUCHE, 1999) é possível observar que o profissional está vinculado à suas imagens, entre outras coisas, pelo pertencimento afro, valorizado em seu cabelo *dreadlock* que sinaliza elementos culturais africanos e jamaicanos. Por outro lado, a inclinação pessoal em determinado tipo de trabalho sinaliza também, um sentimento de vinculação, pertencimento e identificação a uma coletividade, denotando os aspectos subjetivos que podem ter motivado tais trabalhos.

A fotografia da criança junto à palafita possibilita interpretar uma forma de associação de ideias, ou o que Snow e Benford (2000) chamam de *Frame ideacional*. Há uma sugestão ou indicação de que a luta por moradia também signifique a questão da proteção das crianças. Vale ressaltar, ainda, a existência das campanhas da fraternidade como “Fraternidade e o Menor: Quem acolhe o menor, a mim acolhe” e “Fraternidade e o Negro: Ouvi o clamor deste povo” que reafirmam a importância dessas questões, entre os católicos e sinalizam a expectativa de um comportamento cristão defendido por setores da igreja inseridos no debate sobre problemas sociais.

Assim, reforçar a criança enquanto representação dentro dos preceitos cristãos e como problema social que pode ser explicado e solucionado por meio de determinadas ações e explicações que carregam as funções e características dos *frames*. Nessa discussão Gohn (2004, p.89) esclarece que:

O conceito de Frame para Snow & Benford é identificado de acordo com três funções: a **demarcação**- quando chama a atenção para as injustiças sofridas por um grupo social; a **atribuição**- quando se explicam as causas e se propõem soluções às injustiças sofridas; e a **articulação**, quando se conectam as diversas experiências formando uma visão externa coerente. Tais ações incorporam crenças e símbolos preexistentes e definem modalidades de ações coletivas.

Nesse sentido, nota-se que a produção gráfica exposta na revista da SMDH, além de chamar atenção para um problema da injustiça local, foi construída com o apoio de um grupo heterogêneo cujas ocupações profissionais se voltavam para a compreensão, explicação e militância nos contextos denunciados. Dessa forma, a ação resultante desse micro contexto social carrega um conjunto de sentidos e experiências compartilhadas que

²¹<http://www.kzauartes.blogspot.com.br/2010/10/roberto-k-zau-fotografo-artista.html>.

²²Segundo Cuche (1999) Grosso modo, é possível elencar os estudos sobre identidade por meio de um certo número de **critérios determinantes, considerados como "objetivos"**, como a origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a "personalidade básica"), o vínculo com um território, etc. e outra, **subjetiva**, que valoriza um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau. Para estes analistas, o importante são então as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões.

sustentam um argumento fundamentado sobre a realidade maranhense e legitimidade da presença da SMDH, caracterizando um processo de institucionalização.

Tais agentes podem ser pensados por meio de dinâmicas sociais e históricas conhecidas como *configurações singulares* (Elias, 1994), uma vez que, é dentro delas que considera-se a ideia de interdependência para o tratamento dos fatores que motivaram os engajamentos dos agentes e movimentos investigados, considerando tanto os aspectos das experiências de vida de cada agente, quanto os condicionantes mais gerais das suas inserções e posicionamentos. Dessa forma, tais imagens devem ser analisadas enquanto símbolos que transitam entre condicionantes estruturais do contexto socio-histórico e sentidos relacionados às experiências individuais dos agentes.

Ao mesmo tempo, tais crianças retratavam um problema social, uma identidade regional e um determinado momento de emergência de situações de protesto, que traziam conseguem a articulação e o trabalho coletivo de determinados atores e instituições caracterizando determinadas *práticas instituintes* (KOURY, 2012) que constituíram o problema social do menor enquanto causa legítima a ser defendida coletivamente.

Conclusões preliminares

Rica pelo seu aspecto interdisciplinar, essa abordagem interpretativa que toma imagens (fotografias, gravuras, filmes etc..) para a compreensão de processos associativos recai com grande força sobre os aspectos culturais relacionados à formação de identidades coletivas.

Ao tomar a imagem ilustração, enquanto processo social e comunicativo é possível apreender a lógica social subjacente a utilização das imagens, dessa forma, os aspectos de disputa, colaboração e associação- riquíssimos para a Sociologia, podem ser apreendidos por meio de uma metodologia hermenêutica focalizada na interação entre os principais atores colocados em cena. Por outro lado, os saberes e elementos simbólicos identitários-ricos para a Antropologia, possibilitam a realização de análises culturais, sobre o mesmo fenômeno.

Metomunicamente, às fotografias carregam consigo características de determinadas situações, grupos sociais e sentidos que justificam suas próprias produções. São assim, uma rica fonte de informação para a compreensão dos atores que as produzem, ou seja, podem apontar sentidos e intencionalidades das ações desses produtores. Conseqüentemente, elas sinalizam a existência de uma *relação social*, que numa perspectiva weberiana, é um elemento fundamental para a compreensão das associações e formações sociais mais complexas.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **Discurso preliminar**, in: A Formação Do Espírito Científico. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.**
- COLLIER Jr, John. **Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa.** São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária/Ed. USP, 1973.

CUCHE, Denny. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 316.722/C963n ... de tradução 1999 EDUSC.

DE PAULA, Silas. **Políticas de Representação: O Uso do Vídeo como Processo de Recriação Étnica**. In: Anais da Associação Nacional de pós-graduação em Ciências Sociais, 1997, Caxambu. ANPOCS, 1997.

DURKHEIM, Émile. *Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Editora Martin, Claret, 2003.

ECKERT, C. ; ROCHA, A. L. C. . **Imagem recolocada: pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo**. Porto Alegre: Iluminuras: série do Banco de Imagem e Efeitos Visuais, v. 8, p. 1-12, 2000.

ELLAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

JOHNSTON, Hank e KLANDERMANS, Bert. **The cultural Analysis of social Movements**. In: Social Movements and Culture. University of Minnesota Press. Minneapolis. 1995.

MEDEIROS, R. S. . **Social Movements and Civil Society: Towards a deeper theoretical dialogue between two fields of study**. In: LASA 2009 - Congress of the Latin American Studies Association, 2009, Rio de Janeiro. LASA2009 CONGRESS PAPER ARCHIVE, 2009.

MARMANILLO, J. P. **LÓGICAS IMAGÉTICAS DE UMA SOCIEDADE INTERIORANA: usos da fotografia e narrativa visual no Brasil setentrional**. Iluminuras (Porto Alegre), v. 13, p. 157-176, 2012.

MARMANILLO, J. P. **Movimento Social por moradia: Uma abordagem cultural dos repertórios individuais e coletivos**. In: Anais do XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 2012, Teresina. Resumos do Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste. Teresina-PI

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, [1950], 2003

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro . **Sociologia da Imagem - Ensaios Críticos** (CD-Rom). João Pessoa: Edições do GREI, 2004 (Cadernos Especiais de Pesquisa)

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Práticas Instituintes e experiências autoritárias: O sindicalismo rural na Zona da Mata de Pernambuco, 1950-1974**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, 420p.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

PEIXOTO, Clarise Ehlers. (2001) **Caleidoscópio de imagens: o uso do vídeo e sua contribuição à análise das relações sociais**. In: FELDMAN-BIANCO, B. e LEITE,

Miriam L. Moreira (orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus.

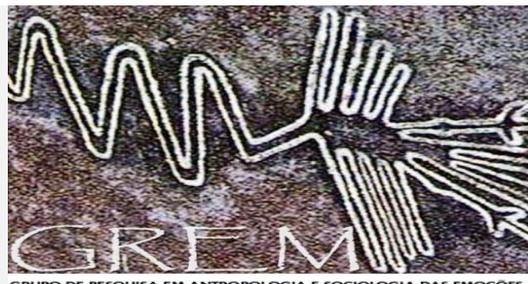
ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Da antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, ano 1, n. 2, p. 107-117, jul./set. 1995.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. **CULTURA VISUAL E AFIRMAÇÕES IDENTITÁRIAS**. In: II Seminário Nacional: Movimentos Sociais, participação e democracia, 2007, Florianópolis. Anais do . Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis: UFSC, 2007. v. 1. p. 606-619.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais** in: Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SNOW, David; BENFORD, Robert. **Framing processes and social movements: an overview and assessment**. Annual Rev. Sociology, Palo Alto, v. 26, p. 611-39, 2000.

TARROW, Sidney. **O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

7ª Apresentação

Sociologia do *Fair Play*

*Simone Magalhães Brito**

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir as dificuldades presentes na tentativa de construir uma explicação sociológica da ideia de *fair play*. Como é possível que esportes tão diferentes em termos de suas regras de contato corporal possam fazer uso do mesmo princípio para resolver problemas não determinados em suas regras específicas? Qual seria, pois, a explicação sociológica para a universalidade do *fair play*? Através dessas questões, a ideia é discutir os fundamentos de uma sociologia da moralidade. **Palavras-Chave:** fair play, regras de contato corporal, moralidade

*Doutora em Sociologia, Pesquisadora do GREM e Professora do PPGS/UFPB.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Sextas no GREM: Seminários de Pesquisa

8ª Apresentação

A amizade como problema sociológico

Cristina Barreto²³

Resumo: O objetivo desta palestra é refletir sobre um tipo de relação social que é tomado como óbvio e dado no nosso cotidiano: a amizade. Ter muitos amigos é visto como natural e vê-se com tristeza aquelas pessoas que são “de poucos amigos”. Nas Ciências Sociais é lugar comum saber que as relações sociais assumem inúmeras formas, uma delas, a amizade. No entanto, a visibilidade dada a ela variou muito ao longo da história. Para os antigos gregos e romanos, amizade foi uma relação fundamental. Na Europa medieval, os ensinamentos cristãos subordinavam a amizade humana à amizade espiritual e, no período moderno, com seu foco na imparcialidade, a amizade foi confinada à esfera privada. Neste momento, procuraremos trazer algumas indagações e possibilidades de pesquisa para esta questão, procurando definir as características que tradicionalmente definem as relações de amizade; entender que a amizade não é uma relação que se estabelece de forma plenamente voluntária no que concerne à escolha de pessoas e a atração pessoal, mas depende da posição dos indivíduos na estrutura social e, finalmente, demonstrar que as relações de amizade não podem ser tomadas como universais. **Palavras-Chave:** amizade, sociabilidades contemporâneas, emoções

²³Doutora em Sociologia, pesquisadora do GREM e professora da UERN.



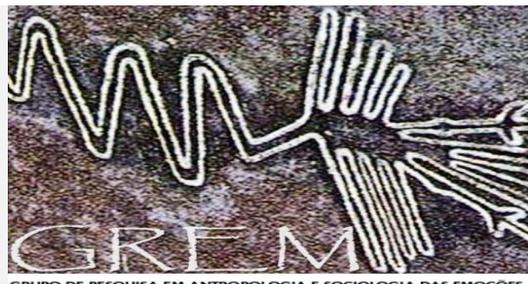
16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Seminários GREM de Iniciação Científica

Coordenador: Raoni Borges Barbosa



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 01

Mesa 01

Produção Acadêmica UFPB I: Casos CCHLA, CCSA e CE

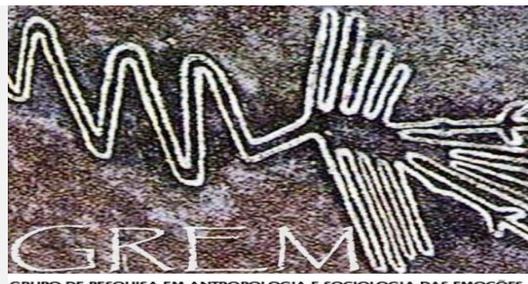
Debatedor: Anna Georgea Franco Feitosa Maier de Araújo Lima

Apresentação:

Inã Cândido de Medeiro;

Franciely Fernandes Duarte;

Raoni Borges Barbosa.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 01 – Apresentação 01

Balanco Comparativo da Produção da UFPB I Mapeamento da produção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, ano base 2012

*Inã Cândido de Medeiros**

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar o estado atual do Mapeamento da Produção do CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB I, de 1992-2012. Devido ao extenso período coberto pelo projeto e pela grande dispersão dos dados, nem sempre presentes na memória institucional da UFPB, sentiu-se a necessidade de construção de cenários por anos-base específicos. No caso, optou-se iniciar pelo ano-base 2012, com disponibilidade em várias instâncias institucionais, para, a partir de então, se construir retrospectivamente novos cenários de produção local. Este Mapeamento é parte integrante do projeto “Balanco Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, PB, 1992-2012”, conduzido pelo GREM - Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções, sob a coordenação do Prof. Dr. Koury. Os objetivos gerais são o de avaliar e organizar um Banco de Dados sobre a produção desenvolvida na UFPB campus I que tenha a cidade de João Pessoa como objeto de estudo. Os dados coletados até o presente momento sobre o CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB I, constituem os sete departamentos: Ciências Sociais, Filosofia, História, Serviço Social, DELEM, Letras e Psicologia. O balanço crítico-analítico e o mapeamento da produção acadêmica sobre João Pessoa, consolidados num Banco de Dados operacional, permitirão, assim, uma Política de Trocas e de Visibilidade, bem como a instituição de um Fórum Permanente para a discussão Teórico-Metodológica sobre cidades. A pesquisa almeja imprimir à atividade acadêmica da UFPB I uma racionalidade instrumental ao disponibilizar uma ferramenta de trabalho que possibilite a comunicação entre os saberes e os conhecimentos já produzidos ou em produção, bem como descortinar a simbologia construída nos últimos 20 anos sobre João Pessoa. **Palavras-chaves:** produção acadêmica, UFPB I, cidade de João Pessoa.

*

*Bolsista PIBIC-CNPq/UFPB 2012-2013 do GREM sob orientação do Prof. Dr. Mauro Koury e aluno do curso de Ciências Sociais/CCHLA/UFPB.

Introdução

Esta comunicação tem como objetivo evidenciar os principais apontamentos sobre o que de fato é essa pesquisa, seu desenvolvimento e conclusão, trazendo a luz da teoria todo levantamento bibliográfico e a metodologia utilizada para a aplicação do trabalho de campo, além das dificuldades e soluções encontradas ao longo de todo percurso.

A pesquisa: Balanço comparativo da produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, 1992-2012 teve como propósito analisar os últimos vinte anos do que foi produzido pelos docentes e discentes sobre a cidade de João Pessoa, a partir de um mapeamento de produção da UFPB sobre a cidade de João Pessoa. Além disso, buscou-se organizar um banco de dados sobre essa cidade, com toda produção docente e discente da UFPB sobre a cidade de João Pessoa. Outro objetivo é o de instituir um fórum permanente de discussão teórico-metodológica tendo a cidade de João Pessoa como sujeito principal.

O GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, - executante deste projeto, está integrado às linhas de pesquisa do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, do CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPB, e tem como objetivo estudar e compreender os costumes, os comportamentos, as atitudes, as percepções, e as representações do imaginário social relacionados as sociabilidades emergentes no processo de constituição da sociedade ocidental, e brasileira.

Durante duas décadas, o GREM vem realizando pesquisas referentes à cidade de João Pessoa, tendo como foco principal as mudanças que passou e que passa a capital do estado da Paraíba a partir da década de 20 e principalmente da década de 70 até os dias atuais.

Essa pesquisa buscou evidenciar a memória social dos docentes, além das diversas facetas dos seus departamentos e como eles foram elaborados e construídos de 1992 até o ano de 2012. O projeto em si, aponta para aquilo que já foi e o que está sendo desenvolvido sobre a cidade de João Pessoa, ou seja, as indagações referentes à memória dessa instituição que propicie uma visão analítica e organização das práticas adotadas pelos pesquisadores, docentes e discentes, relacionadas com produção do conhecimento científico.

Dessa maneira, este projeto teve por objetivo geral fazer um balanço comparativo da produção dos pesquisadores da UFPB que trabalham sobre a cidade de João Pessoa. Os objetivos específicos estão relacionados ao mapeamento da produção, no verificar os caminhos teóricos e metodológicos percorridos pelos pesquisadores da UFPB, além de submeter a uma avaliação crítica a produção dessa instituição.

Grande parte da produção na graduação e na pós-graduação tem se dedicado a compreender o cotidiano da cidade de João Pessoa e seus habitantes. A cidade é estudada através de aspectos ligados ao presente e futuro, tanto com relação ao patrimônio material quanto ao imaterial. A presente pesquisa pretende analisar comparativamente e de forma sistematizada e organizada do conjunto da produção docente, especificamente, a que tem

por objetivo a análise da cidade de João Pessoa em seus diferentes recortes de maneira que se possa gerar um banco de dados que vinculem a produção docente até então realizada em um mesmo acervo, permitindo e estimulando novas pesquisas que, por sua vez, engrossarão o acervo com novos dados e assim por diante, ajudando os pesquisadores ao debruçar-se sobre os objetos até então trabalhados no sentido de novas interpretações e métodos para novas pesquisas.

Foi passada em revista a literatura que agora será resenhada: A princípio foi realizada a leitura do Mapeamento na produção acadêmica sobre educação ambiental dos autores: Cláudia Pato, Laís Mourão Sá e Vera Lessa Catalão. Este trabalho buscou avaliar o amplo cenário de pesquisa na área de educação ambiental entre 2003 e 2007 a partir da solicitação da ANPED. O objetivo maior foi o de elucidar as principais tendências temáticas, metodológicas e teóricas na produção acadêmica.

Em seguida, o texto ‘As pesquisas denominadas Estado da Arte’ de Norma Sandra de Almeida Pereira tem como propósito investigar o que foi produzido nos últimos 15 anos, referente ao ‘estado da arte’ ou ‘estado de conhecimento’ O objeto do presente trabalho é o de atender a demanda e responder as questões que são consideradas pertinentes procurando analisar três eixos específicos: tendências temáticas, teóricas e metodológicas.

Nos Livros Didáticos como fonte de pesquisa ‘Um mapeamento da produção acadêmica em história da educação’ de Kênia Hilda Moreira (2012), afirma que grande parte de sua pesquisa dedicada a investigar os livros na área de educação são de história e de português. Contudo as investigações mais recentes trazem novas propostas como a produção e circulação do livro didático como fonte para a história da educação.

O artigo ‘Reading other people’s research’ de Lawrence W. Neuman (1994) demonstra a importância de rever o conhecimento acumulado sobre uma problemática é quanto isso é um passo essencial no início do processo de pesquisa, não importando qual abordagem da ciência social a ser adotada.

Todos os quatro textos expostos trazem apontamentos pertinentes para uma possível revisão da literatura servindo como um importante referencial para o pesquisador ao longo de todo o envolvimento do projeto, dando amplo sentido a todas as etapas do projeto, seja ao estimular a partir da avaliação crítica dos últimos vinte anos de balanço docente e discente, ao organizar um banco de dados sobre a cidade de João Pessoa constando não apenas com a produção do GEM, mas de toda produção docente e discente da UFPB na cidade de João Pessoa e ao instituir um fórum permanente de discussão teórico-metodológica tendo João Pessoa como sujeito principal.

Dessa forma, o artigo de Kênia Moreira (2012) trouxe à tona a maneira de como ocorre o levantamento de dados de livros didáticos, servindo como um importante referencial para o mapeamento de produção da UFPB, pois nele é possível vislumbrar a ideia de acúmulo de informação, a demarcações e a polarização ideológica durante a constituição de todo o conjunto relacionado com o desenvolvimento da memória coletiva.

Em relação ao Estado da arte de Norma, Sandra (2002) o mesmo permite o aprendizado do mapeamento da atividade acadêmica, de forma mais eficiente, trazendo propostas que torne esse processo mais transparente, dinâmico e sistematizado. O Estado da arte representa um acordo implícito estabelecido num dado campo de pesquisa, de modo a permitir a orientação do projeto como um todo, quanto aos aspectos gerais da atividade acadêmica, como: posicionamentos teóricos, metodológicos, trajetórias temáticas.

Quanto à abordagem dos autores do artigo Mapeamento de Tendências na Produção Acadêmica sobre a educação ambiental, permite avaliar que a produção acadêmica pode nos apresentar diversas propostas ao longo da pesquisa, e isso no caso, ao se deparar com diversas tendências temáticas, teóricas e metodológicas, que não possuem um fundamento único, mas sim uma multiplicidade de perspectivas simbólicas em disputa, nos seus mais variados campos de interesse.

No caso do artigo 'Reading other people's research' de W. Lawrence (1994), ele nos possibilita um maior entendimento quanto às questões relacionadas de como se conduzir diante do acúmulo de conhecimento. O autor demonstra que rever o conhecimento acumulado sobre uma determinada temática, sendo um passo essencial no início do processo de pesquisa, não importando qual abordagem que o pesquisador irá adotar, pois é melhor descobrir o que já é conhecido sobre uma questão antes de tentar respondê-la ele mesmo. Isso nos leva a relação do acúmulo do conhecimento com a revisão da literatura, servindo como uma importante proposta de como o pesquisador deve atuar para realizar uma revisão da literatura de alta qualidade, melhorando o seu próprio entendimento durante o processo de investigação, ao longo de todo o balanço comparativo, e durante o ato da criação do banco de dados.

A leitura da obra 'Artesanato Intelectual', de Wright Mills (1969), busca entender a imaginação sociológica como uma ferramenta que nos permite olhar para além de uma compreensão limitada do comportamento humano, ver o mundo e as pessoas de uma forma nova, através de uma análise mais potente que o nosso olhar cotidiano, tornando assim a pesquisa mais enriquecedora, pois propicia um maior diálogo e afinidade entre a literatura trabalhada ao longo do projeto.

Desse modo, Mills demonstra o quanto é importante perceber a Ciências Sociais como um ofício. Este afirma que os pensadores mais admiráveis da comunidade intelectual não separam seus trabalhos de suas vidas, estimulando o próprio processo da pesquisa através de uma reflexão sistemática que faz uso constante de um diário de campo. As anotações por sua vez, possibilitam que a experiência da vida (empíria). Possa trazer novas sugestões para o trabalho proposto ao longo de toda sua trajetória.

Quanto à proposta de Mills referente ao arquivamento, este possibilitara uma maior organicidade dos acúmulos de dados, pois ao manter um arquivo adequado, este propiciará hábitos de autorreflexão e sistematização das ideias. Sempre que fortes sensações alimentar as experiências vividas, o pesquisador deve registrar em suas anotações. Manter um arquivo é controlar uma experiência controlada Dessa forma, o arquivamento pode desempenhar uma lógica de combinação, trazendo a pesquisa resultados interessantes, como: facilitar a

localização um material existente e sugestões centrais, além de poder ser utilizado como fonte de sugestão para um projeto ou como ferramenta imprescindível para análises quantitativas e qualitativas. O uso de arquivos estimula a expansão de diversas categorias que usamos através do raciocínio, atribuindo uma maior eficiência na construção do Estado da Arte, fichas-resumos e UNITERMOS, mapeamento da produção e na separação e organização daquilo que já fora produzido durante o levantamento de dados. Consequentemente, os arquivos devem ser utilizados através de uma frequente manutenção e articulação de todo seu conteúdo registrado. Ao redistribuirmos um sistema de arquivo, verificamos que estamos estimulando nossa imaginação sociológica, através da combinação de inúmeras categorias, produzindo novas propostas teóricas e práticas, importante para a proposta do projeto referente à sistematização da produção acadêmica.

No texto, ‘Quatro proposições sobre Memória Social’ de Jô Gondar (2005), busca analisar as quatro proposições: Memória social é transdisciplinar, conceito de memória social é ético e político, memória social é uma construção processual e memória não se reduz a representação.

, No texto ‘Chiclete eu misturo com banana?’ de Regina Abreu (2005) trata acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social, busca o entendimento sobre a pesquisa referente à memória social e se a mesma pode ser utilizada através de diferentes perspectivas, interligando o arcabouço-teórico de diversos autores clássicos e contemporâneos. Dando continuidade, Vera Dobedei (2005), em ‘Memória, circunstância e movimento’, leva em consideração que a categoria coletiva é pertinente ao conceito de memória social, devendo-se levar em conta três relações aplicáveis a elas: memória e cultura, memória e patrimônio e memória e coleção.

Cláudia Santos (2009), em sua tese ‘Memórias de docentes universitários e a produção do conhecimento no PPGE/UFMG’, traz uma importante discussão quanto às memórias dos docentes, tanto nos discursos quanto nos documentos escritos, apresentam-se através da produção do conhecimento associada às organizações políticas que evidenciam práticas de experiências da vida e suas atividades sociais e profissionais.

Mirian de Albuquerque Aquino (2011), ‘Retirando a pele da memória: a produção de conhecimento sobre negros’ tem como foco fazer um levantamento da produção de conhecimento vinculado à ciência da Universidade Federal da Paraíba, focalizando os anais dos Encontros de Iniciação Científica ENIC/PIBIC/CNPQ/UFPB no período de 1998 a 2008, com o intuito de identificar a produção de conhecimento sobre o negro de pesquisadores dessa instituição.

Quanto ao texto de Maria das Graças Martins da Silva (2009) ‘A produção docente e a avaliação dos programas de pós-graduação: um estudo na pós-graduação da UFMT’ tem como propósito analisar a produção docente referente à avaliação de Pós-graduação. A pesquisa tem como fonte a CAPES.

Ayello (2008) em ‘A abordagem da produção científica como memória institucional: o caso da biblioteca do instituto de geociências da USP’ tem como propósito analisar como o cadastramento retrospectivo da produção científica de docentes, pesquisadores e

funcionários de nível superior di IGc/USP. No ano de 2005, a Biblioteca do Instituto iniciou o levantamento de dados e arquivamento no DEDALUS da produção científica dos docentes.

Maria das Graças e Paulo da Terra Caldeira (1988) no texto ‘Análise da produção científica em uma instituição de ensino superior: o caso da universidade federal do Piauí’ analisa a produção científica e cultural das Instituições de Ensino Superior através dos cinco Seminários Nacional de Bibliotecas Universitárias, percebeu-se um consenso em relação aos fatos de preservação e disseminação dos acervos culturais das universidades brasileiras é uma função que diz respeito principalmente às bibliotecas universitárias.

A Esfera do Político na Produção Acadêmica dos Programas de Pós-Graduação (1985-1994) busca compreender publicações historiográficas mais recentes no qual apontam um maior interesse pela esfera do político, através de uma perspectiva diferente daquela adotada na historiografia tradicional onde o conteúdo a ser analisado era determinado pela temática político-institucional.

O texto *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica* (1994) retrata que nossa sociedade nunca funcionou de acordo com a grande divisão que funda seus sistemas de representação do mundo: a separação radical entre a natureza e cultura. O autor questiona o paradigma fundador através da sociologia, filosofia e história das ideias e demonstra que jamais fomos modernos, para que de fato possamos compreender o pensamento ocidental.

Quanto a todo o conjunto de literatura referente à temática sobre memória social, estes tem propiciado para a pesquisa um amplo manancial de indagações que trazem a luz diversas propostas teóricas ao longo da pesquisa. Toda essa literatura científica, acerca da memória, abrangem um leque de investigação, com abordagens que se complementam e se constituem como referências para o desenvolvimento da pesquisa (SANTOS: 2009, P.31).

A princípio, podemos afirmar que memória social é um conceito complexo e inacabado, não podendo assumir uma explicação definitiva e unívoca (GONDAR: 2005). Em seu sentido de organização espacial, não possui um aspecto linear, sendo fragmentado e descontínuo. Ademais, a memória social é registrada como um conceito que possui um amplo grau de significações, sofrendo inúmeras transformações ao longo de sua história.

Assim como no artigo o Mapeamento na produção acadêmica sobre educação ambiental (PATO: 2009), o princípio do conceito de memória social possui diversas polarizações ideológicas, de caráter ético e político, estando em constante disputa num campo de lutas simbólicas e de relação de poder. Suas escolhas, definições e recortes levam a trajetórias específicas do projeto e de seus caminhos teóricos e metodológicos utilizados durante a construção, organização e desenvolvimento da pesquisa.

Outro aspecto a ser considerado diante da literatura exposta, é que a vida e a sociedade em relação aos sentidos e o significado de documento para memória social, acabam identificando os traços e vestígios deixados pelo homem ao longo de sua existência, possibilitando ser considerados objetos de análise apenas aquilo que é

determinado como potencial de memória. A memória, desse modo, possui um aspecto investigativo que possibilita um grau de reflexão acerca das práticas do cotidiano.

Desse modo, as abordagens referentes ao corpo docentes e discentes estão diretamente relacionadas com sua trajetória dentro da instituição, possibilitando um registro do passado de cada percurso individual, integrado em um sentido coletivo que possibilitara o entendimento das ações socialmente validas para o presente, permitindo, analisar, imaginar, repensar criativamente o futuro (SANTOS: 2009, p. 24). A partir dessa compreensão, percebe-se que a memórias dos trabalhos abordados ao longo da pesquisa, permitem traçar novas formas de elaboração do conhecimento científico.

Em suma, todo o conjunto bibliográfico abordado ao longo de nossa pesquisa, tem fundamentado uma maior compreensão teórica servindo como instrumento que traz o contato com importantes indagações para o andamento e aplicabilidade das atividades relacionadas à pesquisa, como: formas de levantamento, coleta e mapeamento de dados; estado de arte; escolha de tendências temáticas, revisão da literatura, arquivamentos e para maior compreensão sobre o conceito e significado de memória social.

Pesquisadores leem estudos para comparar, replicar, ou criticá-los. Lembrando que a pesquisa assim limitada reflete um contexto dado, ou seja, produz uma possível história da pesquisa.

Através da leitura e do debate dos autores indicados, busca-se um sentido para que grande parte desse arcabouço teórico possa ser transposta para a pesquisa, dando sentido para a mesma. Conforme podemos observar, rever esse conhecimento acumulado sobre uma problemática é um passo essencial no início do processo de pesquisa, não importando qual abordagem se deva adotar. Em função disto, é melhor descobrir o que já é conhecido sobre uma questão antes de tentar respondê-la por si só.

Outro aspecto de grande relevância é o de que certos conjuntos de pesquisas como o Estado da Arte, pode dar uma maior dinamicidade, facilitando essa revisão, pois permitem mapear a atividade acadêmica, de uma forma mais eficiente, transparente e racional. Pesquisadores leem estudos para comparar, replicar, ou criticá-los. Lembrando que a pesquisa assim limitada reflete um contexto dado, ou seja, produz uma possível história da pesquisa.

Para finalizar, os textos propostos trazem apontamentos pertinentes, servindo como forma de auxílio durante o decorrer do projeto, trazendo a possibilidade de desenvolver uma melhor qualidade da produção na pesquisa apontando formas metodológicas, além de auxiliar na resolução de impasses, debates, tendências e disputas internas, ampliando o horizonte de análise de todos os integrantes da equipe envolvidos ao longo desse processo.

Metodologia

O projeto PIBIC, em um primeiro momento, dedicou-se a duas tarefas importantes: a primeira, uma discussão permanente teórico-metodológica aproximativa das questões que tratam a pesquisa [repassada acima]; a segunda, a realização de um

levantamento de dados junto aos centros, departamentos, cursos, núcleos e grupos de pesquisa, como forma de conhecer o conjunto da produção e da estruturação e funcionamento da pesquisa acadêmica na UFPB.

Por motivo de tempo e de pessoal, a pesquisa teve, nesse primeiro momento, que efetuar uma seleção dos centros a serem pesquisados, escolhendo, para tal, o CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes; o CE – Centro de Educação; e o CCSA, Centro de Ciências Sociais Aplicadas. E submetendo cada centro, como subprojeto a um aluno bolsista, ou estagiário voluntário.

Como responsável de um dos subprojetos, tenho o objetivo do Mapear a Produção do CCHLA - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, nos últimos 20 anos sobre a cidade de João Pessoa Paraíba. Pela quantidade de dados, e por uma greve de quatro meses que paralisou a UFPB e as demais IES federais brasileiras, entre julho a outubro de 2012, o projeto teve muita dificuldade de sistematizar as informações. Deste modo, se recorreu às páginas dos centros na internet como fonte de informação. Encontraram-se os sites com informações desatualizadas e, muitas vezes, sem qualquer informação. As que tinham, eram de base 2012.

O ano de 2012, assim, serviu como nosso primeiro cenário de mapeamento, devendo a pesquisa continuar em outros momentos, levantando os demais cenários até o ano de 1992, limite inicial desse projeto.

Em uma segunda etapa, realizou-se pela internet o levantamento das fichas dos GP's (Grupos de Pesquisa) aprovados pela instituição, por centro, realizado tendo por ano base 2012.

Após o levantamento dos grupos de pesquisa da UFPB e do fabrico das fichas por centro, o trabalho foi concluído.

O esforço da pesquisa foi no sentido de registrar a produção científica através de um mapeamento de funcionalidades que visam analisar a recuperação dessas informações que estão sendo levantadas e acumuladas, dando-lhe uma maior visibilidade, através de uma base de dados que objetiva o desenvolvimento de um acervo geral para ser consultado e modificado a partir de sua instituição.

O trabalho efetuado pelo bolsista responsável por este subprojeto²⁴ foi o de realizar o Mapeamento de Produção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) dos seus docentes e ao longo últimos 20 anos sobre a cidade de João Pessoa Paraíba.

Inicialmente, a busca foi realizada pela internet, onde se procurou levantar dados sobre algumas categorias dos docentes desenvolvidas durante a pesquisa referentes à: Titulação dos docentes; Ano de entrada no quadro institucional da UFPB e Status, entendendo a categoria Status como definição do seu nível de vinculação institucional com a UFPB em relação aos níveis de carreira docente.

²⁴Entre os integrantes do projeto estão: a bolsista Franciely e o assistente de pesquisa Raoni Borges que ficaram responsáveis pelo Mapeamento de Produção do Centro de Educação e do Centro de Ciências Sociais Aplicadas.

Esse processo inicial teve como propósito buscar os dados brutos dos currículos Lattes e dos sites dos centros, departamentos, cursos e programas, de forma que possam ser utilizados como um meio de obter maior compreensão da memória dos docentes e discentes da UFPB e de suas práticas institucionais na cidade de João Pessoa.

Os dados coletados até o presente momento sobre o CCHLA constituem os sete departamentos nele constantes: Ciências Sociais, Filosofia, História, Serviço Social, DELEM – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Letras e Psicologia.

De certo modo, cada um dos departamentos possui especificidade própria, respondendo realidades distintas, embora sirvam para propósitos semelhantes.

Desse modo, através das informações coletadas foi organizado parte do material que possibilitará a construção de quadros teóricos, criando um mapa de funcionalidades dos departamentos.

Para a sistematização da produção acadêmica está sendo realizado um levantamento de toda a produção em forma de teses, dissertações e monografias produzidas pelo corpo discente da UFPB campus I, bem como toda a produção docente até o ano de 2012. Para cada produção está sendo preenchida uma ficha resumo contendo as informações gerais e catalográficas sobre relatório, monografia, dissertação, tese, artigo, livro, etc. Cada ficha é, depois de terminada, remetida para o conjunto de Ficha UNITERMOS, facilitando a universalização de dados existentes e a rapidez na consulta do material.

Em um segundo momento, foi realizado pela internet o levantamento dos GPs (Grupos de Pesquisa) aprovados pela instituição, por cada centro, tendo como ano base 2012. Essa etapa teve como objetivo a ampliação da pesquisa, organizando cada área de trabalho e pesquisa por GPs e seus líderes, corpos docente e discente nele presente, bem como a que centro pertencia. Procurou-se ampliar a visão geral da Universidade Federal da Paraíba, compreendendo quem está fazendo pesquisa, o tipo de produção dela resultante e os atores envolvidos.

Entre os centros de minha responsabilidade ficaram: CT (Centro de Tecnologia) e seus respectivos 26 grupos de pesquisa, CCS (Centro de Ciências da Saúde) e seus respectivos 48 grupos de pesquisa e o CCEN (Centro de Ciências Exatas e da Natureza) e seus respectivos 37 grupos de pesquisa.

Resultados e discussões

É bom frisar que esta é uma pesquisa de longa duração, e que só agora, nesse projeto PIBIC, se está iniciando a primeira entrada ao campo. A análise das tabelas torna-se relevante para o entendimento do contexto histórico, político e social onde foram constituídas as organizações curriculares, o corpo docente e as pesquisas presentes na UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, entre 1992-2012.

A organização metodológica das tabelas até o momento objetivou a maneira de como se processam, em termos quantitativos e qualitativos, a relação entre a memória docente e o mapeamento de produção de cada um dos respectivos centros:

- Mapeamento de Produção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas nos últimos 20 anos sobre a cidade de João Pessoa Paraíba.
- Mapeamento de Produção do Centro de Educação e do Centro de Ciências Sociais Aplicadas nos últimos 20 anos sobre a cidade de João Pessoa Paraíba.
- Mapeamento de Produção do Centro de Tecnologia e do Centro de Exatas e Natureza nos últimos 20 anos sobre João Pessoa Paraíba.
- Mapeamento de Produção do Centro do Centro de Ciências e Saúde nos últimos 20 anos sobre João Pessoa Paraíba.

Tabela 1 - Mapeamento dos Centros

CENTROS	(SIGLA)
Filosofia e Ciências Humanas	(CCHLA)
Educação	(CE)
Ciências Sociais Aplicadas	(CCSA)
Tecnologia	(CT)
Exatas e Natureza	(CCEN)
Ciências e Saúde	(CCS)

Nessa primeira etapa da pesquisa, fiquei responsável pelo CCHLA, onde foram realizados a coletados os dados docentes dos seguintes departamentos: Ciências Sociais (DCS), Filosofia (DF), História (DH), Letras Clássicos e Vernáculos (DL), Psicologia (DP), DLEM, e Serviço Social (DSS) [Tabela 2].

A organização das tabelas possibilitou sistematizar a dinâmica do corpo docente vinculados com sua trajetória nos últimos 20 anos, permitindo nessa primeira etapa, a acumulação de informações para em um segundo momento, esses dados serem utilizados como um instrumento metodológico de análise da memória institucional no campus I UFPB, na cidade de João Pessoa.

Ano de Entrada	Tabela 2 – CCHLA DEPARTAMENTOS ²⁵													
	C. Sociais		Filosofia		História		S. Social		Letras		DELEM		Psicologia	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 1992	35	77,77	7	35	28	96,55	19	73,07	52	81,25	35	63,63	33	76,74
1993-2005	10	23,23	5	25	1	3,45	6	23,07	10	15,62	20	36,36	9	20,93
2006-2012	0	0	5	25	0	0	0	0	1	1,56	0	0	0	0
NI	0	0	3	15	0	0	1	3,84	1	1,56	0	0	1	2,32
Total	45	100	20	100	29	100	26	100	64	100	55	100	43	100

Nota-se que ao compararmos o ano de entrada dos docentes de 1992-2012 em seus respectivos departamentos, não possuem uma linearidade, ou seja, a uma irregularidade no ingresso dos professores em diversos períodos. Enquanto em alguns casos, com o tempo,

²⁵ Siglas utilizadas: NI – Não Informado

apresenta-se um aumento, em outros a redução, seguido de outro aumento, declínio ou estabilidade [Tabela 3].

Tabela 3 - Ano de entrada dos docentes por departamento

Ano de entrada	C. Sociais		Filosofia		História		S. Social		Letras		DELEM		Psicologia		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
Até 1992	14	31,1	7	35	12	41	6	24	21	33,8	7	12,7	13	30	7
1993-2005	14	31,1	5	25	9	31	10	40	13	20,9	15	27,7	22	20	12
2006-2012	17	37,7	5	25	8	27	9	36	23	37	25	45	15	34	17
NI	0	0	3	15	0	0	0	0	5	8	8	14	6	13	20
Total	45	100	20	100	29	100	25	100	62	100	55	100	43	100	20

Podemos verificar que no departamento de filosofia, o percentual de entrada dos professores até 1992 é de 35% seguido até 2012 de uma redução para 25% até 2012. Já o de Ciências Sociais o número inicial em 1992 era de 31%, mantendo-se até 2006 e logo em seguida passando a ser de 37,7% até 2012.

O caso de história segue um percurso de declínio: até 1992 possui 41%, ou seja, apresenta um grande número de docentes integrados (12 professores), seguido de uma queda em 1993-2005 (31%) e uma ligeira diferença a partir de 2006 (27%).

O número de docentes não informados varia enormemente conforme o departamento.

A tabela 4, diz respeito aos departamentos e aos docentes e suas respectivas titulações: doutorado, mestrado, graduação e aqueles que não informaram.

Tabela 4 – CCHLA/Titulação Máxima Docente

Titulação	DEPARTAMENTOS ²⁶													
	C. Sociais		Filosofia		História		S. Social		Letras		DELEM		Psicologia	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Dr.	35	77,77	15	78,94	28	96,55	19	73,07	52	81,25	35	63,63	33	76,74
Ms	10	23,23	4	11,06	1	3,45	6	23,07	10	15,62	20	36,36	9	20,93
Grad.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1,56	0	0	0	0
NI	0	0	0	0	0	0	1	3,84	1	1,56	0	0	1	2,32
Total	45	100	19	100	29	100	26	100	64	100	55	100	43	100

Dessa maneira, ao verificarmos os dados tabulares podemos perceber que enquanto o Departamento de Letras (DL) possui o maior número de docentes, ou seja, 64, enquanto o de Filosofia possui o menor contingente, pois não passa de 20 docentes. Já o Departamento de Ciências Sociais, na pós-graduação possui 46 docentes divididos na graduação entre: sociologia, antropologia e ciências políticas. No mestrado o curso está dividido entre: Sociologia e Antropologia, sendo que não possui o curso na área de Ciência Política. No caso da Antropologia, ela ainda é inexistente no doutorado. Quanto ao DLEM, notifica-se que não possui pós-graduação por se tratar de um curso de línguas que vai além do alunado da UFPB.

²⁶ Siglas utilizadas: NI – Não Informado

O número de doutores no corpo docente no departamento de História é de 28 professores chega a ser quase que totalmente preenchido (96,5%), enquanto possui apenas um mestre (3,45%). O departamento do DELEM, possui 35 professores com doutorado, mas proporcionalmente é o que possui menos doutores (63,3%).

No caso o DELEM, possui 20 mestres, percentual que corresponde ao maior número do CCHLA (36,36%).

Os departamentos de Serviço Social e Psicologia possuem um docente que não possui a titulação informada.

Nota-se, que as concepções teóricas de cada professor, podem variar enormemente conforme as reestruturações e modificações nas grades curriculares, alterações em linhas de pesquisas, demanda por produção bibliográfica, interesse e procura dos discentes por determinado assunto, além da expansão do próprio Programa de Pós-graduação.

Percebe-se que na maioria dos departamentos, o conjunto de atividades realizadas pelo docente como no caso suas linhas de pesquisa, orientações e dissertações, estão focadas quase que exclusivamente nas teorias e áreas de conhecimento especializado, vinculado a sua área de atuação.

Contudo, essa polifonia de temas não necessariamente implica em uma dispersão, mas em uma gama de interesses contemplados e pela razão da escolha do próprio discente pelo objeto a ser estudado, norteados pelas particularidades institucionais de determinados orientadores. Esse resultado tomará forma e se estenderá para as orientações durante a Pós-graduação.

Verifica-se que enquanto diversos professores possuem poucas ou nenhuma orientações, uma minoria possui um número de orientandos que chega a ser superior a trinta ou mais.

Na segunda etapa foi realizado o levantamento de dados de cada ficha resumo relacionados aos grupos de pesquisas, como o nome, o endereço do GP, o nome do líder e vice-líder e seus respectivos Currículo Lattes, centro e departamento, ano de fundação entre 1992 até 2012, descrição sobre o GP, titulação e endereço do Currículo Lattes dos pesquisadores, titulação e endereço do currículo Lattes dos estudantes, titulação e endereço do currículo Lattes dos técnicos, descrição das linhas de pesquisas e objetivos do GP e outras informações relacionadas ao número de estudantes por titulação de graduação, pós-graduação e o número de pesquisadores mestres e doutores.

A pesquisa iniciou-se no mês de greve, como já comentado acima, dificultando a ida para os centros, departamentos, cursos e núcleos.

Além disso, não foram encontrados os dados de alguns docentes e ficaram algumas dúvidas referentes a alguns campos tabulares. O site do departamento de Mídias Digitais não fora localizado. Além disso, a arquitetura de informação dos sites referentes a cada departamento, não segue um modelo de padronização dentro do CCHLA.

Outras questões que podem ser citadas são: links quebrados e algumas informações divergentes nos departamentos.

Cabe lembrar que os dados levantados referentes aos departamentos e os seus respectivos corpos docentes, passam por constantes mudanças, seja nos seus cargos, funções, atribuições e informações. Isso demonstra que essas tabelas não são estáticas, sofrendo alterações ao longo do tempo.

Os docentes não encontrados estão sendo registrados nas tabelas para que se possa eventualmente, buscar maiores informações indo a campo, diretamente no seu respectivo departamento.

Outro detalhe a ser levado em consideração foi quanto à busca de uma padronização do levantamento de dados em relação à tabela dos docentes em relação à atividade dos outros integrantes do projeto.

Devido o extenso período coberto pelo projeto e pela grande dispersão dos dados, nem sempre presentes na memória institucional da UFPB, sentiu-se a necessidade de construção de cenários por anos-base específicos. Cada departamento possui especificidade própria, respondendo a uma realidade distinta; embora estejam estruturados em cada tabela, procura-se entender os seus elementos de forma conjunta.

Conclusões

A produção desse tipo de conhecimento, proposto no projeto, pode ser interpretada de um lado, como memória institucional da produção universitária, no caso da UFPB, a partir de um eixo temático específico, no caso, mais uma vez, a cidade de João Pessoa, Paraíba; bem como, na forma de um elemento de caráter social, econômico e político, capaz de promover novas formas de interação científica associada ao processo de novas criações e descobertas.

É inegável a importância de pesquisas direcionadas para coleta de dados e produção intelectual, realizada não só no âmbito da UFPB, mas em outras universidades brasileiras. Novas propostas de análise e cruzamento dos dados tabulares, ainda estão em andamento, possibilitando a construção de artigos e resenhas acerca do assunto.

Com o tempo, buscou-se através desse projeto trazer benefícios que inicialmente não eram vislumbrados. Percebeu-se que a difusão de pesquisas desse porte, aos poucos ganhou maior amplitude e destaque, mesmo que diante de dificuldades como o imobilismo de instituições que em muitos aspectos ainda permanecem estáticas.

A organização desses dados procurou refletir os aspectos gerais e particulares do real, suas conexões e relações (SANTOS: 2009, p. 41) Essa trabalho sobre memória institucional, apesar de ser uma representação da realidade, não deixa de viabilizar o entendimento de seus elementos como um todo.

Procurou-se alcançar, ao termino da pesquisa, o registro mais completo possível do balanço comparativo da produção realizado na UFPB campus I, João Pessoa. Além disso, buscou-se promover a divulgação, visibilidade, saber e preservação da memória do GREM, desde sua fundação, até os dias atuais.

Viabilizou-se produzir uma racionalidade instrumental ao disponibilizar uma ferramenta de trabalho que possibilite a comunicação entre os saberes e os conhecimentos

já produzidos ou em produção, bem como descortinar a simbologia construída nos últimos 20 anos sobre João Pessoa.

Referências

ABREU, Regina. **Chiclete eu misturo com banana? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social.** In: Jô Gondar E Vera Dobrede (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, pp. 27-42

AQUINO, Mirian de Albuquerque et al. **RETIRANDO A PELE DA MEMÓRIA: a produção de conhecimento sobre negros (as) (in) visibilizada em anais de iniciação científica na UFPB, *Biblionline*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 46-57, 2011.**

AYELLO, M.A.B e outros. **A abordagem da produção científica como memória institucional: o caso da biblioteca do instituto de geociências da USP.** São Paulo. XIV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2008

D'ALESSIO, Márcia Mansor; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **A Esfera do Político na Produção Acadêmica dos Programas de Pós-Graduação (1985-1994).** *Estudos históricos*, n. 17: 123 149, 1996

DOBEDEI, Vera. **Memória, circunstância e movimento.** In: Jô Gondar E Vera Dobrede (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS- UERJ, 2005, pp. 43-54.

FERREIRA Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”.** *Educação & Sociedade*, ano XXIII, n. 79, Agosto/2002

GONDAR, Jô. **Quatro Proposições Sobre Memória Social.** In: Jô Gondar E Vera Dobrede (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, Pp. 11-26

KOURY, Mauro G. P. Projeto: **Balanço comparativo da produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, 1992-2012.** Projeto de Iniciação Científica / UFPB – Vigência 2012-2013.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Editora 34, Rio de Janeiro, 1994

MOREIRA, Kênia. **Livros didáticos como fonte de pesquisa: um mapeamento da produção acadêmica em história da educação.** *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.2, n.4, p.129-142, jan/abr. 2012.

NEUMAN, W. Lawrence. **Reading other people’s research.** In: *Social research methods*. 2ª ed. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1994, pp. 79-95

PATO, Claudia; SÁ, Laís Mourão & CATALÃO, Vera Lessa. **Mapeamento de tendências na produção acadêmica sobre educação ambiental.** *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.25, n.02: p.213-233, dez. 2009.

SANTOS, Cláudia O. **Memórias de docentes universitários e a produção do conhecimento no PPGE/UFMG.** Tese. Belo Horizonte: UFMG, 2009

SILVA, Maria das Graças Martins da. **A produção docente e a avaliação dos programas de pós-graduação: um estudo na pós-graduação da UFMT.** *Rev. Educ. Pública*, v. 18 n. 37: 383-401 maio/ago. 2009.

WRIGHT MILLS, C. **Do artesanato intelectual.** In: *A imaginação sociológica*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, pp. 211-243.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 01 – Apresentação 02

Mapeamento da produção da UFPB I Caso Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA

Franciely Fernandes Duarte²⁷

Resumo: O objetivo deste trabalho é o de fazer um mapeamento da produção discente e docente do CCSA/UFPB I sobre a cidade de João Pessoa nos últimos vinte anos- 1992-2012, tendo como foco o crescimento da UFPB, em específico o Centro de Ciências Sociais Aplicadas. E identificar as temáticas e linhas de pesquisa trabalhada por esses docentes, bem como os caminhos teórico-metodológicos enfrentados; Verificar o esforço de divulgação da produção sobre a cidade de João Pessoa no CCSA em congressos, revistas, livros, relatórios e os mapas simbólicos construídos sobre a cidade, através dos diversos recortes a que foi submetida. Este Mapeamento é parte integrante do projeto “Balanço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, PB, 1992-2012”, conduzido pelo GREM - Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções, sob a coordenação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Pretende-se estimular um debate sobre a cidade de João Pessoa, a partir da avaliação crítica destes últimos vinte anos de produção docente e discente sobre a cidade de João Pessoa, do balanço crítico-analítico da produção do GREM e do mapeamento da produção da UFPB, bem como organizar um banco de dados sobre João Pessoa, constando da produção não apenas do GREM, mas de toda a produção docente e discente da UFPB, que possibilite de modo permanente a visibilidade e a viabilidade de acesso ao material produzido na universidade e assim possivelmente instituir um fórum permanente de discussão teórico-metodológica na pesquisa sobre cidades (tendo a cidade de João Pessoa como sujeito), que envolva todos, ou os principais, pesquisadores interessados sobre o assunto na UFPB, através do GREM. **Palavras chave:** UFPB I, CCSA, Produção Docente

*

²⁷Bolsista PIBIC-CNPq/UFPB, graduanda curso Ciências Sociais/UFPB, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Koury.

Introdução

O presente relatório tem como objetivo mostrar todo processo realizado nesta pesquisa, desde o seu início até os resultados obtidos, evidenciando toda a metodologia trabalhada, bem como a leituras que serviram de subsídio para a pesquisa, dificuldades encontradas no seu percurso e dados coletados.

A pesquisa aqui apresentada corresponde à bolsa PIBIC-UFPB/CNPq 2012-2013, e apresenta um balanço da pesquisa em andamento no GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções, do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA) e do Departamento de Ciências Sociais (DSS) do Centro de Humanas e Letras (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a coordenação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, intitulada: “Balanço comparativo da produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, 1992 – 2012”. Este Relatório trata, especificamente, de um dos dois centros inicialmente destinados a minha pessoa, - o CCSA – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, - constantes do subprojeto 2: “Mapeamento da produção do Centro de Educação (CE) e do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), nos últimos vinte anos, sobre a cidade de João Pessoa, Paraíba”²⁸.

O objetivo deste subprojeto subdividido, então, foi o de “fazer um mapeamento da produção discente e docente do CCSA sobre a cidade de João Pessoa, identificando as temáticas e linhas de pesquisa dessa produção, bem como os caminhos teóricos e metodológicos enfrentados; Verificar o esforço de divulgação da produção sobre a cidade de João Pessoa no CCSA em congressos, revistas, livros e relatórios; Verificar os caminhos teóricos e metodológicos traçados pelos pesquisadores do CCHLA, e os mapas simbólicos construídos sobre a cidade de João Pessoa, através dos diversos recortes a que foi submetida nessa trajetória de pesquisa”.

O projeto principal, e todos os subprojetos a ele relacionados, enfim, apresentam por principal objetivo o de fazer um balanço comparativo entre a produção do GREM e a produção dos demais pesquisadores da UFPB campus I; e, em um segundo momento, objetivará o balanço da produção que tem a cidade de João Pessoa, PB como objeto. Os dois momentos assinalados têm a finalidade de traçar um panorama das temáticas trabalhadas, caminhos teóricos e metodológicos enfrentados e linhas de pesquisa em que situam a produção.

Durante os últimos 18 anos o GREM vem realizando pesquisas sobre a cidade de João Pessoa, tendo como foco principal as mudanças que passou e que passa a capital da Paraíba, outros grupos de pesquisa vinculados aos centros da UFPB ao longo dos anos também vem desenvolvendo pesquisas relacionadas à cidade de João Pessoa. Dessa forma um dos objetivos principais da pesquisa é fazer um mapeamento da produção discente e docente da UFPB sobre a cidade de João Pessoa identificando temáticas e linhas de

²⁸Pelo volume de dados, foi necessário subdividir o subprojeto 2, em dois planos de atividades, cabendo ao pesquisador em questão, apenas o CCSA, e ficando o outro centro, o CE – Centro de Educação, - sob a responsabilidade do Assistente de Pesquisa do GREM, Raoni Borges Barbosa.

pesquisas sobre essa produção como também verificar os esforços de divulgação dessa produção em congressos, revistas, livros e relatórios pelos seus autores. Este objetivo, porém, é de longo alcance.

Foi realizado pelos pesquisadores envolvidos no projeto, durante o período da bolsa PIBIC, a busca de dados que delineiem um perfil docente e discente e suas produções, no interior das mudanças e desenvolvimentos tanto no plano de crescimento físico e infraestrutural da UFPB, quanto no processo de renovação de quadros e dinâmicas graduadas e pós-graduadas e de pesquisa em seu interior. Só após o desenvolvimento desse cenário e da construção de outros, ao longo dos vinte anos que cobrem a pesquisa, é que o projeto se dedicará à temática central, que é o foco analítico sobre a capital do estado da Paraíba, João Pessoa. Dessa forma este projeto é um estudo de longo prazo.

Assim, se pretende estimular, a partir da avaliação crítica destes últimos vinte anos de produção docente e discente sobre a cidade de João Pessoa, um balanço crítico-analítico da produção do GREM e do mapeamento da produção da UFPB; bem como organizar um banco de dados sobre a cidade de João Pessoa, no GREM. Banco de Dados este onde conste a produção não apenas do GREM, mas de toda a produção docente e discente da UFPB. O que possibilitará, de modo permanente, a visibilidade e a viabilidade de acesso ao material produzido na universidade e assim possivelmente instituir um fórum permanente de discussão teórico-metodológica na pesquisa sobre cidades (tendo a cidade de João Pessoa como sujeito), que envolva todos, ou os principais, pesquisadores interessados sobre o assunto na UFPB, através do GREM.

Balanço da literatura trabalhada - Estado de Arte

Durante todo o período da bolsa, foram realizadas leituras e discussões sobre uma literatura de apoio à pesquisa e a análise pretendida dos dados coletados. A finalidade desse estudo foi o de traçar um panorama das temáticas trabalhadas, conjuntos teóricos e metodológicos enfrentados e linhas de pesquisa em que situam a produção, buscando não somente organizar as linhas de pesquisas principais em desenvolvimento na UFPB sobre a cidade de João Pessoa, mas, também, enfatizar temas cruzados no interior dessa produção, bem como temáticas novas que poderiam enriquecer no processo de troca e sistematização entre grupos acadêmicos que poderá ocorrer no interior da UFPB. Do mesmo modo, a cidade é entrevistada através de aspectos ligados ao passado, e em relação ao presente e futuro; tanto em relação ao seu patrimônio material e imaterial, no esforço do registro arquitetônico da cidade, e do registro cultural: manifestações culturais populares, formas de falar, festas religiosidade, expressões artísticas, teatro, dança, fotografia, cinema, entre outros.

Para iniciarmos e durante todo o percurso da pesquisa foram realizados *Seminários Teórico-Metodológicos* (T-M). Neles foram realizadas leituras de diversos textos seguidos de resumos e apresentação dos mesmos em reuniões como o coordenador do projeto e os demais integrantes da pesquisa.

A bibliografia serviu como subsídio para proporcionar uma maior familiaridade com as ferramentas metodológicas utilizadas no decorrer da pesquisa; foram trabalhados textos acadêmicos relacionados a teoria e a métodos de pesquisa que ajudassem a refletir melhor os rumos a tomar pelo projeto relacionado às bolsas PIBIC. Foram lidos e trabalhados autores tais como: Moreira (2012); Pato (2009), Ferreira (2002); Neuman (1994); Gondar (2005); Abreu (2005); Dobedei (2005); Moreira (2012); Wright Mills (1969); Aquino (2011); D'alessio (1996); Santos (2009); Silva (2009); Ayello (2008), onde estes trouxeram diversas formas e técnicas de pesquisa no meio acadêmico, como formas de mapeamento, ideia de produção de memória pelos docentes na academia, através de diversas formas de publicações.

Um dos passos para a construção deste relatório foi a leitura desses autores, utilizando esse arcabouço teórico-metodológico como ponto de partida para a construção do nosso estado de arte. Iniciamos um diálogo com o texto de Ferreira (2002) “*As Pesquisas denominadas Estado da Arte*” onde o mesmo discorre sobre a importância de utilizar algumas ferramentas durante uma pesquisa para a construção de um estado de arte. Dessa mesma forma, prosseguimos com Mills (1969) que traz a concepção de que, para uma pesquisa ter um bom início e um bom resultado, é necessário a construção e utilização de ferramentas para chegar aos resultados desejados.

Ferreira (2002) traz a importância de se usar os resumos como método de análise de um determinado material, enfatizando a importância de aproveitar o tempo o máximo possível, pois muitas vezes o pesquisador se retém a textos completos, inteiros e assim perdem muito tempo. Ferreira relata esse fato e indica o resumo como uma ferramenta válida para o levantamento de dados, pois o mesmo para ela tem a capacidade de passar de uma forma sistemática todo o conteúdo contido em um texto completo.

Mills (1969) diz que deve se organizar um arquivo, onde o estudioso como artesão intelectual, tentará juntar o que está fazendo intelectualmente, servindo como controle para evitar repetições de trabalho, entrando em consenso com o que é colocado por Newman (1994) em seu “*Social Research Methods: qualitative and quantitative approaches*”, traz exemplos de métodos e tipos de revisão de leitura, colocando-os como formatos de comunicação acadêmica, imprescindível ao pesquisador em exercício do fazer. De acordo com Newman, assim, a revisão literária poupa tempo e esforços ao evitar que o pesquisador repita a leitura propostas de pesquisas já trabalhadas.

Os relatos de Newman em relação à Resenha Literária tornam-se necessários, pois enfatiza a importância de sua utilização como uma técnica rápida e bem sucedida de pesquisa, para uma breve análise a respeito do material já existente sobre a temática. Para Newman uma resenha da literatura se baseia na suposição de que o conhecimento se acumula que aprender e construir sobre o que os outros fizeram. Realizar pesquisas científicas não é uma atividade de eremitas isolados que ignoram resultados dos outros, pelo contrário, é um esforço coletivo de vários pesquisadores.

Moreira (2012), Pato (2009), trazem em seus textos métodos de levantamento de dados, métodos os quais eles utilizaram como ferramentas para chegarem aos seus objetivos

de estudos, como por exemplo a análise de resumos, resenhas, todos levando em consideração a localização espacial ; articulação entres as áreas de conhecimento e a linhas de tempo associada a diversificação temática teórica e metodologica das produções acadêmicas já existentes até o presente momento das pesquisas. Essa análise realizada por autores nos mostra a impotância de uma boa utilização do tempo na hora do levantamento de dados, nos trazendo metodos aos quais segundo eles podemos chegar ao objetivo proposto por uma pesquisa

A revisão literária contribui significativamente para a sistematização dos produtos desejados e das ideias durante a pesquisa, dessa forma se adota neste relatório a leitura e organização de arquivos com resumos e resenha de todo o material teórico abordado nas reuniões decorrentes da pesquisa, como o intuito de alcançarmos um estado de conhecimento sobre temas aqui abordados. O GREM utiliza esses métodos para obter fontes documentais sobre determinados assuntos, pois ao utilizar esses métodos como ferramentas para se chegar aos objetivos de estudos, como, por exemplo, a análise de resumos, resenhas, se tem, ainda, que levar em consideração a localização temporo-espacial. A articulação entres as áreas de conhecimento e a linhas de tempo e do espaço, dessa forma associada a diversificação temática teórica e metodologica das produções acadêmicas nos mostra a importância de uma boa utilização do tempo e espaço na hora do levantamento de dados, trazendo métodos que permite uma melhora no desempenho da pesquisa e ao chegar aos objetivos propostos.

Nas discussões do Seminário T-M abordou, também, leituras a respeito da memória social: já que um dos nossos objetivos é tratar e averiguar as formas que está sendo estudada a cidade de João Pessoa pelos discentes e docentes da UFPB nos últimos 20 anos, isto é, uma análise dos diversos materiais produzidos no âmbito acadêmico referentes a cidade de João Pessoa, no Campus I da UFPB.

Segundo Abreu (2005) para que ocorra uma relação entre teoria e a prática de pesquisa, a pesquisa deve manter um diálogo permanente com a teoria e os dados coletados; ela afirma, também, que a dimensão coletiva de uma pesquisa, em que tradições, autores e correntes teóricas se encontram, não pode ser ignorada, principalmente, em se tratando de memória social, por ser este um termo transdisciplinar. Pois, segundo a autora: *“existe diferentes maneiras de conceber a memória social e diversos modos de abordá-la, envolvendo posições teóricas, éticas e políticas diversas. Estamos diante de um território móvel, cujas fronteiras alojam uma multiplicidade de definições”*. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 11).

Gondar diz ainda que a memória pode ser entendida como polissêmica, pois a mesma comporta diversas significações.

A polissemia da memória não é objeto de controvérsias e tampouco se pretende aqui colocá-la em discussão. Ela é uma importante baliza diante das tentativas de autoritarismo conceitual. Devemos, todavia, estar precavidos em relação ao perigo que sua mera constatação comporta: se nos limitamos a afirmar a memória como algo polissêmico, corremos o risco de tornar equivalentes suas múltiplas significações, aplainando suas diferenças e as consequências teóricas e praticas de cada uma delas. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 12).

Com isso entendemos que estudar sobre memória social é adentrar em um labirinto de significados, pois o conceito de memória é repleto de significações. Gondar e Dodebei (2005) traz, em seu livro: “*O que é memória social?*” diversas formas de se tratar o conceito de memória social, tentando desnaturalizar um pré-conceito e uma redução derivada do campo de estudos em memória social: de que a memória seria um sinônimo de representação coletiva.

[...] pesamos memória social como um processo. É um processo do qual as representações são apenas uma parte: aquela que se cristalizou e se legitimou em uma coletividade. A memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações; ele se exerce também em uma esfera irresponsável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras. (GONDAR; DODEBEI, 2005, p. 24)

De acordo com Gondar e Dodebei (2005) pensar a memória como um processo não significa excluir dele as representações coletivas, apenas tomar cuidados ao reduzir seu significado a quaisquer dimensões, pois dessa forma corre-se o risco de perder a riqueza do conceito.

Metodologia

Como procedimento inicial de pesquisa sobre os centros, foi realizado um levantamento de dados a respeito do corpo docente do CCSA, do CE e do CCHLA²⁹. Pelo volume de dados e a dificuldade de reuni-los, foi decidido pelo coordenador e orientador do projeto maior, trabalhar sobre a produção discente em um segundo momento da pesquisa. Como já informado, neste relatório e durante toda a bolsa PIBIC 2012-2013, se irá trabalhar os dados do CCSA - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da UBPB – Campus I.

A busca foi realizada inicialmente pela internet, onde se procurou levantar dados sobre algumas categorias desenvolvidas durante a pesquisa referentes à: Titulação dos docentes; Ano de entrada no quadro institucional da UFPB e Status, entendendo a categoria Status como definição do seu nível de vinculação institucional com a UFPB em relação aos níveis de carreira docente.

Os dados coletados até o presente momento sobre o CCSA informam que o mesmo é constituído por seis departamentos: Administração, Ciência da informação, Relações internacionais, Ciências contábeis, Economia e Ciências atuariais, os quais oferecem nove cursos, sendo cinco deles de graduação (Bacharelado Administração, Bacharelado. Biblioteconomia, Bacharelado, Arquivologia, Bacharelado, Relações internacionais e Bacharelado. Economia), três de mestrado (Curso de mestrado em administração, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Programa de Pós-Graduação em Economia) e um único de doutorado (Economia).

²⁹Centros até agora em trabalho pela pesquisa maior.

Tabelas e Resultados

Levando em consideração as dificuldades que serão apresentadas no próximo tópico e possíveis hiatos no mapeamento até agora realizados, apresentamos algumas tabelas que apresentam alguns elementos importantes para a configuração do quadro docente do CCSA, tomando como ano base 2012³⁰.

A Tabela I, por exemplo, abaixo, mostra a titulação docente por departamento do CCSA.

Tabela I CCSA- 2012- Titulação de professores por departamento

Titulação	DEPARTAMENTOS											
	Administração		C. Informação		Contábeis		Economia		R. Internacionais		C. Atuariais	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Dr.	23	67,65	15	45,45	5	14,71	23	62,16	2	20	3	27,27
ME	8	23,53	18	54,55	15	44,12	11	29,73	8	80	8	72,72
G	1	2,94	0	0	2	5,88	2	5,41	0	0	0	0
NI³¹	2	5,88	0	0	12	35,29	1	2,70	0	0	0	0
Total	34	100	33	100	34	100	37	100	10	100	11	100

O departamento de Administração conta com 34 docentes, dos quais 23 são doutores e 8 mestres. A grande maioria obteve a titulação ainda na década passada: 7 na Europa, 11 na UFPB e os demais em diversas instituições de ensino superior do país. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB a partir da década de 90 (28) e atua hoje na condição de professor adjunto (14).

O departamento de Ciências da Informação conta com 33 docentes, dos quais 15 são doutores e 18 mestres. A grande maioria obteve a titulação ainda na década passada: 17 na UFPB, 3 na UFMG, 2 na Europa e os demais em diversas instituições de ensino superior do país. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB a partir da década de 90 (29) e atua hoje na condição de professor adjunto (8), assistente (13) ou associado (6).

O departamento de Ciências Contábeis conta com 33 docentes, dos quais 5 são doutores e 14 mestres. A grande maioria obteve a titulação ainda na década passada: 12 na UFPB, 4 na UFMG, 1 na Europa e os demais em diversas universidades nacionais. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB na das décadas de 70 (10) e 90 (9) e atua hoje na condição de professor adjunto (13) ou assistente (3).

O departamento de Economia conta com 37 docentes, dos quais 23 são doutores e 11 mestres. A grande maioria obteve a titulação a partir dos anos 2000: 5 na Europa, 13 na UFPB, 9 na UFPE e os demais em diversas instituições de ensino superior do país. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB a partir da década de 2000 (16) e atua hoje na condição de professor adjunto (22) ou assistente (6).

³⁰Todas as tabelas e resumos se encontram em um Relatório Parcial maior elaborado para a pesquisa, e depositado no GREM, grupo executor do projeto.

³¹NI = Não Informaram.

O departamento de Relações Internacionais conta com 10 docentes, dos quais 2 são doutores e 8 mestres. A grande maioria obteve a titulação ainda na década passada: nas mais diversas universidades nacionais. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB recentemente (8) e atua hoje na condição de professor assistente (6).

O departamento de Ciências Atuariais conta com 11 docentes, dos quais 3 são doutores e 8 mestres. A maioria obteve a titulação recentemente: 4 na UFPB, 1 na Europa e os demais nas mais diversas universidades nacionais. Grande parte dos docentes tornou-se quadro da UFPB recentemente (8) e atua hoje na condição de professor adjunto (3) ou assistente (3).

No departamento de Administração podemos verificar de acordo com as informações encontradas no *Currículo Lattes* de cada professor que apenas 01 professor está participando de grupo de pesquisa, no departamento de Ciência da Informação temos 09 professores do total de 33, participando de algum grupo de pesquisa, no departamento de C. Contábeis, não constatamos nenhum professor que esteja vinculado a algum grupo de pesquisa, no departamento de economia temos 2 professores do total de 37 participando de algum grupo de pesquisa, no departamento de Relações Internacionais temos 1 professor do total de 10 professores que está participando de grupo de pesquisa, no departamento de C. Atuariais temos 1 professor participando de pesquisa do total de 11 professores no departamento.

Podemos observar de acordo com os dados coletados referentes aos professores do departamento de Relações Internacionais que temos um bom número de professores que orientaram monografias, dentre o total de 10 professores apenas 3 professores não participaram de nenhum nível de orientação (graduação, mestrado, doutorado), onde apenas 1 foi orientador de mestrado e nenhum dos professores orientaram doutorado. Na mesma situação está os docentes de Ciências Atuariais, onde nenhum dos professores orientaram doutorado e apenas um orientou dissertações de mestrado, em um total de 11 professores 6 professores não realizaram até o presente momento nenhum tipo de orientação (graduação, mestrado, doutorado). Podemos dizer que esse resultado se dá pelo fato de ambos os departamentos terem sido fundados recentemente.

Como se pode constatar nas tabelas abaixo [Tabelas II a VII], sobre a relação entre docentes do CCSA por departamento e o montante de orientações orientadas, por cada docente em relação a monografias de graduação e especialização, quanto a trabalhos de pós-graduação [mestrado e doutorado], a produção varia de acordo com o número docente e de cursos disponibilizados por departamento, de um mesmo centro, aqui o CCSA, e, também, de acordo com o tempo de fundação de cada curso.

**Tabela II - Produção Acadêmica/Orientação Docente – CCSA
Relações Internacionais (10 Docentes)**

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	91	91
Dissertações	0	01	01
Teses	0	0	0
Total	0	92	92

Obs.: 2 Trabalhos [92 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

**Tabela III - Produção Acadêmica– Orientação Docente – CCSA
Ciências atuariais (11 docentes)**

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	51	51
Dissertações	0	3	3
Teses	0	0	0
Total	0	54	54

Obs.: 4 trabalhos [54 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

**Tabela IV - Produção Acadêmica/Orientação Docente – CCSA
Administração (34 docentes)**

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	660	660
Dissertações	0	132	132
Teses	0	07	07
Total	0	799	799

Obs.: 150 trabalhos [797 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

Tabela V - Produção Acadêmica/Orientação Docente – CCSA Economia (37 docentes)

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	878	878
Dissertações	0	258	258
Teses	0	40	40
Total	0	1.176	1.176

Obs.: 420 trabalhos [1.176 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

**Tabela VI - Produção Acadêmica/Orientação Docente – CCSA Ciências Contábeis (34
docentes)**

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	308	308
Dissertações	0	23	23
Teses	0	13	13
Total	0	334	334

Obs.: 48 trabalhos [334 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

**Tabela VII - Produção Acadêmica – CCSA
Ciência da Informação (33 docentes)**

Produção Docente (Formação)	Temas não Informados	Temas Informados	Total
Monografias	0	634	634
Dissertações	0	162	162
Teses	0	32	32
Total	1	828	828

Obs.: 129 Trabalhos [828 Total] se referem diretamente à cidade de João Pessoa – PB, já no título.

Podemos dizer de acordo com as tabelas acima que o departamento de Ciências Internacionais possui uma produção já significativa, levando em consideração a quantidade de professores e o fato de se tratar de um curso recente, igualmente com o curso de Ciências Atuarias. Os cursos de Ciência da Informação, Administração, Ciências Contábeis e Economia em comparação com os demais têm um nível de produção maior, porém deve se ressaltar que se trata de curso mais antigos.

É importante salientar, ainda, que, ao se levar em conta as informações coletadas de forma mais geral até o presente momento, se pode observar que todos os cursos possuem trabalhos referentes à cidade de João Pessoa. Essa informação pode ser visualizada apenas ao observar os títulos dos trabalhos existentes em cada curso; se acredita, porém, que esse número de trabalhos já encontrados irá aumentar ao realizar uma observação mais

detalhada que seria a leitura dos resumos de cada trabalho desses cursos, para que assim seja possível averiguar todos os trabalhos que tenha como força problemas direcionados a cidade de João Pessoa.

Dificuldades Encontradas

Durante o processo de pesquisa foram encontradas algumas dificuldades no processo de levantamento de dado, pois a mesma iniciou sua atividade em momento de greve na instituição a qual temos como campo de pesquisa (UFPB) o que dificultou o acesso a alguns ambientes da universidade, impedido o contato com servidores, coordenadores que poderiam auxiliar na coleta de algumas informações necessária a pesquisa.

A procura de dado pela internet a principio foi um pouco contida, pois alguns dos departamentos pesquisados não tinham seus sites atualizados impossibilitando assim uma coleta de dados mais precisa, dessa forma notamos a necessidade de procurar outros meios para a coleta desses dados. Cada bolsista ficou responsável de se dirigir a direção dos centros estudados para pedir as informações necessárias e assim dar continuidade a pesquisa. As dificuldades relatadas foram superadas, o que possibilitou a produção dos resultados descritos neste relatório.

A conciliação entre graduação e projeto de pesquisa, foi um processo difícil e superado entre os integrantes da pesquisa, bem como a falta de uma sala ambiente para a realização do mapeamento e equipamentos tecnológicos que serviriam de ferramenta para a pesquisa em andamento.

As dificuldades aqui apresentadas foram enfrentadas, com foco principal em apresentar os resultados da pesquisa de forma mais clara possível e verídica. A pesquisa tem caráter importantíssimo para os integrantes, pois auxiliou tanto na vida acadêmica como pessoal da melhor forma possível, pois a mesma possibilitou obtenção de diversas formas de conhecimento assim como técnicas e métodos de pesquisa que auxiliará aos indivíduos nela envolvidos durante toda sua vida acadêmica.

Foi realizado também, pelos pesquisadores bolsistas (eu e o Inã Cândido) e pelo assistente de pesquisa do GREM (Raoni Borges Barbosa), em um segundo momento, durante a pesquisa, o levantamento e fichamento dos GPs (Grupos de Pesquisa) aprovados pela UFPB e constantes do banco de pesquisa do CNPq. Foi feito um mapeamento de todos os grupos de pesquisa da UFPB Campus I, tendo o ano de 2012 como base. Neste mapeamento se buscou informações a respeito do nome do grupo de pesquisa (GP), o endereço do GP, o nome do líder e vice-líder e seus respectivos Currículo Lattes, centro e departamento, ano de fundação entre 1992 até 2012, descrição sobre o GP, titulação e endereço do Currículo Lattes dos pesquisadores, titulação e endereço do Currículo Lattes dos estudantes, titulação e endereço do Currículo Lattes dos técnicos, descrição das linhas de pesquisas e objetivos do GP, entre outras informações, a pesquisa deste, contudo, foi realizada pela internet, e esta de acordo com os dados informados nos sites pesquisado da instituição.

Conclusão

Um dos principais focos da pesquisa, deste modo, foi, e é, a importância de um mapeamento acadêmico sobre a produção docente e discente no âmbito da Universidade. O mesmo serve para compreendermos e situar o momento acadêmico vivenciado por seus docentes e discentes no que se refere a produção, permitindo obter um maior conhecimento sobre as temáticas abordadas no decorrer dos anos até a atualidade. E, a partir desse pensamento, buscamos conhecer e compreender a produção da UFPB sobre a cidade de João Pessoa em pesquisas futuras, que darão continuidade ao projeto em questão.

Com os resultados aqui encontrados foi possível perceber que a Universidade Federal da Paraíba, em específico o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) teve um forte crescimento nos últimos anos, tanto em termo de funcionários, docentes, e também em número de discentes, como também em produção pelos mesmos.

Dessa forma, foi possível perceber no CCSA, a existência de dois quadros de departamentos, um primeiro quadro estaria constituído por departamentos mais antigos e o segundo por departamentos novos, criados recentemente, fato que afirma o crescimento do centro. Foi possível perceber também que a produção acadêmica a variável e independente da classificação aqui apresentada –departamentos novos e antigos- onde a produção pode ser tão significativa nos departamentos mais recentes do centro quanto nos departamentos mais antigos.

Os dados aqui expostos e apresentados servem como incentivo a um estudo mais detalhado e profundo sobre a produção acadêmica no CCSA, estimulando assim novas pesquisas sobre a temática como também para incentivo do estudo de novos centros tanto da UFPB, quanto de outras instituições de ensino do mundo.

Concluindo: no período inicial da pesquisa, os primeiros seis meses, todo o debate foi interno, tendo como suporte os Seminários Teórico-Metodológicos (T-M) da pesquisa, bem como dedicados ao trabalho de campo. O segundo período os integrantes se dedicaram a análise dos dados de todo material levantado e sistematizado que serviram como objeto de reflexão e debates na participação de Encontros, Congressos e Fóruns diversos, como também na finalização deste trabalho.

Referências

ABREU, Regina. **Chiclete eu misturo com banana? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social.** In: Jô Gondar E Vera Dobedei (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, pp. 27-42

AQUINO, Mirian de Albuquerque et al. **RETIRANDO A PELE DA MEMÓRIA: a produção de conhecimento sobre negros (as) (in) visibilizada em anais de iniciação científica na UFPB, *Biblionline*, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 46-57, 2011.**

AYELLO, M.A.B e outros. **A abordagem da produção científica como memória institucional: o caso da biblioteca do instituto de geociências da USP.** São Paulo. XIV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2008

D'ALESSIO, Márcia Mansor; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. A Esfera do Político na Produção Acadêmica dos Programas de Pós-Graduação (1985-1994). **Estudos históricos**, n. 17: 123-149, 1996

DOBEDEI, Vera. **Memória, circunstância e movimento**. In: Jô Gondar E Vera Dobedei (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS- UERJ, 2005, pp. 43-54.

FERREIRA Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, Agosto/2002

GONDAR, Jô. **Quatro Proposições Sobre Memória Social**. In: Jô Gondar E Vera Dobedei (Orgs). *O Que é Memória Social?* Rio De Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, Pp. 11-26

KOURY, Mauro G. P. Projeto: **Balço comparativo da produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, 1992-2012**. Projeto de Iniciação Científica / UFPB – Vigência 2012-2013.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Editora 34, Rio de Janeiro, 1994

MOREIRA, Kênia. Livros didáticos como fonte de pesquisa: um mapeamento da produção acadêmica em história da educação. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.2, n.4, p.129-142, jan/abr. 2012.

NEUMAN, W. Lawrence. **Reading other people's research**. In: *Social research methods*. 2ª ed. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1994, pp. 79-95

PATO, Claudia; SÁ, Laís Mourão & CATALÃO, Vera Lessa. Mapeamento de tendências na produção acadêmica sobre educação ambiental. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.25, n.02: p.213-233, dez. 2009.

SANTOS, Cláudia O. **Memórias de docentes universitários e a produção do conhecimento no PPGE/UFMG**. Tese. Belo Horizonte: UFMG, 2009

SILVA, Maria das Graças Martins da. A produção docente e a avaliação dos programas de pós-graduação: um estudo na pós-graduação da UFMT. *Rev. Educ. Pública*, v. 18 n. 37: 383-401 maio/ago. 2009.

WRIGHT MILLS, C. **Do artesanato intelectual**. In: *A imaginação sociológica*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, pp. 211-243.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 01 – Apresentação 03

Produção Acadêmica UFPB I Caso Centro de Educação – CE

*Raoni Borges Barbosa**

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar o estado atual do Mapeamento da Produção do Centro de Educação da UFPB I, de 1992-2012. Devido ao grande período coberto pelo projeto e pela grande dispersão dos dados, nem sempre presentes na memória institucional da UFPB, sentiu-se a necessidade de construção de cenários por anos-base específicos. No caso, optou-se iniciar pelo ano-base 2012, com disponibilidade em várias instâncias institucionais, para, a partir de então, se construir retrospectivamente novos cenários de produção local. Este Mapeamento é parte integrante do projeto “Balanço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, PB, 1992-2012”, conduzido pelo GREM - Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções, sob a coordenação do Prof. Dr. Koury. Os objetivos gerais são o de avaliar e organizar um Banco de Dados sobre a produção desenvolvida na UFPB campus I que tenha a cidade de João Pessoa como objeto de estudo. O balanço crítico-analítico e o mapeamento da produção acadêmica sobre João Pessoa, consolidados num Banco de Dados operacional, permitirão, assim, uma Política de Trocas e de Visibilidade, bem como a instituição de um Fórum Permanente para a discussão Teórico-Metodológica sobre cidades. A pesquisa almeja imprimir à atividade acadêmica da UFPB I uma racionalidade instrumental ao disponibilizar uma ferramenta de trabalho que possibilite a comunicação entre os saberes e os conhecimentos já produzidos ou em produção, bem como descortinar a simbologia construída nos últimos 20 anos sobre João Pessoa. **Palavras-Chave:** produção acadêmica, UFPB I, Centro de Educação, cidade de João Pessoa

*

*Assistente de Pesquisa GREM, mestrando em Antropologia do PPGA/UFPB, sob orientação do Prof. Dr. Mauro Koury.

Introdução

Este artigo trata da experiência adquirida a partir do subprojeto *Mapeamento da Produção do Centro de Educação da UFPB campus I, de 1992-2012*, parte integrante do projeto “Balanço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, 1992-2012” (KOURY, 2012), conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Sociologia e Antropologia das Emoções (GREM), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), ao Departamento de Ciências Sociais (DCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a coordenação do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury.

O GREM há 19 anos realiza pesquisas sobre a cidade de João Pessoa, Paraíba, enfocando as mudanças que reestruturam e ressignificam o espaço societal urbano a partir, por exemplo, de estudos sobre histórias de bairros, medos corriqueiros, emoções, sofrimento social; luto individual e público; projetos individuais e coletivos, costumes, entre outros. A linha de pesquisa GREM na qual o Projeto supracitado se insere denomina-se *Observatório sobre Cidades* e seu objetivo maior consiste na elaboração de um Banco de Dados sobre a produção acadêmica e estudos que tem como universo temático a cidade de João Pessoa. A linha de pesquisa GREM *História das Ciências Sociais* também abriga o Projeto em tela, uma vez que este busca produzir um balanço da produção acadêmica dos que atuam nas Ciências Sociais, na UFPB campus I, bem como do intercruzamento desta produção com outras áreas disciplinares locais, regionais, nacionais e internacionais, no período estudado pelo projeto. Com isto se pretende aumentar a eficiência e a efetividade da atividade acadêmica na produção e na divulgação de conhecimentos mediante a superação de problemas como “arquivo morto” na Academia e “assimetria e ausência comunicacional” entre os pesquisadores. Estes dois problemas configuram a justificativa maior da pesquisa.

Os objetivos gerais do “*Projeto Balanço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, 1992-2012*” podem ser resumidos em dois pontos: Primeiro o de avaliar a produção desenvolvida pelo GREM e organizar um Banco de Dados que a torne acessível à comunidade científica e outros. O segundo objetivo consiste em fazer o mesmo com a produção desenvolvida na UFPB campus I que tenha a cidade de João Pessoa como objeto de estudo. Esta deve ser analisada criticamente, submetida a um esforço comparativo e, por fim, sistematizada de modo a torná-la uma ferramenta de trabalho transparente e acessível. O balanço crítico-analítico e o mapeamento da produção acadêmica sobre João Pessoa, consolidados num Banco de Dados operacional, permitirão, assim, uma Política de Trocas e de Visibilidade, bem como a instituição de um Fórum Permanente para a discussão Teórico- Metodológica sobre cidades. A pesquisa em curso almeja imprimir à atividade acadêmica da UFPB I a racionalidade instrumental que ora lhe falta ao disponibilizar uma ferramenta de trabalho que possibilite a comunicação entre os saberes e os conhecimentos já produzidos ou em produção, bem como descortinará a simbologia construída nos últimos 20 anos sobre a cidade de João Pessoa.

A sociologia e a antropologia urbana e das emoções são o substrato teórico-metodológico da pesquisa, de modo geral. Estas disciplinas se encontram na microanálise do cotidiano da comunidade paradoxal que é a metrópole moderna. A diversidade de modos e estilos de vida, as interações hipercomplexas, tensas e politexturais que perfazem a cultura emotiva urbana, em constante atualização e ressignificação por parte do indivíduo relacional, constituem o objeto de estudo destas disciplinas. Nesta primeira fase, porém, as discussões teórico-metodológicas foram organizadas de modo a incutir nos envolvidos no projeto um espírito de grupo e um senso agudo de responsabilidade pela produção, sempre coletiva. Assim que encontros quinzenais, ou mesmo mensais, a depender do desenrolar das atividades, foram realizadas. Esses encontros foram registrados em atas produzidas em sistema de rodízio pelos bolsistas PIBIC e pelo estagiário voluntário.

O momento atual da pesquisa é o do levantamento dos dados existentes em todos os Centros que compõem a UFPB campus I, para conhecer sua produção, docente e discente, distribuída em departamentos, cursos de graduação e pós, núcleos e bases de pesquisa. Este artigo cobre o Mapeamento da Produção do CE - Centro de Educação da UFPB campus I, de 1992-2012, e objetiva reunir as primeiras informações sobre a produção acadêmica deste Centro. Neste sentido, informações gerais sobre o Centro e seus docentes são colhidas, mas não, ainda, as informações referentes aos trabalhos acadêmicos sobre a cidade de João Pessoa. Estes dados brutos foram organizados em tabelas Excel e, posteriormente, cruzados e organizados em tabelas. Para tanto, foi necessário uma ampla busca por informação nos sites da UFPB e do CNPq/Lattes.

Discussões e Resultados Parciais

Os resultados parciais da pesquisa em tela serão apresentados em dois momentos: o balanço da literatura processada nas discussões teórico-metodológicas e a descrição e análise das tabelas construídas a partir dos dados colhidos durante esta primeira fase de atividades.

Balanço da literatura trabalhada: O Estado de Arte aplicado à Pesquisa

A discussão teórico-metodológica conduzida nesta primeira fase da pesquisa abordou os seguintes temas: métodos qualitativos e quantitativos em pesquisa social; revisão de literatura; mapeamento da produção acadêmica; pesquisa 'estado de arte'; imaginação sociológica; memória social e institucional; pesquisa científica e poder social; produção docente e discente em uma IES; influência da avaliação CNPq/CAPES sobre a produção acadêmica, os quais serão detalhados a seguir. Foram trabalhados quatorze textos de autores nacionais e estrangeiros, sendo estes em formato de artigos, ensaios, teses e outros.

O primeiro texto a ser discutido (NEWMAN, 1994) apresentou os aspectos centrais dos métodos quantitativos e qualitativos em pesquisa social, enfatizando a importância do pesquisador em desenvolver o hábito de construir bancos e arquivos bibliográficos em diversos formatos comunicacionais acadêmicos: para estudo individual

(se insere em um programa educacional); contextual (contextualiza um projeto atual no âmbito da área de conhecimento na qual este deve se inserir); histórico (apresenta a evolução de um tema ou teoria específica ao longo do tempo); teórico (analisa a proposta de um grupo de teorias a respeito de um mesmo tema, confrontando-as); metodológico (aborda a consistência metodológica de estudos realizados) e integrativo (apresenta o estado de arte de um tema específico, conectando estudos dispersos). O texto de Newman buscou oferecer respostas a um conjunto de questões básicas que norteiam a vida acadêmica, no que tange à prática da pesquisa, de modo que o estudante e o pesquisador dominem a habilidade fundamental de ler crítica e construtivamente a produção científica de seus pares. Neste sentido, a obra contribuiu bastante para o andamento do projeto.

Wright Mills (1969) apresenta a questão da ciência como um modo de vida. O autor argumenta que o 'eu' do intelectual se forma com o domínio progressivo do ofício, de modo que há um envolvimento completo do artesão intelectual em toda a sua produção. O amadurecimento do intelectual se dá a partir da interiorização de hábitos que potencializam e aprofundam a sua capacidade analítica e produtiva, como manter um diário para o registro de experiências pessoais e dos pensamentos marginais que a perpassam, de maneira a organizar a vida interior, manter desperta a mente e consolidar o hábito da escrita acurada e concisa. Mills enfatiza a necessidade de manter arquivos pessoais de projetos, bem como de revisar problemas e planos que angustiam o intelectual. Este texto se coloca como divisor de águas na pesquisa, uma vez que aborda o fazer científico como atividade visceral do pesquisador enquanto ser e estar no mundo, ou seja, a pesquisa deve ser vivida de forma intensa pelo pesquisador, ocupando parte importante de sua vida mental.

Em seguida foi abordado o tema do mapeamento de produção científica, onde, foram trabalhados quatro textos. O primeiro deles (PATO, SÁ e CATALÃO, 2009) discutiu a necessidade de construir uma identidade político-pedagógica para as atividades de pesquisa em Educação Ambiental no Brasil, o que justifica o esforço de mapear as tendências temáticas e as trajetórias teórico-metodológicas desta produção acadêmica. Em Kênia (2012), a ênfase recaiu sobre o livro didático, ferramenta representativa de trabalho no campo da educação, agregando bandeiras políticas, ideológicas, posicionamentos científicos consolidados, trajetórias teórico-metodológicas hegemônicas e horizontes de pesquisa. A autora pretende compilar a história geral da literatura escolar no Brasil a partir de um balanço destas produções. Ferreira (2002), por seu turno, apresentou uma discussão sobre o *estado da arte* ou *estado do conhecimento* como um acordo implícito estabelecido em um campo de pesquisa dado, de modo a permitir a orientação da comunidade interpretativa como um todo quanto aos aspectos gerais da atividade acadêmica – posicionamentos teóricos, metodológicos, trajetórias temáticas e etc. Para ela, a necessidade de mapear a atividade acadêmica, tornando-a, assim, mais eficiente, transparente e racional, se verifica de forma premente nos últimos 15 anos. A pesquisa discute a possibilidade de se verificar a evolução de uma ciência, bem como de a de se oferecer um algoritmo de integração estrutural dos múltiplos enfoques e perspectivas de um campo do conhecimento, a partir do balanço sobre o „estado de arte, bem como de refletir sobre o valor dos documentos

abordados para o tipo de pesquisa em tela. A pesquisa tipo “estado de arte” segundo a autora tem suas limitações na impossibilidade de um tratamento metonímico da fonte documental em que se utiliza em relação ao objeto de pesquisa a que se propõe. A homogeneidade aparente do Resumo, os quais compõem os Catálogos de Pesquisa das universidades, está alicerçada em um programa estável de comunicação verbal que se evidencia no segundo momento da pesquisa: quando se trata de inferir o valor qualitativo do trabalho em questão. O artigo aborda, assim, o quanto resumos e catálogos estão ligados às seleções feitas pelo pesquisador. Senok (2006), por fim, apresenta uma pesquisa documental, que tem como objetivo o levantamento das dissertações e teses relevantes sobre violência doméstica. Este trabalho apresenta a metodologia por ele utilizada, que consta do agrupamento da produção acadêmica de acordo com a temática que abordam, da análise dos resumos e da interpretação dos dados coletados.

Em síntese, os quatro textos acima descritos permitiram uma avaliação crítica de como pode ser organizar a dinâmica da pesquisa, uma vez que esta pretende realizar um balanço da produção acadêmica da UFPB I sobre João Pessoa nos últimos 20 anos. Na experiência de mapear a produção do CE já se faz necessário o contato com resumos, catálogos, e dados afins que são processados e organizados em bancos de dados elaborados, de forma que estes documentos possam ser usados para inferir os mapas e imagens criados sobre a cidade de João Pessoa.

Outro conjunto de textos tratou do tema memória, haja vista que a pesquisa se enquadra no amplo estudo da memória institucional da UFPB I sobre a cidade de João Pessoa, tendo por recorte o caso do CE. Gondar (2005) discute memória social a partir de posições teóricas, éticas e políticas distintas, enfatizando que este conceito não se enquadra na perspectiva clássica de identidade e permanência fenomênica. Quatro proposições são apresentadas: a primeira postula o caráter polissêmico, transdisciplinar da memória social, ou seja, esta abarca significações múltiplas, em razão de configurações histórico-sociais específicas e de saberes diversos; a segunda proposição aponta para a dimensão ética e política do conceito, uma vez que se trata de uma reconstrução racional do passado, que tanto aponta para a manutenção dos valores de um grupo quanto para a transformação social; a terceira proposição coloca a memória social como uma construção processual, de modo que as identidades presentes estão sempre implícitas nesta atividade; e a quarta e última proposição enfatiza que a memória social não se reduz a uma representação, de modo que abarca as representações coletivas e os movimentos reais que estas representam. Neste sentido, a memória se insere em uma dimensão afetiva. Este discussão aponta para as diversas possibilidades de refletir a questão da memória social dentro da pesquisa em pauta, pois que a produção acadêmica do CE sobre a cidade de João Pessoa apresenta um universo de pesquisa rico e multifacetado, devendo ser refletido em seus múltiplos significados, em sua dimensão ética e política e como construção processual, além de representação social. Abreu (2005), por sua vez, coloca a necessidade de diálogo permanente entre teoria e pesquisa em memória social, bem como enfatiza a dimensão coletiva da pesquisa. Cabe ao pesquisador perceber os autores com quem trabalha de forma

humanizada, como homens reais, imersos em contradições e que produzem para o mundo, marcados pelas angústias do seu tempo, e não como argumentos de autoridade. Fica aqui o alerta para se pensar a produção do CE sobre João Pessoa como resultado de angústias específicas de pessoas concretas que experimentam e vivenciam a cidade das mais distintas formas. Dobedei (2005), por seu turno, discute o sentido e o significado dos documentos, uma vez atualizados, para a memória social, refletindo sobre a questão com base nos conceitos de cultura e patrimônio. A memória é entendida como coletiva, donde sua vinculação com a cultura, com o patrimônio e com a coleção. A cultura aparece como teia de significados criados pelo homem a aponta para a diferenciação interna de uma sociedade. O conceito de patrimônio é entendido enquanto conjunto de informações que perfazem as ordens de significados de um grupo humano, daí sua dimensão coletiva, simbólica e específica, sempre fragmentado e em permanente construção. O patrimônio, registro das interações sociais sempre tensas de uma população, estaria para a cultura como a memória para o indivíduo: a partir deles se infere os modos de viver de uma população, suas ações presentes e a tensão que se dá entre memória, enquanto reconstrução do passado, e projetos, enquanto apropriação prospectiva do futuro. Tensão esta que gera as identidades individuais e coletivas. A partir de Dobedei, temos o instrumentário teórico para refletir a produção do CE sobre João Pessoa como uma espécie de patrimônio que se impõe face às negociações e tensões reiteradas, bem como uma coleção de objetos vários que denota uma forma de ser e estar no mundo, ou seja, como uma teia de significados, portanto como parte de uma cultura dada.

Ayello e outros (2008) apresentam o tema da produção científica enquanto memória institucional a partir de um estudo sobre o levantamento da produção científica dos docentes da IGc/USP. Os autores argumentam sobre o compromisso social da atividade acadêmica e a necessidade de mecanismos de armazenamento e divulgação do conhecimento científico, haja vista o crescimento exponencial do mesmo e a proliferação de dados online. Este texto se apresenta como um exemplo de pesquisa em memória institucional, a partir de um amplo levantamento da produção docente de uma instituição acadêmica, com semelhanças com o projeto em tela. D'aleccio e Janotti (1996), por sua vez, analisam a produção acadêmica de 1984 a 1995 dos cursos de Pós-Graduação em História, a partir de uma perspectiva historiográfica que privilegia o político e a historicidade do mundo acadêmico, concluindo que há na ordenação das pesquisas em história do Brasil uma matriz interpretativa abrangente que conduz o discurso histórico. O conjunto de trabalhos analisados aponta para projetos ideológicos que perpassam a história do Brasil, partindo do Estado, de classes ou de elites, no sentido de preservar uma situação generalizada de exclusão. Temos aqui, mais uma vez, o tema das disputas internas dentro da academia enquanto comunidade interpretativa de um capital simbólico específico e que, mediante regularidades discursivas e institucionais, constrói trajetórias teóricas, metodológicas e temáticas, impondo imagens concretas de um objeto específico. Tal se pretende averiguar quanto a produção acadêmica do CE sobre João Pessoa.

Santos (2009) discute, no mesmo diapasão, a relação entre a memória de docentes universitários e a produção de conhecimento científico no contexto histórico das políticas do país, dos processos de modernidade e de economia globalizada, tendo por universo de pesquisa o PPGE/UFMG. Trata-se de uma abordagem quantitativa e qualitativa, embasada na Teoria da Ação Comunicativa habermasiana e tendo por referência para a estruturação do trabalho três grandes cesuras na política educacional nacional: a fase da Produção Nacional, centrada na elaboração de políticas públicas que consolidassem uma estrutura macroeducacional brasileira; a fase da Produção Autorreferente, pautada no diálogo com os movimentos da sociedade civil e com o processo de redemocratização; e a fase da Produção Avaliativa, caracterizada pela diversidade educacional e pela influência dos critérios da Capes na organização da vida acadêmica. A autora argumenta que as memórias dos docentes se apresentam enquanto produção de conhecimento mediada pela realidade política que influencia as relações sociais e as atividades laborais dos docentes. O texto de Santos é bastante inspirador no sentido de se pensar o caso do CE a partir dos contextos históricos que o país atravessa e que redundam em condicionantes para a academia. Targino e Caldeira (1988), por outro lado, abordam quantitativamente a produção científica dos professores da Universidade Federal do Piauí nos anos de 1984 e 1985 a partir de uma série de variáveis, tais como produtividade dos autores, tipo de publicação, idioma dos trabalhos publicados, formação acadêmica dos autores, autoria única e múltipla etc., de modo a inferir como a produção e a disseminação do conhecimento se organizam neste Instituto de Ensino Superior. Este estudo aponta para um caminho possível na segunda fase da pesquisa em tela, quando se pretende fazer um levantamento da produção de cada docente da UFPB I sobre João Pessoa. Silva (2009), ainda na esteira de Santos, Targino e Caldeira, aborda a influência da avaliação dos Programas de Pós-Graduação conduzida pela Capes sobre a produção docente, partindo do pressuposto que tal implica em mais competitividade e quantificação na vida acadêmica. O universo de pesquisa se restringe a UFMT durante os anos de 1998 a 2006, considerados em conjuntos trienais. Conclui-se que o docente tornou-se o elemento central da avaliação feita pelo Capes, seguido por sua produção acadêmica publicada em canais internacionais e/ou em nível internacional. Em geral, a condição do trabalho docente está vinculada à política de avaliação da Capes, de modo que a pressão para uma produção maior e mais qualificada é constante. Tal acarreta mais produtividade, mas significa o esvaziamento do poder de decisão do docente em relação a Capes e a consolidação de um ambiente de trabalho pautado na quantificação, na competição, no individualismo, no produtivismo e no empreendedorismo. Em suma, o Estado Regulador intensifica a lógica capitalista de acumulação ao mundo acadêmico, que passa a operar tal qual uma fábrica de conhecimentos, ideias e tecnologias. Aqui cabe refletir, em uma fase mais madura da pesquisa, o quanto este cenário pode ser traduzido à realidade da UFPB I. Aquino e outros (2011) apresentam um levantamento da produção de conhecimento da UFPB, tendo por universo de pesquisa os Encontros de Iniciação Científica, de 1998 a 2008, no intuito de verificar como a cultura negra e afrodescendente se situa na memória da ciência desta instituição. O trabalho foi realizado com base em uma

pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa de fontes de informação. Os autores concluem que a produção de conhecimento na UFPB assume uma postura discriminatória que invisibiliza o negro e sua cultura. Este estudo em muito se assemelha ao da pesquisa sobre como se apresenta a cidade de João Pessoa na memória institucional do CE.

Apresentação das Tabelas

A descrição e análise das tabelas abarcam de modo sucinto os aspectos mais importantes do material colhido até então e agregados em um banco de dados preservado pelo GREM. Cabe aqui especificar o significado das siglas utilizadas: ME (Metodologia da Educação); HB (Habilitação Pedagógica); PPG (Psicopedagogia); MIE (Mídias Integradas na Educação); CR (Ciências da Religião) e FE (Fundamentação da Educação). A Tabela 1 faz o cruzamento dos dados referentes ao ano de entrada de cada docente em seu respectivo departamento, organizados em três lapsos temporais: até o ano de 1992; do ano de 1993 a 2005; e do ano de 2006 a 2012.

Tabela 1 Ano de Entrada do Professor CE (2012)

Ano	ME		HP		PPG		MIE		CR		FE	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 92	15	32,60	10	24,39	1	7,14	1	12,5	1	10	12	26,09
93-05	15	32,60	12	29,26	0	0	0	0	1	10	20	43,47
06-12	13	28,26	17	41,46	13	92,85	7	87,5	8	80	12	26,09
NI	3	6,52	2	4,87	0	0	0	0	0	0	2	4,35
Total	46	100	41	100	14	100	8	100	10	100	46	100

Verifica-se que no Departamento de Metodologia da Educação, com 46 docentes, a entrada de docentes ocorreu de forma equilibrada (15 docentes em cada um dos dois primeiros períodos e 13 no terceiro: 32,6%, 32,6% e 28,6% respectivamente), donde se pode inferir que a alternância de gerações de docentes se deu sem grandes abalos. Seria interessante, neste sentido, atentar para a influência deste desenvolvimento na continuidade das trajetórias temáticas, metodológicas e teóricas dentro do departamento, ou, em outras palavras, em que medida os docentes mais antigos socializaram os novatos em um ethos de trabalho específico.

O Departamento de Habilitação Pedagógica, com 41 docentes, apresenta uma evolução quantitativa progressiva do corpo docente (10 docentes até 1992, 12 docentes no segundo período de tempo e 17 no último: 24,39%, 29,26% e 41,46% respectivamente). Este cenário permite a hipótese de que houve uma renovação, em tese, significativa a partir de 2006, no Departamento de Habilitação Pedagógica.

O Departamento de Psicopedagogia, com apenas 14 docentes, foi praticamente construído a partir de 2006, quando 13 ou 92,85% do total de docentes entraram no Departamento. De 1993 a 2005 não se realizou uma única entrada de docente, e até 1992 somente um profissional perfazia o staff da Psicopedagogia. Diante deste cenário, pode-se inquirir em que medida os departamentos mais antigos, como os de Metodologia da Educação e Habilitação Pedagógica, são responsáveis pela construção da nova área de

Psicopedagogia, ou se esta constitui um esforço da política acadêmica do MEC e, como tal, representa uma tradição teórica, metodológica e temática à parte no Centro de Educação.

O Departamento de Mídias Integradas na Educação apresenta um cenário bastante semelhante ao que caracteriza o Departamento de Psicopedagogia: são somente 8 docentes, dos quais 7 ou 87,5% do total entraram para o staff de Mídias Integradas na Educação a partir de 2006.

O Departamento de Ciências da Religião, assim como o de Mídias Integradas na Educação e o de Psicopedagogia, foi organizado, em grande medida, a partir de 2006, quando 8 ou 80% dos docentes entraram para o Departamento. Aqui, uma vez mais, pode-se questionar em que medida os Departamentos mais antigos, como o de Metodologia da Educação e Habilitação Pedagógica, projetaram o Departamento de Ciências da Religião, ou se este representa a consolidação de um projeto de ensino e pesquisa de outros grupos da UFPB em consonância com as possibilidades oferecidas pela política acadêmica do Governo Federal.

O Departamento de Fundamentação da Educação, com 46 docentes, apresenta um cenário de evolução do pessoal docente semelhante aos Departamentos de Metodologia da Educação e Habilitação Pedagógica, constituindo, assim, o que pode ser considerado o terceiro pilar do Centro de Educação, haja vista a sua antiguidade e pujança em relação aos Departamentos de Psicopedagogia, de Mídias Integradas na Educação e Ciências da Religião. O Departamento em questão contava, até 1992, com 12 docentes (26,09%), quando recebeu um impulso significativo, de 1993 a 2005, na forma de 20 docentes (43,47%). Dos anos de 2006 a 2012 o Departamento de Fundamentação da Educação teve mais 12 docentes (26,09%) incorporados ao seu staff.

A Tabela 2 condensa os dados referentes ao ano de entrada de cada docente de um Departamento específico, no caso em questão o Departamento de Metodologia da Educação, cruzando-os com a titulação máxima do docente. Trata-se, assim, de um enriquecimento da Tabela 1. Outras tabelas feitas e disponíveis no banco de dados do GREM se referem aos demais departamentos do Centro de Educação, ou seja, repetem a estrutura da Tabela 2.

**Tabela 2 – Ano de Entrada do Professor CE/ Titulação Máxima
(Depto. Metodologia da Educação - 46 Docentes)**

Ano	Titulação Máxima													
	NI		G		ES		ME.		Dr.		PD		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Até 1992	0	0	0	0	2	4,3	4	8,7	8	17,4	1	2,2	15	32,6
1993-2005	0	0	0	0	1	2,2	2	4,3	9	19,6	3	6,5	15	32,6
2006-2012	0	0	0	0	0	0	5	10,9	7	15,2	1	2,2	13	28,3
NI	3	6,5	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	6,5
Total	3	6,5	0	0	3	6,5	11	23,9	24	52,2	5	10,9	46	100

Verifica-se, na Tabela 2, a partir de uma leitura horizontal, que até 1992 2 especialistas (4,3%), 4 mestres (8,7%), 8 doutores (17,4%) e 1 Pós-Doutor (2,2%) faziam parte do Departamento de Metodologia. De 2003 a 2005 1 especialista (2,2%), 2 mestres

(4,3%), 9 doutores (19,6%) e 3 Pós-Doutores entraram para o staff. Entre os anos de 2006 e 2012, por fim, 5 mestres (10,9%), 7 doutores e somente 1 Pós-Doutor engrossaram as fileiras do departamento. Uma leitura vertical da tabela permite perceber que os docentes com doutorado (24 ou 52,2%) e mestrado (11 ou 23,9%) tem mais chance de entrar para o quadro de docentes da academia. Docentes que contam somente com a graduação como formação acadêmica não fazem parte do Departamento de Metodologia. Os docentes que se qualificam com uma especialização representam uma população marginal (3 ou 6,5%) dentro do departamento. Os Pós-Doutores colocam-se ao lado de doutores e mestres, totalizando 5 ou 10,9% do total de docentes.

A tabela 3 organiza os dados referentes aos docentes, por departamento, cruzando-os com os dados referentes às suas titulações máximas. A tabela permite tanto uma leitura vertical, que revela a composição de cada departamento quanto à titulação de seus acadêmicos, quanto uma leitura horizontal, que permite a confrontação dos departamentos.

Tabela 3 - Titulação Máxima do Docente CE por Departamento (2012)

Titulação	Departamentos											
	ME		HP		PPG		MIE		CR		FE	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
PD	6	13,04	8	19,51	1	7,14	1	12,5	2	20	3	6,52
Dr.	23	50,00	23	56,09	7	50,00	3	37,5	7	70	33	71,75
M	11	23,92	8	19,51	6	42,86	4	50	1	10	9	19,56
G	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Esp.	3	6,52	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
NI	3	6,52	2	4,89	0	0	0	0	0	0	1	2,17
Total	46	100	41	100	14	100	8	100	10	100	46	100

O Departamento de Metodologia da Educação, com seus 46 docentes, é formado por 6 (13,04%) Pós-Doutores, 23 (50%) Doutores, 11 (23,92%) Mestres e 3 (6,52%) Especialistas. O Departamento de Habilitação Pedagógica, com seus 41 docentes, conta, por seu turno, com 8 (19,51%) Pós-Doutores, 23 (56,09%) Doutores e 8 (19,51%) Mestres. Em Psicopedagogia, onde trabalham 14 docentes, a pesquisa e a docência são conduzidas por 1 (7,14%) Pós-Doutor, 7 (50%) Doutores e 6 (42,86%) Mestres. Mídias Integradas na Educação, o menor de todos os departamentos com 8 docentes, tem somente 1 (12,5%) Pós-Doutor, 3 (37,5%) Doutores e 4 (50%) Mestres. Ciências da Religião, com 10 docentes, é formado, por sua vez, por 2 (20%) Pós-Doutores, 7 (70%) Doutores e 1 (10%) Mestre. Por fim, o Departamento de Fundamentação da Educação dispõe de 3 (6,52%) Pós-Doutores, 33 (71,75%) Doutores e 9 (19,56%) Mestres. Embora contem ambos com 46 docentes, os Departamentos de Metodologia da Educação e de Fundamentação da Educação diferem significativamente quanto à proporção de doutores em seus respectivos staffs, 50% e 71,75%.

A Tabela 4 compreende os dados que condensam as informações sobre a produção docente, por departamento, quanto ao número de monografias, dissertações e teses produzidas. Interessante atentar para o peso das colunas NI (Não Informado) dentro do quadro de cada departamento. Além de informar o total geral de trabalhos que cada

departamento produziu nos últimos 20 anos, a Tabela 4 apresenta a proporção destes que cita, já no título, a cidade de João Pessoa, seja como objeto ou universo de pesquisa.

Tabela 4 – Produção da Formação Docente CE por Departamento

Produção Docente (Formação)	ME (46)		HP (41)		PPG (14)		MIE (8)		CR (10)		FE (46)	
	NI	I	NI	I	NI	I	NI	I	NI	I	NI	I
Monografias	40	6	8	33	8	6	3	5	7	3	32	14
Dissertações	8	38	3	38	0	14	0	8	0	10	1	45
Teses	16	30	9	32	6	8	4	4	1	9	36	10
Total	64	74	20	103	14	28	7	17	8	22	69	69
Total Geral	138		123		42		24		30		138	
Títulos que citam JP	04 (2,89%)		02 (1,62%)		02 (4,76%)		0 (0%)		0 (0%)		9 (6,52%)	

O Departamento de Metodologia da Educação apresenta, ao todo, 138 trabalhos, dos quais somente 4 (2,89%) se referem à cidade de João Pessoa já no título. O Departamento de Habilitação Pedagógica produziu, no total, 123 trabalhos, dos quais apenas 2 (1,62%) remetem à cidade de João Pessoa já no título. Em Psicopedagogia, onde 42 trabalhos acadêmicos foram realizados, 2 (4,76%) deles fazem alusão à cidade de João Pessoa no título. Os Departamentos de Mídias Integradas na Educação, com 24 trabalhos, e de Ciências da Religião, com 30 trabalhos, não apresentam qualquer monografia, dissertação ou tese que se refira, já no título, à cidade de João Pessoa. Neste sentido, o Departamento de Fundamentação da Educação parece, com seus 138 trabalhos, ser o mais promissor para a pesquisa em tela, haja vista que apresenta 9 (6,52%) trabalhos que se remetem, já no título, à cidade de João Pessoa. Cabe ressaltar, aqui, o quanto esta primeira fase da pesquisa foi afetada pelas mais diversas circunstâncias, de modo que a proporção de monografias, dissertações e teses que estão subsumidas na coluna NI impede uma apreciação mais acurada de como a cidade de João Pessoa pode, de fato, estar citada já no título dos trabalhos acadêmicos.

A Tabela 5 apresenta a proporção de docentes que entraram em cada departamento sem ter obtido a titulação máxima de sua carreira acadêmica. Com isto se pretende atentar para o fato de o departamento operar ou não como locus de formação do docente, o que pode se mostrar relevante no momento de inferir como se produzem as continuidades e rupturas das trajetórias metodológicas, teóricas e temáticas nos departamentos e no próprio Centro de Educação.

Tabela 5 – Docentes que entram sem titulação máxima/Departamento

Depto.	Docentes que entraram sem titulação máxima		Docentes
	N	%	
ME	24	53,26	46
HP	25	60,97	41
PPG	5	35,71	14
MIE	5	62,7	8
CR	4	40	10
FE	28	60,09	46

O Departamento de Metodologia da Educação tem um pouco mais da metade de seu staff (24 ou 53,26%) constituído por pesquisadores e docentes que entraram na UFPB sem ter atingido a titulação máxima de sua carreira. No Departamento de Habilitação Pedagógica a proporção é ainda maior do que no Departamento anterior: 25 ou 60,97%. Em Psicopedagogia desenha-se um cenário distinto: 5 ou 35,71% dos docentes conseguiram suas titulações máximas no âmbito do Departamento de Psicopedagogia. Em Mídias Integradas na Educação uma proporção considerável de 62,7% dos docentes entrou sem titulação máxima na UFPB. No Departamento de Ciências da Religião este percentual cai para 40%, enquanto que em Fundamentação da Educação chega a 60,09%.

As tabelas apresentadas permitem a verificação de algumas regularidades ou padrões no Centro de Educação e seus Departamentos. A mais evidente aponta para duas gerações de Departamentos: de um lado os Departamentos de Metodologia da Educação, de Habilitação Pedagógica e de Fundamentação da Educação, que contam com mais de 40 docentes, cada um, e já apresentam um staff mínimo no primeiro lapso temporal compreendido pela pesquisa em tela (até 1992); de outro lado os Departamentos de Psicopedagogia, de Mídias Integradas na Educação e de Ciências da Religião, que contam com um staff bem menor em relação aos primeiros e que começa a se estruturar, praticamente, a partir de 2006. Os dados permitem, também, afirmar que a maioria dos docentes entra nos seus respectivos departamentos na qualidade de mestre ou doutor, em nenhum caso como graduado simplesmente, e complementam suas carreiras em seguida à medida que se estabelecem na academia. A quantidade de trabalhos acadêmicos dos docentes que se refere à cidade de João Pessoa já no título é bastante reduzida. Tal dado deve ser, porém, relativizado em razão da quantidade muito elevada de trabalhos não individualizados quanto ao título.

Dificuldades encontradas

As dificuldades, nesta primeira fase da pesquisa, surgiram com a própria inexperiência dos pesquisadores PIBIC quanto às tarefas de conduzir levantamentos de dados em grande escala, mapeamentos e balanços de produção acadêmica, ou mesmo em lidar com resumos e catálogos de trabalhos acadêmicos. A sincronização dos trabalhos dos pesquisadores foi também uma dificuldade vencida à medida que o conceito de Ciência como atividade coletiva era apropriado, enquanto consciência prática, pelo grupo de pesquisa. A greve marcou de modo considerável a pesquisa em tela, lançando-a para um espaço virtual, a princípio. Por esta razão surgiram enormes dificuldades, como a necessidade de cada pesquisador PIBIC aprender a lidar com as ferramentas Lattes e DGP. A ausência de dados importantes nestas plataformas eletrônicas, porém, redundou mais problemática para a celeridade da pesquisa em pauta. A peregrinação pelos corredores dos departamentos foi, por seu turno, marcada por dificuldades de todo tipo, como pelo desconhecimento de informações básicas sobre os departamentos e centros por parte dos próprios servidores que lá trabalham e pela resistência, ou mesmo pela negação, por parte de alguns deles, em cooperar com a pesquisa. As dificuldades teórico-metodológicas não

foram, ainda, de todo superadas, embora um esforço significativo seja verificado neste sentido.

Conclusão

O projeto “Balanço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, 1992-2012” tem contribuído significativamente para a formação acadêmica dos envolvidos no mesmo. As discussões teórico-metodológicas, o trabalho de campo e a dinâmica interacional do grupo tem cimentado um ethos de trabalho diferenciado no sentido da produção acadêmica e um acúmulo considerável de capital simbólico. Nesta primeira fase, a discussão abarcou temas centrais das Ciências Sociais, tais como Cultura, Patrimônio, Memória, Métodos de Pesquisa, Produção Acadêmica, Políticas Públicas para Pesquisa e Ensino, Ciência como atividade coletiva e outros. Em paralelo, os envolvidos na pesquisa exercitaram as habilidades básicas da vida docente e de pesquisa: ler, fichar, discutir e apresentar textos; coletar e processar dados na forma de tabelas e listagens; produzir atas de reuniões teórico-metodológicas; produzir relatórios e etc. O subprojeto em tela, *Mapeamento da Produção do Centro de Educação da UFPB campus I, de 1992-2012*, significou uma experiência de pesquisa interessante no sentido de que contribuiu para renovar e substituir as representações que se tinha sobre a Universidade Federal da Paraíba enquanto locus de produção acadêmica e espaço para se pensar a cidade de João Pessoa, Paraíba. Muito embora os dados até então coletados permitam somente uma inferência superficial sobre os perfis dos docentes do Centro em questão, sobre suas respectivas contribuições científicas e sobre as continuidades e rupturas das trajetórias temáticas, teóricas e metodológicas no Centro de Educação, o contato com os bancos de dados (Lattes e DGP), as andanças pelos corredores e a reflexão destes cenários a partir das discussões teórico-metodológicas resultaram nas seguintes hipóteses, a serem confirmadas ou refutadas na segunda fase da pesquisa: a) Há mais ruptura que continuidade temática, teórica e metodológica no Centro de Educação; b) A cidade de João Pessoa, enquanto objeto e universo de pesquisa, aparece de forma marginal na produção acadêmica do Centro de Educação.

Bibliografia

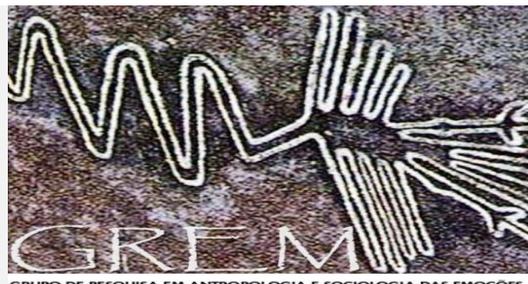
ABREU, Regina. Chiclete eu misturo com banana? Acerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: Jô Gondar e Vera Dobedei (Orgs.). **O Que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, pp. 27-42, 2005.

AQUINO, Miriam de Albuquerque et al. Retirando a pele da memória: a produção de conhecimento sobre negros (as) (in) visibilizada em anais de iniciação científica na UFPB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7 n. 1: p. 46-57, 2011.

AYELLO, M.A.B. e outros. A abordagem da produção científica como memória institucional: o caso da biblioteca do instituto de geociência da USP. São Paulo. **XIV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, 2008. www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3219.pdf.

D’ALESSIO, Márcia Mansor/ JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. A Esfera do Político na Produção Acadêmica dos Programas de Pós-Graduação (1985-1994). **Estudos**

- Históricos**, n. 17: 123-149, 1996. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2012/1151>.
- DOBEDEI, Vera. Memória, circunstância e movimento. In: Jô Gondar e Vera Dobedei (Orgs.). **O Que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, pp. 43-54.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas denominadas Estado da Arte. **Educação & Sociedade**, Ano XXIII, n°79: 257-272, 2002.
- GONDAR, Jô. Quatro Proposições Sobre a Memória Social. In: Jô Gondar e Vera Dobedei (Orgs.). **O Que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa/PPGMS-UERJ, 2005, pp. 11-26.
- KÊNIA, H. M.. Livros Didáticos como fonte de pesquisa: Um mapeamento da produção acadêmica em História da Educação. **Educação e Fronteira On-line**, v.2, n.4: 129-142, 2012.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Balço Comparativo da Produção da UFPB campus I sobre a cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, 1992-2012**. Projeto PIBIC-UFPB/CNPq 2012-2013. João Pessoa: GREM, 2012.
- NEWMAN, W. Lawrence. **Social Research Methods: Qualitative and Quantitative Approaches**. Boston: Allyn and Bacon, 2a. Edição, p. 79-95, 1994.
- PATO, C.; SÁ, L. M.; CATALÃO, V. L. Mapeamento de tendências na produção acadêmica sobre Educação Ambiental. **Educação em Revista**, v. 25, n. 02: 213-233, 2009.
- RONDÃO, Soraia da Silva. **Mapeamento da Produção Acadêmica sobre Violência Doméstica nos Programas de Pós-Graduação, na Cidade do Rio de Janeiro, no período 1990-2006**. Rio de Janeiro: Departamento de Serviço Social, PUC-RJ, 2006. http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2006/Resumos%202006/CCS/SEROK/Soraia%20da%20Silva%20Rond%20E3o.pdf. [lido em 13/08/2012, 10:35].
- SANTOS, Cláudia O. **Memórias de docentes universitários e a produção do conhecimento no PPGE/UFMG**. Tese. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- SILVA, Maria das Graças Martins da. A produção docente e a avaliação dos programas de pós-graduação: um estudo na pós-graduação da UFMT. **Rev. Educ. Pública**, v. 18 n. 37: 383-401 Maio/Ago. 2009.
- TARGINO, Maria das Graças/ CALDEIRA, Paulo da Terra. Análise da produção científica em uma instituição de ensino superior: o caso da Universidade Federal do Piauí. **Ci. Inf.**, Brasília, 17 (1): 15-25, Jan./Jun. 1988.
- WRIGHT MILLS, C. Do artesanato intelectual. In: **A imaginação sociológica**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1969, pp. 211-243.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 02

Mesa 02

Esporte, Educação e Moralidade

Debatedor: Wanessa Souto Veloso

Apresentação:

Rigel Marinho Pimenta;

Estéfane Dantas Cabral.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 02 – Apresentação 01

Valores e Violência na Construção de um Lutador de MMA

*Rigel Marinho Pimenta**

Resumo: O presente trabalho trata de uma pesquisa que a ser apresentada em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Realizo um trabalho de campo, utilizando a observação participante e daí uma análise com a literatura existente sobre o Mixed Martial Arts – MMA do ponto de vista da construção de um lutador deste esporte, buscando compreender como ele constrói seus valores e ideia de violência. Para o problema sociológico que tento compreender, que é a forma como determinador valores e concepções de violência são naturalizados em um lutador de MMA, parto de um tema que é considerado relativamente novo, que é o esporte MMA. As lutas em forma de esporte não são, a forma com se desenvolveram no tempo muito podem explicar segundo Elias a forma como nós mudamos aquilo que é apropriado ser feito em um esporte, principalmente no que tange respeito a violência, basta lembrar como eram os duelos dos gladiadores, onde apenas um dos oponentes (o vitorioso) poderia sair vivo. Assim o MMA possui características que podem ser analisadas segundo aspectos históricos de mudança de valores, como a violência por exemplo. Tento entender a partir da experiência empírica, como um lutador de MMA é construído e qual o lugar da violência nesta formação, observando então em sua realidade os tipos de valores específicos que possibilitem estes lutadores terem *um habitus* no qual a conduta violenta passa ser entendida por eles como normal e necessária. **Palavras-Chave:** moralidade, violência, valores, MMA

*

O presente trabalho trata de um resumo de uma pesquisa que a ser apresentada em meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Para esta pesquisa, realizo um trabalho de campo, utilizando a observação participante e daí uma análise com a literatura existente

*Estudante de Licenciatura em Ciências Sociais UFPB, orientado pela Profa. Dra. Simone Brito.

sobre o MMA do ponto de vista da construção de um lutador deste esporte, buscando compreender como ele constrói seus valores e ideia de violência.

Para o problema sociológico que tento compreender, que é a forma como determinador valores e concepções de violência são naturalizados em um lutador de MMA, parto de um tema que é considerado relativamente novo, que é o esporte MMA. As lutas em forma de esporte não são, a forma com se desenvolveram no tempo muito podem explicar segundo Elias a forma como nós mudamos aquilo que é apropriado ser feito em um esporte, principalmente no que tange respeito a violência, basta lembrar como eram os duelos dos gladiadores, onde apenas um dos oponentes (o vitorioso) poderia sair vivo. Assim o MMA possui características que podem ser analisadas segundo aspectos históricos de mudança de valores, como a violência por exemplo. Tento entender a partir da experiência empírica, como um lutador de MMA é construído e qual o lugar da violência nesta formação, observando então em sua realidade os tipos de valores específicos que possibilitem estes lutadores terem *um habitus* no qual a conduta violenta passa ser entendida por eles como normal e necessária.

O interesse crescente do MMA como esporte pode ser observado hoje em programas de televisão ou mesmo em sites de notícias e esportes. Em lojas de esporte ou moda esportivas já é normal encontrar um espaço destinado aos que procuram equipamentos para esta prática, onde o UFC é a maior organização e desta prática. Embora o UFC seja americano, o esporte têm origem no Brasil, no vale-tudo que por sua vez possui tem remota origem na família Gracie e seus desafios de artes. A história diz que Carlos Gracie, um dos fundadores do jiu-jitsu, convidava competidores de cada modalidade distinta para participar do mesmo evento. Este fato ficou conhecido como "Desafio Gracie", posteriormente, a família Gracie e seguiu esta tradição e manteve este desafio dando origem ao vale-tudo sem a presença da mídia. O sucesso do MMA hoje muito se deve a forma como o UFC utilizou a mídia para se propagar, proibido inicialmente em muitos Estados americanos, foi só a partir da mudança do slogan "não há regras" ("there are no rules") e criando a denominação "artes marciais mistas" (mixed martial arts) que este cenário de marginalização deste esporte começou a mudar. Isto aconteceu com a agremiação do UFC à Comissão Atlética de Nevada, em 2001, a mesma que dirige as regras do Boxe. Este fato deu origem a uma série de mudanças em suas regras que possibilitou a sua promoção, ou seja, a partir de então ganhou mais credibilidade enquanto esporte e pode ser aceita em alguns Estados e também vendível em tv fechada. O processo por maior espaço para este esporte estava então aberto, a credibilidade que Comissão Atlética de Nevada cobria, possibilitou uma maior utilização do MMA quanto um novo esporte pela mídia, de maneira que assim como o boxe, suas práticas estavam reguladas por regras.

Durante minhas experiência com um grupo de lutadores de MMA, tive a oportunidade de estar presente em todo o processo de preparação para uma luta. Os treinos que exigem uma determinada disciplina física e psicológica chamam a atenção. Em grande parte, os lutadores de MMA são indivíduos que possuem uma história prévia com

as artes marciais, possuem experiências com lutas olímpicas ou não, encontram no MMA uma oportunidade para aperfeiçoar-se como lutador e até mesmo para lutarem e ganharem algum dinheiro. Em sua maioria não possuem um renda alta, trabalham como garçons, pedreiros, seguranças e nas horas vagas vão para academia. A oportunidade de lutar se insere não apenas como uma atividade de lazer, por possuir bolsas (prêmio independente do resultado da luta), o estímulo para continuar a prática da luta no MMA é maior do que o simples desenvolvimento em apenas uma arte marcial, embora não dependam dela para sobreviver, pude observar que o status de ganhar algum dinheiro enche de orgulho o lutador. É comum ouvir deles também que o lutador de MMA “é um lutador perfeito”, isso se deve ao fato de eles entenderem que o domínio de múltiplas técnicas é o que diferencia eles dos demais. Antes disso, pude notar que, a necessidade de construção de uma identidade é necessária ao grupo, para isto as práticas de conduta são feitas de acordo com as regras do esporte. Entender um lutador de MMA é compreender as diversas práticas sociais que este indivíduo possui e que deve passar para a constituição final desta pessoa que se diz e também é visto pelos outros como um indivíduo que goza da identidade de lutador. A identidade deste lutador começa a ser realizada com a aceitação de alguns sentimentos e repressão de outros, os rituais, como uma sabatina de lutas para o iniciante em uma nova academia é normal em um grupo de lutadores. Em uma oportunidade pude perceber que um lutador novo que desejava entrar no grupo que observava, devia ao final do treino lutar com todos eles, chegando à exaustão. Caso não desempenhe um bom papel não estará apto a treinar com este grupo. Os rituais que acontecem em um grupo de lutadores de MMA em sua maioria estão ligados à dor física, é o autocontrole dela que permite o lutador estar “calejado” para novos treinos e possíveis lutas. Reprimir a raiva é outro importante aspecto na formação de um lutador, em uma oportunidade pude ouvir do treinado para um noviço “controla a raiva para não perder a técnica”, visto que ele estava sendo bastante castigado e seu olhar já não parecia mais confortável com aquela situação.

Observar como a violência está inserida na luta dos lutadores de MMA é fazer a todo instante, como foi em minha experiência, uma observação de como as regras do jogo são incorporadas para a construção de um habitus, eles servem para construir um campo no qual as condutas que tal esporte exige possam ser realizadas, assim a ideia de fair-play que em muitos esportes está ligada diretamente ao ato não violento, ao “jogo limpo”, no caso do MMA (não que ele não se ligue a golpes proibidos) o fair-play não existe enquanto repressão da violência, apenas o que pode ser observado é um esforço das organizações de MMA para que golpes em locais não permitidos (nuca, olhos, órgão genitais por exemplo) não sejam praticados, havendo então penalizações para a prática do mesmo em uma luta.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. (BECKER, 2008, P.15).

Por outro lado, Elias nos lembra de que a construção histórica e regulamentação, em relação a privação dos atos violentos, são frutos também de um desenvolvimento político das relações entre os Estados, onde os confrontos físicos passam a dar espaço para a diplomacia. Assim o embate físico passa, com o tempo, a ser menos utilizado e visto como última atitude necessária para a solução de um problema. Desta maneira, a forma como vemos a violência hoje é um reflexo para Elias das múltiplas mudanças culturais e políticas que realizamos com o tempo, de modo que estas práticas de não violência acabaram “respingando” também no esporte.

Muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. (ELIAS, 1992, P. 70)

Assim as regras que coíbem a violência são pilares em várias práticas esportivas, porém são nas lutas marciais que elas ganham mais resistência, desta maneira, todo este processo histórico de “guardar” as práticas violentas gera segundo Elias, um sentimento de excitação pressa no qual são a partir dos esportes que eles podem ser “gastos”, pois os esportes, segundo o autor, geram situações próximas da realidade e assim sentimentos antes reprimidos podem ser experimentador de uma forma autocontrolada.

A investigação sobre o desenvolvimento do desporto mostrou que existia uma transformação global no código de conduta e de sensibilidade na mesma direção. Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média, ou até no início dos tempos modernos, com o futebol e o *rugby*, os dois ramos de futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência. A mesma mudança de orientação pode ser observada no caso do desenvolvimento do boxe. (ELIAS, 1992, P.42)

De fato, existe uma estreita relação com entre as regras do jogo e as condutas que a sociedade espera serem realizadas nas práticas esportivas, de modo de que o que é aceito como apropriado tende a se transformar em uma regra. A violência como algo que estaria fora do “núcleo de atitudes apropriadas”, colocada sobre o MMA uma perspectiva de esporte fora do padrão, a margem dos outros, algo parecido como um esporte outsider, daí a observação da existência de um coerção sobre este esporte ser algo facilmente observado. Como um grupo que possui práticas não aceitas como normais, as técnicas e condutas a serem construídas por um lutador (neste grupo) são determinantes para sua formação, por isso a contribuição de Becker sobre sua análise com um grupo de maconheiros é importante para compreender como é construída a carreira de um lutador, desde sua iniciação com uma arte marcial até sua chegada ao MMA, o lutador assim como o manheiro necessita sentir prazer naquilo faz, aprender corretamente as técnicas e saber distinguir o que aquela prática traz de diferente do normal, em relação aos sentimentos que possui quando à pratica. Caso isto não acontece, a prática da luta não fará sentido e facilmente e desistirá da luta. É sobre este processo de construção de um lutador no qual envolve tais valores específicos à este grupo que tento fazer minha pesquisa.

O desporto, tal como outras atividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para liberar, tensões provenientes do stress. Quadro do desporto, como de muitas outras atividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações de vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito liberador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo – ou desespero. (ELIAS, 1992, P. 79)

Em minhas idas à academia, pude notar que a relação entre violência e dor controlada são uma constante, a dor causada pelos companheiros de treino é de certa maneira calculada por quem a desfere, existe uma espécie de solidariedade entre os “parceiros” de treino, não existe intenção de ferir gravemente o adversário, mas de aprimoramento de sua técnica. Em vários momentos pude notar que golpes realizados com maestria geraram no grupo um sentimento de satisfação, no qual não pude compartilhar, pois não conhecia o que era certo ou errado naquele golpe, apenas entendia que aquilo era mais um golpe. Esta situação nos mostra o quanto a teoria de Becker nos serve para mostrar a importância de todo o processo de aprisionamento da técnica em um noviço que se insere em um grupo, caso ele não entenda tal prática, não irá gozar de prazer e assim sua permanência neste grupo não será certa. A satisfação dos lutadores em sair do treino, com o corpo dolorido depois de um treino exaustivo, nos mostra o quanto os valores deste esporte estão bem impetrados por tais praticantes, quanto mais cansativo for o treino, quanto mais dores suportáveis eles adquirirem em um treino, mais eles dizem que tal treino foi compensador. A dor, segundo eles, deve vir no treino, pois elas evitaram dores maiores no dia da luta. São estas ocasiões que tento analisar para compor uma compreensão da formação destes lutadores.

Elias nos lembra de que os grandes espetáculos de luta, a dos gladiadores, eram eventos que contavam com grande apoio popular, eram um divertimento para a época. Assim a excitação que uma luta de MMA pode produzir nos faz lembrar estes episódios na história, de maneira que a contribuição de Elias em notar um processo civilizador conduz uma perspectiva deste processo também para o esporte, também para o MMA. São as lutas de MMA os espetáculos dos coliseus antigos? A forma como a conduta social mudou no tempo fez do esporte um oportunidade para gastar uma excitação reprimida, assim o MMA pode se encaixar neste perspectiva de Elias, onde tal esporte com o apoio de regras que controlam tais sentimentos promovem nos lutadores e espectadores oportunidades de extravasar sentimentos.

Diante desta constatação, as regras proporcionam no MMA uma perspectiva de possível aprovação social deste esporte, mesmo com práticas hoje não tidas como aceitáveis, como é o caso da violência, foram responsáveis por ganharem já um espaço considerado grande em diversos meios de comunicação. Os lutadores por sua vez, constroem cotidianamente um habitus que permitem a eles aceitarem tal violência como

algo normal, algo necessário para o desenvolvimento de tal esporte. Minha pesquisa se centra então em entender como estes valores são construídos diariamente na vida de um lutador e de como eles são responsáveis para fazer da violência algo normal em suas vidas.

Bibliografia

BECKER, Howard S. *Outsiders: Estudo de sociologia do desvio*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2008.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. O controle das emoções, o medo e a violência. Encontrado em: www.uel.br. Acessado em 17 de fevereiro de 2013.

CHELUCHINHAK, Aline B. A BUSCA DA EXCITAÇÃO: A NATUREZA E O COMPORTAMENTO HUMANOS QUANTO AO CONSUMO DO ESPORTE E DO LAZER. XI Simpósio internacional processo civilizador. Buenos Aires, Argentina.

ELIAS, Norbert. DUNNING, Eric. A busca da excitação: Esporte e lazer no processo civilizacional. Ed. Difel. Lisboa, 1992.

GIACOMELLO, Sérgio Luis. “A BUSCA DA EXCITAÇÃO NO LAZER”:

Algumas reflexões a partir do processo civilizador. IX simpósio internacional processo civilizador. Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Ed. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2002.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 02 – Apresentação 02

Futebol E Moralidade

Construção social na normatividade e modos de justificação no debate sobre tecnologias de monitoramento

*Estéfane Dantas Cabral**

Resumo: A pesquisa tem como objetivo analisar especificamente o posicionamento dos torcedores a partir da discussão sobre as tecnologias de monitoramento. O objetivo é tentar entender como os torcedores constroem suas justificativas e que recursos morais utilizam. Assim, busca-se entender quais são suas noções de justiça e sorte no mundo do futebol e, como estas as relacionam ao mundo da vida. Palavras-Chave: futebol, moralidade, tecnologias de monitoramento

*

Introdução

A presente pesquisa visa analisar o processo de construção da moralidade, partindo do debate sobre o uso de tecnologias de monitoramento nos estádios de futebol na cidade de João Pessoa-PB. Buscando contribuir para a compreensão sociológica da moralidade no futebol, através de uma pesquisa sobre a construção da justificação em um grupo no mundo do futebol que são os torcedores. Entendendo como o grupo elabora os recursos normativos e coordena as justificações, será possível compreender a construção moral de um grupo específico no mundo futebolístico. A bibliografia abordada parte de uma perspectiva da sociologia figuracional encabeçada por Norbert Elias. O qual busca mostrar como a violência diminui proporcionalmente ao avanço da civilização, este junto com Erick Dunning demonstrou como este fenômeno se refletiu também no futebol e nos

* Bolsista PIBIC CNPq/UFPB e aluna do Curso de Ciências Sociais/UFPB, sob orientação da Profa. Dra. Simone Magalhães Brito.

esportes em geral, isto é, como com o desenvolver do modo de vida cada vez mais civilizado, as práticas esportivas se tornaram menos violentas e mais regradas.

Objetivo do Trabalho

A pesquisa tem como objetivo analisar especificamente o posicionamento dos torcedores a partir da discussão sobre as tecnologias de monitoramento. O objetivo é tentar entender como os torcedores constroem suas justificativas e que recursos morais utilizam. Assim, busca-se entender quais são suas noções de justiça e sorte no mundo do futebol e, como estes as relacionam ao mundo da vida.

Métodos

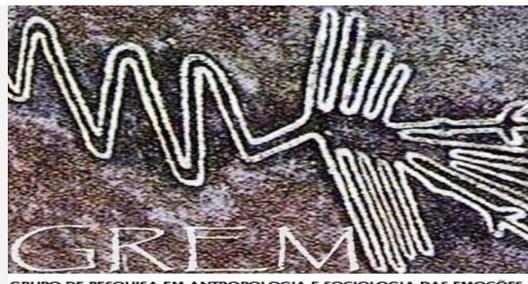
Além da observação participante, utilizou-se entrevistas semi-estruturada. Este método deveria ser capaz de interpretar como os torcedores constroem seus argumentos acerca das tecnologias de monitoramento e, por conseguinte procurar entender a forma como se estrutura a moralidade no âmbito do futebol. As entrevistas foram realizadas apenas com torcedores que frequentam estádios.

Resultados e Discussão

Após a observação participante, foram realizadas quatorze entrevistas com torcedores que frequentam regularmente o estádio. Estas entrevistas foram feitas no Estádio Leonardo Vinagre da Silveira conhecido como Estádio da Graça, no bairro de Cruz das Armas em João Pessoa-PB. Destas, oito foram feitas com torcedores de uma torcida organizada do Botafogo-PB (TJB) e seis com os torcedores do Auto Esporte (ULTRAS).

Conclusões

O debate sobre as tecnologias de monitoramento permitiu conhecer as concepções de justiça honra e moralidade que orientam e organizam a experiência da torcida. O fato de que a maioria dos torcedores é favorável ao uso de tecnologias de monitoramento sugere uma homogeneidade entre os interesses da torcida e dos profissionais, negando a hipótese de uma maior relação entre a experiência da torcida e resistência ao processo de esportivização.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 03

Mesa 03

Emoções e Religiosidade

Debatedor: Edvaldo Carvalho Alves

Apresentação:

Patrick César da Silva;

Vanessa Karla Mota de Souza Lima;

Maria Francileide Gomes.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 03 – Apresentação 01

COMUNIDADE DOCE MÃE DE DEUS Religião, sociabilidade e pertencimento religioso

*Patrick César da Silva**

Resumo: Esta apresentação pretende discutir a Comunidade Doce Mãe de Deus como parte de um fenômeno particular presente no catolicismo Contemporâneo, denominado de Novas Comunidades ou Comunidades de Vida e Aliança (CVA), no qual se objetiva analisar como a pertença é construída e/ou reconstruída, a partir da percepção das principais formas de sociabilidade desenvolvidas na comunidade, e como os membros interpretam a vivência da lógica comunitária. Para isso, pretendemos discutir como as Comunidades de Vida e Aliança, apresentam-se enquanto proposta para o desenvolvimento de uma vida religiosa que seja capaz de contribuir para a manutenção e fortalecimento do pertencimento religioso dentro do catolicismo, tendo como contexto a modernidade. **Palavras-chave:** pertencimento religioso, vida comunitária, sociabilidade, comunidades de vida e aliança

*

Introdução

Esta apresentação tem como objetivo discutir os principais resultados obtidos a partir da pesquisa de mestrado intitulada Vivendo em Comunidade: Formas de Sociabilidade e Sentimento de Pertença no Catolicismo Contemporâneo realizada entre 2010 a 2011 junto a Comunidade de Vida e Aliança Doce Mãe de Deus (CDMD).

Aqui buscaremos discutir como o Catolicismo sofre os efeitos da modernidade e como se reconfigura para adequação frente os principais fenômenos produzidos pela Modernidade. E para isso nos utilizaremos de análises feitas a partir dos conceitos de sociabilidade e pertença, desenvolvidos na Comunidade DMD.

* Mestre em Sociologia pelo PPGS/UEPB.

Nossa apresentação estará estruturada em quatro partes em que buscaremos na primeira parte apresentar o cenário da religião na modernidade e como o Catolicismo e as Novas Comunidades se encaixam dentro dele, as principais problemáticas e as principais questões que norteiam nossas reflexões. Em seguida apresentaremos o contexto da Comunidade Doce Mãe de Deus, os principais personagens e formas de sociabilidades que contribuem para a formação da lógica comunitária. Os conflitos percebidos e a estrutura organizacional da vida comunitária e como ela interfere diretamente nas ações individuais de cada dos seus membros.

Em terceiro lugar, discutiremos como a vida comunitária pode contribuir para construção do sentimento de pertença entre os membros da CDMD. Propomos uma relação direta entre a lógica comunitária e a construção desse sentimento de integração e coesão social.

Por fim, iremos apresentar os desafios e problemáticas identificadas dentro desse processo de adequação do Catolicismo à Modernidade. Como as Novas Comunidades podem contribuir para possíveis mudanças dentro da estrutura organizacional e social do Catolicismo.

Vida religiosa e comunitária na modernidade

É a partir de meados do século XX que a Igreja Católica enfrenta diversas transformações motivadas, principalmente, pela desregulação do campo religioso, o que tem levado à constituição de um mercado religioso profundamente plural. Estas transformações especificamente do campo religioso, ocasionadas por fenômenos como secularização, racionalização e desencantamento do mundo, empreendidos pela ciência, além dos processos tecnológicos informacionais e consumistas, explorados em demasia pelos novos concorrentes dentro do campo religioso, como os neopentecostais. Estes fatores têm afetado a forma da igreja de pensar a sua eclesiologia e a vida cotidiana de seus adeptos.

Sendo assim, as Novas Comunidades surgem dentro de um contexto de pluralidade que marca as relações religiosas na modernidade, onde a abrangente racionalização das relações sociais apontam para o próprio homem como medida de si e de suas ações com o mundo, o que obriga a religião a perder parte significativa de sua supremacia como mantenedora e sustentadora de uma moral hegemônica, contribuindo, assim, para o enfraquecimento de sistemas estruturais das grandes narrativas religiosas como o catolicismo, por exemplo. Este fenômeno leva a religião, de uma esfera social e cultural, para uma esfera individualizada. Ela passa a ser algo vivenciado a partir do *foro íntimo* de cada sujeito, criando, assim, diversas formas de se experimentar a fé pautada na experiência individual de cada ser.

A presença marcante do pluralismo no seio do catolicismo também é uma questão importante. Conforme nos informa Teixeira (2009a, p 18), “o catolicismo no Brasil revela uma rica complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil”,

complexidade esta que “[...] se expressa nas frestas de uma pretensa homogeneidade; ela brilha na ‘metamorfose das práticas e crenças reelaboradas’ ou reinventadas” (p. 29).

Fazem parte deste pluralismo o catolicismo popular, o catolicismo das CEB’s, o catolicismo da Renovação Carismática e ao que damos destaque, o catolicismo das CVA, entre outros.

As Novas Comunidades fazem parte de uma resposta dada à sociedade contemporânea ocidental que é marcada pela presença da ideologia individualista, onde prevalecem as mais diversas formas de sociabilidade, em sua maioria, alicerçadas sobre o efêmero, o passageiro, o emocional fluido, o trânsito e o instável.

Sendo assim, percebemos que as comunidades católicas surgem num contexto social marcado pelo individualismo, e que estas se apresentam como uma forma de reação e fuga a um mundo profundamente individualizado e carente da lógica comunitária.

Diante do debate sobre o indivíduo contemporâneo notamos que ele é, dentro do pensamento moderno, um ser uno, livre e responsável por seus próprios atos.³² No entanto, esta autonomia do indivíduo é regrada e conduzida pelas normas estabelecidas pelo todo social. Neste sentido, é a partir dele que surge o cidadão moderno, ou seja, a mínima célula do estado democrático. Nesta concepção, notamos a forma como o pensamento individualista se sobrepõe ao da coletividade, enfatizando questões relacionadas ao papel do indivíduo enquanto ser livre, sujeito das leis.

No geral, as teorias que avaliam a modernidade, acreditam que o indivíduo é um dos seus valores principais. Sua emergência coincide com a constituição da modernidade e ele se torna determinante no modo de vida moderno. Isso pode ser encontrado no conjunto da obra dos clássicos da sociologia (Marx, Durkheim, Weber, Tönnies, Simmel etc.), e de autores contemporâneos como Elias, Sennet, Giddens, Foucault, Habermas etc.

Para nossas discussões sobre as Novas Comunidades iremos utilizar a ideia de pertença enquanto parâmetro que dá sentido à lógica cotidiana de existência do indivíduo, além de se ligar ao sentido de identidade sociocultural, ou seja, o sentimento de pertença dá ao indivíduo características que lhe são próprias, ao fazê-lo sentir-se parte de um grupo, de um povo, de um projeto ou ideologia, o que funciona como um mapa a situá-lo, primeiramente no seu entorno próximo, e depois no todo social. Para estas discussões, apoiar-nos-emos nos conceitos trabalhados por Koury (2006), Berger (2007) e Hall (2001).

Desta forma, é no contexto de diversas possibilidades que pretendemos discutir a especificidade das Novas Comunidades, tendo como rumo para a pesquisa, o pressuposto de que a busca por estas Novas Comunidades não se restringe apenas a um fator soteriológico, ou seja, a uma resposta para a procura por salvação da alma, mas surge também como resposta a questões sociais/existenciais de cada sujeito que as procura. A perspectiva individualista tão marcante em nossa sociedade tem se deparado com alternativas marcadas por uma proposta de relações face a face, ou seja, uma proposta de

³²Ver Dumont (1985).

relações sociais que apontam para a resignificação das relações comunitárias, conduzindo a formas de convivência nas quais o sentimento de pertença é uma de suas tônicas.

A Comunidade Doce Mãe de Deus: formas de sociabilidade e estilo de vida religiosa

A Comunidade de Vida e Aliança é desenvolvida a partir de uma ideia de solidariedade e integração social que norteia toda a sua dinâmica de funcionamento que é a lógica de vida em comunidade.

De acordo com o site da instituição vemos que o sentimento que deu início a ela foi o desejo de viver em comunidade. Sendo este início datado no dia 29 de agosto de 1989, quando os membros fundadores “Inaldo Alexandre da Silva e Marliane de Andrade Cavalcante deram o primeiro “*Sim*” ao plano do Senhor.” E é a compreensão deste este tipo de sentimento que move nossa pesquisa.

Notamos que nesta comunidade católica, existe uma lógica vocacional que impulsiona os adeptos a se separem do dia-a-dia “mundano”, e atendendo a esse chamado divino, passam a viver em comunidade.

Neste tipo de configuração, predominam papéis que se organizam mediante a existência de dois tipos de vocacionados. Primeiramente, os que renunciam a vida “no mundo”, ou seja, família, trabalho e estudos, para se dedicarem exclusivamente ao serviço e vida comunitária, submetendo-se a um tipo de consagração chamado *consagração de vida*. Como eles convivem aqueles que fazem uma aliança de participar das atividades da Comunidade, tendo a função de contribuir para o sustento dos consagrados de vida, através de doações voluntárias, sem, contudo, renunciar a vida exterior à comunidade. A estes está associada à *consagração de aliança*. Além destes dois tipos de consagrados existem outros personagens que participam da estrutura da Comunidade Doce Mãe de Deus: clérigos e religiosos, e demais postulantes que se encontram em processo de busca por um dos tipos de consagração.

A Comunidade Doce Mãe de Deus carrega em sua história momentos de lutas e conflitos para se afirmar, procurando divulgar o principal valor de toda nova comunidade católica, o *carisma*. Sobre ele se assentam as ocupações e realizações da Comunidade e funciona como a essência, o mote para a ação de cada indivíduo dentro e fora da Comunidade. É a marca principal do que os adeptos e idealizadores entendem por ser Doce Mãe de Deus.

Tornar-se adepto de tais comunidades implica uma série de renúncias, mesmo para aqueles que são religiosos, pois diante de muitas facilidades e seduções que a sociedade moderna nos oferece, abdicar de um estilo de vida livre, consumista, hedonista representa um tipo de resignação que não se adéqua aos nossos dias.

A CDMD é construída sobre o pilar do *carisma*, relacionado à atitude para com os necessitados, como também à forma como cada indivíduo deve viver o seu cotidiano, mesmo nos aspectos mais rotineiros, como as roupas que devem vestir. O *carisma* foi concedido à Comunidade a partir da experiência de vida do seu fundador.

Tendo por base esse *carisma*, o jovem Inaldo Alexandre, juntamente com as três jovens do movimento RCC, deram início à formação da CDMD. O Carisma vivenciado por ele é, como ele mesmo informa: “Ser testemunha do mistério da salvação de Cristo pelo amor a Sua Santa Cruz.”. Sendo a ideia de radicalidade que norteia todas as principais relações desenvolvidas dentro da CDMD. Podendo ser identificada com práticas que demarcam a renúncia ao consumo, a liberalidade na sexualidade, acompanhadas pela falta de fé e de religiosidade.

A vida em comunidade delimita as ações do indivíduo, em que a expectativa na relação social é fundamentada na escolha pelo outro. O “Eu” fica sempre em segundo plano nas decisões pessoais. Há nisso tudo, um processo de anulação do indivíduo em favor da comunidade. O estilo de vida comunitária se manifesta na relação com os outros.

A internalização dos valores da vida comunitária, pré-requisito básico para fazer parte das Novas Comunidades, dá aos postulantes uma nova forma de se relacionar e de se comunicar. Esta experiência na Comunidade concede-lhes a possibilidade de vivenciar uma nova forma de sociabilidade que eles não puderam experimentar na vida religiosa dentro da Paróquia.

A CDMD possui uma estrutura organizacional que se divide em Assembleia Geral, Diretoria Administrativa e Conselho Fiscal. Nenhuma das pessoas que participam da Diretoria Administrativa ou do Conselho Fiscal, ou de qualquer outra função dentro da comunidade, pode receber nenhum tipo de remuneração por serviços prestados à CDMD.

Na hierarquia, o mais importante é o Moderador Geral, a “autoridade máxima” da Comunidade. É de sua responsabilidade e dever a manutenção do *dom, carisma, vocação e missão* da DMD. Decide, juntamente com o Formador Geral e o Conselho, sobre todos os fatos e projetos que se refiram à Comunidade. O cargo de Moderador Geral pode tornar-se vitalício, desde que o fundador deseje renová-lo a cada cinco anos.

Vida comunitária e sentimento de pertença na comunidade doce mãe de deus

Hoje, por viver-se uma profunda liquidez nas relações sociais, os indivíduos procuram construir espaços ou sociabilidades em busca do sentido que parecem ter se perdido. Para Berger (2004), a perda deste sentido, tornou-se algo comum que se reproduz no cotidiano do homem moderno. É mediante a entrada em certas comunidades de vida³³ que, segundo Berger, o indivíduo, vai aprender a desempenhar o seu papel enquanto sujeito social.

Sendo assim, ao entrarem nestas comunidades de vida, também denominadas por Berger, “grupos de referência”, os indivíduos, não somente internalizam os papéis sociais que devem desempenhar como membros de determinada comunidade, mas também, deparam-se com a necessidade de construir, a partir da experiência coletiva no grupo, sentido para as suas vidas. As comunidades de vida são também comunidades de sentido, pois são responsáveis pela direção dos caminhos a serem trilhados pelos indivíduos. Porém, com a diminuição da força dessas comunidades de sentido na sociedade

³³Berger este termo se aplica mais à teoria dos grupos de referência a qual nos utilizamos neste capítulo.

contemporânea, o norte existencial tornou-se responsabilidade principal do próprio indivíduo.

Para “pertencer”³⁴ a CDMD, o indivíduo deve sujeitar-se à radicalidade proposta pela consagração de vida e de aliança, cuja expressão cristaliza-se nos principais Conselhos Evangélicos: castidade, pobreza e obediência, que uma vez realizados, levam ao *carisma*, criando no indivíduo a consonância entre o nível pessoal e o coletivo.

O *carisma* é a base essencial da vida dentro das Novas Comunidades. É através dele que as lógicas missional e vocacional são determinadas. Geralmente, para os católicos, *carisma* significa o “conhecimento intuitivo por parte das pessoas leigas de que um santo tinha contato íntimo com Deus. Expressa também uma qualidade heroica ou extraordinária, manifestada pela ‘graça’ e o ‘dom’ divinos” (MAIA, 2008, p. 85). O *carisma* da comunidade confunde-se com o *carisma* do fundador. Pois, o chamado vocacional e a missão específica de fundação da Comunidade lhe foram enviados pelo Divino, por meio de experiência íntima.

Com a internalização do *carisma*, a essência da Comunidade passa a ganhar sentido localizando o indivíduo no mundo, dando-lhe um propósito de existir para o cumprimento de sua missão e vocação. Cada um dos novos membros passa por um processo de socialização do *carisma*, cuja essência significa fazer parte da Comunidade.

É através da internalização dos valores que descendem da Cruz de Cristo, vivenciados e encarnados no dia a dia, que os membros consagrados CDMD podem ter a sua pertença à Comunidade confirmada, para isso a dor particular deve ser colocada em segundo lugar, atrás da dor comunitária.

Aquele que carrega o *carisma* DMD constrói a sua identidade diante de si mesmo e da Comunidade. A entrada é marcada pelo abandono e pelo esvaziamento de sonhos e de projetos pessoais, em favor dos sonhos e projetos construídos e determinados pelo coletivo. O individual passa a se confundir com o coletivo, o comunitário. Nessas relações, a pertença ao grupo dá sentido e aparato para a existência de seus membros.

Para Koury (2003) o conceito de pertença está ligado à localização do indivíduo no mundo, ou seja, é um “estar no mundo”. E “localizar-se” no mundo compreende a relação do “eu enquanto nós”. Koury exemplifica o sentimento de pertença, a partir do lugar de origem dos indivíduos, atrelado ao sentimento de enraizamento.

Koury (2006) também analisou a pertença a partir de um grupo de jovens no espaço urbano de João Pessoa, em que a lógica grupal ou comunitária é fortalecida com a perspectiva de manutenção da existência do próprio grupo. Relacionado a este tipo de sentido conceitual, a pertença é utilizada como forma de estabelecer não apenas uma relação do indivíduo ao seu lugar de origem, enquanto lugar de enraizamento, mas como uma relação do indivíduo com o grupo do qual faz/se sente parte. Uma relação de troca que atribui ao indivíduo sentido e direcionamento existencial.

³⁴“Pertencer” não é simplesmente “participar”. Implica uma radicalidade, uma identificação mais profunda.

Encontramos semelhanças entre a Comunidade Delta e a Comunidade DMD, em relação ao sentimento de identificação e de diferenciação, embora, as lógicas de cada uma, afastem-se pela radicalidade existente na CDMD, o que faz com que a diferenciação nesta, seja diminuída.

A pertença se manifesta, não apenas no ser parte de um determinado grupo ou localidade, mas no “estar no mundo”, onde o próprio indivíduo precisa enfrentar os dilemas da identificação e da diferenciação. Este “estar no mundo” refere-se diretamente a uma localização social, que “influencia o que fazemos, a linguagem que falamos, as ações que praticamos, e nossas convicções religiosas. As instituições sociais e religiosas moldam nossas ações e orientam, norteiam nossas expectativas” (LEAL, 2007, p.13).

A possibilidade de se identificar com o outro, e através do outro, fortalece a lógica comunitária e alimenta a pertença ao grupo. A partir deste fato, vemos que o “não conseguir” internalizar o *carisma* como forma básica e norteadora das ações dos indivíduos dentro da Comunidade, é a condição suficiente para a exclusão da vida comunitária, pelo menos do seu lado mais radical, ou seja, a consagração de vida.

A internalização do *carisma* concede aos membros, a certeza da vocação, isto é, do chamado divino para o desempenho de uma função especial dentro da Igreja. Para os membros da CDMD, a “vocação” é descoberta mediante a oração e a busca pelo Divino, sendo ela aquilo que atribui sentido à existência. A perseverança nos Conselhos Evangélicos (castidade, obediência e pobreza) é o sinal de eleição, ou seja, a marca de que a “vocação” foi abraçada, tornando o indivíduo um membro da comunidade.

Mas nem sempre a “vocação” pretendida pelo postulante coincide com o chamado do Divino, como aconteceu no caso relatado, em que o postulante, por não internalizar o princípio do compartilhar³⁵, não internalizou o *carisma*, e por isso teve que redirecionar a sua “vocação” da consagração de vida para a consagração de aliança.

Sendo assim, o pertencer ao grupo, objetiva-se através de formas de autocontrole e de disciplina, em que valores e normas da comunidade se internalizam no indivíduo, como diria Bourdieu, na forma do *habitus* (BOURDIEU, 2009). Para Koury (2010, p. 40), o “disciplinamento moral é um elemento fundamental de garantia da continuidade do ‘eu’ na relação grupal e na relação do grupo com os membros individualizados”.

Para os comunitários DMD, viver a pobreza dentro e fora da Comunidade significa manter à disposição os “bens presentes e vindouros segundo a mentalidade do Reino”, ou seja, tudo o que os membros da CDMD possuem, deve ser compartilhado com os que mais necessitam, independente do meio social, econômico e cultural a que pertençam.

Por fim, se referido a construção da pertença na CDMD notamos que possíveis mudanças na estrutura do catolicismo podem ser percebidas por seus membros. A partir dos relatos dos entrevistados notamos tais proposições. Ao falarem sobre os fatos que contribuíram para as mudanças em suas vidas, enquanto pessoas que têm e desenvolvem

³⁵Todos os novos postulantes passam pelo “exercício do compartilhar”, devendo disponibilizar as suas coisas, roupas principalmente, para uso comunitário. Este período de tempo é determinado por cada um dos formadores.

um tipo específico de espiritualidade, notamos que a pertença ao catolicismo ganha um significado mais forte, que os leva a reproduzirem a lógica tradicional da religião católica.

São diversas as mudanças destacadas pelos entrevistados: autoconhecimento, melhoria nas relações interpessoais, no comportamento comunitário, além de fortalecimento de sentimentos sociais como a solidariedade e o altruísmo. Ações e sentimentos que contribuem para que seja fixado em suas vidas o significado do que é fazer parte da Comunidade.

Dessa forma, percebemos ainda que assim como muda a visão de mundo, as relações sociais e os valores sociais também sofrem alterações: valores morais têm o individualismo como uma máxima, marca do mundo fora da comunidade.

Este fortalecimento da pertença ao grupo e à religião católica é vivido pelos postulantes de forma cada vez mais intensa quanto mais avançam no processo de consagração.

O fazer parte da Comunidade leva os indivíduos a ter fortalecido o sentimento de pertença religiosa e, como relatado anteriormente, esta pertença ao catolicismo é experimentada no espaço da Nova Comunidade como forma de dar aos fiéis a possibilidade de desenvolverem a sua espiritualidade de uma forma mais intensa, coisa que não é notada pelos entrevistados no espaço da paróquia.

Desafios e problemáticas identificadas dentro desse processo de adequação do catolicismo à modernidade

Dentro desse processo de possível adequação e/ou contextualização do Catolicismo aos parâmetros impostos pela Modernidade, podemos destacar alguns desafios a sua forma de ser igreja e de manter os adeptos conectados à sua lógica religiosa institucional.

Dentre estas possíveis mudanças e adaptações, podemos frisar a questão do relacionamento das NC com as paróquias. Mas que mudanças e possíveis relações são desenvolvidas entre a vida comunitária da NC e a espiritualidade e religiosidade vivida no espaço da paróquia? Como as Novas Comunidades são vistas pela estrutura tradicional da Igreja Católica? Esta nova forma de se vivenciar a fé católica serve de base de manutenção, sustentação ou de renovação para a vida religiosa dentro do catolicismo?

No que diz respeito à relação com as paróquias podemos notar que elas sofrem os efeitos do pluralismo presente no Catolicismo, como nos informa Faustino Teixeira (2009b), o pluralismo dentro do catolicismo é uma repercussão da própria pós-modernidade, que termina afetando as mais diversas áreas da vida social, inclusive a instituição religiosa, onde age criando formas de vivenciar a religião de maneiras variadas, e uma delas são as Novas Comunidades.

Por outro lado, também, a “plasticidade dos modos de ser católico é expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o ‘outro mundo’” (TEIXEIRA, 2009a, p. 19). Assim, o catolicismo brasileiro apresenta-se como uma forma religiosa complexa e carregada de

“brasilidade”, o que amplia as capacidades de resignificação dentro da plasticidade, cujos exemplos podem ser visto nos vários catolicismos: santorial, oficial e de refiliação, como marcas do catolicismo brasileiro contemporâneo.

Sendo assim, as Novas Comunidades se apresentam, segundo nossos informantes, como forma de atração e refiliação de fiéis egressos do catolicismo para outras confissões religiosas, como também para responder às principais demandas relacionais e existenciais dos indivíduos na sociedade contemporânea. No entanto, podemos afirmar que elas são manifestação do catolicismo plural que dá à religião católica configurações específicas, para que seus fiéis possam vivenciar uma espiritualidade radical e intensa.

Mas não são apenas as NCs a integrarem o catolicismo plural. Os Novos Movimentos Eclesiais (NME) estão na base da postura plural que afetou a Igreja Católica desde a década de 1960, apontando para rupturas com as estruturas litúrgicas tradicionais.

Mas como estas configurações têm contribuído para reconfigurar a estrutura formal e mais ampla do catolicismo? Será que as Novas Comunidades contribuem para que a lógica romanizada da religião católica sofra alterações significativas ou limita-se a reproduzir, de forma incrementada, a velha estrutura?

Sendo assim, as Novas Comunidades trazem para o cenário católico um novo fôlego para o desenvolvimento da fé e para o fortalecimento da estrutura institucional. No entanto, nas entrelinhas das conversas com os entrevistados consagrados e postulantes, pudemos perceber algumas situações conflituosas. Para alguns, a resistência às NCs deve-se às práticas pentecostais herdadas da RCC. Libânio (2007), teólogo católico, afirma existir alguns riscos decorrentes da atuação e ação das Novas Comunidades dentro do catolicismo. Um deles é o fato de existirem pessoas dentro das Novas Comunidades, realizando releituras de práticas e do uso de determinados símbolos católicos com o propósito de seduzir as pessoas para aderirem às Novas Comunidades.

Como vimos anteriormente, a vida comunitária da CDMD marca e fortalece a pertença religiosa de seus membros pela internalização do *carisma* DMD. Isto gera “um jeito de ser DMD” que traz para o catolicismo contemporâneo uma especificidade, em que “o ser católico” se amplia e se pluraliza, porém sem deixar de contribuir para a manutenção e conservação da religião.

Mas diante de tudo o que destacamos e das tendências apresentadas, podemos afirmar que a proposta da CDMD é um exemplo de avivamento das estruturas tradicionais do catolicismo? Parcialmente. Pois, há nas NCs algo de novo: proposta de vida comunitária com radicalidade e desprendimento num contexto de individualismo exacerbado, marcado pelo apego às coisas materiais. Mas, ao mesmo tempo, não podemos negar que como desdobramento da RCC, as NCs visam à conservação dos valores católicos, primando acima de tudo pela espiritualidade e religiosidade.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, objetivamos discutir as formas de sociabilidade presentes na Comunidade Católica Doce Mãe de Deus e como essas formas de

sociabilidade se relacionam com um contexto mais amplo: a Modernidade. A partir da reflexão sobre as formas de sociabilidade e o sentimento de pertença, fomos levados a trilhar pelos caminhos da religiosidade e espiritualidade católicas contemporâneas, possibilitando-nos compreender o fenômeno das Novas Comunidades Católicas, enquanto formas de expressão da fé, mas também como forma que possibilitou a construção e manutenção da *catolicidade* brasileira.

Da mesma forma que as Novas Comunidades dão novos significados a catolicidade brasileira, a partir de uma perspectiva pluralista, elas fornecem condições para que os valores e padrões da fé católica sejam conservados e mantidos, ao facilitarem sua absorção e internalização pelos fiéis, muitos dos quais refilados.

A partir das Novas Comunidades podemos identificar, numa perspectiva mais ampla, que elas são organizações societárias que dão aos indivíduos, percebidos por Bauman (2003) como errantes e com projetos de vida pulverizados e marcados pela insegurança e incerteza, condições de projetarem seus desejos e sonhos, além de terem a possibilidade de vivenciarem a utopia da comunidade perdida e que hoje é extremamente desejada por muitos.

No entanto, numa perspectiva mais localizada na vida religiosa católica, notamos que as Novas Comunidades são formas de se trazer uma nova efervescência e uma nova forma de se viver a fé no catolicismo paroquiano. Mas podemos ver que elas são mecanismo de fortalecimento e de conservação, como já pontuamos, da estrutura da religião católica. Sabemos que dentro da lógica de mercado estudada por Guerra (2003), estas organizações comunitárias se apresentam como formas de se posicionar nesta dimensão do mercado religioso. Campo perdido por muito tempo para as igrejas pentecostais e neopentecostais.

A vida comunitária vista com algo desejável e padrão a ser alcançado, leva os postulantes, consagrados de vida e de aliança, além de todos os outros fiéis católicos, a desejarem a completude a partir da experiência com esta “forma ideal” de vida social. Chega ao ponto de ser considerado referencial para todos os católicos. Não é mais na paróquia que a verdadeira fé católica se encontra, pois lá não se pede aos fiéis uma radicalidade, somente uma simples religiosidade. A vida comunitária, desse modo, é um desafio, e pela dificuldade deste, se pode avaliar a grandeza de quem o propõe.

Ao discutirmos o sentimento de pertença às Novas comunidades, notamos que a vida comunitária concede aos fiéis uma nova percepção do que vem a ser católico, dando ênfase ao pertencimento há algo muito superior que a si mesmo. Ao grupo, que é visto como algo desejável e que tem autoridade de impor condições aos membros, para que possam ser reconhecidos como parte do coletivo grupal. Pertencer a uma NC é pertencer ao catolicismo de maneira concreta, pois o outro é uma exigência presente e próxima, ao passo em que no catolicismo paroquiano, o outro é vivido difusamente, sem radicalidade, sem a presença do controle dos formadores, visitantes e todas outras formas efetivas de controle social típicas das NCs.

A partir das análises feitas sobre a CDMD podemos ver não apenas um grupo que se insere numa dimensão maior da religião católica, mas uma forma de organização societária que vivencia uma lógica comunitária que tem um propósito conservador, pois a ideologia das NCs pretende dar continuidade ao catolicismo num contexto de instabilidade e incertezas: aos “sinais do tempo” a resposta é dada pela “primavera da Igreja”.

Ao discutir sobre as Novas Comunidades como perspectivas para a Igreja Católica, Libânio (2007) apresenta-se otimista. Defende que a teologia dos carismas na Igreja é uma tendência ditada pela própria sociedade. Para o autor, essa teologia é a maneira fundamental para se entender que as Novas Comunidades surgem como respostas às principais demandas apresentadas pela sociedade ocidental. Respostas que levam os indivíduos perdidos na sociedade, a buscarem novamente na religião e no religioso, a completude para as suas carências existenciais.

Adentrar no mundo das Novas Comunidades, e especificamente na Comunidade Doce Mãe de Deus, trouxe-nos a possibilidade de desvelar e desnaturalizar algumas questões que até então eram vistas e percebidas com certo preconceito religioso. Foi a partir da análise das Novas Comunidades que pudemos perceber o quanto o catolicismo ainda tem força na produção imaginária brasileira.

E sobre as ressonâncias geradas a partir desse trabalho de pesquisa, pudemos notar o quanto a temática das Novas Comunidades, dado a sua importância dentro do catolicismo, ainda é um assunto de pouco aprofundamento no circuito acadêmico no Nordeste e também no resto do Brasil.

Referências

AGUILAR, Luciana Fonseca. **Rejeição e adaptação ao mundo: o caso da comunidade católica Shalom**. 105 p. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) Universidade de Brasília/DF, 2006.

ALMEIDA, Alexandre Paz. **Entre a pessoa e o indivíduo: dilemas da sociologia relacional de Roberto DaMatta**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade Federal da Paraíba, 2011.

ALVES, Katia Simone Almeida Lins. **Comunidades novas de vida e aliança no Nordeste brasileiro: processos comunitários e práticas religiosas**. 149 p. Dissertação. (Mestrado em Ciências das Religiões) Universidade Federal da Paraíba, 2009.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contidas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2007.
- _____. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 1990.
- _____. **The sacred canopy**. New York: Doubleday, 1967.
- BERGER, P. & BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: Marialice Foracchi e José de Souza Martins (orgs.), **Sociologia e Sociedade**: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro, LTC editora, 1994.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti, **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.
- BOURDIEU, P. et al. **A profissão do sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BRANCALENE, Cassio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade**: revisando Ferdinand Tönnies. Revista de Ciências Sociais, v. 39, n. 1, pp. 98-104, 2008.
- CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). **Novas comunidades católicas**: em busca de um espaço pós-moderno. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília. Novas Comunidades Católicas: por que crescem? In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). **Novas comunidades católicas**: em busca de um espaço pós-moderno. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- CAMURÇA, Marcelo. Ciências Sociais e Ciências da Religião: polêmicas e interlocuções. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CIPRIANI, Roberto. Manual de sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMUNIDADE DOCE MÃE DE DEUS (CDMD). Estatuto canônico. In: LEAL, Maria Celeste Almeida. **A comunidade doce mãe de deus e sua contribuição para a educação formal e a educação informal**. 176 p. Dissertação (Mestrado em Educação Popular) Universidade Federal da Paraíba/PB. 2007. [Anexos].
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Igreja Particular, Movimentos eclesiais e novas comunidades**. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CUNHA, Eduardo Leal. **Indivíduo singular plural**: a identidade em questão. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- DALBERIO, Oswaldo. **Metodologia Científica**: desafios e caminhos. São Paulo: Paulus, 2009.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 1989.
- DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2008.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FRATER – FRATERNIDADE DAS NOVAS COMUNIDADES DO BRASIL. **Novas Comunidades**: primavera da Igreja. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.

- FRUGOLLI JR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- _____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. **Em defesa da Sociologia: ensaios, interpretações e treplicas**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- GOMES, Sandro dos Santos. **As novas comunidades católicas: rumo a uma cidadania “renovada”?** 117 p. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/RJ. Rio de Janeiro, 2008.
- GUERRA, Lemuel. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na igreja católica. **Revista de Estudos da Religião**, nº 02, 2003a, p. 1-23. Disponível em <www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf> Acessado em 08 out. 2011.
- _____. **Mercado religioso no Brasil: competição, demanda e a dinâmica da esfera da religião**. João Pessoa: Ideia, 2003b.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, Daniëlle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. In: **Etnografias**, Lisboa, Vol. 14 p. 27-58, 2010. Disponível em por <www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v14n1/v14n1a02.pdf>. Acessado em 13 out. 2011.
- _____. **O vínculo ritual: um estudo sobre sociabilidade entre jovens no urbano brasileiro contemporâneo**. João Pessoa: Edições do GREM, Editora Universitária/UFPB, 2006.
- _____. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: C. Leitão (org). **Gestão cultural: significados e dilemas na contemporaneidade**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003, p. 75 a 87.
- _____. **Sociologia e religião: abordagens clássicas**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.
- LEAL, Maria Celeste Almeida. **A comunidade doce mãe de deus e sua contribuição para a educação formal e a educação informal**. 176 p. Dissertação (Mestrado em Educação Popular) Universidade Federal da Paraíba/PB. 2007.
- LIBÂNIO, João Batista. **Os carismas na igreja do terceiro milênio: discernimentos, desafios e praxis**. São Paulo: Loyola, 2007
- LIBERAL, Marcia Mello Costa de. **Religião, identidade e sentido de pertencimento**. Coimbra, 2004
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- MAFFESOLI, Michael. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J. G. C. e Torre, L. L. (Orgs.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 12 a 53.

MAIA, Kaliane de Freitas. **As comunidades de vida e aliança no contexto do catolicismo: uma análise do caso da Remidos do Senhor**. 125 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande/PB. 2008.

MARIZ, Cecília Loureto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petropolis, RJ: Vozes, 2010.

MOCELLIM, Alan. **Simmel e Baumann: modernidade e individualização**. Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vo. 4, n. 1 (1), agosto-dezembro, 2007.

NOGUEIRA, Aico Sipriano. **Comunidades da nova era no Planalto Central – utopia, ideologia e reafirmação da ordem**. Tempo Social; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 13(1); 159-184, maio de 2001.

OLIVEIRA, Eliane Martins de. **O mergulho no Espírito de Deus: diálogos (im)possíveis entre a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova**. 208 p. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro/RJ. 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: _____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **De olho na modernidade religiosa**. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 2, 2008, p. 9-16.

PORTELA, Rodrigo. Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: na ciranda entre religião e secularização. In: **Revista de Estudos da Religião**, nº 02, 2006, pp. 71-87 Disponível em <www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portela.pdf>. Acessado em 08 de outubro de 2011.

_____. **Medievais e pós-modernos: a Toca de Assis e as novas sensibilidades católicas juvenis**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). **Novas comunidades católicas: em busca de um espaço pós-moderno**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito: a renovação conservadora do espírito carismático**. 2 ed. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1998.

SANTOS, José Roberto Oliveira dos. **A igreja católica e as novas comunidades: do cosmos ao caos modernos**. 114 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN. 2008.

SILVA, Patrick César da. “O Parque Solon de Lucena na visão dos seus usuários e freqüentadores”. In: Mauro Guilherme Pinheiro Koury (Org.). **Medos Corriqueiros e Sociabilidade**. João Pessoa, Ed. Universitária, 2005, pp. 77 a 84.

SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental” In: Velho, O. G. (org). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

_____. **Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. **Religião: ensaios**. Volume 1 / 2. São Paulo: Olho D’água, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. catolicismo contemporâneo. In: _____; MENEZES, Renata (Org.). **catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a, p. 17-30.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). **As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (org.). **catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.

TEIXEIRA, Faustino (org.). **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TÖNNIES, F. **Comunidad y sociedad**. Buenos Aires: Editorial Losada S.A., 1947.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

WACH, Joachim. **Sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

WEBER, Max. **A ética protestante e espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Imprensa Oficial, v. 1, 2004a.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 03 – Apresentação 02

Para lá e de volta a Allah Uma análise antropológica da construção da identidade muçulmana entre os revertidos brasileiros na comunidade islâmica sunita em João Pessoa - Paraíba

*Vanessa Karla Mota de Souza Lima**

Resumo: Este trabalho objetiva investigar, através de aportes antropológicos, como são construídas as identidades muçulmanas entre os revertidos brasileiros na comunidade islâmica sunita em João Pessoa – Paraíba. Por meio da observação participante e da análise do discurso dos adeptos da religião islâmica, propomos compreender como se dá a apreensão do sagrado e da religiosidade; bem como as formas de sociabilidades que envolvem este grupo. Buscamos também observar, a partir das práticas islâmicas, como os indivíduos reorganizam o seu cotidiano, atentando para códigos morais, religiosos e socioeconômicos, que envolvem as formas de construção destas identidades. Assim, alguns questionamentos se destacam: Esses brasileiros se percebem, sobretudo enquanto muçulmanos? Como se dá a construção da identidade religiosa destes sujeitos, em sua maioria oriundos da região litorânea do estado da Paraíba, ante a dogmática e práticas de uma religião tradicional como a islâmica? Entendeu-se que a construção da identidade se dá a partir da assimilação do discurso da religião, bem como na ortopraxis da sua vida.
Palavras-Chave: Ciências Sociais. Identidade. Antropologia da religião. Muçulmano. Islamismo.

*

Introdução

Esse grupo é definido como uma comunidade étnica, que segundo o sociólogo Max Weber, pode ser definida não como uma realidade fechada e acabada, mas em volta de construções identitárias (MARQUES, 2008, p.6; WEBER, 1994, p. 313).

* Bacharel em Ciências Sociais pela UFPB.

Nossa pesquisa etnográfica desenvolveu-se num ambiente urbano, caracterizando a comunidade³⁶ muçulmana em João Pessoa como produto do fenômeno de ressurgimento e migração da fé, próprias da pós-modernidade vivenciada nos centros urbanos.

Na trilha de Magnani (2009), buscamos desenvolver um olhar “de perto e de dentro” dos adeptos revertidos do Islamismo em João Pessoa.

De modo singular, porém, o islamismo é uma religião que se propõe ser *acontextual*, ou seja, não é regida por nenhuma noção de enquadramento cultural da mensagem à cultura do seu tempo ou país. É óbvio que ao longo das suas conquistas territoriais e da expansão religiosa, o Islã se transformou em uma religião, do ponto de vista dos seus adeptos, heterogênea (GEERTZ, 2004). “O Islã não é um fenômeno ligado a uma única civilização, pois há uma diversidade e complexidade que permeia o mundo muçulmano” (Ramos, 2003: 19). Portanto, “O universo islâmico ainda que marcado por um cotidiano de práticas religiosas, é muito mais complexo do que as simples emissão e recepção dos seus preceitos”. (FERREIRA, 2007, p. 21).

A Comunidade muçulmana Sunita como campo de pesquisa: fazendo etnografia à experiência de ter “estado lá”

Para a realização da pesquisa, optamos pelo chamado método etnográfico, com ênfase na “observação participante” e privilegiando a “técnica da análise do discurso”. (DURHAM 2004, p. 25, 26). Sendo assim, a pesquisa é de caráter qualitativo e, portanto, teve por objetivo a compreensão das falas dos sujeitos, sendo confrontada com a realidade observada durante o trabalho de campo. É necessário frisar que entendemos a etnografia como uma experiência física e subjetiva de completa imersão no universo estudado, quer seja teoricamente analisado ou empiricamente observado.

No tocante ao universo pesquisado, o Centro islâmico, a Associação Desportiva Beneficente, a ABEM – Associação Desportiva Muçulmana da Paraíba e a Academia Mesquita Brothers³⁷ foram observados e utilizados no trabalho de campo.

No espaço da **Academia Mesquita Brothers**, Bairro do Bessa, há uma sala ornamentada e sacralizada pelos adeptos da religião, onde se reúne um pequeno grupo de muçulmanos pessoenses, sob a orientação do líder islâmico Muhammed Mesquita, para estudos, palestras de orientação religiosa, debates e orações.

O Centro Islâmico Pessoaense³⁸ está localizado Bairro dos Estados e é dirigido pelo seu presidente João (Ibrahim) de Deus. É lá que se concentram o maior grupo de muçulmanos pessoenses e estrangeiros, com o propósito de estudar regularmente a língua árabe aos domingos; e nas sextas-feiras participar dos estudos, das orações diárias e de encontros islâmicos. Foram nesses espaços e com esses sujeitos que realizamos a pesquisa de campo.

³⁶Seguimos a definição de Weber para comunidade, formada pelas relações sociais “comunitárias”, que “*repousa no sentimento subjetivo dos participantes*”, no pertencimento ao mesmo grupo (Weber, 1994).

³⁷Localizada à Av. Argemiro de Figueiredo, 4453, Bessa - João Pessoa-PB Fone (83) 3246 -2096 e-mail: academiamesquitabrothers@hotmail.com

³⁸Localizado à Av. Santa Catarina, Bairro dos Estados - CEP: 58030-090 - João Pessoa – PB.

Com relação às técnicas de pesquisa, foram utilizadas Gravações de áudio – como forma de captação das falas para posterior análise dos dados; e o uso de Fotografias - como um aporte para a análise das práticas cotidianas como vestes, ritos, personagens e para o registro dos espaços onde os sujeitos se reúnem para as práticas religiosas.

Ainda aplicamos questionários – que possibilitaram o mapeamento socioeconômico dos sujeitos pesquisados.

“Para lá e de volta a Allah”: Uma análise da religião islâmica

O Islã (do árabe الإسلام, transl. *al-Islā*³⁹), na perspectiva religiosa dos seus adeptos, é “eterno”. Para a teologia islâmica, a religião muçulmana significa a verdadeira religião, dada por Deus aos homens sendo, portanto, eterna. De acordo com o entendimento islâmico, há um sentido de monoteísmo, que é “posto” no coração dos homens desde o seu nascimento. É uma concepção que diz respeito à eternidade e o sentido de um Deus único, a quem toda a humanidade nasce submissa ou entregue⁴⁰.

Ferreira também trás outro sentido para a palavra, o de “entrega”: “No dicionário árabe-português, de Helmi Nasr, *Islam significa entrega, obediência completa a Deus, além de ‘a religião do islã’ e ‘islamismo’*” (Nars, apud Ferreira, 2007). E destaca: “(...) faço uso do termo entrega, não apenas porque se trata da tradução correta (...) mas também por considerar que há uma entrega desse muçulmano que professa a sua religião” (Ferreira, 2007, p.19). Destaco também a definição do documentário da BBC “A História das Religiões – Islamismo”, onde o ser muçulmano é definido como não apenas um sistema de crenças, ao qual o fiel se submete, mas, uma postura da vida. É como se no ato da reversão, o muçulmano declarasse: “Eu me comprometi sem reservas a me submeter (entregar) a vontade de Deus”.

O islã, então, é concebido entre os seus adeptos, como a religião “natural” da humanidade.

Na narrativa histórica, o Islamismo surgiu no século VII, na península arábica, com as pregações do *hanif*⁴¹ Abu al-Qasim Muhammad ibn’Abd Allah ibn’Abd ALut talib

³⁹Islão provem do árabe *Islām*, que por sua vez deriva da quarta forma verbal da raiz *slm*, *aslama*, e significa "submissão (a Deus). Em árabe Islã significa “submissão à vontade de Deus”, tendo surgido sob a influência do profeta Muhammed. Montenegro, 2000, p. 19.

⁴⁰Ver nota de rodapé 1.

⁴¹Matos, 2009, p. 449-464.

ibn Hashim⁴² que conclamava o povo do território arábico a uma nova forma de vida religiosa, cultural e social⁴³.

E o islã oferece muito mais do que uma religião. Concede a oportunidade de compartilhar a ideia de unidade, isto é, o que os tornam um grupo de “iguais”, de propagar os seus conhecimentos nas ciências, nas artes, na literatura, na medicina, por todo o mundo e, principalmente, possibilitou o surgimento de um povo, demarcando novas fronteiras geográficas e políticas no mundo.

O islamismo possibilitou importantes reformas sociais e políticas, concedendo a oportunidade de uma nova posição na sociedade para mulheres, pobres e escravos. Ao mesmo tempo, fortaleceu os aspectos que considerou mais positivos da cosmovisão árabe, como a lealdade, a honra, a força, o orgulho, a hospitalidade e a família. E assim se expandiu. Conquistou diversos territórios ao longo de sua trajetória nos últimos catorze séculos. Ultrapassou as fronteiras do deserto e chegou a outros territórios. Nesse processo, viu sua unificação a traços culturais específicos e distintos, especialmente na vida cotidiana.

Enfim, as culturas muçulmanas são múltiplas e diversificadas. O islamismo já afirmou Geertz⁴⁴ não é uma religião homogênea. A vida do revertido islâmico é uma vida de obediência religiosa (MATOS, 2009, p. 452). É notório o fato de que as palavras do *Al Corão*⁴⁵ regem em larga amplitude a vida nos países islâmicos, sofrendo variações de acordo com as posições políticas e religiosas do governo. São os escritos do *Al Corão*, das *Haddif*⁴⁶ e a *Sharia*⁴⁷, que constituem o tronco onde toda a ideologia islâmica se desenvolve.

⁴²Armstrong, 2001: 41. Era o ano 610 D.C, no mês do Ramadã, no atual calendário islâmico, quando Muhammad começou a afirmar que tivera uma visão do anjo Gabriel no Monte Hira. O *Al Corão*, na Surata 96 (Surata do Coágulo), versos 1-8, relataria essa experiência de Muhammad: “! Lee em el nombre de tu Señor que há creado! Há creado AL hombre de um coágulo! Lee, que tu Señor ES El más Generoso! El que enseñó remedio Del cálamo, enseñó AL hombre lo que no sabía. Sin embargo El hombre lo que no sabía. Sin embargo El hombre se rebela AL verse enriquecer. Es cierto que tu Señor has de volver”. (El noble coran:1047). No ano 616 D.C as pregações do profeta começaram a incomodar de modo genérico os membros influentes de Meca, inclusive a tribo dos coraixitas. Com a morte de *Kadijha*, a primeira adepta e ajudante do Islã. A perseguição atinge o seu ápice em 622 D.C e Muhammad foge para *Yatrib* (Medina). Este acontecimento, conhecido como *Hégira*, marca o início do Calendário Muçulmano. Após 14 anos de discordâncias, Muhammad é convidado a voltar para Meca. Era o ano 630 D.C. Em 632, Muhammed, aos 32 anos, morre em Meca.

⁴³ “[...] o primeiro dever de um muçulmano consiste em construir uma sociedade justa e igualitária, onde os pobres e os fracos sejam tratados com respeito” (AMSTRONG, 2001, p. 56).

⁴⁴Geertz, 2004.

⁴⁵*Al Corão* ou o “*Recitar*” é a principal fonte de autoridade escrita do Islam; revelado gradativamente, durante vinte e três anos, os muçulmanos creem que veio diretamente do trono de Deus, recitado pelo anjo Gabriel para Muhammad, que o memorizava e depois recitava para os ‘crentes’; Zaid Ibn Zábit, o copilou a mando de Abu Bakr; é composto por 141 capítulos, chamados *Suratas* e com 6.236 versículos (*ayas*); A exceção de um único capítulo, os demais iniciam “Em nome de Deus, o Misericordioso, o Misericordioso”; é escrito em árabe e as orações devem também ser feitas em árabe; tida como a única forma de conhecer o verdadeiro sentido do *Al Corão*.

⁴⁶Significa “dito”, “conversa”; atos e ditos do Profeta. É a segunda fonte de orientação para os muçulmanos e possui duas partes: *Sanad* (lista de narradores que leva a fonte original) e a *Matu* (o conteúdo propriamente dito).

⁴⁷São as orientações jurídicas dadas aos muçulmanos, baseadas no *Al Corão* e na *Haddif*; é aplicada de acordo com as tradições locais dos países muçulmanos.

O islamismo hoje é praticado por cerca de 1,57 bilhões de muçulmanos, ou seja, quase 25% da população mundial⁴⁸, distribuídos na sua maioria entre a Ásia, Oriente Médio e África, conforme ilustrado nas figuras abaixo. A maioria dos muçulmanos não é árabe. Segundo dados da Folha de S. Paulo⁴⁹, publicados em 2009, o Islamismo apesar de ser uma religião em crescente expansão, ainda é minoria na Europa e Américas mesmo com o amplo contingente migratório. Os maiores grupos de muçulmanos estão localizados em regiões como Ásia, Oriente Médio e África.

Em alguns países, como o Brasil, é um grupo minoritário, mas que desenvolve amplas ações de proselitismo através de entidades divulgadoras do islamismo como é o caso da FAMBRAS⁵⁰ - Federação das Associações Muçulmanas no Brasil com sede em São Paulo-SP e responsável por “[...] fortalecer e unificar as diversas entidades islâmicas no Brasil [...] sendo em grande parte, responsável pelo contínuo crescimento, fortalecimento da prática e da cultura islâmica”⁵¹.

A que se pode atribuir esse contínuo crescimento de uma religião tradicional como a islâmica, com normas de conduta e valores com feições fundamentalistas⁵² nos países ocidentais? Nos discursos dos fiéis da comunidade muçulmana em João Pessoa, por exemplo, são comuns as afirmações de que seria o caráter não hierárquico e pessoal da religião, como define Piazza (1996, p. 384) ao sistematizar o sistema religioso islâmico.

O Islamismo na Paraíba

Há na memória coletiva dos muçulmanos paraibanos uma tradição rememorada, que situa os primeiros muçulmanos na Paraíba entre os tropeiros da Borborema, que seriam árabes que há dois séculos circulavam pelo interior do estado rumo a Pernambuco e ao Rio Grande do Norte.

O fato é que, se não pudemos comprovar a origem muçulmana de alguns tropeiros da Borborema como os primeiros muçulmanos reconhecidos na Paraíba. Na história recente, há um grupo de conversos em Campina Grande e uma família muçulmana em Coxixola⁵³, interior da Paraíba.

Na capital, a presença islâmica passa pela reversão do boxeador Muhammad Mesquita, e a abertura da Sociedade Benfícete Esportiva Muçulmana da Paraíba; bem como a reversão de João de Deus Cabral e a fundação do Centro Islâmico em João Pessoa.

⁴⁸Ribeiro, 2012, p. 108.

⁴⁹Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u635475.shtml> Acessado: 05/11/2012

⁵⁰Para maiores informações ver: www.fambras.org.br

⁵¹Idem.

⁵²Segundo o Houaiss [adaptado] “s.m 1. Movimento religioso conservador que enfatiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental a vida e a doutrina cristã. [...]3. p.ext. qualquer corrente, atitude ou movimento conservador que enfatiza a obediência rigorosa a um conjunto de princípios básicos”. Usamos essa definição para conceituar o termo fundamentalismo numa abordagem islâmica usado nesse texto. É preciso estabelecer uma diferença entre fundamentalismo doutrinário - uma vida de obediência rigorosa aos princípios da religião - e o fundamentalismo que gera o terrorismo.

⁵³Silva, Francinete. Muçulmanos visitam Campina Grande em busca de espaço para viabilizar instalação de um Centro Islâmico. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/capa/modules/news/article.php?storyid=4708>.

A religião como sentido da vida e a construção da identidade islâmica entre os revertidos pessoenses

Como já frisamos, o discurso islâmico é marcadamente identitário. A identidade passa a ser construída a partir do sentido de Unicidade. Allah é totalmente cósmico, totalmente sagrado. É, segundo define Eliade (2012, p. 17), o *ganx andere*⁵⁴, que se revela “*como nunca antes*”, de acordo com o conceito de verdade, arrogado pelas religiões. Para traduzir o ato de manifestação do sagrado, Eliade sugere o termo hierofania como necessário, pois se refere apenas ao sagrado que se revela. A cada nova religião, uma nova hierofania, isto é, uma consciência baseada na existência do sagrado como algo completamente oposto ao mundo profano. No islamismo, o sagrado, de acordo com a narrativa do grupo pesquisado, é revelado por meio de experiências sobrenaturais, cuja revelação, segundo a teologia islâmica, não encarna em si a divindade, mas, se expressa na Palavra: “*Se, para o cristão, o verbo encarnado é Jesus, para o muçulmano, é o Alcorão. Trata-se do Verbo do Altíssimo que desceu a terra. Verbo que se fez escrita e escrita que se manifestou na caligrafia*” (Cf. Hanania, apud FERREIRA, 2007, p. 20). “*No islã o texto deve ser lido, incorporado e recitado; ele vira ação*” (FERREIRA, 2007, p. 108).

O sagrado é, portanto, experienciado em todas as formas e valores da vida; e o cotidiano do muçulmano e religioso deve ser vivido no universo do sagrado. Se de fato, o sagrado é categorizado como algo diverso, para lá da realidade do crente, supõe-se que em todas as religiões os sentidos e valores acabam por sobrepujar as realidades existentes. Nesse caso, é preciso contextualizar o islamismo ao seu tempo histórico, a sua realidade política, suas crenças, seus valores e códigos sociais. Se nada é natural, e tudo se constrói, é fato, portanto, que a própria religião e suas performances⁵⁵ são resultados da construção de uma realidade que quer ser *superada e reinventada*.

Não é à toa, portanto, que a tradição islâmica remonta a um tempo imemorial, mítico, reverenciado pelo crente como forma de legitimação e autoridade da fé. O tempo, e sua antiguidade, portanto, passa a ser significado como organizador da vida social e religiosa, sempre evocado e rememorado como forma de legitimar as ações e a identidade islâmica (FERREIRA, 2007, p. 126).

A identidade cultural é a fonte de significado e experiência de um povo; ela é *construída* a partir dos sentidos e significados simbólicos atribuídos as ações pelos sujeitos sociais (CASTELLS, 2010: 22-23). Para o antropólogo norueguês Fredrik Barth, a Identidade possibilita a auto-identificação e reconhecimento por não membros de uma grupo social ou étnico, constituindo uma “categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem” (Barth, 1989).

Para Cardoso de Oliveira (1983, p. 106), a etnia, enquanto objeto de instigação antropológica, não se limita aos estudos indígenas, mas a vários segmentos sociais que fazem parte de uma sociedade plural, marcadas pela diversidade de identificações étnicas. E a etnicidade deve “remeter ao nível das representações e das ideologias, produzidas por

⁵⁴Eliade, 2010:12.

⁵⁵Ferreira, 2007.

relações sociais peculiares como são aquelas observadas entre os grupos ou segmentos minoritários e os grupos ou sociedades dominantes” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1983, p. 110).

A identificação étnica, nestes termos, se dá quando se articula o uso de atributos raciais, nacionais ou religiosos, para se identificar como um grupo específico do ponto de visto cultural. É importante frisar que é no nível coletivo ou social que a identidade realiza. Já a sua expressão étnica requer mecanismos de identificação como fundantes das diferenças, o que reflete a identidade em processo construído por indivíduos ou grupos em situações concretas.

Segundo Goldfarb (2004, p. 19), “A reflexão sobre a identidade” deve ser situada em relação “às formas de diferenciação sociais existentes”, pois:

A identidade, que pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, representa um recurso indispensável para a criação de um nós coletivo, recurso fundamental ao sistema de representações coletivas, através do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sociopolítica, a partir do estabelecimento de suas especificidades culturais (GOLDFARB, 2004, p. 19).

De acordo com Barth, a identidade étnica é estabelecida por meio de “fronteiras”; essas fronteiras são concebidas como categorias ideológicas, acionadas para demarcar as diferenças entre grupos em interação. Desse modo, entendemos que o islamismo é uma religião marcadamente identitária.

E a religião é tomada aqui conforme os ensinamentos de Durkheim (1989), que a define como um processo dual entre sagrado (ritos religiosos, extraordinário, experiências do crente com o sobrenatural) e o profano (a vida pública diária, o cotidiano); categorizada como produto da sociedade e seus processos coletivos (Durkheim, 1989, p. 212).

A religião seria, pois, “um espaço distintivo da prática e da crença humanas que não pode ser reduzido a nenhum outro” (ASAD, 2010, p. 263). A visão de mundo e o *ethos seriam* responsáveis pela “legalidade” religiosa, mantendo a coesão social. A fé é justificada por meio da objetividade da práxis teológica das crenças.

Ao contrário da maioria das comunidades diaspóricas, que compõem o contingente islâmico no Brasil, o Centro Islâmico em João Pessoa tem na maioria dos adeptos, brasileiro. No entanto, há similaridade com a constatação de Pinto, quando afirma que “(...) a identidade árabe (é) um elemento central na sua constituição como comunidade étnico-religiosa (2005, p. 239)”.

Como apropriadamente afirma Pinto “(...) os muçulmanos no Brasil apresentam múltiplas formas de identidade e religiosidade que os conectam tanto com codificações transnacionais do Islã, quanto com as configurações locais do campo religioso em que se inserem” (2005, p. 249).

Dentro do território nacional brasileiro, a experiência religiosa islâmica reúne o ritual e a doutrina como mecanismos de conexão com versões objetificadas e globalizadas do Islã (PINTO, 2005, p. 248).

De modo singular, o islamismo é uma religião não é regida por nenhuma noção de enquadramento cultural da mensagem à cultura do seu tempo ou país. É óbvio que ao longo das suas conquistas territoriais e da expansão religiosa, o Islã se transformou em uma religião, do ponto de vista dos seus adeptos, heterogênea (GEERTZ, 2004). “*O Islã não é um fenômeno ligado a uma única civilização, pois há uma diversidade e complexidade que permeia o mundo muçulmano*” (RAMOS, 2003: 19).

Desse modo, a única assimilação permitida é por parte do *revertido* para com os dogmas, valores e deveres da religião.

É óbvio que a análise do conceito de identidade, a partir de uma abordagem da antropologia da religião, e especificamente muçulmana, acaba por propor reflexões políticas quanto ao impacto da reversão na nova fé do fiel, tendo em vista que a reversão também é um ato político.

Assim, situamos a importância desse estudo da construção da identidade, articulada por meio da aceitação de novas formas de religiosidade por moradores dos centros urbanos, por meio do processo de REVERSÃO. Deste modo, essa *identidade limiar*⁵⁶ que o revertido pessoense passa a construir evoca, como bem define Ferreira, “*(...) a construção de uma identidade que não é continuidade da identidade nacional, mas uma identidade islâmica em oposição à identidade árabe*” (2007, p. 119) Ela afirma ainda que não é possível desvincular a religião da “teia de significados” que é a cultura.

Uma questão fundamental incentivou o percurso da pesquisa: Qual o sentido de ser muçulmano para os revertidos pessoenses? Por meio da etnografia, verifiquei a existência de um discurso da “desagregação social”, a partir de uma interpretação da sociedade através de pressupostos religiosos. Assim, se a sociedade é desarmoniosa, conflituosa e violenta, a solução está na religião, onde o sagrado estaria muito ligado à ideia do “não movimento”, como sacralização do corpo no rito da adoração. Nesse momento, Halima soltou mais uma de suas frases de efeito: “Deus não é moderno”!

Analisando a identidade através dos Sinais diacríticos: Nomes e vestes

Com base no pensamento de Barth, Poutignat e Streiff-Fenart (1998), nos fala das definições identitárias através dos chamados traços diacríticos, que são utilizados para demarcar as fronteiras, sendo concebidos como “naturais” ou necessários para a manutenção interna dos grupos étnicos. Estes sinais ou traços não são estáticos, pois podem ser transformados de acordo com as demandas de cada grupo (Barth, 1998).

Para Goldfarb (2004, p.) “A identidade implica num processo de seleção de elementos – sinais diacríticos – dos quais os atores se apropriam para sua identificação”.

Entretanto, os sinais ou valores que as pessoas escolhem para encadear suas identidades não são necessariamente os mais importantes, os que possuem objetivamente o maior poder de demarcação. Uma vez selecionados e dotados de

⁵⁶Quando nos referimos a uma *Identidade limiar*, caracterizamos a construção da identidade muçulmana como um processo que se dá entre “fronteiras”; e por mais que a religião lembre ao fiel, de qualquer parte do mundo, que sua nacionalidade é a *Ummah*, seu modo de ver o mundo, ainda que afetado, não é de todo extirpado. Muçulmanos, porém, nativos. (HIEBERT, 2010, p. 142).

valor emblemático, determinados elementos culturais passam a ser vistos como a propriedade do grupo, sua marca, no duplo sentido de atributo substancial e de posse (...) (GOLDFARB, 2004, p.).

Observa-se entre os revertidos ao islamismo uma adoção de um novo nome, o que é, historicamente, uma forma de negação da vida antes do islamismo e de resistência às pressões da sociedade não islâmica (MUSLIMAH, 2010). Parece-me que a nomenclatura refere-se a um outro nome utilizado pela comunidade e seus membros para demarcar ou reforçar as fronteiras culturais entre islâmicos e não islâmicos, cuja identificação se processa por meio da religião. Parece ser uma forma de se dizer “*quem é*” para a comunidade, tendo em vista os significados atribuídos aos nomes, que lhes são impostos. É esse uma forma de construir sua identidade, mediante um sinal diacrítico que tem como base a religião.

Segundo Wali (2003, p. 66), revertido ao Islã em 2002, “o novo nome tem como função despertar uma qualidade específica no convertido, agraciá-lo com as bênçãos que a nova denominação traz”. Note-se que não se trata de um simples nome ou ato de nominar; mas de atribuição de um nome que recebe toda uma significação religiosa, bem como serve como marca da nova condição do crente, agora revertido ao islamismo e suas regras de vida.

Assim, é comum ver revertidos brasileiros assumirem nomes como Mohamed, Ibrahim, Abdul e no caso de mulheres, *Khadeejah* ou *Aisha* (nomes de esposas do profeta Mohamed) (RIBEIRO, 2012). Essa mudança é simbólica, mas que funciona dentro da comunidade religiosa e seus circuitos, embora não tenha função ou mudança legal ou civil.

Entre os revertidos pessoenses, a mudança do nome é algo comum, principalmente como forma de unidade islâmica e reconhecimento de adesão à religião e a vida islâmica; apenas quatro mulheres não adotaram um novo nome islâmico entre o grupo.

No que diz respeito às vestes, para os homens existem roupas específicas para alguns momentos rituais, e no dia-a-dia não há mudanças externas obrigatórias. Há os que optam por deixar a barba crescer em obediência, conforme relatam a *Sunna* do profeta, e geralmente não ficam sem camisa quando há mulheres no ambiente e usam uma roupa adequada para dormir. A orientação para os muçulmanos é que cubram “do umbigo até os joelhos” e que se vistam com recato e modéstia. Algumas vestes são bem comuns em alguns países muçulmanos como o *thoub* ou a *jalabiyah*, considerados padrões de vestimentas, por serem usadas, segundo a tradição islâmica, por Muhammad. Outro aparato mais comum entre os muçulmanos é a “*taqiyah*”, usado na cabeça, por recomendação do profeta: “A distinção entre nós e os politeístas é os turbantes sobre as nossas cabeças”.

Os homens devem ser discretos, e, portanto, não podem usar ouro ou seda em público. No caso das mulheres há algumas recomendações mais severas que devem ser seguidas no uso das vestes (MUSLIMAH, 2010).

Para as mulheres revertidas pessoenses, houve a disposição de seguir as orientações da religião, se adequando às vestimentas. No entanto, para algumas, o uso do *hijab* – véu – ainda é fonte de estranhamento e conflito pessoal.

Embora prescritivamente seja obrigatório, as mulheres destacam que o seu uso no cotidiano não é impositivo; não é algo determinado por uma liderança ou por seus maridos, por exemplo. Mas, no caso das revertidas brasileiras, seria uma forma de afirmação religiosa, uma postura cujo tempo para a prática ou adesão ao uso, é uma decisão pessoal. No entanto, sabem que seu uso é um sinal externo da sua fé, este “símbolo religioso” é, portanto, entendido como forma de obediência a Deus e serve como um sinal diacrítico da fé entre as mulheres (CHAGAS, 2007).

Como nos aponta Chagas (2007), o *hijab* representa fazer “parte da tradição islâmica mais ampla”. Assim, o *hijab* faz parte de necessidade comum, especialmente durante os rituais religiosos, cujo uso está associado aos termos “estar pronta”, “ser tocada por Allah” e “obediência a fé”, e por adesão a sua comunidade de pertencimento.

De modo geral, o muçulmano pessoense tem relatado o seu esforço por viver a prática da religião na sua vida diária, seja no trabalho, no casamento, no meio familiar e onde quer que estejam; onde a *dama* pessoal também é muito enfatizada.

A reinvenção do islamismo a partir do conceito de "New Islã" entre os muçulmanos pessoenses

Ser muçulmana ou muçulmano é, sobretudo, uma forma de se reinventar, de reconstruir a sua visão de mundo, e, portanto, de si mesmo. No caso do Brasil, existe na concepção dos adeptos desta religião da necessidade da construção de uma “especificidade” do islã para o contexto brasileiro. É usada a expressão “New Islã”⁵⁷ ou como é conhecido entre os muçulmanos nacionais: “islamização”, a “religião pura”, o “Islão verdadeiro”, um “Islão brasileiro” ou um “Islão com rosto mais brasileiro” (MARQUES, 2011).

No entanto, ao que parece, há opiniões bem contraditórias dentro da comunidade muçulmana no país sobre esse novo “*olhar*” muçulmano para os revertidos brasileiros. Mas é consenso a necessidade de preservação da identidade muçulmana, pois o sentido de pertencimento não pode de modo algum ser negligenciado.

Com a adesão de vários povos ao islamismo, o seu significado para estes novos adeptos se concentrou nos preceitos religiosos e na normatividade que estes deveriam ter na orientação da conduta diária da vida.

Há, portanto, efetivamente essa noção de sacralidade dos espaços na religião muçulmana; sejam em territórios como as cidades de Meca e Medina, sacralizados como símbolos da religião e em direção para onde os muçulmanos, no caso de Meca, têm que se voltar durante o ritual da *salat*, ou mesmo seja num espaço para a prática ritual, como uma sala na academia ou em uma casa. É sempre um valor atribuído.

Outro elemento adquire muita importância para a sacralização pelos fiéis desses dois espaços, no caso da comunidade muçulmana pessoense: a *voç*. Ela delimita as fronteiras espaciais e temporais do sagrado.

⁵⁷Esse conceito surgiu numa conversa com adeptos da religião em João Pessoa - Paraíba.

Ao pronunciar a *adhan*, é estabelecido o início do tempo ritual e da sacralidade do lugar. Ali, entre os pares e durante a *entrega* física e religiosa, o fiel também constrói a sua identidade. Essa identidade, no entanto, evoca a “*naturalidade do ser muçulmano*” como mecanismo de reafirmação da verdade temporal da doutrina. Essa percepção está diretamente atrelada ao conceito de reversão.

O sentido de reversão está ligado à compreensão dos adeptos do islamismo de que todos os homens nascem *submissos* a Deus; daí se origina o termo “Muçulmano” = *Muslim* = *Submetido*. Os discursos religiosos que são veiculados acerca da Reversão pautam-se na ideia tradicionalmente aceita de que este é um fato natural, dado por Deus, essencializado e outorgado pelas figuras de personagens como Abraão, Ismael, Davi, Salomão e até mesmo Jesus Cristo, mencionados no Alcorão e considerados como “submetidos a Deus” e, portanto, muçulmanos.

No caso da comunidade pessoense, a *reversão* se dá em indivíduos que tiveram contato seja por internet ou por amigos com outros muçulmanos, nacionais ou estrangeiros. São em geral, e essa é uma característica bem peculiar, ex-protestantes ou cristãos de outras denominações religiosas.

Os *revertidos* pessoenses têm uma forte identificação com as questões globais de âmbito sociopolítico, cultural e religioso do Islamismo. Além das vestes e dos nomes, têm na língua árabe um valorativo sinal diacrítico da fé.

Como aponta Talal Asad (1986:14), o Islã, como uma tradição discursiva precisa manter a ortodoxia, o que supõe relações de poder que sustentem o papel das autoridades religiosas ou dos membros em interpretar os textos sagrados e transmiti-los para os fiéis. Desse modo, o processo de aprendizado do Islã não envolve apenas o engajamento individual do muçulmano, mas também a mediação daqueles que são autorizados pela tradição religiosa a falar por ela.

Podemos verificar a importância da religião como elemento formador do pertencimento identitário dos muçulmanos, pertencentes ao Islã; sendo a Reversão uma característica fundamental na delimitação das fronteiras entre o islamismo e outras religiões; tida como uma particularidade, uma propriedade do mundo muçulmano.

Considerações Finais

Quando essa pesquisa começou há quatro anos, ela surgiu como fruto de alguns questionamentos quanto ao *ser muçulmano* num contexto totalmente diverso daquele que o islamismo historicamente emergiu.

Como essa nova forma de ser, de pensar, de se entender enquanto um sujeito que pensa, age, se comunica e crê, é construída a partir da adesão do fiel as doutrinas performáticas⁵⁸ e ideológicas do se fazer muçulmano; e ao mesmo tempo como velhas questões que fomentam a ideologia religiosa e as práticas cotidianas do islamismo se mantêm? De que modo se dava essa construção do novo mundo, numa postura pessoal do

⁵⁸Ferreira, 2007.

revertido de se fazer alguém que enxerga a sua realidade de modo diverso dos seus pares? Como essa nova identidade era expressa na sua vida cotidiana?

Essas questões nortearam nossa prática antropológica durante o período em que estivemos no campo. Esse trabalho é a tentativa de expor os sentidos apreendidos, o que conseguimos nos familiarizar (VELHO, 1987) e traduzir para a linguagem científica.

De fato, há toda uma diferença entre a abordagem teórica e a experiência do campo e da imagem na pesquisa entre os muçulmanos. O ser muçulmano se expressa não apenas no discurso, mas em todas as formas possíveis de sentido e experiência do sujeito. Entendeu-se que a construção da identidade se dá a partir da assimilação do discurso da religião, bem como na ortopráxis da sua vida.

O sujeito muçulmano vive uma situação de liminaridade e marginalidade social a partir da sua escolha religiosa, muito atribuída à visão midiática e política que está à disposição dos brasileiros em geral. A religião dos “terroristas”, das mulheres “oprimidas”, não é a religião que se vê no campo. De fato, a aproximação com o outro pressupõe alteridade. Formas e maneiras de enxergar o Outro e o mundo para além do que é senso comum. E não seria essa a proposta da antropologia? Descobrir o que faz de todos nós, humanos? É sobre essa diversidade que se vê na construção das identidades islâmicas pessoenses, que faz com que o sujeito seja outro, a partir da sua escolha de se construir não apenas diferente, mas, diverso.

Obviamente não se tem a pretensão de exaurir as formas de pensar e fazer antropologia entre os muçulmanos pessoenses. Há muito que precisa ser descoberto. Há muitos sentidos que ficaram indecifráveis, nebulosos, mas que apontam para o horizonte da continuidade da pesquisa. Há muito por interpretar. Como mencionamos na abertura dessas considerações “o ser é um mar sem fronteiras e sem medidas”! É assim que o pesquisador se sente quando se propõe a investigar o islã. No nordeste, ainda com trabalhos escassos sobre os muçulmanos, há um vasto campo de pesquisa que se oferece a antropologia.

Espera-se que esse trabalho contribua para novas formas de entender o diverso, de perceber outras configurações de identidade local, de modo que os sujeitos que compartilham os mesmos espaços geográficos, ainda que não compartilhem as mesmas ideias e religiosidades, concebam-se como diferentes, mas iguais no sentido pleno do direito a cidadania, da vida em comum.

Referências

ALCORÃO. EL Nobre Coran y su traduccion-comentario em lengua española. Abdel Ghani Melara Navio.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade – lugares, situações, movimento**. Editora Terceiro Nome (Antropologia Hoje). NAU: Núcleo de antropologia urbana.

ALEXANDER, Jeffrey. Aspectos Não civis da Sociedade. Espaço, tempo e função. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 12, n. 33, 1997.

ALLEN, Mark. **Árabes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Pluralismo religioso e espaço metropolitano**. In: MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. *Religiões e Cidades – Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. (Antropologia Hoje).

ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Em nome de Deus – O Fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ASAD, Talal. **The Idea of an Anthropology of Islam**. Washington: Georgetown University, 1986.

_____. A Construção da Religião como categoria antropológica. **Revista Cadernos de Campo**, n. 19, USP: São Paulo. 2010. 264-268 pg.

AZIM, Abdel. **A Mulher e o Islam**. Caderno de divulgação. Federação das Associações Muçulmanas no Brasil. Disponível em: www.fambras.org.br Acesso em 24 de fevereiro de 2013. Acesso em : 15 de Abril de 2013.

BARTH, F. BARTH, F. “Grupo Étnicos e suas fronteiras”. In: POUTGNAT, P & FENART-STREIFF, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Difel, 1989.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **Enigmas e Soluções: exercícios de Etnologia e de crética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Ed. Universidades F. Do Ceará, 1983.

CASTRO, Cristina Maria de. Muçulmanas no Brasil: reflexões sobre a relação entre religião e dominação de gênero. **Revista Metodista**, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/view/698/699> Acesso em 25 de março de 2013.

CHAGAS, Gisele Fonseca. **Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Niterói: UFF, 2006.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.25-35.

DAMASCENO, Tatiane Gonçalves. **A construção da identidade na comunidade islâmica de Maringá**. Revista Litteris. DOSSIÊ ESTUDOS ÁRABES & ISLÂMICOS. n. 5. p.44-55. Jul. 2010.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

DURHAM, Eunice R. **Pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas**. In: A aventura antropológica – teoria e pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

El noble coran – y su traduccion – comentário em lengua española.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **Redes islâmicas em São Paulo: nascidos Muçulmanos e revertidos**. In: Revista Litteris, número 3, novembro de 2009. Disponível em:<<http://antropologiasocial.com.br/wpcontent/uploads/2010/10/redesislamicasemsao paulo.pdf>>Acesso em 06 de Setembro de 2011.

_____. **A teatralização do sagrado islâmico: a palavra, a voz e o gesto**. In: Religião e Sociedade, número 29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v29n1/v29n1a04.pdf> Acesso em 12 de setembro de 2011. Acesso em : 10 de fevereiro de 2009.

_____. **Entre Arabescos, Luas e Tâmaras: Performances Islâmicas em São Paulo.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Tese de Doutorado, São Paulo, 2007.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e Senzala.** Editora Record: Rio de Janeiro, 34ª Ed. p. 372, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. **Observando o Islã: O desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia.** Coleção Antropologia Social. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O Tempo de Atrás: um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB.** Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tese de Doutorado. João Pessoa, agosto de 2004.

JÚNIOR, Pessoa. **Paraibano alimenta sonho olímpico no boxe.** Disponível em: <http://www.interjornal.com.br/noticia.kmf?cod=18855413> Acesso em: 15 de março de 2013.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001

ISLAM, Muhammad Muinul. **Towards a green earth: an Islamic perspective.** Asian Affairs, v. 26, n. 4, p. 44-89, October-December, 2004.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica.** Tradução de João Manuel Ribeiro Coelho e Sergio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo. **Religiões e Cidades – Rio de Janeiro e São Paulo.** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009. (Antropologia Hoje).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** Scielo, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_arttext. Acesso em : Março de 2010.

MANSUR, Alberto Jorge Simões. **Árabes: das origens à expansão.** Curitiba: Nova Didática, 2002.

MARQUES, Vera Lúcia. **Mulheres e muçulmanas.** Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288843_ARQUIVO_MulhereseMuculmanas\[2\].pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278288843_ARQUIVO_MulhereseMuculmanas[2].pdf) Acesso: 25 de Março de 2013.

_____. **Os muçulmanos no Brasil.** Disponível em: <http://etnografica.revues.org/777>. Acesso em Abril de 2013.

_____. **O islã no Brasil: Um estudo comparado.** Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.

_____. **Conversão ao Islam: o olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 181 p. 2000.

MATOS, Keila. **Contextualização histórica, sociocultural e religiosa do islamismo**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 19, n. 5/6, p. 449-464, maio/jun. 2009.

MAUSS, M. "La nation". In: **Oeuvres**. Paris: Les Éditions du Minuit. v.3.

_____. 1974. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, EDUSP, v. 2.

MAWDUDI , Abul A'La Mawdudi. **Towards understanding Islam**. 1960. Disponível em: www.islambasics.com/index.php?act=download&BID=56. Acesso em : 03 de novembro de 2012.

_____. **Tawid – A fé na unicidade de Deus**. Disponível em: sbmrj.org.br . Acesso em : 03 de novembro de 2012.

MONTENEGRO, Silvia, M. 2000. **Dilemas identitários do Islam no Brasil – a comunidade muçulmana sunita do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado em Sociologia, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. **Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização**. Disponível em: www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/montenegro.rtf Acesso: março de 2012.

MUSLIMAH. **A vestimenta da Mulher muçulmana**. 2009. Disponível em: <http://www.mulhernoislam.com/2009/08/vestimenta-da-mulher-muculmana.html>. Acesso em 02 de abril de 2013.

_____. **Por que os convertidos mudam de nome?** 2010. Disponível em: <http://www.mulhernoislam.com/2010/02/por-que-os-convertidos-mudam-de-nome.html> Acesso em 02 de abril de 2013.

RAMOS, Vlademir Lúcio. **Conversão ao Islã: Uma análise sociológica da assimilação do ethos religioso na sociedade muçulmana sunita em São Bernardo do Campo na região do grande ABC**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, dissertação de mestrado em Ciência da Religião.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. **A implantação e o crescimento do Islã no Brasil**. In: Estudos de Religião, v. 26, n. 43, p. 107-135. 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos culturais**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, Vanessa Karla Mota de. **Árabes: Uma abordagem para a contemporaneidade**. Betel Brasileiro, 2002.

_____. **Individualismo e cultura**. Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, p. 61-73, Setembro de 2005.

_____. **O Jardim de Allah: o discurso ambiental islâmico a partir de aportes antropológicos da ecologia política**. Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, número 21. 101-119 pg, Abril de 2013.

PINTO, Paulo G. Hilu da Rocha. 2005. Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, nº 67, setembro/novembro, 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/67/17-pinto.pdf> Acesso em 20 de setembro de 2011.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana – Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

VELHO, Otávio Guilherme . **O urbanismo como modo de vida**. In: O fenômeno urbano.

_____. **Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987.

WALI, Ibrahim Abdul. **Conhecimento de Deus** in: Revista Religiões, São Paulo, Ed Abril, vol 2, ago 2003.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: Ícone Editora, 2010.

_____. **Economia e sociedade – Fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 03 – Apresentação 03

Perspectivas emocionais e sociais da vida comunitária

Maria Francileide Gomes

Resumo: Esta comunicação pretende discutir a Fraternidade Casa de Judá como parte de um fenômeno particular presente no catolicismo Contemporâneo, denominado de Novas Comunidades ou Comunidades de Vida e Aliança (CVA), no qual se objetiva analisar como se dá as relações interpessoais, a adesão ao carisma a partir das perspectivas emocionais e sociais da vida comunitária, bem como a relação com o mundo extramuros da comunidade, seus conflitos, a pertença que é construída e/ou reconstruída, a partir da percepção das principais formas de sociabilidade desenvolvidas na comunidade, e como os membros interpretam a vivência da lógica comunitária. A pesquisa foi realizada pela autora desse artigo que também é um dos membros da comunidade estudada, o que por um lado facilitou a observação e as entrevistas e por outro lado, existe a dificuldade de uma imparcialidade na análise. **Palavras-chave:** emoção, sociabilidade, pertencimento, vida comunitária

*

Introdução

A Igreja do pós-Concílio assistiu a um verdadeiro fenômeno, com o surgimento dos movimentos eclesiais leigos. Deles nasceram as chamadas comunidades de vida e de aliança, ou comunidades novas, advindas principalmente da Renovação Carismática. As primeiras surgiram na França, mas o fenômeno logo ganhou corpo na América Latina.

O Brasil é particularmente fecundo em relação ao nascimento de comunidades carismáticas. Estima-se que existem mais de oitocentas no país. “Dentre estas, aproximadamente 65% estão em fase embrionária, 20% estão em desenvolvimento e 15% estão atingindo ou já atingiram o amadurecimento e são de certa forma, referenciais para as demais” (TIMBÓ, 2004). A originalidade destas novas comunidades consiste frequentemente no fato de se tratar de grupos compostos de homens e mulheres, de clérigos e leigos, de casados e solteiros, que seguem um estilo particular de vida, inspirado às vezes numa ou noutra forma tradicional ou adaptado às exigências da sociedade atual. Também o seu compromisso de vida evangélica se exprime em formas diversas, manifestando-se como tendência geral, uma intensa aspiração à vida comunitária, à pobreza e a Oração.

Estas novas associações de vida evangélica não são uma alternativa às anteriores instituições, que continuam a ocupar o lugar que a tradição lhes conferiu. Também as novas formas são um dom do Espírito, para que a Igreja siga o seu Senhor, num ímpeto perene de generosidade, atenta aos apelos de Deus que se revelam através dos sinais dos tempos. Assim ela apresenta-se ao mundo, diversificada nas suas formas de santidade e de serviços, como sinal e instrumento da íntima união co Deus e da unidade de todo o gênero humano. Os antigos institutos, muitos deles acrisolados por provas duríssimas suportadas com as fundações que surgem no nosso tempo.

A Fraternidade Casa de Judá

A Fraternidade Casa de Judá (FCJ) foi fundada em 14 de outubro de 1999 na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba, por Wagner de Oliveira Feitosa juntamente com mais seis pessoas que, na época, participavam de um grupo de oração da Renovação Carismática Católica RCC⁵⁹ e de outros serviços pastorais da Igreja. Esse momento de fundação foi marcado por muitas experiências de desafios e conflitos, a começar por aquele que estava à frente desse novo projeto de vida – Wagner, que tinha apenas 19 anos de idade e ainda cursava a faculdade de Química Industrial na UFPB.

Apesar de sua pouca idade cronológica, porém, sempre demonstrou maturidade em assumir responsabilidades, principalmente no que diz respeito à vida espiritual. De acordo com Wagner⁶⁰, foi mais ou menos no ano de 1999 que começou

“a surgir no meu coração o desejo de viver de forma mais intensa a vida de oração e de evangelização, mais ainda existia o medo de assumir essa missão”,

de enfrentar algo que para ele ainda era desconhecido.

Nessa época haviam saído do grupo de oração algumas pessoas, dentre essas estava a autora desta monografia, Wagner e mais algumas pessoas que depois vieram a fazer parte do momento da fundação. Eram cerca de dez a quinze pessoas que todos os dias se reuniam para oração e para entender o significado daquele sentimento novo que brotava, utilizando a expressão usada por Wagner, em seus corações: se vivia um misto de medo e de ousadia ao

⁵⁹ Encontros semanais de oração, de estudo da Bíblia e de cânticos, característicos da espiritualidade do movimento da RCC.

⁶⁰ Entrevista realizada em 20/05/2012.

mesmo tempo. De um lado, existia um desejo enorme de entregar-se aquele sentimento e, por outro lado, o receio de ter todos os planos e sonhos pessoais transformados, de renunciar a uma ascensão social e profissional para se colocar a serviço de uma causa coletiva.

Foi exatamente num desses momentos de conflito que um dia, de acordo com Wagner⁶¹, voltando da universidade à noite, e passando de ônibus nas imediações da rodoviária (onde hoje está a integração), olhando pela janela, viu um grupo de pessoas dormindo nas ruas, como é costume naquela área até hoje. Esta visão fez Wagner sentir no seu coração a voz de Deus falando para ele “*da necessidade de nascer mais uma comunidade, para chegar até aquelas pessoas que ninguém queria cuidar*”, foi a partir dessa noite que ele resolveu assumir a fundação da Fraternidade Casa de Judá, se colocando à frente dessa empreitada que até então não saberia como iria ser.

A primeira iniciativa foi chamar cada um daqueles que com ele partilhavam do mesmo desejo para saber quem estava disposto a aderir ao projeto. A autora dessa monografia foi a primeira a ser interrogada, e como já sentia muito forte esse desejo, prontamente disse sim, assumindo juntamente com Wagner a fundação da comunidade. Conosco também estavam: Jouse, Kayllianne, Sylvania, Luiz e Laura. A partir desse momento, foram tomadas algumas iniciativas práticas, como procurar um lugar para as reuniões, um serviço pastoral na Paróquia onde estávamos inseridos que nos identificasse dentro dessa nova realidade comunitária, e a busca pela formação da vida comunitária.

Somente no ano de 2003, porém, aconteceu a primeira experiência de vida comunitária, começando pelos finais de semana, voltando para casa no domingo à noite. Depois de algumas semanas o grupo a morar definitivamente na casa, criando um tipo de vínculo denominado de *Comunidade* ou *Elo de Vida*, que exige dos membros uma adesão integral de suas vidas, vivendo nas casas comunitárias e dependendo totalmente da comunidade.

Dos sete jovens, apenas dois não aderiram ao vínculo da comunidade de vida, passando a integrar outro tipo de vínculo denominado de *Comunidade* ou *Elo de Aliança*, onde os membros assumem responsabilidades na comunidade, mas continuam vivendo em suas casas. No ano de 2004 aconteceram as primeiras consagrações, dos sete primeiros adeptos, realizada na Igreja matriz de San'tana, pelo pároco local, com autorização do Arcebispo de João Pessoa, na época, Dom Marcelo Pinto Carvalheira.

A Organização da comunidade

A comunidade comporta entre os seus membros pessoas com diferentes estados de vida, ou seja, solteiros, casados, celibatários (que optam por não se casar). Além de estar inserida entre as Novas Comunidades Mistas⁶², onde se consagram membros como Elo de Vida e Elo de Aliança, os quais se descreverão agora como cada um se apresenta a seguir.

⁶¹ Entrevista citada acima.

⁶² A expressão “novas Comunidades” refere-se a uma forma associativa do catolicismo que se assemelha as comunidades religiosas, aos conventos, tendo como diferencial a sua formação que é composta basicamente de leigos. Algumas são mistas, são formadas por homens, mulheres, cléricos, leigos, casais, e solteiros.

As formas de vida

A Fraternidade Casa de Judá apresenta as duas formas de vida que geralmente se encontram nas Novas Comunidades, que são: *Elo de Vida* e *Elo de Aliança*. As duas formas exigem do membro uma consagração ao carisma da comunidade⁶³, aderindo às regras e estatutos da mesma, como também assumem os compromissos de pobreza, castidade e obediência, cada um conforme a orientação formativa e espiritual da comunidade. As Novas Comunidades criaram outra dimensão de adesão ao serviço, que não se enquadra nas formas de vida, ou seja, são pessoas que não se consagram, mas que participam de suas atividades e em momentos necessários assume responsabilidades na mesma, são chamados de membros de comunidade de serviço ou obra, em algumas comunidades.

No geral, essas formas de vida (vida e aliança) devem se complementar, a existência de uma deve fortalecer à outra, na realização de suas atividades e no sentido de pertencimento como parte de um todo. De certa forma é através do elo de aliança e do serviço que a comunidade se relaciona com a sociedade, não somente no âmbito financeiro, mas porque estão inseridos no meio secular, na vida profissional e social, levando a realidade da vida consagrada a esses ambientes. Em contrapartida, o elo de vida deve ser o sustento na espiritualidade, repassando para os demais essa capacidade divina de enfrentar os desafios.

Comunidade ou Elo de Vida

Os membros da comunidade de vida moram na casa comunitária, e todos os demais membros, são responsáveis pela limpeza e organização da casa, bem como pelo preparo da comida e limpeza da roupa, e objetos pessoais.

Comunidade ou Elo de aliança

A realidade da *Comunidade de Aliança* em alguns aspectos se assemelha a *Comunidade de Vida*, apesar de viverem em suas casas e estarem mais inseridos no mundo secular, têm as mesmas responsabilidades e compromissos com a comunidade. As regras de oração são também exigidas, apenas se adequando aos seus horários. Os membros consagrados do elo de aliança têm três compromissos fixos e indispensáveis, salvo as exceções, que são: a formação comunitária, o apostolado (serviço desempenhado na comunidade) e a participação da santa Missa semanal na sede da comunidade. Nos eventos maiores da comunidade, como retiros, shows de evangelização, vigílias e encontros de vida fraterna, toda a comunidade de aliança se faz presente, como também nas missões que exigem um número maior de pessoas.

Diferente da comunidade de vida, os membros da aliança não estão sujeitos a serem enviados à missão, mas podem ser convocados a doarem alguns dias de férias do trabalho para a comunidade. Quanto ao vestuário, tendem a se vestir seguindo os mesmos moldes da comunidade de vida, sendo orientados a saberem o limite nos gastos, lembrando que também professam os compromissos de pobreza, castidade e obediência, devem também observar-se em relação aos lugares que frequentam e suas formas de lazer, evitando comportamentos escandalosos, bem como programas, festas ou filmes não indicados pela Igreja.

⁶³ A definição de carisma será mais bem explicitada nas páginas seguintes.

As etapas de formação

A formação da Fraternidade Casa de Judá, segue o modelo das Novas comunidades, sendo divididas em fases e abrangem as dimensões carismática, humana, espiritual e doutrinária. As etapas de formação são divididas em fases: Vocacionado (1 ano), Postulantado (1 ano), Discipulado (2 anos), essas fases são preparatórias para a vida consagrada.

Os estados de vida

O que caracteriza as Novas comunidades é essa novidade de convivência entre pessoas solteiras, celibatários, casais e sacerdotes numa mesma forma de vida comunitária. Com a Fraternidade Casa de Judá não é diferente, em seus estatutos consta a possibilidade de consagração para todos esses estados de vida. Atualmente existem casais na comunidade de aliança e na comunidade de vida, bem como pessoas solteiras vivendo o celibato (não se casam), e as que estão solteiras, mas esperam se casar; ainda não existe nenhum sacerdote na comunidade, mas se surgir o desejo em algum jovem a comunidade acolhe e aprova, sempre em comunhão com as orientações do seminário Arquidiocesano.

A estrutura da comunidade

Outra característica das Novas comunidades é a autonomia na sua forma de governo, no Código de Direito Canônico (CDC) elas estão classificadas como associações privadas de fiéis (cf. can. 398, § 2), o qual garante a qualquer denominação de fiéis o direito de se reunirem em associação ou comunidade e que seu governo e regimento interno são autônomos. A Fraternidade Casa de Judá segue essa mesma regra do CDC, e em seus estatutos ela designa seu governo através de um conselho administrativo e de um Conselho Geral da Comunidade, que é formado pelo moderador geral, pelo formador geral, pelo ecônomo geral, um secretário geral e os conselheiros das comunidades de vida e aliança. Este Conselho Geral é constituído por um número máximo de oito pessoas.

As novas comunidades, assim como as congregações religiosas, são regidas por um carisma. Segundo o *Dicionário teológico da vida consagrada – TVC* (Rodrigues e Casas, 1994), a palavra carisma vem da raiz grega *char* e se refere ao objeto e resultado da graça divina (*charis*): algo que produz bem estar, um dom outorgado por Deus aos que creem de qualquer ordem ou grau. Portanto, teologicamente carisma é um dom gratuito de Deus, um chamado divino para um determinado serviço, acompanhado de uma aptidão para realizá-lo, é um dom colocado à disposição de toda a comunidade.

Historicamente, o termo carisma se apresenta sob diferentes formas e compreensões. Na literatura neotestamentária, particularmente nas Epístolas de São Paulo, a palavra carisma é rica de significado. Nos primeiros séculos do cristianismo “*o uso da palavra carisma passou logo a ser raro e como tendência prevalecte assume as características do extraordinário*” (Rodrigues e Casas, 1994, p. 91). Após o concílio de Trento a teologia expande o conceito de carisma para além da Igreja primitiva, definido como “*dons excepcionais e extraordinários que Deus concede a alguns cristãos não para seu bem pessoal, e sim para o bem de toda a igreja*” (Rodrigues e Casas, 1994, p. 91).

Com o Concílio Vaticano II, restituiu-se o significado primeiro ao termo carisma. Visto, agora, não mais de forma reducionista, mas de forma mais ampla e plena, não limitado a

compreender os fatos extraordinários, mas, também, os mais simples e comuns. Graças a esse concílio e a sua evolução o conceito de carisma tem sido cada vez mais empregado na atual renovação da vida consagrada.

Logo após o Concílio Vaticano II, nasce a expressão carisma dos fundadores inaugurada pelo Papa Paulo VI com a Exortação Apostólica Evangélica *Testificatio*. O carisma do fundador é um dom pessoal, particular e intransferível, ele está na origem da fundação e apresenta as linhas espirituais que caracteriza a identidade da comunidade. À medida que é vivido, comunicado e partilhado no decorrer da história, passa a construir o carisma da comunidade. A sua compreensão, desenvolvimento, atualização e enriquecimento se dão através da manifestação do Espírito Santo.

De acordo com a definição teológica de carisma do fundador que se transforma no carisma da comunidade, a partir de uma experiência espiritual do fundador, na qual ele sente uma necessidade de dispor da sua vida para acolher a todos os que se sentem desamparados do amor de Deus que a Fraternidade Casa de Judá direciona todo o seu serviço apostólico (projetos de evangelização, missões), bem como a vida de oração, as formações, as regras de convivência, tudo tem que levar os membros da comunidade a mesma experiência da fundação. Também podemos perceber elementos da personalidade do fundador que são inerentes ao carisma, como por exemplo, virtudes como a paciência, a prudência, o despojamento e a capacidade de superar situações difíceis, o que se pode considerar como sendo esse dom especial recebido de Deus que o capacita na missão de fundador. A essência do carisma está presente no fundador e é transmitido aos outros membros da comunidade através de seu direcionamento espiritual dado aos membros que aderem a esse carisma, ao seu ensinamento fundamentado na Bíblia, como também as suas atitudes diante de certas realidades dentro da comunidade. O cofundador tem o papel de receptor, de ser reflexo para os outros membros, ou seja, a sua forma de entender e de viver esse carisma deve confirmar no fundador e nos outros membros a autenticidade desse dom divino dado ao fundador. No caso da Fraternidade Casa de Judá, a cofundadora também é formadora geral, o que possibilita a clareza do carisma nas formações.

O conceito sociológico de carisma em Weber (1982, p.288) é o que mais se assemelha ao teológico, ele diz que o carisma se refere a qualidades pessoais, sobrenaturais ou ao menos excepcionais, que são consideradas divinas ou exemplares. Nas sociedades primitivas essas qualidades eram dadas aos profetas, chefes militares, políticos e a todos aqueles que possuíam grande sabedoria ou o poder de curar os males de seus semelhantes. Weber ainda afirma que o carisma não é dado apenas a grandes figuras ou aos que são considerados bondosos, mas ele pode aparecer em todas as esferas da sociedade, sua essência e autenticidade estão nas qualidades que possuem os líderes ou os creem possuírem essas qualidades. A semelhança está justamente no fato de que no carisma dos fundadores, Deus não faz seleção dos melhores e mais sábios, mas os que podem levar muitas pessoas a transformarem suas vidas, sentirem-se capazes de superar suas limitações e realizarem-se na vida.

Como em qualquer instituição, as Novas comunidades seguem uma hierarquia interna onde se sobressai não o poder de um cargo, mas o respeito pela pessoa que o exerce (o que nos

lembra novamente Weber (2003, p.135) nos três tipos puros de dominação), assim como a própria instituição obedece à hierarquia da Igreja. Na Fraternidade Casa de Judá não é diferente, os seus membros ao aderirem à vida consagrada nessa instituição já são conscientes da obediência às suas autoridades. O fundador é a autoridade maior, seguido do conselho geral, depois do formador geral, que observa, orienta o modo como é transmitido o conteúdo formativo, bem como a recepção desse conteúdo por parte dos membros em formação. Apesar de existir uma hierarquia, é o sentido da vida em comunidade que se sobressai, cada um faz parte desse todo que é a comunidade e todos contribuem com suas qualidades, suas habilidades para a construção e solidificação da comunidade. A vida fraterna e a comunhão dos bens é outra característica das Novas comunidades, repetindo a experiência dos primeiros cristãos, como está escrito nos Atos dos Apóstolos: *“Perseveraram eles na doutrina dos apóstolos, nas reuniões em comum, na fração do pão e nas orações”* (At 2,42), nos dias atuais vivemos essa experiência na realidade do nosso tempo, ou seja, a partilha dos bens é feita através das doações recebidas, do salário dos que trabalham como também na experiência de viver o despojamento daquilo que é supérfluo.

A grande novidade das Novas comunidades é a possibilidade de viver a vida consagrada inserido no contexto histórico e social da Igreja e também da sociedade. Hoje é perfeitamente normal uma pessoa consagrada numa comunidade religiosa estar numa faculdade, no mercado de trabalho e em todos esses ambientes evangelizar. Na Fraternidade Casa de Judá se percebe que, mesmo dentro da vida consagrada, existe uma necessidade de uma qualificação na vida acadêmica, como também de estar inserido na sociedade e acompanhar suas mudanças históricas, o avanço da tecnologia, dos meios de comunicação e usar tudo isso para melhor desenvolver as formas de evangelização, visto que os tempos atuais estão em mudança constante temos que acompanhar de perto essas modificações, não apenas assistindo de longe, mas participando ativamente delas.

O grande desafio da vida consagrada hoje é justamente viver a radicalidade da vida religiosa num mundo onde a secularização é tão presente. Respeitar a individualidade de cada pessoa que se engaja na comunidade, ou seja, acolhê-lo com suas qualidades e seus limites, sejam eles intelectuais culturais ou mesmo espirituais, valorizando a pessoa e não apenas o que ela pode oferecer, e principalmente fazendo com que a própria pessoa se descubra em si mesma, aceitando sua história de vida, seus conflitos e acima de tudo, que é capaz de ultrapassar os obstáculos que encontrar em seu caminho.

A grande novidade que Weber (1992, p. 323) traz no conceito de carisma é que para ele não está relacionado a grandes figuras da história, como Buda, Jesus Cristo, Moisés ou Napoleão, indivíduos que possuíam características de liderança. O carisma apresenta dois aspectos, o primeiro diz respeito a ação dos líderes carismáticos, o segundo está ligado a rotinização ou cotidianização do carisma, ou a sua incorporação na comunidade, nas coisas em que ele se vincula em certos acontecimentos da vida daquele que o detém. O elemento principal que Weber apresenta é a aceitação por parte dos seguidores do líder, ele afirma que o carisma que identifica Jesus ou Hitler não foi o que fizeram ou disseram, mas a adesão superracional e suprautilitária de quem os seguiam.

Weber entende que o carisma como um fenômeno que se repete universalmente, mas se desenvolve mais claramente como fenômeno religioso, porque atende a necessidades que estão além da rotina, portanto, surge em épocas de grandes dificuldades, sejam elas econômicas, psíquicas, sociais, políticas ou religiosas. Ele ainda afirma que a autoridade do líder carismático está na sua capacidade de conseguir obediência, sua missão entra em colapso quando não obtém o reconhecimento por parte daqueles que o seguem. Portanto as Novas comunidades trazem a centralidade na figura do fundador, o que Weber (1992, p.300) identificaria como “*profeta*”.

Cecília Mariz (2009, p.150) ao falar das Novas comunidades, diz que existe uma aproximação e um distanciamento entre elas e os novos movimentos. Aproximam-se dos novos movimentos por adotarem estilo de vida comunitária, mas afastam-se pela origem da espiritualidade, sendo a primeira de origem da RCC - Renovação Carismática Católica, bem como em relação a cronologia, pois os novos movimentos surgiram bem antes das novas comunidades.

Em suma, apesar dos prazeres do “mundo lá fora” continuar sendo uma ameaça para aqueles que escolhem a vida em comunidade, o carisma que carregam torna-se uma arma para continuar perseverantes na escolha feita, portanto, o que os amedronta também é a razão de sua força. Numa visão sociológica, as ameaças que se impõem sobre o grupo fortalecem ainda mais os laços coletivos, de uma independência que se dá coletivamente. Na verdade, as novas comunidades inserem o indivíduo numa espiritualidade que não é apenas pessoal e comunitária, mas em diversos espaços da vida cotidiana, colocando-o numa realidade de irmandade e comunhão fortalecendo a solidariedade social e a partilha.

Considerações Finais

Observando a sociabilidade existente entre os membros da Fraternidade Casa de Judá, o modo como a adesão ao carisma cria uma identificação comunitária em cada membro, podemos perceber que essa “identidade” e o “pertencimento” que cada membro carrega apesar de ser o que o mantém na comunidade, aderindo às regras da mesma, não tem a solidez de uma rocha e nem uma garantia para o resto da vida ao contrário são revogáveis e mutáveis, sua permanência é uma escolha livre e diária de permanecer enfrentando todas as dificuldades e os conflitos por sentirem-se parte integrante de um grupo, o que também justificaria certa segurança diante de uma sociedade moderna onde o indivíduo ganhou autonomia, mas ao mesmo tempo torna-se responsável pelos seus atos e as consequências deles. É notável também que essa segurança não elimina os conflitos internos e interpessoais, o que exige da pessoa engajada um esforço diário e a renúncia de suas vontades e interesses pessoais em prol de um bem comum; nesse sentido, os vínculos identitários não se limitam a algo externo como um símbolo ou o nome da comunidade, mas trata-se de algo muito mais abrangente, como a rotinização do carisma de que fala Weber, que seria a incorporação de certas características do portador do carisma que estão presentes na comunidade e na vida cotidiana daqueles que a compõe. Como se trata de elementos emocionais, a ambiguidade também está presente nas relações sociais da vida comunitária bem como na adesão ao carisma e sua vivência cotidiana.

Referências

- BIBLIA, Sagrada de Jerusalém. Ed. Paulus, 2002. (Jo 19, 25-27; At 2, 42)
- CDC - Código de Direito Canônico. Edições Loyola, São Paulo. Brasil, 2001.
- CIC- Catecismo da Igreja Católica. Editora Vozes, 1997.
- MARIZ, Cecília, CARRANZA, Brenda, CAMURÇA, Marcelo (organizadores). Novas Comunidades Católicas: Em busca do espaço pós-moderno. Aparecida, SP: Ideias e letras, 2009. (coleção sujeitos e sociedade / coordenada por Brenda Carranza).
- WEBER, Max (2003). Sociologia: Gabriel COHN (org.). São Paulo: Ática, pp.128-140.
- WEBER, Max. (1986). A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: Gabriel COHN (org.). Max Weber: sociologia. São Paulo: Ática, pp. 79-127.
- WEBER, Max. A ciência como vocação. In: Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- WEBER, Max. Economía y sociedad. 1ª edição. México, Fondo de Cultura económica, Argentina, Buenos Aires, 1992.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 04

Mesa 04

Emoções e Moralidade

Debatedor: Francisco de Assis Vale Cavalcante Filho

Apresentação:

Raoni Borges Barbosa;

Wanessa Souto Veloso;

Anna Georgea F.F.M. de Araújo Lima;

Helma Janielle Souza de Oliveira.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 04 – Apresentação 01

Uma análise compreensiva do bairro do Rangel sob a ótica do Medo e da Vergonha

*Raoni Borges Barbosa**

Resumo: Esta comunicação pretende apresentar o projeto de pesquisa ‘Medo e Vergonha: Uma análise compreensiva do Bairro do Rangel’, cujo objetivo é o de compreender como as emoções supracitadas podem ser processadas no cotidiano do homem comum em um contexto sócio-histórico de intensa pessoalidade e tido por violento, sob a ótica do Medo e da Vergonha como categorias de análise da Antropologia das Emoções e como emoções fundamentais para a configuração do social. Neste sentido, a pesquisa constitui um estudo do cotidiano e do ordinário do homem comum percebido para além de qualquer pretensão deontológica, exterior e estruturante, mas observado e compreendido enquanto indivíduo relacional, a partir do seu lugar de fala e sua visão de mundo, de modo a se apreender como o morador do bairro popular localiza a si mesmo em seu espaço societal cotidiano, no mesmo em relação à cidade e, ato contínuo, como a cidade se apropria deste ator social específico enquanto imagem e discurso. Trata-se de projeto amparado pelo projeto de pesquisa do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, sediado no GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção, intitulado “Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade”. **Palavras-Chave:** antropologia das emoções, medo, vergonha

*

Introdução e justificativa

Este projeto de pesquisa se propõe a cumprir com as exigências do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, de maneira tal que sua concretização resulte em uma dissertação de mestrado e obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

* Assistente de Pesquisa (GREM) e Mestrando em Antropologia PPGA/UFPB, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Koury.

Trata-se de projeto amparado pelo projeto de pesquisa do Prof. Dr. Mauro Guilherme Pinheiro Koury, sediado no GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção, intitulado “Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa pessoalidade”, de modo que a cidade de João Pessoa e o espaço societal urbano do bairro do Rangel constituem o universo de pesquisa e o lócus de toda a problematização que perpassa a investigação sugerida, tendo a categoria emoções como base analítica.

O problema em torno do qual se organiza a pesquisa é o de compreender como as emoções Medo e Vergonha podem ser processadas no cotidiano do homem comum no contexto de um bairro tido como violento pela mídia, pela polícia e pelo imaginário da cidade de João Pessoa. Neste sentido, a pesquisa constitui um estudo do cotidiano e do ordinário do homem comum percebido para além de qualquer pretensão deontológica, exterior e estruturante, mas observado e compreendido enquanto indivíduo relacional, a partir do seu lugar de fala e sua visão de mundo (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2010; CERTEAU, 2008 e 2011). Sujeitos relacionais que podem ser identificados e interpretados em um diálogo que implica o contato entre dois universos de significação, o do pesquisador e o do outro em questão (DaMATTA, 1973).

Os possíveis sentidos dos fenômenos sociais Medo e Vergonha devem ser compreendidos nesta perspectiva dialógica e crítica, em que se transforma o familiar em exótico e vice-versa (VELHO, 1978), e na qual a alteridade em relevo desconstrói as formas estereotipadas com que os vários discursos na cidade buscam apropriar-se da mesma mediante mecanismos de reificação ou de legitimação (DaMATTA, 1973), e revelando, destarte, conteúdos e formas sociais específicos de uma sociabilidade dada (SIMMEL, 2006).

O confronto com o diferente, no caso em tela com a dinâmica social cotidiana dos moradores do bairro do Rangel, em João Pessoa – PB, em seu jogo comunicacional de trocas materiais e simbólicas, ou seja, esta tentativa de adentrar no universo social e cosmológico do outro, como discorre Peirano (1992),- tomando por empréstimo Evans-Pritchard e W.H.R. Rivers, - pretende enriquecer, principalmente, a discussão teórica avançada por autores como Elias, Simmel e Koury.

O projeto de pesquisa em questão está fortemente inspirado por uma proposta de interlocução teórica, que é, ao meu ver, a razão de ser da etnografia enquanto metodologia basilar da Antropologia, mediante a qual o antropólogo, em sua tênue biografia, confronta os saberes acumulados com o que a alteridade lhe apresenta.

Neste sentido, a sociologia processual de Elias (1993; 1998; 2000; 2011), notadamente com seu estudo sobre a Vergonha na configuração e conformação de novas sociabilidades, bem como a sociologia formal de Simmel(1896; 1900; 1950; 2006), com seu ávido perscrutar da cidade enquanto comunidade paradoxal e espaço societal de intenso conflito entre cultura objetiva e subjetiva na qual emerge a individualidade moderna e o extenso trabalho de Koury (2003; 2004; 2007; 2008; 2010; 2010a; 2010b; 2011)no âmbito da antropologia das emoções, em sua labuta artesanal e cirúrgica para compreender os

medos, os receios, o pertencimento, a vergonha, a humilhação, o insulto moral, a confiança e a confiabilidade, o segredo, os regimes de justificação, o imaginário, as representações, as redes de conflito e solidariedade que perfazem a cultura emotiva de uma sociabilidade dada, constituem as referências primeiras e últimas deste projeto de pesquisa, sem esquecer, ainda, a proposta weberiana de *verstehende Soziologie* (WEBER, 1974) como postura metodológica.

A antropologia das emoções, corrente de pensamento adotada por este projeto para a compreensão do espaço societal urbano, opera com a categoria emoções como conceito fundamental para a apreensão do humano e do social, a partir do qual a problemática metodológica do entendimento da relação entre indivíduo social e sociedade deve ser encarada. Esta proposta teórico-metodológica constitui um caminho para a superação dos paradigmas estrutural-funcionalista e marxista, centrado numa análise totalizante e linear do social, em favor de uma postura centrada na observação da ação social individual, do *self* e das emoções que perfazem a interação entre os atores sociais de uma sociabilidade dada (KOURY, 2009).

O fenômeno das emoções passa a ser definido, assim, como problema antropológico, como constructo sociocultural, cabendo ao estudioso entender como se dá o processo de gênese e a dinâmica da cultura emocional a partir das experiências e vivências emocionais de atores sociais concretos imersos no conflito real do contexto social relacional em que agem (Idem).

A cultura emocional, ancorada num sistema espaço-temporal de coordenadas, significa um repertório específico de conceitos simbólicos, linguísticos e comportamentais. Nesta matriz axiológica em constante rearranjo, em que cada ator realiza individualmente as emoções sociais, a interação assume contornos estáveis e as emoções se sucedem como produtos relacionais no jogo indivíduo-sociedade-cultura (Idem).

Entender a dimensão subjetiva, o móbil da ação social de um ator social concreto, se faz tão importante quanto apreender a dimensão objetiva, as formas relacionais em que se instituem a ação social, das emoções. O objeto maior, porém, da antropologia das emoções constitui, numa linguagem simmeliana, a análise do conflito entre cultura objetiva e cultura subjetiva. Neste sentido se coloca a questão do condicionamento ou da determinação das emoções individualmente vividas pelas formas relacionais da cultura objetiva, bem como do impacto da cultura subjetiva na rede imaginária e instituinte da cultura objetiva (Idem).

O móbil da ação social são as emoções, sobre as quais se estruturam lógicas discursivas e estratégias de poder entre os indivíduos em relação. Assim, a análise social se dá mediante a observação dos projetos sociais e individuais construídos numa sociabilidade dada (Idem).

Este projeto pretende analisar seu universo de pesquisa sob a ótica do Medo e da Vergonha, percebidos como emoções fundamentais na configuração do espaço societal.

O Medo, no entender de Koury (2008), constitui uma das principais forças conformadoras do espaço societal, organizando todo o comportamento humano mediante

a indução ao autocontrole e à reflexividade. Neste sentido, o Medo, nas diversas formas que pode assumir, caracteriza uma moral e uma estética de uma sociabilidade específica, ou seja, o Medo, ao condicionar as teias e tramas de conflitos, ambiguidades e contradições, bem como os ideais de ordem e normalidade, construídos pelas subjetividades em jogo comunicacional, perpassa toda uma cultura emotiva e uma organização social dada (Idem).

Neste diapasão, Koury (2002; 2007) e Koury et Gomes (2012) argumentam que o estudo do Medo se faz imprescindível para o entendimento da configuração do espaço societal urbano e da vida social do indivíduo nas sociedades ocidentais e, mais especificamente, aqui no Brasil, pois a construção das sociabilidades – os códigos de conhecimento e confiança, de silêncio e discrição, de ordem e desordem, e de estranhamento, as estratégias projetivas individuais e coletivas, o imaginário e as representações sociais, e, ainda, a disciplina, o controle social, o desvio e a violência simbólica – tem no fenômeno social do Medo parte considerável de sua compreensão.

O espaço societal urbano se caracteriza pelo conflito intenso, derivado da necessidade de contínua negociação em torno do princípio da desigualdade, no dizer de Moore (1987), uma vez que a ordem social implica um contrato social, ainda que implícito e deficiente por natureza, o qual administra as soluções para os problemas de autoridade, de divisão do trabalho e de distribuição dos bens materiais e simbólicos.

O princípio da desigualdade tem no Medo e na Vergonha seus alicerces fundamentais, sobre os quais uma identidade comum opera a ordem social, pese o sofrimento social cotidiano gerado pelas injustiças de uma sociabilidade dada.

Barreto (2001), sobre a inerência do conflito no espaço societal, traz o argumento simmeliano de choque entre individualismo quantitativo, promovido pela economia monetária, e o individualismo qualitativo, estimulado pela diferenciação da personalidade em um complexo de divisão de trabalho.

A igualdade formal em confronto com a desigualdade material, característica da cidade contemporânea como centro monetário do mundo moderno, produz medos, receios e ansiedades.

O esvaziamento do espaço público e do mundo comum (ARENDT, 2010), na sociedade individualista capitalista, somado ao discurso de lucro e prazer imediatos como compensador da desigualdade social, atitude típica do homem blasé (SIMMEL, 1967), fragmentam o espaço societal urbano, gerando um imaginário de medos e violência cujas consequências são a cultura do medo (10% do PIB brasileiro se destina ao consumo da indústria de segurança privada), a estigmatização dos bairros populares e a fragilização institucional dos espaços de decisão coletiva e de vida comunal (KOURY, 2010c).

A modernidade econômica com sua lógica de equivalência e redução quantitativa, bem como com seu transformar e desmanchar incessantes do espaço societal consoante uma pluralidade imensa de interesses em jogo, aboliu consideravelmente a singularidade e, assim, as certezas do homem comum. O Medo, natural, tornou-se constante (DELUMEAU, 2009).

A Vergonha, para Elias (1993), é compreendida em um contexto de economia das pulsões. Trata-se, portanto, de como o indivíduo se situa em seu lugar de fala no âmbito de uma hierarquia dada, de uma rede complexa de papéis, funções e deveres sociais, perante os quais este indivíduo relacional age e reage de forma autocontrolada, disciplinada e reflexiva, temendo ultrapassar fronteiras sociais e ser alvo de sanções e controles, bem como reconhecendo estratégias de poder, de controle e unificação de condutas sociais (SCHEFF, 2001). A não observância de tais fronteiras sociais pode gerar a quebra de contratos implícitos e da confiança depositada no indivíduo: o insulto moral de que fala Cardoso de Oliveira (2011).

A Vergonha, embora uma emoção elementar, só ocorre quando há a socialização do indivíduo, de modo que pode ser canalizada e suprimida pelo imaginário e pelas representações sociais. A alteridade, pois, é o mecanismo social que regula a Vergonha a partir do nascer para o mundo do indivíduo.

Heller (2003) reconhece culturas da vergonha e culturas da culpa, sendo aquelas encontradas em sociedades relacionais, de intensa personalidade, onde a autoridade é externa e se dá mediante os costumes e as tradições; enquanto estas correspondem às sociedades individualistas, nas quais a autoridade é interna e se organiza mediante a internalização da vergonha na forma de culpa.

O segredo, bem simbólico que funda e preserva o grupo enquanto identidade coletiva, bem como coloca o indivíduo em uma zona de conforto para o 'eu', constitui elemento de tensão constante nas sociabilidades: a vergonha de ser revelado, de perder o status singular que distancia do estranho e assemelha ao membro do grupo, tanto paralisa as interações sociais quanto as reforça mediante novos mecanismos de controle e vigilância (KOURY, 2004).

O universo de pesquisa deste projeto é o espaço societal urbano de João Pessoa – PB, a partir do bairro do Rangel. Para tanto, segue uma caracterização destes espaços.

A cidade de João Pessoa se organiza administrativamente em 65 bairros e em um número significativo de pequenas comunidades que orbitam em torno dos mesmos. O índice de Desenvolvimento Humano da cidade é de 0,783, variando acentuadamente para baixo nos bairros periféricos e nas comunidades carentes.

Em 2011, quando da última contagem do IBGE, moravam em João Pessoa 733.154 pessoas, numa proporção relativamente equitativa entre homens e mulheres, concentrando-se numa faixa etária que varia de 10-35 anos.

A cidade oferece abastecimento de água e energia à totalidade de sua população e conta com uma demanda por saneamento básica atendida em 83%. A Economia Formal da cidade responde, quase que inteiramente, aos setores secundário (24,84%) e terciário (75,04%), concentrando-se em atividades de baixa e média complexidade.

A cidade conta com 446 estabelecimentos de Saúde, dos quais 65,9% são privados. O índice de morbidade nos hospitais é alto e resulta tanto da precariedade do serviço

oferecido quanto dos casos de violência que redundam em vítimas fatais⁶⁴. A mortalidade infantil, porém, é baixa e a expectativa de vida chega aos setenta anos⁶⁵.

A violência urbana se tornou um fenômeno corriqueiro na cidade, que aparece hoje entre as 14 mais violentas do Brasil e entre as 50 mais violentas do mundo (WEISELFISZ, 2011). A Organização Mundial de Saúde considera João Pessoa a 29^o cidade mais violenta do mundo, epidemicamente violenta, portanto⁶⁶. Esta violência se associa a fenômenos como crime organizado nacionalmente ramificado; tráfico de drogas, armas e pessoas; ação de milícias privadas e à própria lógica conflitual dos bairros socialmente vulneráveis com seus regimes de justificação e administração de conflitos próprios. A violência é territorialmente concentrada.

A Educação na cidade é deficiente: 14% da população é tida como analfabeta, embora o analfabetismo funcional atinja patamares bem mais elevados⁶⁷. A cidade vem se desenvolvendo de forma acelerada, nas últimas quatro décadas, no sentido de transformar-se num espaço societal urbano de relações cada vez mais individualizadas e impessoais (KOURY, 2007).

A expansão do capitalismo no Brasil, a partir da década de 60 do século passado, ocorreu mediante um plano de modernização forçada. Este cenário gerou uma migração desordenada no sentido campo-cidade de levadas de trabalhadores expulsos de suas terras, donde a presença massificada de favelas nas cidades brasileiras (KOURY, 2012a).

O bairro do Rangel, compreendido como parte do cenário urbano supracitado, se coloca como universo de pesquisa por apresentar um processo de sociabilidade marcado por uma forte personalidade, no qual se coadunam formas sociais de solidariedade e conflito na construção de projetos e narrativas de vida individuais e coletivos (KOURY, 2012).

A necessidade de se entender como o medo e a vergonha moldam o cotidiano do bairro, cimentando um lugar de fala próprio a respeito da cidade, do outro, do próprio bairro e de projetos presentes e futuros, corresponde à necessidade de compreender o imaginário social que perpassa as identidades individuais e coletivas dos moradores do bairro e se cristalizam enquanto fronteiras simbólicas, bem como os rituais cotidianos de interação e a apropriação de espaços públicos e privados por parte dos mesmos.

O bairro do Rangel apresenta registro de moradores desde a década de 50 do século passado, embora somente a partir da década de 80 sua ocupação tenha sido iniciada de forma substancial (Idem). Localiza-se na zona oeste de João Pessoa e faz parte de uma área tomada por bairros populares, sendo alvo de um discurso oficial e midiático que o rotula

⁶⁴Retirado do site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750#topo> (Lido em 31/08/2012).

⁶⁵Retirado do site: http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=201_00903172156&cat=saude&keys=saude-joao-pessoa-tem-menores-indices-mortalidade-infantil-nordeste (Lido em 31/08/2012).

⁶⁶Retirado do site: <http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/sala-de-prensa/541-san-pedro-sula-la-ciudad-mas-violenta-del-mundo-juarez-la-segunda> (Lido em 31/08/2012).

⁶⁷Retirado do site: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250750#topo> (Lido em 31/08/2012).

violento e o submete a controles sociais vários, como a presença ostensiva de patrulhamento policial e de agentes comunitários de Saúde (Idem).

O bairro abriga moradores oriundos de cidades interioranas, de modo que sua ocupação se dá mediante o suporte oferecido pelas famílias e pela vizinhança articulados em rede (Idem). A inserção no mundo do trabalho daqueles que chegam ao bairro se consolida na economia informal.

Ante o exposto, resta indubitável a riqueza do universo de pesquisa proposto por este projeto para um estudo do Medo e da Vergonha como emoções basilares na configuração do espaço societal urbano e da vida social do indivíduo no Brasil.

Objetivos e metodologia

O objetivo maior deste projeto de pesquisa consiste em buscar compreender o cotidiano do homem comum em um contexto sócio-histórico de intensa pessoalidade e tido por violento, o bairro do Rangel em João Pessoa, Paraíba, sob a ótica do Medo e da Vergonha. Esses dois conceitos se apresentam como emoções fundamentais para a configuração do social, e permitem perceber como o morador do bairro popular localiza a si mesmo no bairro, em relação à cidade e, ato contínuo, como a cidade se apropria deste ator social específico enquanto imagem e discurso.

No intuito de concretizar o objetivo geral do projeto de pesquisa em andamento, propõe-se a seguinte estratégia: a. Identificar e compreender os medos corriqueiros (KOURY, 2002; 2008), ou seja, aqueles medos conformadores do lugar de fala, da memória individual e coletiva, dos projetos e da visão de mundo dos moradores: da identidade individual e coletiva; b. analisar as estratégias de resistência construídas pelas subjetividades em jogo comunicacional em face de uma situação de sofrimento social, ou seja, a forma como sociabilidades se configuram na troca simbólica de confiança e de confiabilidade e, destarte, na construção de redes de solidariedade que alçam o indivíduo à condição de pessoa, de semelhante, no grupo, e, portanto, o singulariza face aos exteriores ao grupo mediante práticas sociais específicas, bens simbólicos segredados e mecanismos de controle social que garantam a preservação da identidade coletiva enquanto ‘nós relacional’ coeso e seguro; c. identificar as representações sociais dos moradores sobre os processos de estigma, humilhação, insulto moral, violência simbólica e exclusão social intra e interbairros, de modo a apreender o sentimento de pertencimento; d. analisar como se organizam as fronteiras simbólicas sobre os processos de hierarquização e segmentação no cotidiano dos moradores do bairro; e. e apreender o processo de constituição e vivência de etiquetas sociais a partir da tensão cotidiana entre elementos de configuração e disputas morais, tais como a confiança em oposição à traição, a título de exemplo, em uma sociabilidade de intensa pessoalidade.

A metodologia aplicada a este projeto de pesquisa, ao lado de uma extensa revisão bibliográfica (NEWMAN, 1994; ABREU, 2005) no âmbito da antropologia urbana e das emoções, resulta predominantemente qualitativa (DESLAURIERS e KÉRISIT, 2010), de corte etnográfico (NADER, 2011; PEIRANO 1992; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998),

lançando mão de procedimentos de observação direta e participante (JACCOUD e MAYER, 2010), de entrevistas individuais e grupais abertas e semiestruturadas (POPUPART), bem como de relatos e histórias de vida.

A presença in locu mediante reiteradas visitas e a partir do contato com sujeitos sociais diversos que atuam no bairro profissionalmente ou que ali residem constitui uma tônica da pesquisa, de modo a cimentar a participação dos mesmos na pesquisa. Pretende-se, também, fazer um mapeamento dos dados estatísticos disponíveis sobre a cidade e sobre o bairro do Rangel em arquivos diversos, como os da UFPB, IBGE, PMJP, PM, da mídia impressa e outros, bem como realizar um levantamento fotográfico que desvele criticamente o bairro.

Não obstante, far-se-á um mapeamento da estrutura socioeconômica e cultural do bairro, de maneira a poder-se inferir de tal instrumento aspectos relevantes do cotidiano dos moradores.

Bibliografia

ABREU, R. (2005). Chiclete eu misturo com banana? A cerca da relação entre teoria e pesquisa em memória social. In: Jô Gondar e Vera Dobedei (orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: PPGMS-URJ, pp. 27 a 42.

ARAÚJO, M. de F. S. 2001. A emoção e a construção do social. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, N° 17. João Pessoa: PPGS-UFPB, pp.33-45.

ARENDT, H. (2010). A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

BARRETO, M. C. R. (2001). Individualismo e conflito como fonte de sofrimento social. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, N° 17. João Pessoa: PPGS-UFPB, pp.16-32.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. (2011). Direito legal e insulto moral: Dilemas da Cidadania no Brasil, Quebec e EUA. Rio de Janeiro: Garamond.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1998). *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, pp. 17 a 35.

CERTEAU, M. (2011). A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

CERTEAU, M. et al. (2008). A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes.

DaMATTA, R. (1973). O Ofício do Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. Comunicação do Museu Nacional, n.1. Rio de Janeiro.

DELUMEAU, J. (2009). História do medo no ocidente. São Paulo: Companhia das letras.

DESLAURIERS, J. / KÉRISIT, M. (2010). O delineamento da pesquisa qualitativa, In: Jean Poupard et. al. (orgs.). *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, pp. 127 a 211.

ELIAS, N. (1998). Sobre o tempo. Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, N. (2011). O Processo Civilizador, 1v. Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, N. (1993). O Processo Civilizador, 2v. Rio de Janeiro: Zahar.

ELIAS, Norbert/ Scotson, John L. (2000). Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.

- HELLER, A. (2003). Five Approaches to the Phenomenon of Shame. *Social Research*, 70 (4): 1016 a 1030.
- JACCOUD, M./ MAYER, R. (2010). Observação direta e a pesquisa qualitativa, In: Jean Poupart et. al. (orgs.). *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, pp. 254 a 294.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2002). Medo, vida cotidiana e sociabilidade. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, N° 18, pp.09-21.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2003). *Sociologia da Emoção: O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes,
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2004). Sistema de Nominação, Pertença, Medos e Controle Social. O uso dos apelidos entre um grupo de jovens da cidade de João Pessoa, Paraíba. *Campos*, 5 (1): 69 a 91.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2007). *Sofrimento social – movimentos sociais na Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, Coleção Cadernos do GREM, N°4, pp.110.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2008). *De que João Pessoa tem medo? Uma abordagem em Antropologia das emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2009). *Emoções, Sociedade e Cultura: A categoria de análise Emoções como objeto de investigação na sociologia*. Curitiba: Editora CRV.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2010). Estilos de vida e individualidade. *Horizontes Antropológicos*, 16 (33):41 a 53.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2010a). Pertencimento, medos corriqueiros e redes de solidariedade. *Sociologias*, 25 (12): 286 a 311.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2010b). Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. *Etnográfica*, 12 (1): 27 a 58.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro / LIMA, L. C. (2010c). Entrevista sobre medos e cotidiano em João Pessoa. In: *Blog GP em antropologia e sociologia das emoções*. [<http://grem-sociologiaeantropologia.blogspot.com.br/2010/12/reportagem-sobre-medos-e-cotidiano-e.html>](Lido em 25/07/2012).
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2011). Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. *Revista Sociedade e Estado*, 26 (3): 471 a 485.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2012). *Análise de um bairro considerado violento na cidade de João Pessoa, Paraíba: Solidariedade e conflito nos processos de interação cotidiana sob intensa personalidade*. (Projeto MCTI/CNPq, N° 14/2012). João Pessoa: GREM.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (2012a). *Práticas instituintes e experiências autoritárias: o sindicalismo rural na Zona da Mata de Pernambuco, 1950-1974*. Rio de Janeiro: Garamond.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, GOMES, K.S. (2012). Sobre o significado da coragem. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31): 266 a 276.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, ZAMBONI, M., BRITO, S.M. (2010). *Confiança e Vergonha: Uma análise do cotidiano da moralidade*. Caxambu: Anais do 34° Encontro Anual da ANPOCS – ST 32: Antropologia e Sociologia da Moral.
- MOORE J. R., Barrington. (1987) *Injustiça: as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo: Brasiliense.

- NADER, L. (2011). Etnography as Theory. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 1 (1): 211 a 219.
- NEWMAN, W.L. (1994). Reading other's people research. In: *Social Research Methods*. 2ª. Ed., Massachussets: Allynand Bacon, 75 a 95.
- PEIRANO, M. (1992). *A favor da etnografia*. Brasília: UnB (Série Antropologia, N° 130).
- POUPART, J. (2010). A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas teóricas e metodológicas. In: Jean Poupart et. al. (orgs.). *A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, pp. 215 a 252.
- SIMMEL, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SIMMEL, G. (1967). A vida mental e a metrópole. In: O. G. VELHO (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 13 a 28.
- SIMMEL, G. (1900). A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva, In: SOUZA, J., OËLZE, B. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 1988, p. 23 a 40.
- SIMMEL, G. (1896). O dinheiro na cultura moderna, In: SOUZA, J., OËLZE, B. (orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, 1988, p. 41 a 77.
- SIMMEL, G. (1950). The isolated Individual and the Dyad, In: K. H. Wolff (orgs.). *The Sociology of Georg Simmel*. Illinois: The Free Press, p. 118 a 144.
- SCHEFF, T. J. (2001). Três pioneiros na sociologia das emoções. *Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais*, N° 17, pp. 115 a 130.
- VELHO, G. (1978). Observando o familiar. In: E. O. Nunes (orgs.). *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar.
- WEISELFISZ, J. J. (2011). *Mapa da violência 2012: Os novos padrões da violência homicida no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari.
- WEBER, Max. (1974). *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.



16° Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 04 – Apresentação 02

“Verdade” E “Justiça” Ao Meio Dia A Construção Da Experiência Moral Num Programa De TV

*Wanessa Souto Veloso**

Resumo: Este trabalho está baseado no estudo de um programa misto de notícias policiais e de auditório produzido na cidade de João Pessoa. Conhecido por apresentar imagens cruas e chocantes de crimes ocorridos na cidade, e tendo um apresentador que é encarado por grande parcela de 'seguidores' como uma 'celebridade' local, o programa estudado busca elaborar um sentido de "verdade" e "justiça" que, supostamente, seria negado ao público pelos poderes públicos. A partir de uma observação participante da produção do programa, buscou-se entender o processo de construção das notícias e, principalmente, como o público frequentador se relaciona com a imagem do apresentador e suas ideias de justiça construindo uma experiência moral a partir do programa. A proposta do trabalho foi de revelar como esse espaço midiático se transformava numa experiência moral através da busca de “justiça” e de “verdade” que certos indivíduos não encontravam em seu cotidiano. Assim como buscou entender os processos de interação entre o público, o apresentador e a produção, na medida em que juntos estes formavam uma figuração (no sentido Eliasiano de relação de interdependência) tendo como uma de suas principais características a realização de uma experiência moral. **Palavras-Chave:** moralidade, programa de TV, Norbert Elias

*

Este trabalho está baseado no estudo de um programa misto de notícias policiais e de auditório produzido na cidade de João Pessoa. Conhecido por apresentar imagens cruas e chocantes de crimes ocorridos na cidade, e tendo um apresentador que é encarado por grande parcela de 'seguidores' como uma 'celebridade' local, o programa estudado busca elaborar um sentido de "verdade" e "justiça" que, supostamente, seria negado ao público pelos poderes públicos. Nesse sentido, o programa é elaborado a partir da ideia de que o ‘Correio Verdade’ seria um espaço público de resolução de conflitos e do alcance da justiça. A partir de uma observação participante da produção do programa, buscou-se entender o

*Mestra em Sociologia, PPGS/UFPB, sob a orientação da Profa. Dra. Simone Magalhães Brito.

processo de construção das notícias e, principalmente, como o público frequentador se relaciona com a imagem do apresentador e suas ideias de justiça construindo uma experiência moral a partir do programa. A proposta do trabalho foi de revelar como esse espaço midiático se transformava numa experiência moral através da busca de “justiça” e de “verdade” que certos indivíduos não encontravam em seu cotidiano. Assim como buscou entender os processos de interação entre o público, o apresentador e a produção, na medida em que juntos estes formavam uma figuração (no sentido Eliasiano de relação de interdependência) tendo como uma de suas principais características a realização de uma experiência moral.

A ideia de estudar o ‘Correio Verdade’ veio durante a realização da pesquisa de campo realizada para minha monografia de conclusão de curso intitulada “Medo, Mídia e Moralidade: o caso do bairro de São José, João Pessoa-PB” em 2010, onde tentei analisar o impacto das notícias sobre violência na vida dos moradores de um dos bairros considerados “violentos”, ou usados como exemplo da violência, na cidade de João Pessoa. Percebi que o apresentador era uma espécie de interlocutor para os membros daquela comunidade e que suas falas sobre a vida e a justiça tinham grande relevância para eles. O programa “Correio Verdade”, além de gerar grandes polêmicas, tem a maior audiência do estado da Paraíba em seu horário (como revelei no trabalho de dissertação). Particularmente, no processo de análise do “Correio Verdade” parti de dois pressupostos básicos: (i) a necessidade de revelar o tipo de experiência moral proporcionado por esse programa e (ii) o estudo da produção do programa, do cotidiano do estúdio (especialmente das relações entre produção e público - visitando o programa, por telefone e cartas), - foi possível ajudar a entender a sua construção como uma experiência moral. A partir dessa experiência do cotidiano do programa pude ir além das pressuposições sobre a relação entre o apresentador e seu público e delinear o tipo de relação de poder ou figuração estabelecida. Assim, esse trabalho foi baseado na proposta de entender os processos de interação entre o público, o apresentador e a produção, na medida em que juntos estes formavam uma figuração (no sentido Eliasiano) que tem como uma de suas principais características a realização de uma experiência moral. A ideia desse trabalho portanto foi entender os processos e as formas de organização a partir da percepção da lógica que rege o equilíbrio da balança de poder em meio a esse fluxo de interações grupais (Elias). Através de um escopo teórico que pode ser alinhado como uma sociologia do conflito (Adorno e Elias) busquei o entendimento do jogo entre os que representavam a produção do programa e o público que formava o auditório, tendo como foco a “interdependência das pessoas.” (ELIAS, 2008: p.144).

Dessa forma, no primeiro capítulo analisei as bases teóricas que me permitiram compreender, segundo um viés crítico, a organização e produção deste produto ou gênero particular da indústria cultural: o programa de auditório. A partir das características desse gênero particular fica claro que as discussões gerais sobre a cultura e seu valor não me daria suporte para compreender sua elaboração diária ou seu cotidiano. Assim, tentei desenvolver uma abordagem que, sem romper com a visão crítica do sistema, fosse capaz

de captar as formas de interação social da qual garantem a manutenção desse gênero de produção. O objetivo deste capítulo foi entender sociologicamente um produto ou gênero particular da indústria cultural: o programa de auditório. Através da problematização das características desse gênero particular, busquei demonstrar que as discussões gerais sobre a cultura e seu valor seriam insuficientes para compreender sua construção e cotidiano. Assim, procurei discutir e delinear uma abordagem capaz de captar as formas de interação social que permitiram a manutenção desse gênero de produção.

Ainda no capítulo um busquei (inicialmente) discutir o conceito da indústria cultural e a sua importância para entender a lógica desse tipo de produto da indústria cultural. No entanto demonstrei também a necessidade de trazer outras perspectivas como forma de complementar a abordagem teórica, principalmente por perceber que embora o conceito de indústria cultural, possua um escopo muito amplo que ajuda a explicar esse tipo de 'produto' cultural, por outro lado deixa questões de fora. Assim além de discussões acerca da ideia de 'manipulação e de controle' (presente na teoria crítica) também foi trazido em contraposição a perspectiva de Thompson (2009) e Barbero (2008) que foram autores representativos como críticos da crítica. Esses autores demonstraram crer que a esfera da mídia não estaria fadada a manipulação, mas, pelo contrário, posto que através dela poderia haver 'emancipação' ou 'liberdade' dos sujeitos. Contudo, dentro da própria corrente teórica da teoria crítica autores como Habermas (1989) já apontavam para ideia de emancipação através de um lugar onde os debates pudessem se estabelecer com base na razão comunicativa. Porém tal esfera de diálogo deveria se pautar em uma lógica de equidade em que ambos os participantes pudessem dispor da racionalidade comunicativa. Habermas demonstrou que é possível fugir do controle e alcançar a liberdade através de uma articulação particular da razão na esfera pública. Porém ao trazeremos o problema da esfera pública no sentido habermasiano, podemos perceber, que embora a construção de uma esfera pública tenha a imprensa como dimensão central, o que se vê em programas midiáticos é uma espécie de "publicidade manipulativa". Para Habermas a 'publicidade manipulativa' estaria presente em qualquer forma de publicização em que ao invés da razão se pautasse a lógica do espetáculo, sendo tal 'manifestação ou prática' encarada como o próprio declínio da esfera pública.

Por isso esse capítulo se pautou no esforço de tratar do problema de pesquisa enquanto um espaço de 'mediação entre os participantes e os poderes instituídos'. Na verdade percebe-se que para tratar esse programa como um espaço ou gênero da indústria cultural que pode ser classificado como um gênero moral (Illouz) é necessário encara-lo como um espécie de *talk show* e seguir o percurso analítico presente nos trabalhos de Miceli (1982) e Illouz (2003) ambos representam estudos importantes para pensar o programa abordado. Embora os objetos de estudos se mostrem 'distintos' visto que os programas abordados por esses autores não exploravam temas políticos, e os problemas eram de foro íntimo (diferente do 'correio verdade' que discute questões mais focadas na esfera pública) ainda sim foi possível ter proximidades visto que o 'correio verdade' tal como o programa estudado por Illouz (2003) também revelou uma espécie de 'mimese da esfera pública'

demonstrando que as participações de vários atores envolvidos em dilemas morais caracterizava sua produção midiática. Tal participação se apresentava através de 'empreitadas' onde a própria construção da notícia era uma espécie de reconstrução dos fatos ocorridos e tal reconstrução envolvia um número de participantes presentes no interior do programa. A própria lógica de produção 'convidava' as pessoas a trazerem suas 'versões' e contarem suas histórias de dor e sofrimento. Nesse sentido tal como no estudo de Miceli (1982) que revelou um programa destinado a classe média em que a apresentadora era uma 'procuradora' cuja a 'responsabilidade' era garantir o 'bem estar' da família (reafirmando assim a lógica moral estabelecida que marcava claramente as distinções de gênero feminino e masculino da qual regiam a ordem familiar da época) esse apresentador também era uma espécie de procurador onde (nesse caso) os injustiçados delegavam a ele o papel de 'defensor público'.

No segundo capítulo tratei das questões metodológicas envolvidas no processo de conhecer esse objeto particular. Descrevi as características gerais do programa e discuti a problemática da investigação/pesquisa baseada na observação participante, assim como apresentei os diversos tipos de dificuldade que encontrei para conseguir permanecer e realizar trabalho de campo, especialmente por se tratar de um lugar marcado por desconfianças devido à própria competitividade do meio (entre os programas e emissoras). Ainda nesse capítulo, tratei de expor os recursos metodológicos utilizados para a compreensão do programa "Correio Verdade". Tentando apresentar aqui os problemas e dificuldades que encontrei para chegar e para poder permanecer no estúdio de TV que produz aquele programa. Busquei analisar através da interação entre o público e a produção como iam se construindo as experiências do 'Correio Verdade' enquanto uma vivência moral a partir do relato de meus três meses de pesquisa de campo (onde fiquei de abril a junho de 2012 visitando o estúdio da TV correio todos os dias da semana). A ideia foi expor como cheguei até este programa como um problema de pesquisa e as principais preocupações desenvolvidas durante o trabalho, destacando como a observação participante se mostrou o meio possível para tratar do problema que se delineava. Na verdade, foi importante demonstrar como (e esse foi o foco deste capítulo) a experiência da moralidade só foi possível de ser estudada a partir da observação dos processos e rituais de interação (Goffman) entre os grupos. A tentativa de apreensão de tais rituais de interação e, principalmente, a ideia de que eles seriam a base da experiência moral que busquei entender, realizou-se através da percepção de que o 'contato' entre público e apresentador/produção do programa se deu (ou se elaborou) como uma relação permeada pelo desejo de justiça. Também foi nesse capítulo que revelei como comecei a fazer 'parte daquela produção' e tonar-me alguém que não era mais encarada como uma 'ameaça' aquela produção midiática na verdade era do conhecimento daqueles produtores que o programa era alvo de muitas críticas por parte da esfera acadêmica e eu era parte dessa esfera pois me apresentei como aluna do programa de pós graduação dessa instituição. Além disso havia também receio por parte daquela produção de que eu fosse uma 'espiã' de algum telejornal concorrente e isso aos pouco foi sendo desconstruído de acordo com o tempo e as

próprias experiências vivenciadas diariamente naquele cosmo (Wacquant). Na verdade mostrei nesse capítulo não só as dificuldades e as maneiras encontradas de permanecer naquela esfera mas também como aos pouco eu ia 'mergulhando naquele realidade e assim tornando-me gradativamente 'familiar' aos grupos que formavam aquela figuração (Elias).

O capítulo três apresenta o público do programa 'Correio Verdade', quem são, de onde vem, a maneira como interagem no espaço da emissora e, sobretudo como percebem o programa e o apresentador. A partir da observação do programa, construí uma tipologia desse público com o intuito de perceber e ordenar os valores distintos que são compartilhados na esfera do programa. Esse capítulo teve como foco revelar o público do programa Correio Verdade, que é, segundo o seu apresentador, um 'público fiel'. No entanto, não tratei diretamente nesse trabalho de quem assiste ao programa, mas aquele que vai até o estúdio. A ideia foi entender a maneira como as pessoas/participantes entravam e circulavam no espaço da emissora e a forma como eles identificavam e se relacionavam com a figura do apresentador. A ideia era proporcionar o entendimento acerca do tipo de contato estabelecido entre o público, o apresentador e a produção do programa, como chegam, o que desejam e o que imaginam do programa, entendendo que essa visão é essencial para a percepção e compreensão da experiência de cada grupo que costuma frequentar o estúdio. A partir de uma tipificação do público que frequenta o programa e da descrição dos seus lugares e rotinas foi possível entender o programa como uma figuração. E, no próprio sentido eliasiano, essa figuração ganha vida ou movimento a partir das interações entre esses grupos. Também foi possível perceber que dizer que o programa é de fato uma experiência moral só foi possível a partir do momento que se compreende o posicionamento de cada um desses grupos e como cada um dos grupos já chega buscando não receber conselhos, mas se envolver com certas situações que mesclam de modo particular emoções e valores.

Por fim, no capítulo quatro, tentei organizar os grupos e valores identificados ao longo da pesquisa demonstrando como se articulavam na construção de uma experiência moral voltada para a realização de uma ideia de 'justiça' e, especialmente, discuti as ambiguidades envolvidas nessa construção. A ideia, muito difícil de realizar por sua própria natureza, foi tentar demonstrar o programa como uma figuração ou como um jogo/balança de poderes que envolve grupos muito distintos em níveis diverso de contato: na emissora, no estúdio, assistindo de casa, escrevendo cartas ou usando o telefone. O objetivo foi demonstrar como esses indivíduos se articulavam em torno da busca de uma experiência muito particular; o desejo de ver a justiça e a verdade realizadas. Nesse capítulo apresentei a rotina de produção do "Correio Verdade" ou, em outros termos, como foi construída a ideia de que este é um programa 'distinto' dos outros programas no mesmo horário, uma vez que possibilita um espaço para àqueles que não têm "uma voz na sociedade" e para que a "justiça seja feita".

A construção de uma narrativa de denúncia ou de luta pela justiça, ou mesmo da imagem do apresentador como um defensor da justiça, requeria da produção do programa um exercício constante. Diariamente, a produção precisava construir e reforçar a ideia de

que o “Correio verdade” permite um espaço ou uma experiência distinta de tantas outras esferas da vida paraibana. Nesse sentido, o que busquei demonstrar é que o sucesso do programa não ocorre simplesmente, como pensam os críticos da cultura, como uma questão de “gosto” ou de preferência por um estilo narrativo determinado, mas pela construção de uma experiência ou de um jogo entre produção/apresentador e o público. O programa não trabalha como um simples exercício de manipulação e o público como manipulado e subserviente. Ainda que exista uma posição subalterna do público, existe um jogo entre esses dois lados que é de ‘atração’, ‘sedução’ ou interação constante. Para que o público se mantenha fiel, a produção do programa precisava trabalhar para oferecer constantemente o espaço da justiça, sua necessidade e relevância. Do mesmo modo, o público, especialmente aqueles que estão participando diretamente no estúdio, cartas e telefonemas, sustenta e demanda os “serviços” do programa. Com isso, procurei demonstrar que o “Correio Verdade” era, para uma parcela do público, uma narrativa distante dos problemas da cidade, mas, sua manutenção e sucesso se deve a existência de uma experiência muito particular, da construção de uma relação com um público que leva à sério a sua realidade como defesa da justiça e dos cidadãos de bem, uma vivência do programa como exercício de correção e de justiça – em oposição ao mundo fora do programa que é cheio de ‘coisas erradas’ e pessoas más e corruptas.

Para compreender essa experiência de “justiça” e “verdade” trabalhei neste capítulo as ações e rotinas empregadas pela produção para construir esse espaço único na cidade e na televisão bem como para construir uma imagem particular do apresentador. No capítulo anterior trabalhei exclusivamente com uma caracterização do público. É óbvio que foi muito difícil separar esses dois momentos já que, obviamente, tratei do processo de interação que permite a existência do programa. Acreditar que essas coisas estão separadas seria contrariar minha própria ideia de que o “Correio Verdade” é uma experiência moral. No entanto, a opção por tratar desses aspectos em capítulos diferentes se deu exclusivamente pela necessidade de organizar e expor melhor situações distintas da minha pesquisa que foram a permanência na produção do programa e o contato com o público. Também foi necessário deixar claro que utilizei os termos “verdade” e “justiça” entre aspas porque não poderia discutir os aspectos substantivos desses dois termos e nem tampouco se, de fato, ocorrem ou são possíveis no programa. Meu objetivo se deu no sentido de demonstrar como os que produzem o ‘Correio Verdade’ e os que participam elaboram e desenvolvem práticas objetivando a construção dessa produção como um espaço onde se encontram os sentidos de “justiça” e “verdade”.

Este trabalho buscou demonstrar a rotina de produção de um programa de auditório como a construção de uma experiência moral a ser vivida pelos seus participantes. A ideia foi mostrar que, mesmo que o programa possua os traços manipulativos próprios dos produtos da indústria cultural, a sua construção e manutenção só se dá a partir de um conjunto de interações envolvendo interesses distintos, representações e desequilíbrios de poder. Por isso, optamos por tratar o programa como uma “figuração” mais do que como um “produto acabado”. Essa figuração específica produz um gênero muito particular que

mistura prestação de serviços, entretenimento e espetáculo e buscamos demonstrar como ela se aproxima do que Eva Illouz chamou de “gênero moral”. Esse gênero moral se constitui a partir da experiência de dilemas morais e, no caso específico desse programa, procuramos apresentar como esses dilemas se desenvolvem em torno de questões cotidianas da necessidade da ‘justiça e da verdade’ como formas de superação de um cotidiano marcado por carências e sofrimento, ao mesmo tempo que reafirmava a condição de exclusão de alguns participantes.

Tentamos ainda demonstrar que não é possível igualar a experiência dos diversos tipos de público. A imensa maioria do público do ‘Correio Verdade’ é formada por pessoas das classes menos favorecidas, no entanto procuramos demonstrar a diversidade de experiências em meio a esse público. Apontamos três grupos principais ou três posições ocupadas pelo público no processo de interação que se organiza em torno do apresentador e dá sentido ao programa, permitindo a ordenação de emoções e fatos de modo que esse permaneça como o programa mais assistido do estado da Paraíba. Nessa ordenação particular de emoções e valores que busca falar diretamente às necessidades do “povo”, da gente “de família” e “honesta”, o apresentador constrói uma ‘fórmula’ de ação ou uma representação que busca lhe garantir a posição de “procurador” do povo Paraibano. Tal postura acaba garantindo uma representação do papel de mediador da justiça que lhe garante a audiência massiva e, assim, amplia o número de mercadorias, bens e serviços sendo vendidos no espaço do programa. Devido ao crescimento vertiginoso do interesse da população por essa experiência de justiça e verdade (temperados por diversão e alegria), constantemente se amplia o número de patrocinadores que buscam patrocinar e associar seu nome a essa experiência única de ordenação e correção do mundo cheio de ‘bandidos e droga’. Busquei demonstrar, contudo, como essa promessa de justiça, quase de redenção, não é capaz de alcançar e atender nem aquela parcela do público de pessoas aflitas que vão até o programa uma vez que o programa tem uma agenda que é determinada por percepções do que deve ser veiculado e vai chamar a atenção do povo e, ainda, que existem compromissos de manutenção da balança de poder que não serão quebrados pelo programa.

Nesse sentido, o ‘Correio Verdade’ se constrói a partir da interação entre produção – apresentador – público no estúdio como uma experiência moral (transmitida ao público em casa), mas a parcela despossuída dessa tríade permanece na condição de injustiçado que os leva ao programa. Na ‘esfera da verdade’ há outras preocupações mais urgentes como o controle do tempo para que nenhum patrocinador ficasse de fora. Seria muito inocente querer que o programa produzisse justiça, mas o ponto que quero chamar a atenção é que tal o programa revela não conseguir lidar com os casos pontuais que alega resolver e que garantem a sua fama. Mas, é interessante perceber que, mesmo sem conseguir resolver esses problemas que chegam diariamente, o ‘Correio Verdade’ está longe de ter sua aura comprometida por essas pessoas que se frustravam, garantindo ao que tais desilusões não eram falhas do programa, mas dessa desordem maior do mundo. Diante de suas incapacidades, o programa ganha outro tipo de sentido: associado à ideia de espaço de

participação e de voz. Particularmente nos casos envolvendo denúncias contra grupos mais poderosos, o programa assume o papel de mediador: assume que não poderia impetrar a justiça ou executá-la tal como os órgãos competentes, já que não tem a ‘autoridade’ jurídica para isso. Como indica o MP (Ministério Público), o programa passa a atacar pessoas já presas, exercitando um ritual de humilhação com quem não tem condições de pagar os serviços de um advogado. A fúria restauradora da justiça e da ordem, ritualizada através do exercício de uma dança que recria a violência e pune através do ‘cajado da revolta’, se alimenta da construção desse “outro” que é, ora muito bem definido: normalmente alguém maltratado, ferido e humilhado (já algemado e sem advogado), ora completamente indefinido e etéreo: poderosos sem nome, governantes sem cargo definido. Assim, esse trabalho demonstrou como, a partir dos processos de interação que forma essa figuração ‘Correio Verdade’, se constrói um programa que é uma experiência moral, não no sentido de que o que se passa nele é bom e justo, mas no sentido sociológico de uma interação que busca construir e viver sentidos morais de justiça, ordem e verdade.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 04 – Apresentação 03

AS METAMORFOSES DA DOR

Uma reflexão sobre o grupo “Mães na Dor” de João Pessoa – Paraíba

*Anna Georgeta Franco Feitosa Mayer de Araújo Lima**

Resumo: O objetivo da presente comunicação é apresentar o Grupo “Mães na Dor”, da cidade de João Pessoa, Paraíba, formado por mães que perderam seus filhos vítimas da violência e se reúnem para lutar contra a impunidade, a injustiça e pela paz. Propõe-se, assim, realizar um relato de como essas mães transformam sua dor, seu luto, em luta por justiça e pelo fim da violência urbana. Busca, por outro lado, detectar os mecanismos através dos quais a dor e o luto dessas mulheres alimentam sua luta. A análise está centrada na cidade de João Pessoa, Paraíba, porém é conveniente ressaltar que essa realidade de mães que perderam seus filhos vítimas de violência e que se arrematam para lutar é um fenômeno presente em parte considerável da sociedade brasileira. As sociedades ocidentais têm conhecido um significativo aumento da violência urbana. **Palavras chave:** violência, luto, justiça

*

*Maria, Maria, é um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece viver e amar
 Como outra qualquer do planeta
 Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta.
 Mas é preciso ter força. É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria, Maria, mistura a dor e a alegria...
 Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania de ter fé na vida...
 (Maria, Maria – Milton Nascimento)*

* Mestranda em Antropologia pelo PPPGA/UFPB sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Koury.

Introdução

O presente artigo debruça-se sobre o estudo de um grupo de mães que perderam seus filhos vítimas da violência e se reuniram para lutar contra a impunidade, a injustiça e pela paz. Tem, assim, o escopo de realizar um relato de como essas mães transformam sua dor, seu luto, em luta por justiça e pelo fim da violência urbana. Em suma, busca detectar os mecanismos através dos quais a dor e o luto dessas mulheres alimentam sua luta. Por outro lado, não está entre os objetivos do artigo o de indagar se o grupo tem forças suficientes para influir na sociedade e realizar seus objetivos. A preocupação é outra. Consiste em procurar saber de que forma as emoções cimentam e geram essa sociabilidade.

A análise está centrada na cidade de João Pessoa, Paraíba, porém é conveniente ressaltar que essa realidade de mães que perderam seus filhos vítimas de violência e que se arregimentam para lutar é um fenômeno presente em parte considerável da sociedade brasileira.

Isso está evidenciado no fato de que se multiplicaram no Brasil movimentos de mães e familiares de vítimas da violência urbana. São conhecidos os grupos como as “Mães de Acari”, as “Mães da Candelária”, as “Mães de Vigário Geral” e as “Mães da Chacina da Baixada Fluminense”. Em virtude das características comuns, esses grupos reuniram-se em um só, as “Mães do Rio” (BUSSINGER e NOVO, 2008: 112). Registre-se, ainda, a “Associação de Mães e Familiares de Vítimas da Violência no Espírito Santo” (AMFAVV) e o movimento “Gabriela Sou da Paz”⁶⁸, do Rio de Janeiro, entre outros. Na Paraíba, surgiu em 2010 um grupo de mães que se reúnem para alcançar a realização da Justiça. Mas, igualmente, para lutar por uma sociedade menos violenta e divulgar a cultura da paz. Esse grupo recebeu o nome de “Mães na Dor”.

As sociedades ocidentais têm conhecido um significativo aumento da violência urbana. No Brasil, esse cenário é agravado seja devido às grandes desigualdades econômicas do país e, principalmente, pela banalização da violência. Na sociedade brasileira, a violência urbana tem sido um dos assuntos mais recorrentes nos meios de comunicação, na academia e, ainda, como objeto de mobilização. É perceptível como casos de violência são veiculados pelas mídias, em especial a televisiva, que a transforma em espetáculo, tornando-a, quase algo da ordem do cotidiano ordinário.

Em resposta a essa violência, a sociedade civil elabora mecanismos, os mais variados, de resolutividade dos seus danos e malefícios, tais como formação de ONGs, grupos terapêuticos, e grupos de pressão, cujo objetivo é direcionar as instituições ao pleno cumprimento de suas finalidades.

⁶⁸ O Movimento Gabriela Sou da Paz foi criado pelos pais de Gabriela Prado Maia Ribeiro vítima de uma bala perdida no metrô em 2003, Cleyde Prado Maia Ribeiro e Carlos Santiago Ribeiro ambos psicólogos. Juntos com muita força e luta fizeram uma campanha de mobilização nacional, recolhendo assinaturas para uma emenda popular que altere o código penal eliminando as brechas da lei que permitem com que réus confessos estejam livres e possam praticar outros delitos. Informações constantes do site <http://www.gabrielasoudapaz.org/sobre-o-movimento/quem-somos.php>, acessado em 13.02.2013, às 13:18hs.

O que, inicialmente, chama a atenção no grupo estudado é que a dor dessas mães que perderam seus filhos constitui o elemento catalisador para transformar o sentimento de perda em forças para sair às ruas em passeatas, clamando por Justiça e Paz. As mães vão às ruas em manifestações as mais diversas, conversam com as autoridades, vão ao fórum criminal, ao Tribunal de Justiça, para falar acerca da dura realidade que atingiu a todas elas: a violência. Em suas falas elas narram como suas vidas foram marcadas pela violência que recaiu sobre seus filhos, vitimando-os.

Desta sorte, o artigo busca abordar as relações entre luto, justiça, vergonha, humilhação, no seio do grupo “Mães na Dor”. Para tal, são utilizados os depoimentos constantes do documentário *“Por nossos filhos”*⁶⁹, realizado sob os auspícios da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Vale ressaltar que os nomes das depoentes utilizados no filme são os verdadeiros. Elas recusam o anonimato. Afirmam que utilizando seus próprios nomes conseguem amplificar a voz do grupo a fim de serem ouvidas.

Convém assinalar, ainda, que, embora a violência urbana seja referida, não é ela o objeto da presente reflexão. Na verdade, o conceito de violência e sua compreensão constitui um importante instrumento de análise. De fato, se a violência deflagra o processo de perda, são as emoções daí decorrentes, o luto, a vergonha, a humilhação, o sentimento de injustiça, que constituem as lentes através das quais a existência e a prática do grupo “Mães na Dor” são lidas. Até porque no grupo não se encontram os relatos de um tipo único de violência. O que une essas mães não é a violência de gênero, homofóbica, ou outra qualquer, por mais relevantes que sejam. Elas se reúnem porque seus filhos foram vítimas e os responsáveis estão soltos, são desconhecidos ou podem ficar impunes. Os eventos que resultaram na morte dos filhos vão desde o assassinato através de pedradas até a utilização de automóveis para a prática do delito.

Aqui pode-se detectar uma diferença fundamental entre o grupo “Mães na Dor” e, por exemplo as “Mães de Acari” ou as “Mães da Praça de Maio”. Nesses casos, o elemento agregador do grupo é um evento único: o desaparecimento. No primeiro caso, provocado, supostamente, por policiais; no segundo, pelos agentes da ditadura militar argentina. O grupo “Mães na Dor” não. O que existe em comum entre as mães não é o evento ou a forma como se deu a morte, mas o fato de que seus filhos foram vítimas da violência e os responsáveis precisam ser punidos. Daí a luta pela realização da justiça e contra a impunidade. A dor, o luto e o sentimento de injustiça reúnem em um só corpo as mães assim atingidas pela violência.

Os sentimentos, de fato, constituem objeto de reflexão nos encontros das mães enlutadas. Neste sentido, o campo das emoções tem relevância por salientar o quanto é importante a constituição de laços sociais e redes de solidariedade entre mães que compartilham a mesma dor. Convém salientar, entretanto, que as emoções não constituem a única pauta das reuniões. Ali são tratadas, igualmente, questões pertinentes à ação do

⁶⁹O documentário “Por nossos Filhos” é um filme rodado em 2011 por Flaviano Carvalho e Helton Nóbrega, que assinam, além da Direção, também o Roteiro. A produção é do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal da Paraíba, sob orientação da Prof^a Dr^a Glória Rabay.

grupo. Afinal, elas se reúnem para a luta e não para carpirem coletivamente suas dores. Onde há luta não há espaço para autocomiseração.

O papel da violência

O Brasil, a partir dos anos 1950, passou por um processo de urbanização que se acelerou, sobretudo, no final dos anos 1960. Essa urbanização trouxe vantagens e desvantagens. O avanço material da sociedade ampliou a capacidade de consumo da população, mas trouxe em sua esteira o aumento da violência, sobretudo urbana. Os anos de ditadura e a manipulação das instituições pelas elites aprofundaram na população o descrédito por elas, especialmente em relação ao Poder Judiciário.

Com efeito, ao longo de décadas, o que se tem observado é a impunidade alastrar-se. Esse descrédito pelas instituições parece levar a um certo viés autoritário no seio da sociedade. Em outras palavras, como as instituições não funcionam, ou não funcionam a contento, a população é levada a buscar exercitar as suas próprias razões, ou fazer delas o parâmetro para estabelecer a verdade da Justiça.

Por outro lado, o estilo de vida vertiginoso da modernidade, a urbanização, que leva ao crescimento desordenado das cidades, aliado a políticas de segurança pública equivocadas criaram zonas conflagradas e bairros inteiros sob o domínio da criminalidade.

A face da violência urbana mudou nos últimos decênios. As grandes cidades conheceram, então, as chacinas, os assassinatos misteriosos, as execuções sumárias, crimes de vários tipos. A tudo isso, alia-se o crescimento da violência contra mulheres, homossexuais, negros e pobres, principalmente. O resultado consiste no aumento do número de famílias enlutadas, de mães desesperadas.

As noções de violência e impunidade são essenciais para a compreensão das razões de constituição do grupo Mães na Dor. Em todo ato de violência há como que a falência da palavra, do campo simbólico. *“Violência é o emprego desejado da agressividade, para fins destrutivos. Esse desejo pode ser voluntário, deliberado, racional e consciente, ou pode ser inconsciente, involuntário e irracional.”* (COSTA, 2003: 39). Assim, a violência pode ser identificada quando ocorrem situações de coerção, de exclusão do espaço social, o abuso da força e o impedimento da palavra (COSTA, 2003: 35).

A maioria dos filhos que foram vítimas da violência era jovem. Essas mães vivem, assim, uma dor irreparável: a dor de enterrar seus filhos que teriam, naturalmente, um futuro pela frente. A experiência de enterrar um filho é inominável. Ela coloca às avessas a ordem natural da vida, onde os filhos enterram seus pais mortos pelo envelhecimento.

À dor sentida pelas mães em decorrência da perda, alia-se o sentimento de injustiça. A violência cotidiana torna-se maior quando atinge um ente querido. Nesse caso, revela-se em toda a sua brutalidade na forma insensível como os agentes estatais cuidam desses casos. Os policiais, servidores da Justiça, funcionários dos institutos médico-legais, entre outros, não estão, em regra, preparados para lidar com a dor alheia. Algumas vezes, os responsáveis pelos crimes são policiais e outros agentes públicos. Nessas hipóteses, o corporativismo revela sua face mais desumana.

Familiares de vítimas de crimes fatais lidam com o descaso e a indiferença quando, em consequência da perda e da dor sentida pelo envolvimento de um familiar em crime fatal, deparam-se com profissionais e técnicos pouco preparados ao devido acolhimento de sua dor, fazendo com que a busca pela justiça legal se torne um processo não só humilhante, mas que envolve também risco, visto que os *algozes*, não raro, circulam impunes pela comunidade, muitas vezes, ameaçando de morte quem prestar denúncia ou lhes fizer oposição. (BUSSINGER e NOVO, 2008:110).

A violência de que foram, também, vítimas e a dor que sentem fez com que elas se unissem para lutar. Elas próprias dizem que somente podem compreendê-las quem perdeu um filho. É o que afirma, por exemplo, Maria Célia Nascimento, mãe de Elton Nascimento⁷⁰:

É onde a gente encontra apoio. Às vezes as pessoas ficam criticando, dizendo que... Mas Célia, isso não é viver tudo de novo, não? De uma forma, ou de outra, é. Claro, né? Mas, a gente está com pessoas que viveram a mesma dor. Elas sabem o que a gente tá sentindo. É diferente de uma pessoa que conversa, que num... não, eu imagino como você... Você imagina. Mas, você não sabe! Por mais que você imagine você não sabe a dor do outro. Só quem passou por ela. E a dor é nossa, do Grupo. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Por outro lado, a violência em pleno exercício do Estado de Direito revela a contradição maior vivida pela sociedade brasileira: assiste-se ao aumento da violência urbana, acompanhada de todas as suas sequelas. Esse fato vem sendo revelado pelas mais recentes pesquisas em torno da violência. CALDEIRA (2000) salienta esse fato.

Outro processo que vem marcando profundamente a sociedade brasileira e especialmente suas regiões metropolitanas desde os anos 80 é o aumento do crime violento. Esse aumento obviamente acrescenta insegurança às já intensas ansiedades relacionadas à inflação, ao desemprego, e a uma transformação política que vinha afetando as configurações tradicionais de poder e expandindo os direitos da cidadania. (CALDEIRA, 2000: 55).

Todavia, a democratização da sociedade, o maior acesso da população a instrumentos legais de exercício da cidadania, não trouxe em seu bojo a diminuição da violência urbana. Pelo contrário, acelerou sua incidência. CALDEIRA (2000) registra o fato sem que, antes, registre a estranheza pela sua ocorrência.

De um lado, houve uma expansão real da cidadania política, expressa nas eleições livres e regulares, livre organização de partidos, nova liderança política e funcionamento regular do legislativo em todos os níveis, associados à liberdade de expressão e fim da censura aos meios de comunicação. De outro, no entanto, há o universo do crime e um dos mais intrigantes fatos da consolidação democrática brasileira: o de que a violência, tanto civil quanto de aparatos do Estado, aumentou consideravelmente desde o fim do regime militar. Esse aumento no crime e na violência está associado à falência do sistema judiciário, à privatização da justiça, aos abusos da polícia, à fortificação das cidades e à destruição dos espaços públicos. (CALDEIRA, 2000: 55-56).

Em conclusão, a democracia política, no Brasil, não está aliada ao respeito aos direitos humanos, à valorização da justiça e não tem no resguardo à vida humana um dos

⁷⁰Elton de Oliveira foi assassinado em 2 de outubro de 2010 quando se dirigia para a casa de seus avós. Ele morreu aos 22 anos.

pilares da sociabilidade. Resumindo, *“o crime não só expressa e articula outros processos negativos de mudança, mas também representa os limites e desafios da democratização brasileira.”* (CALDEIRA, 2000: 56).

O que caracteriza uma democracia plenamente realizada é o respeito aos direitos individuais. A democracia brasileira registra um índice de desrespeito aos direitos civis alarmante. Principalmente no tocante à prestação jurisdicional. Assim, a violência aliada à impunidade revela sua face mais cruel. As famílias, no caso as mães, além de perderem seus entes queridos, assistem ao escárnio de assistirem os criminosos gozarem de ampla liberdade.

Após os anos da ditadura militar, a insatisfação e a frustração aparecem através da percepção de que o regime democrático não trouxe o alívio necessário aos problemas da população. Renova-se a descrença no aparato estatal, registra-se o aumento da criminalidade e, por conseguinte, da insegurança da população. (BUSSINGER e NOVO: 2008, 109).

A reparação da dor passa, necessariamente, pela realização da justiça. Nesse sentido, o efeito perverso da impunidade é da maior gravidade. Não fazer justiça significa romper com a possibilidade de reparação social. Em realidade, *“ato de justiça ‘conserta a ruptura da ordem, confirma a validade da lei e, por conseguinte, a própria ordem social’”*. (SOUZA, 2005: 58). A sociedade corre grande perigo de viver a dissolução dos laços e a desagregação social quando um crime ou uma infração não são punidos. A punição tem um efeito fundamental para restaurar o campo do simbólico rompido com a quebra do pacto em defesa da vida. *“A punição convoca, portanto, para o necessário reconhecimento do dispositivo legal, de uma forma de regulação social, de um espaço no qual quem julga e quem é julgado possa fazer uso da palavra.”* (SOUZA, 2005, p. 59).

A violência produz um efeito desestruturante para o tecido social, mas ela própria já é a expressão da desestruturação social, particularmente o homicídio, pois elimina do sujeito a possibilidade de reação. Isto porque, *“violência é um termo de infinitos desdobramentos.”* (FONSECA, 2000: 167).

Isso produz sentimentos que certamente estão presentes em cada mãe que se reúne com as outras para buscar a efetivação da justiça. Há, nesse fato, um inegável elemento simbólico: já que não podem mais recuperar a vida dos seus filhos, a realização da justiça funciona como reparação simbólica para a perda.

O grupo mães na dor

O Grupo “Mães na Dor” é formado por mães que perderam seus filhos vítimas da violência urbana, em todas as suas formas. Essas mulheres reuniam-se, inicialmente, no Centro de Atendimento às Pessoas Vítimas de Violência – CEAV.⁷¹ Nesse centro, eram realizadas reuniões todas as sextas-feiras com a participação de psicólogos e assistentes sociais onde as mães compartilhavam suas dores e suas lutas para que a justiça legal viesse a

⁷¹O CEAV era um serviço mantido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa.

ser realizada. Em 2011, o CEAV mudou o seu foco e deixou de prestar esse serviço às mães.

As mães, então, sentindo-se desamparadas, passaram a se reunir nas casas umas das outras e começaram a se organizar para fazer caminhadas, participarem de eventos, irem às audiências e julgamentos. Foi nesse momento que surgiu a denominação “Mães na Dor”.

Devido a problemas operacionais, o grupo deixou de se reunir nas casas e hoje mantém uma rede de relacionamento via internet, telefone e se reúnem sempre nos eventos, passeatas, dia de finados, dia das mães, Natal entre outros e, sobretudo, nos julgamentos dos acusados. O grupo também mantém contato com outros grupos nacionalmente conhecidos como o “Gabriela Sou da Paz”. Do mesmo modo, pessoas de vários lugares do Brasil, cujos filhos foram vítimas da violência, como os familiares de Mércia Nakashima, além de Glória Perez, entre outras personalidades, estão em permanente contato com o grupo.

Até o momento, o grupo ainda não está legalmente constituído, ou seja, ele existe de fato, mas não de direito. Isso, contudo, é de certa forma irrelevante. Afinal, o grupo tem mais as características de movimento do que, propriamente de um organismo estruturado. Ele constitui uma voz suficientemente audível para influir nas instituições e alcançar seu objetivo principal: a realização da Justiça. Mesmo sem existência legal, o grupo “Mães na Dor” está organizado nos municípios de João Pessoa e de Campina Grande.

O elemento aglutinador parece ser a tragédia familiar, pessoal, intransferível, de mães cujos filhos foram vítimas de violência. É o que flui de seus depoimentos. Por outro lado, a referência, a voz que se levanta para coordenar as atividades do grupo, parece ser a de Hipernestre Ramos Carneiro, mãe de Aryane Thais⁷², embora ela resista em ser considerada líder.

O choque da notícia, a dor da perda, o luto, enfim, tem que ser assimilado. Afinal, a vida continua. Mas, como continuar se a dor dói tanto? As estratégias de enfrentamento são muitas. A busca do divino, do sagrado, é uma delas. A igreja é assimilada como um refúgio. Todavia, foi no grupo e na luta que essas mães encontraram lenitivo. É o que se depreende do depoimento de Evanice da Silva Barbosa, mãe de Jéssica Laís Barbosa e avó de Luiz Gustavo⁷³. *“Eu comecei a frequentar mais a igreja. Foi quando no dia de finados eu encontrei Hiper lá no Parque das Acácias, que é onde também eles estão enterrados. E aí foi onde começou a mudar o rumo da minha história.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Assim, é a dor, o pesar, o luto, que une essas mães. O que dá sentido às suas vidas é a luta, o estarem juntas, o partilharem suas experiências. A mãe de Jéssica Laís Barbosa e avó de Luis Gustavo Barbosa, Evanice da Silva Barbosa, não tem dúvidas. É a dor que as une: *“E o que nos une é isso. Essa dor que nos persegue e que não apaga entendeu? E é o que faz as mães*

⁷²Aryane Thais foi encontrada morta às margens da BR 230 no dia 15 de abril de 2010. Ela foi assassinada por seu namorado ao descobrir que estava grávida. Aryane morreu ao 21 anos.

⁷³Jéssica Laís Barbosa e Luis Gustavo Barbosa morreram em 9 de maio de 2010, quando o carro da família foi atingido por uma ambulância em alta velocidade entre as cidades de Remígio e Areia/PB. Eles tinham 18 e 4 anos, respectivamente.

se unirem.” (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). No mesmo norte, vai o depoimento de Sônia Regina Nascimento da Silva, mãe de Gerlane Nascimento, ao afirmar que *“foi aonde eu senti aquele... Que eu não estava só. Eu senti apoio, aquele carinho e aquela dor, que uma chora no ombro da outra.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Francisca Luzia Pereira dos Santos, mãe de James Pereira⁷⁴, entende da mesma forma, afirmando que *“no Grupo a gente escancara de vez. A gente chora. A gente fala. A gente finge que é forte, quando não é...”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

O grupo “Mães na Dor” não deixa de se fazer presente nos momentos fortes como audiências, manifestações e atos religiosos promovidos por suas integrantes. Hipernestre Carneiro afirma que se *“tem uma Audiência, uma liga pra outra e diz: vai ter Audiência de fulano. Vai todo mundo. Vai ter uma caminhada, vai todo mundo ali junto.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Sua avaliação da importância da união do grupo fornece a medida da inserção do grupo na sociedade e do alcance de sua voz. No mesmo sentido, vai o depoimento de Francisca Luzia Pereira dos Santos, mãe de James Pereira, ao sublinhar seu compromisso com o grupo. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

O grupo “Mães na Dor” reúne-se em torno da luta. Mobiliza-se para influir nos rumos dos processos. Nesse sentido é que é percebido pela sociedade, como está no depoimento, por exemplo, da assistente social Mônica Brandão. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

É, igualmente, a avaliação do Dr. Osvaldo Trigueiro do Valle Filho, Procurador Geral de Justiça, do Ministério Público do Estado da Paraíba, que entende ser a mobilização da sociedade civil o caminho privilegiado para alcançar as mudanças necessárias a fim de que a violência diminua e a justiça se faça. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Uma maestrina no sofrimento

Victor Turner (2008) trabalha a noção de metáfora como recurso para a apreensão da realidade social. Parte da constatação de que os sistemas teóricos são necessários, porém o campo é que detém a última palavra. A metáfora, pois, constitui um instrumento privilegiado através do qual é possível tornar o real compreensível. Ademais, a percepção é insuficiente para dar conta da realidade social. A imaginação constitui instrumento fundamental para preencher as lacunas que os dados sensoriais ensejam. Deste modo, a metáfora ao inserir o dado da realidade em um sistema analógico conhecido permite pensar a realidade estudada a partir de elementos já conhecidos, embora tenha que ser subsumida analogicamente em arquétipos previamente construídos.

Assim, a partir de observações que levou a cabo em suas pesquisas entre os *Ndembu* da Zâmbia permitiu que chegasse à constatação de que o processo social, independentemente da sociedade em que ocorra, apresenta uma feição comum. São suas palavras:

⁷⁴James Pereira foi assassinado em 15 de junho de 2008. Ele foi morto a pedradas e pauladas pelo ex-namorado de uma garota com quem trocou olhares. Ele morreu aos 19 anos.

Comecei então a perceber uma forma no processo do tempo social. E esta forma era essencialmente *dramática*. Aqui, minha metáfora e meu modelo eram uma forma estética humana, um produto da *cultura* e não da natureza. Uma forma cultural era o modelo para um conceito social científico. (TURNER, 2008: 27).

Desta sorte, mesmo levando-se em consideração o alerta de Victor Turner de que o campo sempre diz a última palavra, não há como se olvidar que o pesquisador achega-se ao objeto de seu estudo a partir de posições teórico-metodológicas que lhes servem de bússola. Não há, pois, como abrir mão de certos conceitos balizadores (referenciais teóricos) do trabalho de campo.

Victor Turner (2008) operacionaliza o conceito de drama social a fim de aclarar as realidades sociais conflituosas. Ele define os dramas sociais como “*unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito.*” (TURNER, 2008: 33). Com efeito, os dramas sociais percorrem quatro fases, a saber: a) a ruptura da relação social, provocada por infração à norma que lhes dá sustento; b) a crise decorrente da ruptura das relações e que tende à recomposição das relações rompidas ou pelo aprofundamento da ruptura; c) a ação corretiva, através da aplicação de mecanismos de ajuste e regeneração do tecido social rompido; e d) a reintegração do grupo social perturbado, ou de seu reconhecimento como entidade cismática. (TURNER, 2008: 33-37).

O documentário produzido por CARVALHO e NÓBREGA (2011) e as primeiras observações levadas a cabo junto ao grupo “Mães na Dor”, permitem perceber que, embora o grupo surja a partir da violência que se abateu sobre as suas integrantes, a figura de Hipernestre Carneiro constitui-se como referência do grupo. Ela surge entre as protagonistas do drama social que o grupo encena como a figura de proa, como a maestra, o primeiro violino dessa sinfonia de sofrimento. Como tratar esses elementos do ponto de vista teórico? Que referenciais utilizar, para iluminar os caminhos a serem trilhados para a apreensão do objeto?

Desta sorte, a noção de drama social é aqui operacionalizada no sentido de buscar explicações para o sentido do grupo “Mães na Dor”. Trata-se de verificar se as fases descritas por Victor Turner são encontráveis na realidade estudada. As duas primeiras fases estão, evidentemente, caracterizadas. O conflito provocado pela violência que se abateu sobre os seus filhos levando-os à morte parece ser evidente. Daí a luta pela realização de justiça. Por outro lado, no que tange à crise ela também pode ser considerada evidente. O grupo questiona a capacidade das instituições de realizar a justiça formal. Parece que os mecanismos de ajuste e regeneração somente se realizam caso a caso e não de forma global. Afinal, a justiça, entendida como punição do culpado, realiza-se em cada caso, tornando a luta permanente para o restante do grupo. Neste sentido a reintegração do grupo não ocorre. Somente seria possível com a cessação plena da violência e a realização da justiça, o que consistiria um ideal utópico.

O início do grupo “Mães na Dor” está vinculado ao Centro de Atendimento às Pessoas Vítimas de Violência – CEAV, mantido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Ali foram realizadas as primeiras reuniões do grupo. A mudança de foco, porém, levou as

mães a se reunirem no grupo “Mães na Dor” sem a interferência do poder público. O que mudou? O que levou essas mães a uma forma diferente de sociabilidade? Aqui, mais uma vez, a teoria deve vir em socorro do estudioso. O que os dados preliminares parecem indicar é que, ao lado, de elementos emocionais, cujos conceitos podem e devem ser fornecidos pela antropologia das emoções, intervém no caso o elemento individual de uma liderança que se expressa e toma forma na pessoa de Hipernestre Carneiro Ramos, cujo papel deve ser estudado para se ter uma imagem mais precisa do grupo.

Efetivamente, não há como separar a personalidade Hipernestre Ramos Carneiro do surgimento e da continuidade do grupo. Ela é, sem margem para dúvidas, a referência do grupo. Em dueto com ela Sônia Regina Nascimento da Silva, mãe de Gerlane Nascimento⁷⁵, narra de forma viva como se dá a adesão ao grupo:

Meu esposo estava assistindo uma reportagem numa determinada emissora e ela estava fazendo um movimento. E eu tinha muita vontade de participar. Mas, não sabia como e meu esposo foi e me chamou e disse: olha aí! você não quer participar? eles estão fazendo esse movimento no centro. Então, imediatamente, eu troquei de roupa e fui ao encontro delas. Cheguei até meio assim... Apressada porque eu queria chegar a tempo. Cheguei com um cartaz da minha filha. Fui bem recebida.

.....

Ela vinha com a cartolinazinha fechada. Ela olhou assim pra mim e disse: é você que é a mãe de Aryane. Eu digo sou sim. Ela disse: eu posso participar? mataram a minha filha; é o caso de Jacumã. Eu tinha conhecimento do caso da Gerlane. E então quando ela abriu aquele cartaz, tinha a foto da filha dela: CASO DE JACUMÃ. MATARAM MINHA FILHA. Eu me abracei com ela.

.....

E foi aonde eu senti aquele... Que eu não estava só. Eu senti apoio, aquele carinho e aquela dor, que uma chorar no ombro da outra.

.....

Aí depois veio Francisca. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Hipernestre Ramos Carneiro reconhece, em seu depoimento, que passou por uma transformação. Há uma diferença entre o que ela é e em que se tornou. Em outras palavras, sua individualidade, sua identidade, transmudou-se ao integrar-se ao grupo. A constituição do grupo Mães na Dor, pela soma das dores, transformou o indivíduo Hipernestre Ramos Carneiro na pessoa pública: a mãe de Aryane.

Um sentido possível para o grupo

A abordagem de um grupo social, cuja existência fundamenta-se, basicamente, em emoções, como é o caso aqui aventado, deve ser realizada de forma tal que os laços de sociabilidade que lhe definem a constituição possam ser determinados de maneira a permitir sua compreensão. Assim, o modo pelo qual os indivíduos solucionam esses problemas deve ser abordado para que os liames sociais tornem-se compreensíveis. Mas, não somente isso.

⁷⁵Gerlane Nascimento foi assassinada pelo marido no dia 14 de fevereiro de 2010. Ela morreu aos 29 anos.

O homem é um ser singular. Nele, a natureza e a sociedade se cruzam de tal sorte que os processos puramente fisiológicos e os culturais chegam a se confundir. Por essa razão, em seus primórdios as ciências sociais, especificamente a sociologia relegou à psicologia experimental o estudo das emoções. Todavia, desde meados dos anos de 1970 e, especificamente, nos anos 1990 no Brasil, um novo ramo das ciências sociais foi inaugurado: o da sociologia e da antropologia das emoções.

As emoções são tributárias das relações sociais, dizem REZENDE e COELHO (2010). Porém, o senso comum universaliza os sentimentos e assim fazendo toma-os como acima da realidade cultural em que vêm à luz. Por essa razão e em virtude dos óbices encontrados para a constituição de uma disciplina que fizesse das emoções uma categoria analítica foi longo o caminho percorrido até a construção das emoções como objeto das ciências sociais.

De fato, pode-se afirmar que o início da jornada remonta aos pioneiros das ciências sociais. A tensão permanente entre indivíduo e sociedade para o qual as atenções, sobretudo, de autores como Simmel (1964; 2006), Durkheim (1977; 1983; 1996; 2010), Mauss (2003), estiveram voltadas, resultaram em respostas distintas. Para Durkheim, através do conceito de fato social, a sociedade molda o indivíduo e sua sensibilidade. Mauss, recorrendo ao conceito de fato social total faz interagir indivíduo e sociedade, tratando os sentimentos como linguagem. De qualquer sorte, ambos remetem as emoções para o campo do simbólico.

Entretanto, o conflito remanesce sem solução. É, todavia, Simmel quem mais decididamente aborda a questão. Para ele o dissenso é de tal sorte que o indivíduo recorre à atitude *blasé* e ao segredo para se proteger da tirania do social.

O indivíduo é pressionado de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios, e de modo algum ele saberia decidir com segurança interna entre suas diversas possibilidades de comportamento – que dirá com certeza objetiva. (SIMMEL, 2006: 40).

Os indivíduos, assim, posicionam-se no seio da sociedade de forma a fazer face às suas demandas. Desse modo, a conduta que leva à sociação do indivíduo assume uma forma e uma motivação.

Toda interação é composta por uma “forma” e uma “motivação”. A “motivação” é o conteúdo, o interesse ou objetivo do indivíduo que se engaja em uma interação; a “forma” é o modo, um formato por meio do qual aquele conteúdo passa a existir. (REZENDE e COELHO, 2010: 44).

Porém, esse conflito entre o indivíduo e a sociedade expõe de forma intensa o problema das emoções. O homem não cuida tão somente de sua sobrevivência física, objetiva. A dimensão subjetiva tem extrema relevância para a constituição do imaginário social. Desta sorte, as emoções não podem ser descartadas e impõem-se como categoria analítica.

Nos anos 1970, a abordagem interpretativa em voga nos Estados Unidos (REZENDE COELHO, 2010: 14) confere vigor ao estudo das emoções. Formula-se uma

nova noção de cultura que permite ressignificar as emoções. A cultura foi, então, definida como “*teia de significados, transmitidos por símbolos e interpretados de maneira específica de sociedade para sociedade.*” (REZENDE COELHO, 2010: 14).

As emoções, pois, como categoria de entendimento capaz de apreender a noção de humanidade e de sociedade, reservando ao indivíduo seu espaço no todo social, discutem as consequências teórico-metodológicas de uma pesquisa sobre o universo dos sentimentos flagrado nas inter-relações sempre tensas entre indivíduo e sociedade, sobretudo no que tange à morte.

A sociologia das emoções partiria do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade. Estas experiências traduzem as alianças produzidas, levando em conta as normas sociais, os costumes, às tradições e as crenças ou convicções em torno das próprias emoções. Os conteúdos simbólicos e as práticas culturais de contextos sociais específicos promovem, agenciam e permitem ou ponderam, desta maneira, determinadas emoções, ao mesmo tempo em que negam, restringem ou impõem interditos a outras, a partir das interações contínuas e constantes entre os sujeitos relacionais em trocas sociais determinadas. (KOURY, 2009: 9).

Neste sentido, a finitude do homem tem singular importância. O fato de constituir-se um *ser-para-a-morte* baliza a conduta humana, seja individual, seja social. A morte é uma realidade sempre presente na sociedade. Todavia, ela é sempre encarada como decorrente da passagem do tempo, no caso a velhice, ou da deterioração da saúde, a doença. As mortes súbitas, violentas, constituem exceção e, como tal, são encaradas. Quando a morte é acidental o luto tende a ser encarado, quase sempre, nos limites da privacidade, cedendo espaços apenas para as manifestações públicas socialmente reguladas. Quando, todavia, a morte violenta decorre de homicídio outros elementos somam-se para tornar o luto mais doloroso e as estratégias para trabalhá-lo mais rebuscadas.

A partir de uma perspectiva externa, as diferenças são óbvias. Por exemplo, a imortalidade fundamental dos grupos se contrapõe à transitoriedade do indivíduo humano; a possibilidade que os grupos têm de descartar elementos importantes sem, contudo, se extinguirem, movimento que significaria, de modo correspondente, a extinção para a vida individual, e fenômenos similares.

Essas questões, sempre que vinham à tona, contudo, possuíam uma natureza interna, e pode-se dizer psicológica. No entanto, caso se tome por ficção ou realidade a unidade do grupo que se sustenta sobre os indivíduos seus componentes – com o fim de interpretar os fatos –, essa unidade precisa ser tratada como se ela fosse um sujeito com vida, leis e características internas próprias. E, para fundamentar com legitimidade o questionamento sociológico, é forçoso esclarecer justamente as diferenças entre essas determinações e aquelas da existência individual. (SIMMEL, 2006: 39-40)

A morte não se deixa apreender em sua realidade última. Todavia, seu aspecto fático pode ser compreendido simbolicamente. Assim, o fenômeno da morte constitui um objeto privilegiado das representações coletivas, o que enseja a compreensão das formas estruturais em que se expressam. O ritual fúnebre, com sua liturgia, organiza as emoções individuais e permite que a vida da coletividade, pelo sepultamento, siga seu curso.

O reconhecimento público da morte, pela realização dos rituais prescritos, implica outras consequências. De que forma repercutiu, simbolicamente, a morte no âmbito familiar e que consequências teve na vida das famílias. A morte violenta, extemporânea, súbita, põe a nu a fragilidade do Estado para garantir a segurança individual. Por outro lado, expõe as mazelas dos aparelhos policial e judicial para perseguir o responsável pela morte e puni-lo. O cerne da questão é saber como se realizará a Justiça. Neste sentido, milita contra a tendência de individualizar a dor, tornando-a singular, ensejando a organização das mães com o objetivo de lutar pela realização da justiça. Neste sentido, as emoções jogam importante papel para a apreensão da realidade e responder aos porquês. Emoções como dor, sofrimento, luto, revolta, indignação, vergonha, humilhação, constituem categorias analíticas que têm muito a dizer sobre essa realidade.

Os estudos das emoções fundamentam um campo de reflexão que tem procurado revigorar a análise sociológica e a análise antropológica introduzindo perspectivas novas e importantes da grande questão interna da antropologia e sociologia geral, como disciplinas, que é a problemática da intersubjetividade. (KOURY, 2009: 11).

O que dá sentido às vidas das mães que compõem o grupo “Mães na Dor” é a luta, o estarem juntas, o partilharem suas experiências. É a dor que as une: *“E o que nos une é isso. Essa dor que nos persegue e que não apaga entendeu? E é o que faz as mães se unirem.”*⁷⁶ Francisca Luzia Pereira dos Santos, mãe de James Pereira⁷⁷, entende da mesma forma, afirmando que *“no Grupo a gente escancara de vez. A gente chora. A gente fala. A gente finge que é forte, quando não é...”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

O grupo “Mães na Dor” não deixa de se fazer presente nos momentos fortes como audiências, manifestações e atos religiosos promovidos por suas integrantes. Quando *“tem uma Audiência, uma liga pra outra e diz: vai ter Audiência de fulano. Vai todo mundo. Vai ter uma caminhada, vai todo mundo ali junto.”*⁷⁸ A união do grupo fornece a medida da sua inserção na sociedade e do alcance de sua voz.

Não importa, não importa se vai dar 100, 200, 300 pessoas. O importante é que quem forma o Grupo, aquela mãe que sente, que sente aquela dor tá ali presente. É aquela corrente que forma o Grupo Mãe na Dor, tá ali de mão dada. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Os posicionamentos das entrevistadas no documentário *“Por nossos filhos”* são unânimes no sentido de sublinhar o compromisso de todas as mães com o grupo.

Mesmo sabendo que os assassinos do meu filho, eles estão presos e vão continuar presos, porque vai acontecer o julgamento e eles não são réus primários. Isso me deixa tranquila. Porque eu vou alimentar em mim o sentimento de que a justiça foi feita. Que a impunidade acabou. Pelo menos, no caso de James. Mas eu não posso abandonar o Grupo. Foi no Grupo que eu fui acolhida. É no Grupo Mães na Dor que, verdadeiramente, cada uma das mães que participam das nossas reuniões encontra o conforto para continuar lutando. Encontra o abraço amigo, mesmo na

⁷⁶Depoimento de Evanice da Silva Barbosa, mãe de Jéssica Lais Barbosa e avó de Luiz Gustavo, in CARVALHO e NÓBREGA, op. cit.

⁷⁷James Pereira foi assassinado em 15 de junho de 2008. Ele foi morto a pedradas e pauladas pelo ex-namorado de uma garota com quem trocou olhares. Ele morreu aos 19 anos.

⁷⁸Depoimento de Hipernestre Carneiro, idem, ibidem.

hora quando cada uma está fragilizada. Se estiver chorando enxuga as lágrimas e oferece o ombro para a outra se confortar. Eu não posso sair desse Grupo. Quem está dentro dele não pode abandonar. Porque é uma forma de irmos pra rua, silenciar a nossa dor e gritar por justiça. Porque o que aconteceu com os nossos filhos não pode calar a nossa voz. E cada um que participa, que se confraterniza, que está do nosso lado, que chora junto, busca no outro o apoio pra nunca desistir da justiça por nossos filhos. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

O grupo Mães na Dor mobiliza-se para influir nos rumos dos processos judiciais. Nesse sentido é que é percebido pela sociedade, inclusive por profissionais que se dedicam ao trabalho com grupos dessa natureza.

Quando a gente para pra pensar na questão dos marcos legais, tudo o que se foi conquistado, teve uma história de luta. E eu acredito que, não só essas mães desse Grupo, mas se a gente for associar com as Mães da Sé, todos esses outros grupos que surgiram, surgiram a partir de dar essa visibilidade pra sociedade que: ó, nós estamos aqui e nós temos que nos unir e nós temos que gritar pra todo mundo que a Justiça precisa fazer o papel dela.⁷⁹

Ana Paula Cavalcanti Ramalho, mãe de Matheus Ramalho⁸⁰, resume de forma precisa o aparente conflito vivido pelo grupo Mães na Dor.

Sempre a gente briga para que os grupos aumentem. Os grupos de amizade, todos os grupos aumentem. Mas, esse é um grupo que eu tenho certeza que todas essas mães querem que ele nunca passe do número que está. Mas, que eu acho que a irresponsabilidade, a impunidade que hoje nós vivemos no país, é tão grande que as coisas começam a acontecer, normalmente, como se fosse simples perder a vida, tirar a vida de outro, fosse uma coisa normal.

Vale ressaltar, ainda, que não se trata de um grupo, ou movimento, que reúne seus membros para lamentar a dor da perda. Nesse diapasão, o luto, como é tratado neste trabalho, deve ser compreendido em duas formas: o *luto objetivo*, que é satisfeito com a punição do acusado e o *luto subjetivo*, que não é satisfeito somente com essa sanção. Dito de outra forma, o luto privado, que organiza as emoções, e o luto público, que remete à discussão pública da dor e à luta pela realização da justiça.

A dor, o luto e a mudança

A ocorrência de formas associativas em que mães se reúnem para lutar não é estranho à antropologia. As “Mães da Praça de Maio” na Argentina, que recebeu brilhante abordagem de Ludmila Catela (2001) e, do mesmo modo, Cecília Hidalgo (2010) que trata com delicadeza o assunto, são exemplos que podem ser citados. No Brasil, existem alguns trabalhos dedicados ao tema. Neste sentido, saliente-se FREITAS (2002) e ARAÚJO (2007) ambos refletindo sobre a experiência das Mães de Acari. Anote-se, ainda, o estudo de BUSSINGER e NOVO (2008), sobre um grupo de mães do Espírito Santo. Entretanto, as abordagens ainda são tateantes. Os parâmetros teóricos para o estudo ainda não estão, de todo, estabelecidos.

⁷⁹ Depoimento da assistente social Mônica Brandão in CARVALHO e NÓBREGA, idem, ibidem.

⁸⁰ Matheus Ramalho foi morto em 6 de maio de 2007. Estava indo pra casa quando o carro da família foi atingido por um veículo que cruzou o sinal vermelho. Ele morreu aos 16 anos. No acidente, também morreram Shuka e Antonio Ramalho, pai e tio de Matheus.

Assim, Roberto DaMatta (1997: *passim*), pode auxiliar no entendimento do fenômeno em análise – a criação e existência de um grupo de mães cujos filhos foram vítimas da violência urbana – através do conceito de **drama social**,⁸¹ ou seja, um momento acima – além ou aquém – das rotinas e normalidades que governam o mundo cotidiano; uma ação que rompe com uma norma social hegemônica vivida pelo grupo. Nesse sentido, a elaboração do luto dessas mulheres parece passar necessariamente pela luta para alcançar a Justiça Legal.

Arrematando seu raciocínio, o mesmo Roberto DaMatta considera que os brasileiros vivem um dilema nos seus espaços de sociabilidade, pois combinam, das mais variadas formas, os princípios hierárquicos das sociedades tradicionais com os princípios igualitaristas das sociedades modernas. Em outras palavras, é como se convivessem nas mentalidades brasileiras a **Pessoa** (típica das sociedades hierárquicas) e o **Indivíduo** (típico das sociedades modernas). (DAMATTA, 1997; 1987). O que remete à problemática simmeliana da sociação no universo da urbe.

Simmel (1964; 1973) faz repousar, na transição da economia natural à economia monetária, do rural para o urbano, do privado para o público, os problemas mais profundos da vida moderna. Seria, pois, o universo das grandes cidades que faria surgir o conflito entre os indivíduos e as instituições sociais, no sentido de que os primeiros buscam preservar a autonomia e a singularidade da existência em face das forças sociais, da herança histórica, da cultura externa e da técnica. O embate com a natureza que produz e reproduz a existência material transmuta-se em antinomia intransponível entre indivíduo e sociedade. (SIMMEL, 1964, p. 409).

Na pequena cidade, o ritmo de vida e o imaginário fluem muito mais habitual e uniformemente, tende à homogeneidade. De forma mais precisa, nessa conexão o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana torna-se compreensível — confrontado com a vida da cidade pequena em que repousam mais profundamente os relacionamentos emocionais. O efeito imediato desse contraste é desnudar a profunda contradição entre o indivíduo com seu psiquismo, suas pulsões, suas necessidades, seus sonhos e a realidade multifacetada de domínio do todo social, mediante o poder do Estado.

Dessa maneira, o homem metropolitano reage a essa realidade desenvolvendo mecanismos de autopreservação, que o protege contra as ameaças do ambiente social, que tende a esmagá-lo. Ele responde racionalmente, construindo uma consciência mais lúcida. A vida metropolitana propiciaria, assim, o surgimento de uma consciência aguçada e a predominância da inteligência sobre a emoção, no homem metropolitano. Os fenômenos da vida urbana são percebidos e analisados a partir da razão. A vida intelectual é, então, a forma que assume a vida individual para preservar a subjetividade contra o poder opressivo da vida nas grandes cidades.

⁸¹O conceito de drama social é apropriado por DaMatta a partir da obra do antropólogo escocês Victor Turner, conforme pode-se perceber do item retro em que nos referimos à personalidade de Hipernestre Carneiro. Cf. tb. DaMatta, 1997.

Do mesmo modo, as maneiras de sentir. Sobretudo a maneira de encarar a morte. Como evento (fenômeno) a morte permite que se construa sobre ela um discurso. Ela é permeável e enseja representações. Pode ser apropriada, simbolicamente, pela coletividade. O morrer não. Esta é uma experiência individual e, até o momento, incomunicável. Não se sabe como é morrer até que isso venha a acontecer. Todavia, as sociedades têm, em certo sentido, a sua organização pautada pela morte e pelo morrer. A perda representada pela morte de um ente querido, o luto, é trabalhada de forma a trazer tranquilidade e paz. “*O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.*” (FREUD, 1974: 275).

O luto, pois, é um processo subjetivo de uma dor pela perda de algo ou alguém, que pode ser objetivado de diversas formas, uma delas é a forma pública, expressa através de instâncias pessoalizadas de apoio, como rituais e liturgias religiosas, vivência coletiva de uma mesma dor, etc., que ajudam o enlutado a vencer a sua dor e retornar inteiro ao social.

Todavia, o luto não envolve somente uma dimensão racional, moderna, desse indivíduo metropolitano. Envolve, igualmente, uma dimensão emotiva, “tradicional”, típica das sociabilidades brasileiras. Em outras palavras, exibem dimensões modernas e tradicionais, racionais e emotivas.

Por outro lado, o luto público pede, dialeticamente, uma dimensão privada. Quer dizer, o luto público, que envolve a discussão pública, os ritos funerários, a busca de justiça, tem como contrapartida no nível do indivíduo o luto privado, representado pela dor e pela emoção. Não se pode esquecer, porém, que esses tipos quase sempre se apresentam misturados.

Hoje, essa forma pública encontra-se com dificuldades de expressão na sociedade ocidental contemporânea e no Brasil, especificamente, onde a dor pessoal foi colocada para dentro do sujeito que a sofre, tornando-a não social, mas psicológica: como um processo da individualidade e do individualismo. É o que conclui KOURY (2003) de suas pesquisas.

A individualização crescente das relações sociais no Brasil atual parece tender a refrear o processo de individuação do sujeito que sofre a perda, através do mascaramento da dor do sofrimento e da morte. Essa tendência social de escamoteamento da expressão pública dos sentimentos (Mauss, 1980) e a valorização da interiorização, enquanto subjetividade ou espaço da intimidade ou do privado e, nesse caso, não social por definição, cria uma predisposição permanente no indivíduo à desconfiança no outro, e por extensão, no social. (KOURY, 2003: 37).

Uma forma de tornar público o luto, é pela denúncia: o luto deixa de ser apenas um problema individual, mas transforma-se em social, como ação política. Essa transformação é política, já que coloca àquele em dor como um agente social direto, buscando transformar uma dor pessoal em dor social e buscando no reparo social de sua perda, (que deixa de ser só individual, mas se junta a outras iguais, virando um movimento) a constituição interior do seu luto.

Parece ser nesse sentido que as mães integrantes do grupo estudado enfrentam suas perdas. Em sua luta, elas como que buscam o reconhecimento da sociedade para seus dramas respectivos, transformando-os em questão social, em luta pela justiça. Nesse sentido, trazemos à consideração o conceito de luta social expresso Axel Honneth, que a entende como *“o processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiência cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência colectiva por relações ampliadas de reconhecimento.”* (HONNETH, 2003, p. 257). Os depoimentos são sintomáticos.

A violência que se abate sobre as famílias das vítimas tem repercussão no modo de vida. Tudo muda. É o que flui dos depoimentos. Ao ser indagada sobre o significado da morte de seu filho Célia Nascimento, mãe de Elton Nascimento, afirma que a sensação que fica é a de um *“vazio muito grande. Ele foi arrancado, tiraram ele da gente de uma forma muito cruel. Entendeu? E de repente aconteceu um negocio desse. A gente fica sem chão.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Do mesmo modo responde Hipernestre Carneiro, mãe de Aryane Thais: *“O que mudou ? Tudo, tudo.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Mas, é Francisca Luzia Pereira dos Santos, mãe de James Pereira, quem melhor expressa essa mudança.

Pode ter certeza que mudou tudo. Mudou. Acredito que pra melhor, em partes. Porque através da morte de James, lá mesmo no IML, na hora que eu reconheci o corpo dele. Que peguei uma briga feia com Deus. Porque naquele momento eu não entendia porque tinha encontrado meu filho daquele jeito. Eu... mesmo sabendo que todos os meus órgãos estavam fragmentados, como aquelas imagens dos planetas quando se chocam. Eu acho que dentro de mim foi a mesma coisa. Foi naquele momento que eu, brigando com Deus, eu disse pra mim mesma que eu não teria... Eu não teria força pra cumprir com a minha promessa que eu tava fazendo se não buscasse a Ele de alma e coração e espírito, em forma definitiva. Que viria sim a justiça. Mas, através da minha fé, da minha entrega a Ele. Porque eu tava trocando a vida do meu filho pela vida que eu ia ter do lado de Deus. E eu disse a Ele naquele momento: o Senhor vai me fazer essa justiça. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

A mudança é radical. É o que se pode perceber do depoimento de Sônia Regina Nascimento da Silva, mãe de Gerlane Nascimento, que, à pergunta sobre o que mudou na sua vida, respondeu sem titubear:

Tudo. Porque hoje eu procuro preencher, primeiramente só é eu e meu esposo, só nós dois, em casa né? Meu filho tem a vida dele com a esposa dele e a outra, minha neta mais nova, mas mudou tudo. Eu não tenho alegria como eu tinha antes. Eu não tenho vontade de sair como eu saía antes. Eu não tenho assim... Eu tenho aquele momento de alegria, aquele momento de alegria eu tenho. Às vezes até esqueço. Acho até que não é comigo o que tá passando. Mas, mudou tudo. Na nossa rotina mudou tudo. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Mas, quem sintetiza com precisão o sentimento dessas mães é Ana Paula Cavalcanti Ramalho, mãe de Matheus Ramalho para quem

É difícil passar pras pessoas o tamanho da nossa dor. É difícil que as pessoas vejam como nós choramos todos os dias, constantemente. Nossas almas, eu tenho certeza a minha e eu acredito que das outras mães, sempre estão chorando. Se alguém olhar bem fundo nos nossos olhos, olhar bem no coração da gente, vai ver que o coração tá ali, pingando, chorando. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

De todo modo, esses depoimentos são corroborados pela psicóloga Maria dos Remédios de Almeida Matos para quem

Quando uma mãe perde um filho de forma bruta, muda totalmente a vida. Ela dá uma virada. Então, assim, o processo do vivenciar esse luto não existe uma forma única. Existem várias formas e elas, cada uma, tem uma forma bem peculiar de desenvolver esse luto, de vivenciar esse luto. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Convém, por último, sublinhar que é necessário indagar de que forma o grupo estudado encara a noção de justiça. Afinal, o que significa justiça para essas mães? Ao fim e ao cabo, parece que seu ideal de justiça não se resume à punição, seguindo as normas legais em vigor, dos culpados pela morte de seus filhos. Pelo contrário, são partes integrantes de seu combate o aperfeiçoamento do aparato jurídico vigente e a transformação dos costumes que levam à violência, além da luta pela paz.

A luta contra a impunidade e por justiça

A sociedade brasileira é cheia de exemplos de impunidade. Convém salientar que a impunidade se expressa como privilégio, que decorrem da posição social. Constitui uma herança do autoritarismo que permeia historicamente o corpo social brasileiro. Os tempos são outros, porém. Embora, como dito acima, a redemocratização tenha assistido ao aumento da violência, por outro lado, a sociedade tem-se mobilizado para resistir a esse recrudescimento de práticas violentas. *“Porque, essas pessoas não podem estar vivendo como nós na sociedade. Nós não! Porque nós não vivemos. Nós temos nosso limite e esse povo não tem limite. Esse povo vive, quem não vive somos nós.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Diz Hipernestre Carneiro.

Essa postura revela aquilo a que Barrington Moore Jr (1987, 21) chama de indignação moral, ou consciência da injustiça social. Esse sentido de injustiça encontraria fundamento na existência de *“imperativos sociais e, através destes, à ira moral e a um sentido de injustiça social.”* (MOORE JR: 1987, 27). Todavia, a sociedade constitui uma exigência para a preservação da espécie humana. Para tanto, houve que ser criada. É que *“sem a invenção da sociedade humana, o Homo sapiens bem poderia ter sido extinto há muito tempo.”* (MOORE JR: 1987, 27).

Assim, a criação da sociedade se dá mediante a celebração de um contrato social. É mediante esse pacto que constitui a autoridade, que é aceita por todos. Nesse sentido, a vida em sociedade implica a negociação permanente dos termos do contrato. Em outras palavras, *“o que ocorre é uma contínua sondagem entre governantes e súditos, a fim de descobrir o que eles podem efetuar impunemente, a fim de testar e descobrir os limites da obediência e da desobediência.”* (MOORE JR: 1987, 39). Ora, os termos do pacto devem permanecer equilibrados de forma tal que governantes e súditos obedeçam às obrigações que lhes são impostas por ele.

Há em geral certas obrigações mútuas que vinculam governantes e governados, os detentores da autoridade e os que estão sujeitos a ela. Elas constituem obrigações no sentido de que: 1) cada uma das partes está sujeita a um dever moral de efetivar certas tarefas como sua parte no contrato social implícito; 2) o fracasso de qualquer uma das partes no desempenho de tais deveres constitui fundamento para que a outra se recuse a executar a sua tarefa. Cada parte encontra alegada incapacidade da

outra para desempenhar adequadamente sua função, a justificação e o suporte morais para seu próprio senso de indignação. (MOORE JR: 1987, 42).

Está entre as obrigações das autoridades, suprir a sociedade de segurança e punir as transgressões. Essa atividade, que é exigida dos agentes estatais, constitui uma obrigação decorrente do pacto social. Ora, quando a segurança é negligenciada e a prestação jurisdicional é precária e não implica a punição dos transgressores manifesta-se a ira moral e a sociedade civil mobiliza-se para exigir o cumprimento da obrigação.

Embora o contrato social inerente às relações de autoridade esteja sempre passando por provas e renegociações e possa entrar em colapso completo em caso de revolução, [...] há certas formas de violação desse contrato que comumente despertam a ira moral e um sentido de injustiça entre os que estão sujeitos à autoridade. (MOORE JR: 1987, 46).

Ora, é exatamente o que ocorre quando o Estado deixa de punir aqueles que infringiram a lei, o que significa realizar a justiça. Principalmente, quando o comportamento desviante investiu contra o bem maior de toda sociedade: a vida. Esse fato encontra eco nas afirmativas de Sônia Regina Nascimento da Silva, mãe de Gerlane Nascimento:

Eu espero que cada uma que aqui se encontra chegue ao seu objetivo que se chama justiça. É como eu já falei. Não vai trazer os nossos filhos de volta. Mas, também, não é fácil você saber que a pessoa que tirou a vida do seu filho tá aí como que nada aconteceu. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Esse clamor por justiça é unânime entre as mães do grupo. A mãe de Aryane Thaís, afirma que o criminoso tem “que pagar, porque tem que existir justiça. Porque se não existir justiça quantas Aryanes irão embora? Quantos James? Quantos Eltons terão de ir embora?” (CARVALHO e NÓBREGA, 2011). Porém, a Justiça é lenta. O Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público da Paraíba, Dr. Osvaldo Trigueiro do Valle Filho tenta explicar a morosidade do Estado em ofertar à sociedade a prestação jurisdicional com rapidez.

A lentidão vem porque o processo como um todo ele não gera na velocidade em que há a necessidade de resposta social. É preciso que você aprimore o sistema. Na questão do processo, para que você tenha celeridade e puna mais rápido. E, da data do evento, do acontecimento, da morte, ou do incidente criminal, até o resultado, da condenação com trânsito em julgado, você tenha um espaço menor. Por que? Porque a sensação de que foi punido, ela é mais persistente. Ao fato se que você passa 10, 20 anos, às vezes aquela ideia se perdeu no tempo. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Contudo, a noção de justiça operacionalizada por essas mães, em que pese a combatividade do grupo Mães na Dor, não é dirigida para a contestação do *status quo*. Ao contrário, há uma crença quase ingênua na justiça legal. Hipernestre Carneiro afirma:

Eu vou clamar por Justiça até o ultimo dia da minha vida. E de uma coisa eu tenho certeza: eu nunca vou dizer na minha vida que não eu não acredito na Justiça. Porque a justiça será feita. Eu não vou sair de mãos abertas como se não fizeram nada. Eu não vou sair. Eu vou sair, nós vamos sair vitoriosos nos casos dos nosso filhos. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Entretanto, o poder judiciário tal qual existe deve ser aperfeiçoado. Apesar dos problemas, da morosidade da prestação jurisdicional, as mães entendem que a mudança deve ocorrer na lei para que o poder judiciário possa cumprir o seu papel. A mãe de Elton Nascimento acredita nisso.

O Código Penal deve mudar. Deve ter uma mudança grande. Isso é o que todo mundo tá cobrando. E é o que a gente espera. Que mude. Porque tá. A violência aumenta a cada dia. Todo menor... Os menores assumem. Tudo quanto é de errado eles assumem e fica por isso mesmo. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Apesar de perceberem que existem entraves que levam as instituições a não funcionarem a contento, continuam a crer que é possível a realização da justiça. De certa forma, consideram que o aperfeiçoamento do aparato legal pode tornar mais célere e eficaz a punição dos culpados e o cumprimento da pena. A mãe de James Pereira, para ver os assassinos de seu filho presos, teve que, pessoalmente, realizar o trabalho da polícia. Constata a morosidade da justiça, o que leva, na maioria das vezes, à impunidade. Todavia atribui essas mazelas ao aparato legal que é falho.

Nós sabemos que a morosidade é doentia. Dói dentro da alma a morosidade na Justiça. Mas, também, nós sabemos que a Justiça efetua o que as leis criaram. O que a lei manda. A lei é que tem que mudar. A lei tem que mudar pra que a Justiça obedeça e faça. Eu fiz um trabalho lado a lado com polícia. A polícia tava lá no gabinete mas eu tava me escondendo andando dentro de táxi com vidro fumé, buscando informações de suspeitos. Eu tava com a minha vida em risco, recebendo ameaça de assassinos. Mas, destemida. Por que? Porque a polícia precisava de provas contundentes pra encerrar o inquérito, entregar à Justiça. Pra Justiça fazer a avaliação e saber se ele ia prender, ou não.

.....

Agora, também, tem uma coisa muito essencial: é a gente não desistir de estar lá; de cobrar; porque o próprio juiz encarregado pelo caso de James ele disse a mim. Os próprios policiais encarregados das investigações eles dizem até hoje: Dona Francisca nós prendemos esses homens por sua causa; foi a senhora que ajudou a colocá-los na cadeia. Se não fosse talvez eles não fossem pegos ou ninguém nem soubesse que tinha sido eles. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

A indignação moral, o sentido de injustiça, serve de combustível à luta dessas mães. O conceito de justiça que operacionalizam tem duas dimensões: 1) entendem a justiça como retributiva, no sentido de que uma vez infringida a lei a sanção deve ser aplicada; 2) a sanção deve ser buscada dentro dos marcos legais, através do poder judiciário. Nesse sentido, sua luta destina-se a fazer funcionar o aparato estatal. Não tem, pois, um conteúdo contestatório. Mas, essa noção de justiça transcende os limites da justiça legal porque elas têm a consciência de que a sua situação atual não se resolve nos estritos limites da lei. É necessário todo um conjunto de ações, que vão desde um melhor aparato de segurança pública até a difusão de uma cultura de paz.

Por outro lado, têm plena consciência, também, de que sua luta é essencial para que a lei seja cumprida e a justiça se faça. Isto pode ser percebido no depoimento de Ana Gláucia Barbosa Belmont, mãe de Everton Belmont⁸².

Eu estou tentando não deixar o caso Everton cair no esquecimento. Porque se você não luta, a primeira coisa que acontece é a Justiça se acomodar. E eu, desde o primeiro momento, eu tenho lutado porque foi uma covardia a morte de meu filho e eu não posso deixar ele ficar no esquecimento, não. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

A luta funda-se no compromisso tácito estabelecido entre a mãe e o filho morto. A justiça será feita. A luta será constante. Não lutar seria uma espécie de traição à memória do filho, que todas elas fazem questão de trazer no peito, através da fotografia. Esse fato alimenta a vontade e renova as forças para continuar o combate. Francisca Luzia Pereira dos Santos, mãe de James Pereira, sintetiza o sentido da luta: *“Mas, esqueceram que eu fiz uma promessa. E quando uma mãe promete, ela cumpre.”* (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

A dor, o crime e a vergonha

O grupo Mães na Dor deixa evidente, seja por seus objetivos, seja por suas manifestações públicas, que as emoções constituem a amálgama que permite sua união e existência. Que emoções? A dor, a revolta, o amor, o ódio (por que não?), a ira moral, o sentido de injustiça são emoções presentes nas práticas do grupo. Todavia, há uma outra emoção que é escamoteada e reprimida: a vergonha. Como? A vergonha? Sim. Mas, onde ela se apresenta? Como se manifesta? Alguns depoimentos são sintomáticos. Sônia Regina Nascimento da Silva, mãe de Gerlane Nascimento, deixa esse sentimento aflorar.

Eu fiquei sabendo da notícia através da mídia. Então foi onde veio a minha revolta, a minha decepção porque ela tava no IML como indigente e Gerlane tinha família. Gerlane tinha mãe, Gerlane tinha irmão, Gerlane tem parente e ela tava como indigente. Então pra mim quando eu fiquei sabendo foi quando ninguém mais queria foi que chegou a notícia a mim. Então pra mim foi um fundo de poço, eu entrei em loucura, eu entrei em loucura. Eu nem acreditei quando eu vi na mídia, eu não acreditei. Jamais ia passar pela minha mente que ia acontecer um caso desse, que não deu tempo ela dizer nada. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

O sentimento de vergonha manifesta-se em virtude de estar a vítima na condição de indigente. Afinal, ela não era uma qualquer *“tinha família”*. De onde vem a humilhação, a vergonha? Parece que do fato evidente de o crime chamar a atenção da sociedade para os familiares. Afinal, todos os olhares estão voltados para eles. Estar na condição de indigente é diminuí-los socialmente. Essa atitude é compatível com a definição dada por Elias (1993).

O sentimento de vergonha é uma exaltação específica, uma espécie de ansiedade que automaticamente se reproduz na pessoa em certas ocasiões, por força do hábito. Considerado superficialmente, é um medo de degradação social, ou em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas. mas é uma forma de desagrado ou medo que surge caracteristicamente nas ocasiões em que a pessoa que receia cair em situação de inferioridade não pode evitar esse perigo nem por meios físicos diretos nem por qualquer forma de ataque. (ELIAS, 1993: v. 2, 242).

⁸²Everton Belmont foi assassinado por um conhecido quando estava em um bar com amigos, no dia 14 de março de 2010. Ele morreu aos 27 anos.

No mesmo sentido, é o sentimento da mãe de James Pereira, Francisca Luzia Pereira dos Santos, que diante do filho morto, deixa fluir sua emoção que se mescla com o sentimento de injustiça.

Porque através da morte de James, lá mesmo no IML, na hora que eu reconheci o corpo dele. Que peguei uma briga feia com Deus. Porque naquele momento eu não entendia porque tinha encontrado meu filho daquele jeito. (CARVALHO e NÓBREGA, 2011).

Entretanto, a vergonha não se limita à simples relação da mãe com o crime, com o fato de que seu filho está morto. É um sentimento mais complexo. Confunde-se com a culpa. Como ter vergonha da morte de seu filho, sendo ele vítima de um crime? O sentimento que flui é o de vergonha de sentir vergonha. Ele é inconfessado e inconfessável. Deixa-se entrever com dificuldade. É como conceitua Scheff (2001).

O estudo de Elias sugere [...] um modo de compreensão sobre a transmissão social do tabu sobre a vergonha. O adulto [...] se encontra não só envergonhado sobre a questão sexual, mas se encontra, principalmente, envergonhado de se encontrar envergonhado e, provavelmente, envergonhado da vergonha [...]. (SCHEFF: 2001, 120).

A vergonha, contudo, não constitui um sentimento inato. Ela é socialmente construída, conforme o entendimento de Elias (1993). Por outro lado, o sentimento de vergonha e seus similares, constrangimento, embaraço, humilhação, baixa autoestima, militam no sentido de situar o indivíduo em um conflito que pode ser resolvido positiva, ou negativamente.

A vergonha tira sua coloração específica do fato de que a pessoa que a sente fez ou está prestes a fazer alguma coisa que a faz entrar em choque com pessoas a quem está ligada de uma forma ou de outra, e consigo mesma. O conflito expressado no par vergonha-medo não é apenas um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente: seu próprio comportamento colocou-o em conflito com a parte de si mesmo que representa essa opinião. É um conflito dentro de sua própria personalidade. Ele mesmo se reconhece como inferior. Teme perder o amor e respeito dos demais, a quem atribui ou atribuiu valor. A atitude dessas pessoas precipitou nele uma atitude dentro de si que ele automaticamente adota em relação a si mesmo. E é isso que o torna tão impotente diante de gestos de superioridade de outras pessoas que, de alguma forma, deflagram nele esse automatismo. (ELIAS, 1993: v. 2, 242).

Estaria posto, desta sorte, um elemento novo que deve ser levado em consideração. Ao lado da dor, do pesar, da perda, a vergonha situa-se como uma emoção com efeitos estruturantes da sociabilidade. Segundo Scheff (2007), as emoções podem servir para distinguir o que é importante para o indivíduo face a inúmeras outras cognições que não o são. Muitos problemas básicos surgem porque as sociedades modernas dão às emoções pouca atenção. As sociedades modernas exigem que todos saibam um número colossal de regras, palavras, frases, fatos e factoides.

Para além do que é necessário cada pessoa carrega, igualmente, a sua própria massa pessoal de pensamentos e lembranças. Emoções e sentimentos, mesmo as mais fracas, pode servir como etiquetas para o que é significativo. Entretanto, em que pese todo o

universo de elementos cognitivos, o domínio da emoção e do sentimento ainda é muito pequeno. Sem emoções estaríamos todos à deriva em um oceano interminável de pensamentos e lembranças, a maioria deles ancorando pouco ou nenhum significado.

A intolerância quanto às manifestações públicas de emoções autênticas pode ser uma das razões dos desajustes sociais. A vergonha ocupa um lugar importante no universo moral. São, quase sempre, experiências involuntárias de vergonha, ou a antecipação da vergonha, que resultam na ira moral, na indignação moral. Uma sociedade que reprime a maioria das emoções, particularmente a vergonha, sofreria, portanto, em grave risco de ficar moralmente à deriva (SCHEFF: 2007, *passim*).

A sociedade brasileira tem desenvolvido uma atitude repressiva no que tange às emoções, especialmente no que respeita às manifestações públicas do pesar (KOURY, 2003: 37). Esse fato é percebido pelas mães. No grupo, elas podem “escancarar” suas emoções, como diz uma delas. O grupo, pois, seria o espaço da troca de sentimentos, um espaço de liberdade.

Os indivíduos e a coletividade envolvidos e submetidos à catarse das emoções, por um lado, exporiam a si mesmos a um conjunto de práticas reintegrativas e reorganizativas através de rituais integradores, purificadores e de expurgação das ações ou atitudes que causaram o sofrimento ou o excesso de prazer. Por outro lado, seriam simultaneamente expostos aos limites de um embate, a um limite agonístico, sempre encoberto nas experiências repetitivas do cotidiano, onde a pessoa, enquanto noção e enquanto representação social se colocaria acima e além da coletividade, vendo nela e através dela a configuração do seu próprio viver. (KOURY: 2009, 21).

A vergonha também se manifesta no sentimento de impotência e desamparo resultante da inoperância do aparato de segurança do Estado. Barrington Moore Jr (1987) comenta que, pelo contrato social, a autoridade obriga-se a fornecer aos cidadãos, entre outras coisas, segurança. A omissão do Estado enseja o sentimento de indignação moral, que leva à demanda para rediscutir os fundamentos do pacto sociativo. Nesse caso, as bases da indignação moral parecem resultar do sentimento de humilhação pelo fato de que a falha do aparelho estatal redundou em um sofrimento. Por que eu? Por que meu filho? A falta de uma ação eficaz de quem está obrigado institucionalmente impõe um sentimento suplementar, a impotência, e exige que a parte mais fraca, as mães, assumam a tarefa de lutar para que se faça justiça.

Os dados empíricos disponíveis, embora insuficientes, parecem indicar que a humilhação e a indignação dela decorrentes estão entre as emoções que cimentam a existência do “Grupo Mães na Dor”. Três depoimentos são sintomáticos:

Maria Celia Nascimento (Mãe de Elton Nascimento)

Atirar numa pessoa que vai passando na rua. Que teve medo. Que se assustou. Porque Elton teve medo. Elton, simplesmente, ele teve medo. Quando ele viu aquele bando na frente dele sem... Nunca tinha visto uma coisa daquela. Ele teve medo. Ele tentou correr para a casa dos meus pais.

Ana Glauca Belmont (Mãe de Everton Belmont)

E quando ele chegou atirando, Everton, o que? Eu acho que ele tinha o coração tão puro que ele nunca imaginou que o cara com a arma na mão fosse matá-lo.

Francisca Luzia Pereira (Mãe de James Pereira)

... quando eu reconheci meu filho peguei uma briga feia com Deus, não entendia porque tinha encontrado meu filho daquele jeito. Naquele momento eu disse pra mim mesmo que não teria força para cumprir minha promessa que viria a justiça o senhor vai fazer essa justiça

Há, ainda, outra razão que faz a vergonha ser socialmente importante. Ela se presta ao papel de regular todas as outras emoções. Os homens não choram por vergonha de serem vistos como fracos. Do mesmo modo, não demonstram medo, porque eles têm de aprender a equacionar o medo. Assim como essas mães, muitas vezes, choram em silêncio e escondidas para não serem recriminadas, principalmente, por seus familiares.

Considerações finais

Essa primeira aproximação com o objeto de estudos deixa transparecer a riqueza de significações que pode ser encontrada na existência e funcionamento do grupo “Mães na Dor”. A elaboração do luto parece estar diretamente vinculada à sua busca por Justiça. A prática do grupo aponta para uma noção de Justiça que vai além da Justiça Legal.

Todavia, o grupo “Mães na Dor” revela uma faceta peculiar, que o diferencia de outros movimentos semelhantes. No caso das “Mães da Praça de Maio” ou das “Mães de Acari”, o elemento aglutinador é um evento único, que organiza categorialmente as componentes do grupo. No primeiro caso, o desaparecimento de opositores políticos do regime militar argentino levado a cabo pelas forças de repressão, o que implica a responsabilidade do Estado. No segundo, um grupo de pessoas igualmente desapareceu. O desaparecimento seria da responsabilidade de policiais agindo à margem da lei.

O que unifica as Mães na Dor é a violência em si, que recaiu sobre elas, revelada nas mais diversas formas. O elemento homogeneizador é a emoção, representada pela dor, pelo luto, pela vergonha, pela humilhação, pela revolta, pelo sentido de injustiça. É a transformação dessa dor em força para lutar pela realização da justiça, pelo fim da impunidade e pela paz. Essa singularidade implica a necessidade de um tratamento específico para sua apreensão e descrição.

O grupo “Mães na Dor” parece tornar-se um elemento importante, fundamental até, na reorganização da vida das mães que o integram. Seja porque, nele, elas sintam-se seguras para extravasarem as suas dores, para falarem e serem ouvidas; seja porque o grupo lhes dê a certeza de que juntas elas podem muito mais. Isso flui dos depoimentos prestados aos realizadores do documentário *“Por nossos filhos”*.

As mudanças ocorridas na vida dessas mulheres e a elaboração de seu luto passam por duas esferas: a do luto privado e a do luto público. Na dimensão do luto privado, a dor, o pesar, a vergonha, a humilhação, são vividas de forma individual, singular. É a dimensão em que a sociedade quer limitar sua manifestação. A dimensão pública do luto requer luta, por isso ocupa uma latitude política, representada pela denúncia, pelo clamor por justiça e

paz. Essa luta pela realização da justiça e contra a impunidade passa a ser o centro de suas vidas.

Bibliografia

ARAÚJO, Fábio Alves. 2007. **Do luto à luta: a experiência das Mães de Acari**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Machado da Silva.

BARTH, Fredrik. 2000. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

BUSSINGER, Rebeca e NOVO, Helenira. 2008. **Trajetória de vítimas da violência: dor e solidariedade entre mães de uma associação do Espírito Santo**. In PSICOLOGIA POLÍTICA, vol. 8, nº 15.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. 2000. **Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/Edusp.

CARVALHO, Flaviano e NÓBREGA, Helton. 2011. **Por nossos filhos**. Filme documentário. João Pessoa: UFPB.

CATELA, Ludmila da Silva. 2001. **Situação-limite e memória. A reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS.

COSTA, Jurandir Freire. 2003. **Violência e Psicanálise**. São Paulo: Ed. Graal.

DAMATTA, Roberto. 1997. **Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco.

_____. 1987. **A Casa & a Rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara.

DURKHEIM, Émile. 1977. **As regras do método sociológico**. 8.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____. 1983. **Lições de sociologia: a moral, o direito e o estado**. São Paulo: EDUSP.

_____. 1996. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2010. **Da divisão do trabalho social**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIAS, Norbert. 1993. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2v.

FONSECA, Cláudia. 2000. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: EDUFRGS.

FREITAS, Rita de Cássia Santos. 2002. **Famílias e violência: reflexões sobre as mães de Acari**. In Psicologia USP, vol. 13, nº 2, São Paulo.

FREUD, Sigmund. 1974. **Luto e melancolia**. Edição Standard brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. XIV.

HIDALGO, Cecília. **Etnografias de la muerte: rituales, desapariciones, VIH-SIDA y resignificación de la vida**. 2010. 1. ed. Buenos Aires: Fundação Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad – CICCUS.

HONNETH, Axel. 2003. **Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2003. **Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto**. Petrópolis: Vozes.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. 2009. **Emoções, sociedade e Cultura. A categoria der análise das emoções como objeto de investigação sociológica**. Curitiba: Editora CRV.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MOORE JR. Barrington. 1987. **Injustica - as Bases Sociais da Obediencia e da Revolta**. São Paulo: Brasiliense.
- SCHEFF, Thomas J.. 2001. **Três pioneiros na sociologia das emoções**. *In* Política & Trabalho, 17, - pp. 115-127.
- _____. 2007. **Politics of Hidden Emotions: Responses to a War Memorial**. *Peace and Conflict: Journal of Peace Psychology*, vol. 2, 237-246.
- SIMMEL, Georg. 1964. **The Metropolis and social life**, in **The Sociology of Georg Simmel**. WOLFF, K. H.. org., New York, Free Press.
- _____. 1964. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. 2005. **Violência. Clínica Psicanalítica**. São Paulo: Ed. Casa do Psicólogo.
- TURNER, Victor. 2008. **Dramas sociais e metáforas rituais**. *In* TURNER, Víctor. **Dramas, campos e metáforas na sociedade humana**. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.



16º Fórum do GREM

Abril a Julho de 2013

Seminários GREM de Iniciação Científica

Mesa 04 – Apresentação 04

Até que a morte nos separe Uma análise sociológica sobre os homicídios decorrentes das relações afetivo-conjugais [Apresentação de Slide}

*Helma Janielle Souza de Oliveira**

Resumo: O desejo de alcançar uma relação amorosa *pura*, segura e duradoura é frequentemente posta em risco diante da fragilidade das relações afetivo-conjugais contemporâneas. Em decorrência disso, muitas vezes as tentativas de convencer a pessoa amada a permanecer na relação configuram práticas de violência que resultam em morte e, portanto, numa outra perspectiva de *relacionamento definitivo*. A partir da visão dos operadores jurídicos, expressada nos autos processuais, em audiências de julgamento e em entrevistas, buscamos refletir sobre as emoções e as interferências morais e socioculturais, bem como sobre os significados da *quebra de confiança* e da *infidelidade* que influenciam na prática dos homicídios afetivo-conjugais. Nosso campo de pesquisa diz respeito aos 1º e 2º Tribunais do Júri da Cidade de João Pessoa, Paraíba. **Palavras-chave:** quebra de confiança, homicídios afetivo-conjugais, operadores jurídicos

*

Origem da Pesquisa

- Quebra de confiança, infidelidade e homicídio: uma análise sociológica das relações afetivo-conjugais (PIBIC/CNPq/UFPB, 2011-2012);
- Aos olhos da justiça: quebra de confiança, infidelidade e medos nos casos de homicídios afetivo-conjugais (Projeto Universal nº 14/2011);

* Bacharel em Ciências Sociais/UFPB, 2013, sob orientação da Profa. Dra. Marcela Zamboni. Bacharel e Mestra em Ciências Jurídicas (UFPB), Professora de Direito (FIS/PE), , Pesquisadora nas áreas de direitos humanos, criminalidade e violência de gênero (CNPq).

- Quebra de confiança e infidelidade nos casos de homicídios afetivo-conjugais (PIVIC/CNPq/UFPB, 2012-2013);
- Crimes de paixão e moralidade sob a lente dos operadores jurídicos: uma análise sociológica (PIVIC/CNPq/UFPB, 2012-2013).

Tema da Pesquisa

Homicídios decorrentes das relações afetivo-conjugais.

Problema

- Como os operadores do direito expressam os significados da quebra de confiança e da infidelidade quando julgam os crimes de homicídios decorrentes das relações afetivo-conjugais?

Por consequência:

- Essa visão ressalta os valores morais da sociedade pré-contemporânea, resguardada nas ideias de dominação masculina sobre a mulher, ou da sociedade contemporânea, que aponta para a emancipação da mulher?

Objetivo

- Refletir sobre as emoções e as interferências morais e socioculturais, bem como sobre os significados da quebra de confiança e da infidelidade que influenciam na prática dos homicídios afetivo-conjugais.

Implicação:

- Investigar como o Poder Judiciário está (re)produzindo as transformações sociais quanto às relações de gênero e promovendo “justiça” ao se posicionar nos julgamentos dos casos de homicídios afetivo-conjugais, a partir da análise da performance dos operadores do direito.

Hipótese

- Que aspectos de moralidade e comportamentos amorosos tradicionais (pré-contemporâneos) são confrontados com as transformações ocorridas nas relações afetivo-conjugais com influência da modernidade alta no momento da atuação dos operadores jurídicos.

Referencial Teórico

- Os significados de quebra de confiança e infidelidade discutidos a partir da obra *Modernidade e Identidade*, de Anthony Giddens (2002).

Metodologia

Pesquisa qualitativa: bibliográfica, documental e de campo.

- *Campo*: 1ª e 2ª Vara do Tribunal do Júri do Fórum Criminal da cidade de João Pessoa.
- *Operadores jurídicos que compõem o fluxo de justiça*: Juiz; Acusação (Ministério Público - Promotor); Defesa (Defensor Público / Advogado).

Estrutura do Trabalho

Introdução

2 Considerações teóricas e metodológicas da pesquisa sobre crimes afetivo-conjugais

2.1 Perfil empírico da pesquisa

3 Quando as lesões corporais levam à morte: a visão dos operadores jurídicos sobre os homicídios afetivo-conjugais em João Pessoa, Paraíba

3.1 O campo de pesquisa e a investigação sociológica: resultados e discussões sobre os homicídios entre casais

3.1.1 Perguntas e “respostas”: A análise das entrevistas

3.1.2 A análise de processos e audiências

3.1.2.1 Considerações sobre quando a mulher é a acusada

4 Conclusão

Entrevistas

- “Pessoas que não se deram bem na vida, ou que de alguma maneira fracassaram, são frustradas e se espelham no companheiro algo que ele queria possuir” (**promotor**)
- “Eu sou o dono dela e se não for comigo não será com ninguém” (**defensor**)
- “Ele já tava de cabeça quente. Ela já vinha traindo. E humilhando no meio da sociedade. Então, ele perdeu a cabeça” (**juiz**)

Primeiro caso: autos e áudio

- Caso de tentativa de homicídio praticado por um policial militar, 47 anos, que lesionou com arma de fogo a sua ex-namorada, 18 anos, com quem teve um relacionamento amoroso durante nove meses. O crime ocorreu em 2009, num bar em frente ao quartel, no bairro Valentina Figueiredo, em João Pessoa.
- Relação entre a fugacidade das muitas relações amorosas da contemporaneidade com a reprovada infidelidade entre os casais.

Segundo caso: áudio

- O crime ocorreu no restaurante onde o casal trabalhava, no bairro de Manaíra, em 2010. O réu era cozinheiro e matou a sua esposa com golpe de faca peixeira após uma discussão, pois o réu não aceitava a separação, que já durava um mês.
- Promotor: “Comigo vai ficar não? Então não fica com ninguém”
- “A confiança no outro torna a ação inesperada” – diz o promotor de justiça. E continua: “Quem ama não mata”.

Terceiro caso: autos e áudio

- Homicídio praticado por uma mulher, 29 anos, doméstica, que atingiu com um golpe de faca o seu companheiro. A vítima tinha 27 anos, trabalhava como gesseiro e conviveu com a ré por volta de um ano. O crime ocorreu em 2010, na residência do casal, no bairro São José, após momentos de discussões e lutas corporais entre o casal. As brigas eram frequentes entre eles e sempre motivadas por ciúmes.
- “quando conversava com a vítima sobre o relacionamento dele, o mesmo dizia eu não confiava em mulher e que a sua mulher iria deixá-lo; que a vítima dizia que tinha muito ciúme da acusada”

Quarto caso: autos e áudio

- ocorreu em 2008, na residência do casal, no bairro Jardim Veneza. A ré tinha 38 anos e, pelas 5 horas da manhã, jogou água fervente sobre seu marido, comerciante, 42 anos, enquanto ele dormia
- Inclusive, ao ser levado ao hospital, foi a outra mulher (a que mantinha o relacionamento extraconjugal com a vítima), quem prestou assistência à vítima. e que, ainda, denunciou a polícia o fato.

Quinto caso: autos

- Aconteceu num bar, próximo ao mercado central, em que uma mulher, 23 anos, então em situação de rua, atentou contra a vida do seu companheiro, 26 anos, também em situação de rua. O casal convivia há cerca de oito meses e estava bebendo com conhecidos quando surgiu uma discussão por ciúmes da ré em relação a seu companheiro.

Conclusão

- A incidência dos crimes passionais demonstra que as perspectivas de relações amorosas definitivas são afetadas pela liquidez de muitas relações amorosas contemporâneas e, algumas vezes, transformam-se no ato definitivo da separação por morte praticada pelo(a) companheiro(a). A moral tradicional se mistura com a contemporânea, visto que a ideia de dominação masculina quer persistir em meio às inseguranças dos relacionamentos frágeis da contemporaneidade. Assim, o “até que a morte nos separe” alcança outra proporção, qual seja, a providenciada pelo próprio casal: “Comigo vai ficar não? Então não fica com ninguém”.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BECKER, Howard S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BLAY, Eva Alternman. **Assassinato de mulheres e direitos humanos**. São Paulo: USP. Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2008.

- CAMPOS, Carmen Hein de. Violência doméstica no espaço da lei. In: BRUSCHINI, Cristina; PINTO, Céli Regina (orgs.). **Tempos e lugares de gênero**. São Paulo: FCC, Ed 34, 2001. 301-322.
- COELHO, Fábio Alexandre. **Teoria geral do processo**. 2ª ed. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2007.
- CORRÊA, Marisa. **Morte em família**: representações jurídicas de papéis sexuais. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus** – Casos passionais célebres: de Pontes Visgueliro a Lindemberg Alves. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 237p.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- TEIXEIRA, Analba Brazão. **Nunca você sem mim**: homicidas-suicidas nas relações afetivo-conjugais. São Paulo: Annablume, 2009.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Caderno Complementar**: Homicídio de mulheres no Brasil. In: Mapa da Violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. São Paulo, Instituto Sangari, 2011. p.
- ZAMBONI, Marcela. “Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor”: A confiança nas relações amorosas. São Paulo: Annablume; João Pessoa: UFPB, 2010.
- ZAMBONI, Marcela. De amante a algoz: uma análise sociológica dos homicídios julgados em João Pessoa. **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, Curitiba, 2011.

Copyright © 2002 GREM
Todos os direitos reservados.
Os textos aqui publicados podem ser divulgados,
desde que conste a devida referência bibliográfica.
O conteúdo dos artigos e resenhas
é de inteira responsabilidade de seus autores.
